

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

Walter Reyes Boehl

**EMPRESÁRIOS DE FUTEBOL EM AÇÃO: ETNOGRAFIAS
MULTISSITUACIONAIS**

Porto Alegre

2021

Walter Reyes Boehl

**EMPRESÁRIOS DE FUTEBOL EM AÇÃO: ETNOGRAFIAS
MULTISSITUACIONAIS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Orientador: Dr. Mauro Myskiw

Porto Alegre

2021

CIP - Catalogação na Publicação

Boehl, Walter Reyes
EMPRESÁRIOS DE FUTEBOL EM AÇÃO: ETNOGRAFIAS
MULTISSITUACIONAIS / Walter Reyes Boehl. -- 2021.
257 f.
Orientador: Mauro Myskiw.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa
de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano,
Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Futebol. 2. Etnografia. 3. Empresário de
futebol. 4. Futebolista. 5. Jogador de futebol. I.
Myskiw, Mauro, orient. II. Título.

Walter Reyes Boehl

**EMPRESÁRIOS DE FUTEBOL EM AÇÃO: ETNOGRAFIAS
MULTISSITUACIONAIS**

Aprovado em de de .

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Guy Ginciene – PPGCMH/UFRGS

Prof. Dra. Raquel da Silveira – UFRGS

Prof. Dr. Arlei Sander Damo – PPGAS/UFRGS

Prof. Dr. Enrico Spaggiari – USP

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Mauro Myskiw, pela acolhida, pelo empenho e pela atenção na leitura desta pesquisa, pelos conselhos, pelo aprendizado e; sobretudo, pelo incentivo e pelo entusiasmo com um trabalho que na maioria das vezes acreditava mais em mim do que eu. Ainda, além de ser um excelente professor, uma pessoa extraordinária.

Agradeço ao Programa de Pós Graduação Ciências do Movimento Humano (PPGCMH/UFRGS), que me oportunizou condições para a realização desta dissertação. Em especial à Márcia que sempre se prontificou a responder todas as demandas.

Agradeço a CAPES pelo suporte financeiro.

Agradeço aos professores do PPGCMH que me auxiliaram muito nesse percurso. Mais do que me ensinaram, serviram de exemplo.

Agradeço à Prof^a. Cornélia Eckert pelos prontos esclarecimentos de minhas dúvidas, sem nunca se escusar, mesmo quando não era mais seu aluno.

Agradeço aos colegas Augusto Dotto, Bruna Brogni, Leo Lima, Mauro Ignácio, Anderson Farias e Guilherme Gonçalves, pelas *lives*, as inúmeras ajudas e pelos relevantes conselhos. Mas principalmente pela "desconcentração e descontração".

Agradeço aos colegas do GESEF pela leitura atenta dos meus textos e na paciência para comigo em meu aprendizado.

Agradeço aos meus colegas de graduação Régis Hözer, Leonardo Lima e Augusto Tuchtenhagen.

Meu agradecimento especial à família. Ao meu irmão Fábio, que sempre me deu conselhos valiosos e orientações para a minha escrita. À minha mãe Ieda, a maior apoiadora. Ao meu pai Walter, em memória, onde quer que esteja, sei que você está extremamente feliz e orgulhoso por mais esta conquista. Ao meu filho, que, além de ter sido um dos protagonistas do campo, foi meu Norte. Sem vocês, esse trabalho jamais seria o mesmo.

Ao meu amor, Nídia, que foi fundamental para a redação final.

RESUMO

O objetivo principal desta etnografia foi compreender as relações de trabalho dos empresários do futebol, como sujeitos plurais, em algumas cidades do Rio Grande do Sul. Para isso, vivenciei em situações distintas com os meus interlocutores em centros de treinamentos, em academias, em torneios, em competições, em jogos amistosos, em reuniões em restaurantes e em escritórios. A partir das observações - muitas vezes participantes - das relações estabelecidas entre os distintos atores sociais - empresários, jogadores, familiares, treinadores, coordenadores técnicos - fui aprendendo como os empresários atuavam nas suas atividades profissionais. Sendo que essas condições ficaram evidenciadas no trabalho do empresário a partir das multissituações implicadas na produção de significados, em que as relações de poder estudadas não estavam claramente 'localizadas' num tempo-espaço, sendo fundamental a compreensão na perspectiva dos fluxos, dos deslocamentos, da circulação de pessoas, de objetos e de histórias. Além disso, como meio de compreender as interações dos empresários com os jogadores e suas parentelas fui analisando como era constituída, numa perspectiva relacional-simbólica, a incorporação das lógicas e dos modos de 'jogar o jogo' dos aspirantes a jogadores. Para atingir as intenções de pesquisa propostas, inicialmente defini que meus interlocutores seriam quatro empresários. A partir deles, iria realizar observações-participantes e entrevistas em seus locais de trabalho. Com o avançar da pesquisa, outros atores sociais foram se juntando, além de meu próprio filho se tornar sujeito. Cada vez mais iam emergindo dúvidas do campo, isso fez com que passasse a questionar mais os meus interlocutores acerca das análises e interpretações relacionadas às suas tomadas de decisões nas escolhas dos seus clientes. Com o início da pandemia de coronavírus, fui forçado a deixar o campo físico. No entanto, continuei a fazer etnografia digitalmente. Dessa forma, construí um capítulo-ensaio inteiramente dedicado a compreender os fenômenos transcorridos do futebol em tempos críticos, a partir de uma perspectiva de como os empresários passaram a atuar. Em relação à relevância do trabalho no campo da Educação Física, por se tratar de uma pesquisa em espaços esportivos, haja interesse da área. Ao final, fui entendendo que empresários de futebol, em seus modos de ação, são sujeitos plurais, que agem conforme os distintos contextos e que possuem interesses no futebol parecidos, estruturados em seus feelings e ao que eles chamam de momento do jogador.

Palavras-chave: futebol; etnografia; empresário de futebol; futebolista; jogador de futebol.

ABSTRACT

To understand the football intermediaries, work relationships, as multi-situation subjects present in selected towns in Rio Grande do Sul, was the main goal of this ethnography. In order to achieve success, I decided to follow my subjects around on their professional life events, being training center, gyms, tournaments, friendly and competitive matches, lunch and corporates meetings. My objective was to observe (and sometimes also I took part of the conversations) the relationships established between the distinct social actor involved - footballers and their relatives, intermediaries, coaches, technical coordinators - so I could learn how the chosen intermediaries acted on their professional field. The multi-situations involved in the production of meanings derived from those intermediaries work habits evidenced that the power relationships weren't clearly defined, not being anchored in a time-space frame. So, a better understanding using an outlook based on fluxes, transit, and movement of people, objects and stories was necessary. Furthermore, in order to understand the interrelationships between intermediaries and players and their relatives, I decided to analyze how those dynamics were formed, from a relational-symbolic point of view, how the logics were incorporated e what were the ways of "Play the Game" that aspiring footballers used. In order to achieve my research goals, I picked up four intermediaries to be my interlocutors. They were my starting point, from where I would promote participative observations and interviews in their workplaces. As the research evolved, other social actors were added, among them my own child. As an aspiring player, he would also become a subject. Those changes turned my interlocutors into a source to solve questions that would pop up along the research progression. The onset of corona virus pandemic forced me to abandon the external work. However, that situation didn't stop me to continue the ethnography on-line. This presented me an opportunity to create a chapter/essay entirely dedicated to the comprehension the present phenomenon that hit the business of foot ball and how it changed intermediaries' modus operandi. The reason I picked up this theme was to create a base to a better understanding the business aspect of a sport like football, expanding the reach of Physical Education. In the end, I learned that football businessmen were plural subjects, acting according distinct contexts but with similar interests, basing their action on their "feelings" and on they would call "the footballer moment".

Key words: soccer; ethnography; football intermediary; footballer; football player.

RESUMÉN

El objetivo principal de esta etnografía fue comprender las relaciones laborales de los empresarios del fútbol, como sujetos plurales, en algunas ciudades de Rio Grande do Sul. Para ello, viví en diferentes situaciones con mis interlocutores en centros de entrenamiento, en academias, en torneos, en competiciones, en partidos amistosos, en reuniones en restaurantes y en escritorios. A partir de las observaciones - muchas veces partícipes - de las relaciones que se establecen entre los diferentes actores sociales - intermediario de fútbol, jugadores, familiares, entrenadores, coordinadores técnicos - aprendí cómo actuaban los intermediario de fútbol en sus actividades profesionales. Dado que estas condiciones se evidenciaron en el trabajo del intermediario de fútbol a partir de las múltiples situaciones involucradas en la producción de significados, en las que las relaciones de poder estudiadas no estaban claramente 'ubicadas' en un espacio-tiempo, la comprensión es fundamental desde la perspectiva de los flujos, desplazamientos, circulación de personas, objetos e historias. Además, como una forma de entender las interacciones de los intermediario de fútbol con los jugadores y sus familiares, estaba analizando cómo, en una perspectiva relacional-simbólica, se constituía la incorporación de la lógica y las formas de 'jugar el juego' de los aspirantes a futbolistas. Para lograr las intenciones de investigación propuestas, inicialmente definí que mis interlocutores serían cuatro emprendedores. A partir de ellos, realizaría observaciones y entrevistas a los participantes en sus lugares de trabajo. A medida que avanzaba la investigación, otros actores sociales se unieron, al mismo tiempo de que mi propio hijo se convirtió en sujeto. Cada vez surgían más dudas en el campo, lo que me llevó a cuestionar más a mis interlocutores sobre los análisis e interpretaciones relacionadas con su toma de decisiones en las elecciones de sus clientes. Con el inicio de la pandemia de coronavirus, me vi obligado a abandonar el campo físico. Sin embargo, continué haciendo etnografía digitalmente. De esta forma, construí un capítulo-ensayo íntegramente dedicado a comprender los fenómenos que se producían en el fútbol en tiempos críticos, desde una perspectiva de cómo empezaron a actuar los intermediario de fútbol. En cuanto a la relevancia del trabajo en el campo de la Educación Física, por tratarse de una investigación en espacios deportivos, existe interés en el área. Al final, entendí que los intermediarios de fútbol, son sujetos plurales, que actúan según contextos diferentes y que tienen intereses similares en el fútbol, estructurados en sus sentimientos y en lo que ellos llaman el momento del jugador.

Palabras clave: fútbol; etnografía; intermediario de fútbol; futbolista; jugador de fútbol.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina (cidades visitadas).	23
Figura 2 - Ingresso arquibancada Copa Santiago 2019	44
Figura 3 - Estádio Municipal Nery Cardoso	97
Figura 4 - Estádio Alceu de Carvalho	100
Figura 5 - Campo A do Centro de Treinamentos Morada dos Quero-Queros	107
Figura 6 - Mapas do RS por região de Covid-19.....	223
Figura 7 - Publicação no grupo Peneiras e avaliações de futebol no <i>Facebook</i>	240

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Desenvolvimento do valor de mercado do jogador Everton "Cebolinha"	119
Gráfico 2 - Altura de jogadores Sub-17 da Primeira Liga de Portugal	162
Gráfico 3 - Casos de racismos no futebol brasileiro.....	172

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Espaços visitados	24
Quadro 2 - Interlocutores da pesquisa.....	28

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNH	Banco Nacional de Habitação
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CCF	Certificado Clube Formador
CNC	Comissão Nacional de Clubes
CNRD	Câmara Nacional de Resolução de Disputas
CONMEBOL	Confederação Sul-Americana de Futebol.
COVID-19	Corona Vírus Disease 2019
CPG	Clube do Professor Gaúcho
FGF	Federação Gaúcha de Futebol
FIFA	Federação Internacional de Futebol
GESEF	Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física
HMV	Hospital Moinhos de Ventos
LINFI	Liga de Futebol Infantil
MERS	Síndrome Respiratória do Oriente Médio
MEC	Ministério da Educação
PPGAS	Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
PPGCMH	Programa de Pós-Graduação de Ciências do Movimento Humano
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
RNI	Regulamento Nacional de Intermediários
RSTP	Regulamento sobre Status e Transferência de Jogadores
SARS	Síndrome Respiratória Aguda Grave
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TTC	Teresópolis Tênis Clube
UEFA	União das Associações Europeias de Futebol
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
1.1. POR ENTRE JANELAS E ANDARES	19
1.1.1. Entrando em campo	30
1.1.2. O batismo etnográfico	31
1.1.3. Aspectos éticos na pesquisa	32
1.1.4. Instrumentos para fazer a etnografia	34
1.2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O FORMATO DA DISSERTAÇÃO	35
2. ENTRE ESCRITÓRIOS, ARQUIBANCADAS, FESTIVIDADES E ACADEMIAS	38
2.1. A VIAGEM À COPA SANTIAGO.....	38
2.2. AS IMERSÕES NO ESCRITÓRIO DO CLÁUDIO.....	51
2.2.1. A primeira imersão	55
2.2.2. A segunda imersão	59
2.3. ROMEU JUNQUEIRA, O EMPRESÁRIO EXÓTICO	65
2.4. NO POSTO DA ZONA	71
2.5. A REUNIÃO NO OUTBACK.....	78
2.6. A COMPRA DA PROCURAÇÃO.....	83
2.7. NO ANIVERSÁRIO DA LETÍCIA	85
3. RELAÇÕES DOS EMPRESÁRIOS DE FUTEBOL.....	93
3.1. O <i>FEELING</i> E AS INFORMAÇÕES PARA AS DECISÕES.....	94
3.1.1. Cálculo do valor do jogador de futebol	112
3.1.2. Os convencimentos pelos <i>scouts</i> e as estatísticas "mentirosas"	122
3.2. O "SABER JOGAR O JOGO".....	133
3.3. ETNOGRAFIAS COM GOLEIROS	138
3.3.1 Conversando com empresários, familiares e treinadores	139
3.3.2 Pai do Fernando, um goleiro em busca de espaço	150
3.3.3 "Negro de luvas é lixeiro ou eletricista"	168
3.4. ENTRE "GATOS" E "JOGADORES DE EMPRESÁRIOS".....	177
3.5. ECONOMIA E INTIMIDADE.....	191
4. UM ENSAIO ETNOGRÁFICO DO FUTEBOL NA PANDEMIA	200

4.1.	AS FASES DO NOVO FUTEBOL	202
4.1.1	Primeiro estágio, a parada	205
4.1.2.	Segundo estágio, o regresso para finalizar	219
4.1.3	Terceiro estágio, o reinício do novo futebol	227
4.2.	NO MUNDO VIRTUAL, UM CASO ESTRANHO	238
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	243
	REFERÊNCIAS	254

1. INTRODUÇÃO

Como preconiza Pisani (2012), a criança brasileira não tem como fugir da relação quase visceral com a bola. Nascido no país do futebol, comigo não foi diferente. Perde-se em minha memória o meu primeiro contato com a bola, mas não os momentos felizes que passei junto a ela durante a minha infância e por quase toda a minha história. E não era só o jogo nesse sentido em si que me atraía. Todo o universo que se desenvolvia em torno do futebol prendia-me atenção. Como quase todo menino de minha idade, costumava permanecer horas contemplando-os e tentando decorar as escalações dos jogadores tricampeões brasileiros. Na cozinha de minha avó, havia pôsteres colocados na parede, que ajudavam a construir minha memória afetiva.

Era 1982, recordo-me de sair da escola aos atropelos, correndo mesmo, para chegar a casa para assistir, ao vivo pela televisão Philco recém-comprada, aos jogos da Copa do Mundo de Futebol na Espanha. As partidas iniciavam próximo do meio-dia (horário de Brasília). Os jogos me preenchiam e o time de Camarões me encantava. Depois de quase quarenta anos, ainda, possuo nítidas as figuras de Thomas N'Kono¹ e Roger Milla² em minha mente. Na construção daquela constituição social, cuja imagens ainda se sustentam de maneira vívidas, simplesmente eram brilhantes. Os sons, as imagens que ecoavam das arquibancadas lotadas, me inspiravam a estar no tempo certo a correr atrás da bola e ter meu nome gritado, a ser ovacionado por todo o estádio ao marcar o meu gol de placa.

Não sabia se seria um Zico³ ou um Schumacher⁴, goleiro da seleção da Alemanha. Qualquer posição me serviria. Também poderia ser um dos africanos. Ensaiaava realizar defesas ao melhor estilo do alemão, sem me descuidar das cobranças de falta do Galinho de Quintino, em nosso campo improvisado, ao lado do prédio, eu e o Paulinho. Um chutava e o

¹ Ex-futebolista camaronês que atuava como goleiro. Teve destacada passagem pelo Espanyol (ESP), clube que defendeu por 9 anos, além de representar a seleção de Camarões entre 1976 e 1994. Nasceu em 20 de julho de 1956, na cidade de Dizangué na República dos Camarões.

² Albert Roger Mooh Miller, mais conhecido como Roger Milla, é um ex-futebolista camaronês que atuava como atacante. Ele começou sua carreira profissional no Eclair de Douala, em 1965. Nasceu em 20 de maio de 1952, na cidade de Yaoundé, na República dos Camarões.

³ Arthur Antunes Coimbra, ex-dirigente e ex-futebolista brasileiro que atuava como meio-campista. Atualmente é diretor técnico do Kashima Antlers. Nasceu em 3 de março de 1953, no Rio de Janeiro, Brasil. Também conhecido por "Galinho de Quintino".

⁴ Harald Anton "Toni" Schumacher é um ex-futebolista e, atualmente, treinador de futebol alemão que defendeu a seleção da Alemanha Ocidental nas copas de 1982 e 1986. Nasceu em 6 de março de 1954, na cidade de Düren, Alemanha.

outro defendia. Era o jogo de "gol a gol". Parecia que eu defendia melhor do que chutava. O tempo se encarregou de confirmar. Porém, não fora tão só isso que o tempo ratificou. Ele mostrara que o futebol - não o que a gente joga, a pelada, mas o espetacularizado, como Damo (2005) categorizou - é muitas vezes cruel com os sonhos de meninos. Não perverso, no sentido de justiça em escolher os que carregam mais talentos com o trato da bola, aqueles que têm a genuinidade do dom, mas na noção de alocar nos espaços de formação os que têm as melhores redes. Em outras palavras, em privilegiar os que estão mais bem revestidos de capital futebolístico⁵ - como definiu Damo (2005), a partir da influência *Bourdieuiana*, em estratégias de conversão de dom em profissão, ou seja, o conjunto de atributos e disposições, físicos e sociais, "que permitem a alguém inserir-se legitimamente num dado campo social".

Cresci numa região periférica de Porto Alegre, com forte identificação com a prática do futebol no seu espaço físico (BAULER, 2004), mais precisamente num conjunto habitacional chamado de Jardim Jockey Club I, localizado na junção dos bairros Cristal, Tristeza e Vila Assunção, situado à rua Coronel Massot. Era um conglomerado de blocos que assemelhavam muito com caixas de fósforos perfiladas (eles ainda existem, só que mais enfeitadinhos). Eram prédios robustos, financiados pelo Banco Nacional de Habitação (BNH). Todos muito parecidos, para não dizer iguais. O que diferenciava um dos outros era a cor, uns eram amarelos, enquanto os outros verdes. Não eram tonalidades contrastantes. Eram tons desmaiados. Nesse tempo, eu arriscava timidamente uma caminhada nas categorias de base. Joguei por alguns clubes de futsal e de campo. Mas não deu muito certo. Mais tarde, quando eu e minha família nos mudamos para a Vila Assunção, comecei a treinar equipes de futsal de garotos para a disputa da Copa Ajax⁶. Os treinos ocorriam aos sábados quando não havia rodada da competição. O resultado foi interessante, pois conseguimos chegar à final em duas categorias, sendo uma delas os campeões.

Em 1994, ingressei na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) para cursar jornalismo. No mesmo ano, fui selecionado para realizar estágio, no Setor do Interior, do Palácio Piratini, fazendo a clipagem⁷ de notícias. Paralelo a isso, fazia uma espécie de assessoria de imprensa - digo assim por não ser algo institucionalizado ou oficial, mas por ser algo essencialmente à base da camaradagem e do descompromisso - para

⁵ Reputação. Elemento que viabiliza a sua circulação em espaços restritos do futebol, permitindo a entrada em locais de pouco trânsito, como salas de dirigentes de clubes, além de ter clientes de reconhecido talento.

⁶ Extinto torneio de futebol de salão realizado na cidade de Porto Alegre.

⁷ Processo de selecionar notícias em jornais, revistas, sites e outros meios de comunicação, geralmente impressos, para resultar num apanhado de recortes sobre assuntos de total interesse de quem os coleciona.

alguns amigos que estavam dentro do processo formativo ou recém-lançado ao futebol profissional. O meu favor reduzia-se em separar material de imprensa impressa quando fossem citados ou tivessem seus nomes nas escalações dos jogos. Dessa forma, meus amigos, Edmilson e Nenê, foram beneficiados, quando produzi todo o material que fora apresentado em Portugal, pelo empresário português Bento Ribeiro. A minha produção em certa facilitou o convencimento dos diretores europeus, haja vista, vídeos eram raríssimos. Naquele tempo de internet demasiadamente restrita, materiais jornalísticos acabavam sendo fatores preponderantes, senão soberanos, para as escolhas.

Após me formar na faculdade, em 1998, fui convidado pelo Bernardinho - um amigo da infância - para trabalhar como treinador no projeto "Em Cada Campo uma Escolinha" da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Ao ser convidado, o rapaz, que havia sido um dos atletas que compunha uma equipe de futsal de base que eu treinava, disse-me que os princípios militares aos quais eram utilizados lhe agradavam e que poderiam ser bem proveitosos na condução das equipes, em sua maioria meninos da periferia.

Montamos uma equipe que chamou a atenção no cenário do futebol amador. Resolvemos inscrever as equipes do infantil (nascidos em 1983) e do juvenil (nascidos em 1981 e 1982) no campeonato organizado pela Liga de Futebol Infantil (LINFI) do presidente Paulinho. O Bernardinho era o técnico do time infantil, enquanto eu comandava a equipe juvenil. Conquistamos a segunda colocação da competição com os mais velhos. Feito que repercutiu em reconhecimento junto ao campo do futebol formativo - alguns meninos foram posteriormente alocados em equipes de futebol de campo e de futsal em clubes tradicionais de Porto Alegre. Permaneci trabalhando no local até o ano de 1999, quando resolvi prestar concurso público. Aprovado, fui morar no interior do Rio Grande do Sul, na cidade de Venâncio Aires. Trabalhei na cidade até conseguir uma transferência em agosto de 2004 para Porto Alegre.

Em março de 2009, numa sexta-feira à noite, recebi uma chamada do Edmilson, pelo MSN⁸, que se encontrava em Portugal. Ele queria que eu localizasse um jogador gremista que havia desaparecido. O menino de dezoito anos, recém havia chegado ao Alavense, vindo do Raimundense. O jovem havia saído do apartamento, alugado pelo seu empresário Tobias Barreto, sem avisar, não deixando rastros aparentes. Edmilson, que trabalhava para o agente

⁸ Era um portal e uma rede de serviços oferecidos pela Microsoft em suas estratégias envolvendo tecnologias de Internet, em que os usuários mantinham diálogos simultâneos.

FIFA⁹, ficou incumbido da missão de resgatá-lo. Passamos o final de semana checando câmeras de rua, aeroportos, rodoviárias até recebermos a notícia de que ele estava em Brasilândia na casa com os seus pais. Na segunda-feira, o Edmilson, o Tobias Barreto e o seu filho Gustavo Barreto foram até o meu local de trabalho para o delineamento estratégico do resgate do jovem. Durante o planejamento surgiu o assunto futebol por parte dos empresários. Embalado pelo assunto e com galhofas, ressaltai que o meu filho de cinco anos levava jeito para bola, que era um canhoto, muito rápido e que chutava a bola com muita força. Não sei se naquele momento colocou-me em situação desfavorável, pois existiu uma rápida disputa entre eles para ver quem seria o representante da criança. Também não sei até quando estavam a brincar. Mas a cena fora tomada de golpes e contragolpes. "Deixa comigo, já é meu jogador", disse-me Edmilson. De imediato, Gustavo rechaçou veemente a ideia, reavivando a memória do funcionário sobre a sua condição de não possuir permissão para o exercício da função, relevando o seu privilégio: "Sou advogado, eu posso ser agente FIFA. Eu que vou ser".

No final do ano de 2014, meu filho Fernando foi convidado para disputar como goleiro um torneio na cidade de Três Coroas. a competição aconteceria no mês de janeiro do ano seguinte. Era um pequeno time da cidade de Canoas, coordenado por pais e um professor de educação física. A sede da equipe ficava em um dos bairros mais violentos da cidade, Mathias Velho. Inclusive, o nome da equipe "Boca", além da homenagem ao clube argentino, fazia alusão às "bocas de fumo" que existiam na localidade. O convite foi realizado por meio da rede social *Facebook*. Como Fernando costumava participar de competições de futsal e futebol sete, além de torneios de futebol de campo, com alguns meninos que jogavam no Alavense, acredito que as marcações nas fotografias publicadas nas redes pudessem ter impulsionado o interesse da equipe. Afinal, jogar ao lado de atletas das "categorias de base" gremista poderia simbolicamente ter força.

Após termos aceito - alguns pais dos meninos do Grêmio alertaram-me sobre a importância daquela competição, pois funcionaria como uma espécie de vitrine, em que os atletas que se destacassem invariavelmente eram selecionados para testes em clubes de maior prestígio - Fernando passou a treinar com o time. Na equipe, havia um goleiro com excelente técnica. No entanto, mais baixo e aparentemente mais fraco que Fernando. Creio que essas condições tenham colocado meu filho na situação de titular. Pelo menos era o que os outros pais comentavam.

⁹ Nessa época, os empresários passaram a ser identificados dessa forma após a FIFA publicar regras para a atuação profissional na área.

Com a competição em andamento, fui procurado por um olheiro do Sport Club Internacional para que na primeira semana de março de 2015 fizesse contato para agendar um período de testes no clube. Na data combinada, fizemos o agendamento. Em cinco dias de testes, foi aprovado. Retomarei esta história na seção "*Pai do Fernando, um goleiro em busca de espaço*".

Durante os meus primeiros passos como pai de um atleta de base, fui observando a importância dada à figura dos empresários pelas parentelas dos jogadores. Fui entendendo que jogador com empresário teria em tese mais espaço no campo formativo. A cada acusação de ser jogador de empresário mais eu acreditava na existência da influência simbólica das relações empresário-clube. Por isso, via que os pais queriam sempre ter as imagens associadas de seus filhos aos "maiores empresários". Isso, para eles, sem dúvidas, repercutiria em maiores ganhos e acresceria na reputação desportiva, isto é, no capital futebolístico.

Foi a partir dessas situações que passei a olhar mais para as relações entre familiares e empresários. Eu sabia que existia um grande interesse dos pais pela representação dos empresários. No entanto, não conhecia como o trabalho dos empresários nos múltiplos espaços poderia ser uma mais-valia para os jogadores em processo de aprendizagem. Nem sabia como o fruto das relações influenciava na produção dos jovens jogadores. Foi assim que surgiu o meu problema de pesquisa: compreender as relações de trabalho dos empresários de futebol, enquanto sujeitos plurais.

Em relação à relevância acadêmica e profissional do trabalho no campo da Educação Física, entendi que, por se tratar de uma pesquisa que se desenvolve em espaços esportivos, exista sobremaneira grande interesse da área. Como justificativa pessoal, creio que o texto introdutório seja o suficiente.

1.1. POR ENTRE JANELAS E ANDARES

Em minhas primeiras definições metodológicas, entendi que seria mais fácil utilizar os mesmos interlocutores que participaram de minha pesquisa no bacharelado¹⁰. Seriam quatro

¹⁰ Intermediários de futebol: as relações com os jogadores de base (menores de 16 anos). Essa pesquisa notabiliza-se pela análise de como intermediários construíam as relações profissionais com jogadores de futebol de base, bem como os seus familiares. No estudo, ficou evidenciado que as relações iniciavam-se a partir da análise de jogadores, em que os primeiros contatos entre intermediários e familiares do jogador poderiam surgir a partir de qualquer parte. Ainda, que as relações sustentavam-se dentro de acordos tácito, em que a confiança entre as partes mostrou-se fundamental, através da oferta de benefícios materiais e de serviço por parte do intermediário aos menores atletas. No caso do que movia o interesse dos empresários em atletas menores de 16 anos - impedidos de formalizar contratos oficiais - era a fidelização para um futuro próximo. Na questão do

empresários, sendo dois do Rio Grande do Sul - Cláudio e Reynaldo - e dois de Santa Catarina - Edmilson e Douglas. Na época em que esses empresários estavam colaborando com o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), eu já havia aventado sobre a possibilidade de uma continuação da pesquisa. Havia dito a eles que estava prestando concurso para o mestrado e se passasse gostaria muito que participassem. Todos os quatro haviam concordado. Portanto, já havia meio caminho andado. Com a aprovação na pós-graduação, faltava eu renovar o convite.

A solicitação aos quatro ocorreu de forma simultânea. Disparei uma mensagem via aplicativo *WhatsApp*, em que continha o teor da investigação, a garantia do anonimato dos participantes e, por óbvio, o pedido de participação. O primeiro interlocutor a retornar foi o Reynaldo. Não demorou muitos minutos para que respondesse. Reynaldo informou-me que naquele momento encontrava-se na Holanda, assim que estivesse no Brasil poderia ser procurado para conversar melhor sobre, mas que não via impedimento algum em participar do projeto. Cabe ressaltar, que esse colaborador nessa época ainda morava na zona sul de Porto Alegre, o que facilitou em muito o trabalho. Entretanto, no final de 2019, mudou-se para Santa Catarina, tornando mais difícil acessá-lo.

O segundo empresário a responder foi o Edmilson, que preferiu me retornar com uma ligação telefônica. Morador de Florianópolis, aparentando muita empolgação, colocou-se à disposição para tudo que eu precisasse. Para a minha surpresa, Edmilson, além de se prontificar em colaborar em tudo que eu precisasse, queria que no outro dia eu fosse a Chapecó me encontrar com ele para participar de uma reunião com dirigentes da Chapecoense na negociação da transferência de um atleta para o exterior. Confesso que o convite havia me deixado muito entusiasmado. Não esperava nada do tipo e nem de imediato. Porém, não estava preparado economicamente para uma empreitada dessa envergadura. Acreditava que novas oportunidades surgiriam. Porém não fora o que ocorrera nos meses seguintes.

O terceiro retorno do dia foi do empresário Cláudio. Esse interlocutor morava em Porto Alegre e mantinha um escritório num bairro comercial da zona sul da cidade. Cláudio naquele dia encontrava-se na Capital, assim, sugeriu que naquela semana nos encontrássemos no estádio Beira-Rio para, além de assistirmos juntos à partida da Copa do Brasil Sub 23, entre Internacional e Coritiba, conversássemos mais sobre o meu propósito na investigação. Em razão de compromissos acadêmicos, não consegui realizar o encontro etnográfico como

sugerido.

O último a aceitar foi o Douglas. Morador de Florianópolis, também aderiu à ideia. Tal qual aos outros, Douglas mostrou-se aberto a qualquer tipo de auxílio ao trabalho. Inclusive, convidou-me para em janeiro de 2019 acompanhá-lo à Copa Santiago de Futebol Juvenil. Pois, iria observar e possivelmente captar jogadores nas competições de base no Rio Grande do Sul. Para ele, além de servir como companhia nos quinze dias de competição, seria uma ótima oportunidade para a minha pesquisa. Douglas iria permanecer o mês todo de janeiro no Rio Grande do Sul. Além da competição juvenil, iria estar em Alegrete para acompanhar a competição Sub-14. Com um convite com mais tempo de me preparar estruturalmente, felizmente consegui estar em Santiago.

Durante a minha trajetória de campo, outros interlocutores passaram a colaborar com os meus estudos, como outros empresários e agentes desses, familiares de atletas e treinadores. As arenas foram me ensinando sobre a importância de ouvir e observar esses nativos e compreender que eu precisava olhar por diversas perspectivas para entender o fenômeno. Assim, fui me aproximando desses interlocutores à medida que ia percebendo sobre a necessidade em compreender o universo proposto por ângulos para além dos meus quatro interlocutores. A imersão no campo fora me mostrando que essa perspectiva não seria suficiente para os devidos entendimentos.

Quando elegi quem seriam os meus interlocutores iniciais, eu possuía alguma noção de que a investigação deveria ser estruturada pelos pressupostos metodológico da etnografia multissituada (MARCUS, 1995). Pois, a produção de significados, as relações de poder estudadas não estão claramente ‘localizadas’ num tempo-espaço, sendo fundamental a compreensão na perspectiva dos fluxos, dos deslocamentos, da circulação de pessoas, de objetos e de histórias. Para isso, procurei utilizar a etnografia em diferentes lugares onde os detalhes sempre que possível não fossem abandonados em prol do uso de uma abordagem genérica de representação globalizante.

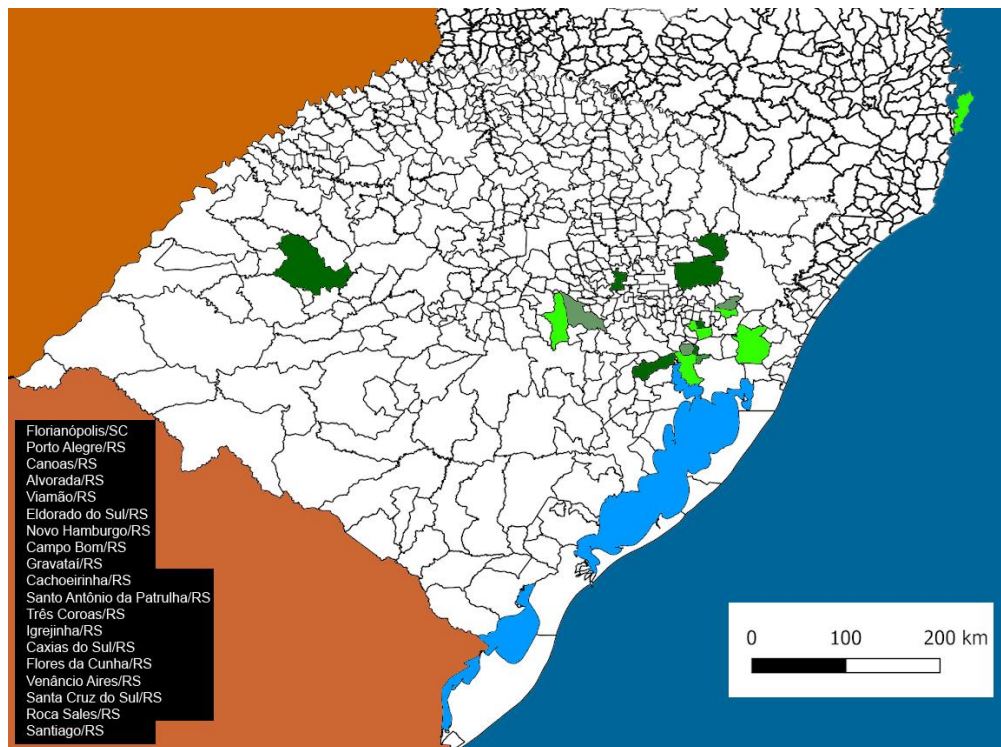
Segundo a antropóloga Rosana Pinheiro-Machado (2009), as etnografias multissituadas têm como características menor densidade se comparadas às etnografias situadas. Assim como a pesquisadora que procurou um ponto de equilíbrio entre a multissituada e a situada, busquei esse balanço entre os dois jeitos. Circulei por muitos espaços formativos, acompanhei alguns empresários no desempenho de suas funções, mas, sobretudo, procurei me manter grande parte do percurso acompanhando a trajetória de jovens junto a clubes de Porto Alegre e em competições pelo Rio Grande do Sul. No entanto, durante

o desenvolvimento da pesquisa, fui entendendo que as situações etnográficas tornavam-se mais frequentes do que o seguir guias e do que os deslocar-se pelos fluxos dos interlocutores. Não que a primeira seja mais importante do que a segunda. Contudo, o modo de fazer a etnografia foi se notabilizando por ser uma construção mais de situações e menos de acompanhar em lugares diversos como pressupõe a "multilocal".

Pelas as razões já expostas, os encontros etnográficos eram mais multissituacionais do que multilocais. Ou seja, muitas vezes as situações eram produzidas mais pelo acaso do destino e menos do que o seguir as guias dos atores sociais. Não que isso não tenha existido. Mas se comparado as observações e as participações em campo será visto que as produções são menos originárias a partir do acompanhamento. Assim, como diria Helio Silva (2009), "a situação é, ao mesmo tempo, a circunstância na qual a condição, o ensejo e a oportunidade que o etnógrafo deve tornar favoráveis à obtenção dos dados e informações pertinentes ao seu projeto de pesquisa. Portanto, situação é circunstância e localização". Nesse sentido, as localidades podem ser pensadas a partir das situações nas oportunidades, sendo que as minhas experiências etnográficas surgiam muitas vezes mais das circunstâncias de eventualidades do que algo deliberado.

O mapa (figura 1) abaixo retrata os fluxos desta dissertação de forma geral. Isto é, seriam representações por onde ocorreram as minhas andanças junto aos mais variados atores sociais. Nele, assinalo não apenas os momentos vividos a partir da decisão de constituir esta pesquisa. Mas das cidades que de certa maneira fazem sentido para a compreensão de todo. Como a minha ideia inicial era somente acompanhar as rotinas dos empresários em seus ambientes de trabalho, leia-se escritórios, muito provavelmente não fosse necessário tê-lo confeccionado. No entanto, no momento que passei a acompanhar as suas circulações, os fluxos e seguir as múltiplas guias, a meu ver, foi sendo preciso fazê-lo como meio de organização da escrita. Algumas cidades destacadas na figura aconteceram algum tempo antes da minha aprovação no mestrado, todavia, já faziam parte das minhas vivências de campo. Assim, entendendo a importância a partir das devidas temporalidades de cada local, preferi destacá-los para oferecer uma visão geral das multilocalidades.

Figura 1 - Mapa dos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina (cidades visitadas).



Fonte: mapa adaptado pelo autor

Estar com eles em seus escritórios, acompanhá-los em reuniões de negócios, quer seja em clubes, quer fosse com familiares e/ou jogadores, ou durante a captação em competições fora da cidade ou jogos na região. Com o tempo, o campo foi se notabilizando por inconsistências. O que eu *a priori* acreditava que seria fácil, fora se apresentando como complexo. Quando assumo um cenário repleto de inconstâncias, percebo que com as vivências a incorporação do campo se davam pela prática e pelo cotidiano da investigação etnográfica multissituacional. As visitas aos escritórios foram escasseando. Os convites para as reuniões não aconteceram como presumiria inicialmente. Os acompanhamentos em competições não tiveram continuidade. Os pedidos de entrevistas tiveram que ser diminuídos. Foi assim que fui aprendendo que atores sociais dotados de poderes não são tão acessíveis como eu supostamente pensava. Nem mesmo a condição de minha proximidade para com eles fora fator facilitador. Talvez, até possa ter sido, mas não com eu acreditava. Antes de iniciar a prática no campo, era tudo muito idealizado. Não que eu como pesquisador esteja incorrendo em erro ao idealizar as coisas. Eu ia com o tempo aprendendo como deslocar nos distintos territórios. O processo investigativo foi ensinando-me que seria necessário entender que a questão não residia tão somente em os empresários negarem-me os acessos, sobretudo perceber como o universo investigado se portava.

Foi em razão dessas circunstâncias que passei a elaborar novas estratégias de campo. Como meio de driblar as adversidades de acesso, busquei nativos que até então não tinha *a priori* selecionado e assim, além de seguir novos interlocutores, passei a circular em outros ambientes. Assim, os fluxos por essas localidades foram sendo configurados. Por ser uma pesquisa multissituacional, além da existência de muitos atores sociais, o número de ambiências visitadas fora elevado. Como meio de facilitar o conhecimento desses espaços, achei por bem listá-los. Diferentemente da figura 1, em que apresento "um mapa das cidades visitadas", no quadro abaixo procuro situar o leitor em escalas mais micros, onde se desenvolveram a maioria dos múltiplos movimentos de diálogos. Ressalto que em alguns casos, como meio de preservar o anonimato dos interlocutores, como meio de escamotear as verdadeiras identidades, modifiquei o nome de algumas instituições. Acredito que essas manobras pudessem diminuir as chances de serem descobertos.

Quadro 1 - Espaços visitados

Local	Cidade/Estado
Academia Força Bruta	Porto Alegre/RS
Campo de futebol do Fluminense	Igrejinha/RS
Centro de Treinamentos Alavense	RS
Centro de Treinamentos do Juventude	Caxias do Sul/RS
Centro de Treinamentos Estoril	RS
Centro de Treinamentos Hélio Dourado	Eldorado do Sul/RS
Centro de Treinamentos Morada dos Quero-Queros	Alvorada/RS
Centro de Treinamentos Pitangueiras	RS
Escritório do Barreto	Porto Alegre/RS
Escritório do Cláudio	Porto Alegre/RS
Estádio Alceu de Carvalho	Santiago/RS
Estádio do Belenense	RS
Estádio do Esporte Clube Avenida	Santa Cruz do Sul/RS
Estádio do Mundo Novo	Três Coroas/RS
Estádio do Sandense	Três Coroas/RS
Estádio do Sport Club Jaú	Santo Antônio da Patrulha/RS
Estádio Municipal Nery Cardoso	Santiago/RS
Estádio Orlando Scarpelli	Florianópolis/SC
Estádio Sady Schimidt	Campo Bom/RS
Estádio Concórdia	Roca Sales/RS
Foca Lanches	Santiago/RS
Hotel Glória	Santiago/RS
Posto da Zona	Porto Alegre/RS
Praça de alimentação do Shopping Praia de Belas	Porto Alegre/RS
Restaurante Outback	Porto Alegre/RS
Salão de festas do condomínio da Letícia	Porto Alegre/RS

Fonte: o autor

Em relação aos meus quatro principais interlocutores, instituí um processo etnográfico que passei a chamar de "janelas de oportunidades". O modelo consistiu em um monitoramento à distância de suas ações. Passei a cuidar pelas suas mídias digitais, além das notícias da imprensa sobre seus agenciados, onde se encontravam. A escolha desse modo fora para diminuir o número de contato telefônico - para mim, isso seria um infortúnio a eles quando se tornava constante. Afinal, os empresários são profissionais muito ocupados e em todas as vezes que estive com eles, observei o quanto ficavam incomodados com o número elevado de ligações que recebiam. A técnica das "janelas de oportunidades" consistiria em cada vez que estivessem em Porto Alegre ou nas proximidades eu faria contato telefônico para saber sobre a possibilidade de ser atendido para um encontro de observação-participante ou uma entrevista. Desse modo, eu pouparia em eventual desgaste da relação. Portanto, as "janelas de oportunidades" seriam o saber esperar o momento oportuno para acessar os meus interlocutores. O meu trabalho, então, seria esperar suas aberturas para a produção de subsídios. Essa ideia versava em aproveitar as conveniências para a busca do empirismo junto aos empresários nos raros momentos de disponibilidades.

Inicialmente, os caminhos metodológicos pareciam ser razoáveis, mas implicava na condição da não abertura. Eu ficava temeroso se isso acontecesse. A todo instante, eu me perguntava como ficaria a minha pesquisa sem esses acessos. Mesmo que, para a densidade no deslinde do objeto, fosse conveniente adotar uma perspectiva etnográfica em escritórios, deveria procurar novos recursos que proovessem soluções para as possíveis limitações.

Quando o campo foi escolhido, bem como o convite aos meus primeiros interlocutores, não havia clareza presente sobre sua representatividade. Só depois, com a circulação, comecei melhor entender. Com o tempo, fui compreendendo os seus significados e simbolismos. Normalmente, o pesquisador assim o faz (FONSECA, 1999). No início, confesso que me sentia um privilegiado por ter acessos que outros pesquisadores provavelmente não teriam. A minha proximidade com os nativos - exigiria transformá-los em exóticos como bem recomenda Gilberto Velho (1978) - consistiria em um diferencial, até mesmo uma vantagem. Entretanto, o trajeto etnográfico foi me alertando que somente isso não seria o suficiente.

Existe a noção teórico-metodológica "estudar para cima" (GINGRICH, 2013) em que uma integrante do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física (GESEF), Marília Bandeira, usou em sua tese para explicar como o seu cenário investigativo tornou-se inóspito em relação aos seus arranjos perante aos nativos;

[...] "estudar para cima" é mais raro porque o etnógrafo precisa convencer pessoas mais poderosas que ele a autorizarem sua presença e a se exporem e a seu *status quo* ao escrutínio público, o que seria o caso desta pesquisa. Por isto, ele diz que embora hoje em dia "estudar para os lados", etnografar pessoas de contextos sociais, familiares, classe, ofício, etnia ou trajetória semelhantes, já seja mais comum, a etnografia sempre vai encontrar mais dificuldade em determinados campos. [...]

Tal qual Bandeira encontrou, também encontrei essa disposição em minha investigação. Embora existisse certa proximidade entre mim e meus interlocutores empresários não era o suficiente para que estivessem permitidos os acessos por mim desejados.

No início da pesquisa, a impressão que eu tinha que estivesse no mesmo patamar do que os meus agentes empresários. Os sinais partiam de uma noção a qual eu possuía em que os meus interlocutores tinham uma proximidade para comigo para além de suas profissões. Alguns eu conhecia há mais de anos e outros eu fiz amizade no meio do futebol. Para mim, isso seria suficiente para que eu tivesse franqueada todos os espaços quando eu achasse conveniente. No entanto, o caminho percorrido foi despontando diferentes nuances. Fui aprendendo com o tempo que, quando se trata de negócios que envolvem de determinada forma cuidados redobrados de sigilo, nem sempre é possível estar junto.

Assim como Bitencourt (2009) destacou em sua tese - a relação do corpo com a máquina no treinamento esportivo em suas conexões práticas e simbólicas no Clube Athletico Paranaense - em que vivenciou dificuldades de interlocuções e de agenciamentos em um campo estruturado por sistemas por hierarquias sociais, também percebi que para participar de um universo de compreensão que pertence a um grupo específico, configurado por diferentes camadas, saberes, interesses, seria necessário superar as diferenças. Refazer as estratégias metodológicas.

Além das constantes viagens para fora da cidade, as agendas apertadas de meus interlocutores empresários, eram os maiores entraves para estabelecer uma interlocução mais ou menos sistematizada. Conseguir manter uma rotina de visitas - estava no meu projeto de pesquisa - foi algo impossível. Nem com esforço hercúleo, se conseguia estabelecer contato contínuo com os meus interlocutores empresários. Às vezes, até me questionava se a situação de não recebimento não estaria relacionada tão somente ao estranho em seus ambientes ou de fato pelo cotidiano desses sujeitos.

Os passos claudicantes da pesquisa não foram suficientes para a desistência ou mudança de tema. Eles serviram para observar melhor como tomar certas decisões

metodológicas. Ou seja, arranjar diferente do que vinha fazendo. Cada vez que eu me deparava com essas fraquezas, sabia que seria preciso reajustar algumas táticas. Quando constatei que a pesquisa começava a ficar estagnada, lembrei-me dos ensinamentos da antropóloga Cláudia Fonseca (2002) que dizia que toda etnografia tem suas fragilidades. De certo, as dificuldades de adentrar zonas de poucos acessos deveriam ser frutos do meu jeito de fazer etnografia. Assim, compreendendo que comigo não poderia ser muito diferente, admiti essa condição e segui em busca de outros meios que me permitissem preencher as lacunas. Então, caberia a mim, como ensina Fonseca (2002), reconhecer existências de limitações em minha definições metodológicas. Somente assim, após compreender que certas barreiras não poderiam ser suplantadas por meio das primeiras formas, ganharia a liberdade para explorar ao máximo as vantagens de minha proposta de trabalho. Isto é, entendendo que as minhas decisões metodológicas deveriam ser revistas e aceitar que não existe perfeição nesse sentido, poderia seguir adiante para avançar no conhecimento.

O primeiro ponto a ser repensado residia no objeto central. O meu grande questionamento estava em querer compreender o que é "ser um empresário de futebol". Para isso, deveria estar junto a eles, observar as suas rotinas, ir além dos feitos profissionais. Contudo, surgia um grande dilema, como poderia saber o que é ser um empresário se eu não estiver sempre com eles, seguindo as suas guias? Seria possível com encontros etnográficos mais esparsos entender esse universo?

Aos poucos, conforme avançava, foi amadurando o processo etnográfico e outras questões foram surgindo. Os meus estranhamentos não estavam mais em direção da proposta inicial. Com o tempo, fui descobrindo que a minha pergunta ia além da elaborada inicialmente. O que fui me permitindo saber era sobre o fazer dos empresários de futebol. Eu queria compreender o que os tornam um empresário de futebol. Não queria saber somente o que é ser um empresário de futebol, era muito além disso.

Com a dificuldade dos acessos permanentes e sistematizados, uma das primeiras providências foi a de utilizar outras perspectivas para compreender o universo em questão. Para isso, passei a circular mais junto a familiares de aspirantes a jogador. A ideia era que isso me ajudaria a entender melhor as relações entre empresários para com as parentelas dos atletas. Assim, decidi que transitaria mais por locais, como centro de treinamentos, arquibancadas de estádios, bem como os seus entorno.

Durante o campo, fui mudando as estratégias, modificando as perguntas, tudo dentro dos conforme em se tratando de etnografia.

[...] [o pesquisador] Chega ao campo com algumas perguntas ou hipóteses, mas é sabido que estas devem ser modificadas ao longo do contato com os sujeitos pesquisados. Muitas vezes o "problema" focado sofre uma transformação radical em função de preocupações que só vêm à tona através da pesquisa de campo. É o dado particular que abre o caminho para interpretações abrangentes. [...]

Com isso, à minha investigação foram sendo adicionados mais interlocutores (vide quadro 1). Fui agregando outros empresários, como agentes de empresários e familiares de jogadores. Porém, sempre mantive o que costumo chamar de espinha dorsal com os meus quatro interlocutores empresários. Nem todos os atores sociais envolvidos nesta pesquisa encontram-se no quadro abaixo. Alguns com aparecimentos não tão contínuos ou citados por terceiros acabaram não sendo incluídos no quadro abaixo.

Quadro 2 - Interlocutores da pesquisa

Nome	Idade (anos)	Estado/País base	Função
Adenor	68	RS	Familiar de aspirante
Adriano	26	RS	Treinador de goleiros
André Ferraz	37	RS	Agente de empresário de futebol
Bernardo	40	Bolívia	Treinador de futebol
Bendito Gomes		RS	Familiar de aspirante
Charles Pinto	39	RS	Agente de empresário de futebol
Cláudio	38	RS	Empresário de futebol
Denílson	42	RS	Familiar de aspirante
Domingos	43	RS	Familiar de aspirante
Douglas	43	SC	Empresário de futebol
Duarte	56	RS	Familiar de aspirante
Edmilson	44	SC	Empresário de futebol
Fernando	17	RS	Aspirante a jogador
Gersinho	19	RS	Aspirante a jogador
Ivoti	46	RS	Familiar de aspirante
Jimmy Strada	33	RS	Agente de empresário de futebol
João Canabra	50	RS	Familiar de aspirante
José Márcio	53	RS	Familiar de aspirante
Letícia	33	RS	Familiar de aspirante
Luciano	52	RS	Padrinho de aspirante
Matias Schalber	48	RS ⇒ Indonésia	Treinador de goleiros
Marcelo Duarte	54	RS	Familiar de aspirante
Nascimento	49	RS	Familiar de aspirante
Ozeias	44	RS	Preparador físico
Pablo	51	RS	Familiar de aspirante
Paulão Feijó		RS	Observador técnico
Pércio Almada	50	RS	Familiar de aspirante
Pinto	38	RS	Agente de empresário de futebol
Portella		RS	Agente de empresário de futebol
Raimundo	40	RS	Coordenador de categorias de base

Renan Maldini		Itália	Familiar de aspirante
Reynaldo	44	RS → SC	Empresário de futebol
Ricardo Elias	57	RS	Familiar de aspirante
Ricardo Neto	43	RS	Ex-empresário de futebol
Robson Jardim		RS	Familiar de aspirante
Robércio	53	RS	Familiar de aspirante
Romeu	63	RS	Empresário de futebol
Rubão		RS	Diretor de futebol de base
Sampaio		SP	Auxiliar técnico
Uruguaiana	45	RS	Familiar de aspirante
Wesley	39	RS	Ex-aspirante a jogador
Zé Galo	52	RS	Familiar de aspirante

Fonte: elaboração do autor

Uma vantagem em conectar interlocuções com as parentelas, fora que consegui manter rotinas mais ou menos sistematizada. Pois, esses atores aparentemente possuíam rotinas definidas, o que em certo ponto facilitavam as minhas situações de observações e participações etnográficas. Além do mais, ia me convencendo que nessas inter-relações não existiram grandes diferenças de poderes, ou seja, estariam mais niveladas, não estando em andares superiores, como para mim estavam as relações para com os empresários. O diálogo passava de algum modo a ser mais horizontal. Isso se daria por quê? Como costumavam carregar os seus filhos aos treinos, em que permaneciam uma média de duas a três horas nos locais, isso sem contar os dias de jogos, em que quase todos se faziam presentes, encontrá-los em campo era mais simples.

Além dos meus novos interlocutores, como já dito, passei a utilizar outras formas de acessar a esse circuito futebolístico. Não como uma forma no primeiro momento de fazer uma etnografia digital, mas como meio de seguir os fios dos meus interlocutores. Então, comecei a acompanhar os meus interlocutores empresários e familiares nessas mídias digitais para saber sobre as suas disposições, seus deslocamentos. Dessa forma, poderia adequar mais esta pesquisa a suas rotinas sem trazer tanto incômodos às tão inapropriadas solicitações.

A segunda forma de uso digital que inclui foi pela perspectiva de Miller *et al.* (2016), em que a etnografia da mídia é acompanhada e vista pela perspectiva de um trabalho de campo *in loco*. A diferença com as decisões metodológicas anteriores, levava em conta dois espaços de um mesmo trabalho de campo. Se em um primeiro momento o uso dos acessos por meios virtuais serviu como meio de balizar meus caminhos no espaço analógico, o segundo momento de utilização foi um jeito diferente de construir uma etnografia. Quando a pandemia chegou ao Brasil, imediatamente retirei-me do campo físico. Contudo, observava que havia ainda muitas lacunas sobre o meu objeto que careciam maiores esclarecimentos. Por

consequente, aproveitei uma oportunidade de continuar observando o fazer do futebol em um momento único diferente. Foi então que passei a criar situações etnográficas a partir das redes sociais digitais e de contatos telemáticos com os meus interlocutores. Assim, foi se construindo uma parte um tanto insipiente da pesquisa, com menos aprofundamentos teóricos, mais relatos e empirias. Poderia ser entendido, e assim eu chamo de um ensaio etnográfico sobre o futebol em tempos pandêmicos, em que me debrucei para observar, além dos afazeres dos empresários, o novo normal do esporte.

1.1.1. Entrando em campo

A entrada em campo é uma expressão ambígua conforme explicam as antropólogas Rocha e Eckert (2013): "Entrar em campo significa tanto a permissão formal do 'nativo' quanto o momento propriamente dito". Seria além da autorização dos investigados para transitar no campo, como o início das observações.

Há múltiplas maneiras de se inserir em campo, mas, em sua maioria, as etnografias estreiam com um processo de negociação do(a) antropólogo(a) com indivíduos e/ou grupos que pretende estudar, transformando-os em parceiros de seu projeto (ROCHA; ECKERT, 2013).

As antropólogas Rocha e Eckert (2013), em relação à pesquisa de campo, entendem que, normalmente, o investigador estreia com um processo de negociação com os sujeitos e grupos a serem investigados, transformando-os em participantes de seu trabalho. Afirmam, nada obstante, que existem diversas outras formas do investigador se inserir no campo. Para as pesquisadoras, em certos locais, não existe a necessidade de negociar a entrada, sendo o acesso liberado, pois são de domínio público.

Como pode ser visto, durante o texto introdutório desta investigação, a minha relação com o futebol vem de anos. Inclusive, a minha trajetória é muito atravessada por esse esporte. Portanto, a minha primeira entrada em campo não aconteceu de forma deliberada durante o período em que estive mestrando. Ela ocorrer há alguns anos. Diria que tanto poderia ser no momento em que meu filho passou a jogar no Sport Club Internacional ou com o início da minha pesquisa sobre empresários na graduação em Educação Física.

Assim, não precisei pedir solicitação formal em muitos locais. Contudo, em certas ambiências, as privadas, se fez necessário. Por ser uma etnografia multissituacional, foram várias entradas e saídas de campos (locais). Assim, foram diversos os pedidos para acessar os ambientes, quando particulares tinham que ser constantemente renovados. Como já dito nem sempre foram concedidos. Essas são solicitações não ocorreram, além dos locais públicos nos

que estive enquanto pai de aspirante. Portanto, não consigo definir um momento exato para o início do trabalho. Dessa forma, elegi como batismo etnográfico um momento que julguei como diferente aos que eu já vinha experimentando.

1.1.2. O batismo etnográfico

Dentre os ritos, o "batismo etnográfico" eu avalio o mais interessante. Se existe um momento que posso considerar como a minha iniciação etnográfico de fato, foi a viagem que realizei ao lado do empresário Douglas, em janeiro de 2019, até a cidade de Santiago do Boqueirão, para assistir aos jogos da principal competição da categoria do sul do Brasil, a Copa Santiago de Futebol Juvenil. Essa escolha não foi ao acaso. Mesmo que eu já estivesse algum tempo no campo, a imersão neste foi o que mais mexeu comigo, mais me impressionou. Por isso a escolha.

As quase sete horas de estrada foram de um privilegio imensurável. As histórias, as imprecisões, as experiências, as reciprocidades, as memórias de um passado não muito distante foram combustíveis de suma importância para esta produção.

Naquela imersão, pude perceber o quanto as ambiências de Santiago, desde a estadia no velho hotel Glória ao estádio Alceu Carvalho, passando pelos restaurantes, pelas lanchonetes, os bate papo com os nativos da cidade, como os organizadores, com as comissões técnicas, com outros empresários, produziram efeito nesta etnografia. Os novos deslocamentos, os outros pontos de vistas, em certa medida, foram necessários para a compreensão dos fenômenos que estavam a se oferecer. Grande parte do material que usei para a produção deste texto partiu das reflexões desta incursão.

Santiago, daquele jeito que ela aprendeu a ser em seus verões molhados, foi contrastante e singular. A Copa Santiago oportunizou a pensar sobre os rumos da pesquisa. Em certa medida, os dias em Santiago mais me descentraram do que propiciaram certezas. Certezas essas que eu tinha sobre o mundo dos empresários que foram aos poucos sendo desfeitas. Mesmo que Santiago não seja mais o que fora outrora, espaço para os mais ilustres empresários de futebol, ela ainda produz encantamento. Santiago foi capaz de desconstruir certos apriorismos. Santiago possibilitou o livre exercitar em meus primeiros passos no jogo entre o familiar e o exótico. Santiago do Boqueirão causou-me, por sua vibração, um novo ritmo. Até mesmo o momento anedótico, ao qual se referiu DaMatta (1978) como sendo verdadeiro rito de passagem pelo qual se costuma passar e posteriormente compartilhar com os colegas, ocorreu - fui confundido como um empresário de futebol, creio que por conta da

câmera fotográfica e do bloco de notas, por um nativo embriagado que, mesmo diante das inúmeras negativas, insistia para que eu levasse o seu filho "narigudo de 1,83m" para os juniores do Grêmio.

1.1.3. Aspectos éticos na pesquisa

Um dos grandes dilemas desta pesquisa residia exatamente nas diversas identidades que eu poderia assumir no campo. A cada incursão, eu buscava ter o máximo de zelo para que o meu interlocutor soubesse com clareza que aquela conversa, se assim permitisse, poderia tornar-se integrante desta dissertação. Para tal, já de início, lembrava sobre os termos e sobre a minha agência enquanto pesquisador. Quando assim não ocorresse, por algum lapso ou lance fortuito, ao final, indagava sobre a possibilidade de uso das narrativas para este trabalho.

Embora, muitas vezes esquecesse, e tivesse que revalidar a todo instante a minha condição de pesquisador. Esse exercício arbitrário era uma das formas de me manter eticamente em campo, haja vista, ser pai de um aspirante a jogador profissional, ter formação acadêmica em comunicação social, ser reconhecido pelos campos de futebol como fotógrafo. Além de ser professor de educação física, também fui inspetor de polícia. O que seria ótimo para criar confusões e incertezas.

No campo de pesquisa, de certo modo, não poderia me desvincular de tudo isso. Dependia muito das relações. Pois essas eram minhas objetivações e todas essas condições, por óbvio, estavam atravessadas em minhas situações etnográficas. Não bastava a definição por mim qual dos meus agentes estaria presente. Essa manifestação era posta em equivalência pelas partes. Mesmo assim, era importante pedir o consentimento das suas falas, bem como, lembrá-los do eu enquanto agente pesquisador.

De todos os meus atos, em primeiro lugar, deveria sempre priorizar a minha condição de pesquisador. Segundo destacar o tema a ser tratado e os objetivos buscados, sem antes ressaltar que qualquer condição de uso de informações teria garantidos o sigilo das identidades dos interlocutores, assim como, dos sujeitos envolvidos nas narrativas. Dessa forma, a condição deste estudo demandava que o pressuposto anonimato do(s) colaborador(es) fosse cumprido. Essa garantia estava concretizada no pacto, baseada na ética de assegurar o anonimato e o sigilo sobre quem disse o quê (ZALUAR, 2009).

Outro destaque importante estava relacionado a momentos constrangedores observados. Esses foram expressamente autorizados. Enquanto, as situações que colocassem

em risco, de imediato ou no futuro, a integridade física e moral dos sujeitos não foram publicados.

Referente à minha situação em campo para com os interlocutores, fora tratada de forma mais nítida e cristalina possível. Assim, quando algum episódio foi incluído para o corpo deste trabalho, só fora realizado com a anuência dos envolvidos. O porquê de minha presença em certos espaços sempre fora previamente explicada aos interlocutores, com a negativa de qualquer um deles, a minha retirada foi de imediato. Sobre as entrevistas, todos os meus entrevistados tiveram assegurados o sigilo de suas identidades, além da possibilidade de interrupção a qualquer momento, assim que desejasse, sem necessidade de expressar o motivo. Assim, como aprendi com as antropólogas Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornélia Eckert (2013), a interlocução para futura publicação, dentro do meu objeto de estudo, somente ocorreria através da ciência das partes envolvidas quanto à minha intenção enquanto pesquisador.

As observações em espaços públicos, quando havia um grande número de envolvidos, o que impossibilitou a solicitação individual, foi negociada com o agente que tinha alguma ingerência sobre a situação, explicando sempre os motivos. O trânsito e participação em lugares mais reservados, como salas de reuniões e restaurantes, foram sempre ajustadas com o algum dos meus interlocutores contumazes e anunciada aos sujeitos porventura envolvidos sobre a minha situação de pesquisador, sempre considerando sobre a existência ou não de objeção à minha presença.

O uso das informações coletadas e filtradas para a escrita etnográfica foi(ram) apresentada(s) ao(s) interlocutor(es) envolvido(s) no(s) episódio(s). Com o texto etnográfico em vias de finalização, forneci cópias aos colaboradores para que corrigissem, aceitassem ou suprimissem as informações atinentes às suas participações. Para a escrita, adotei a utilização de mudança dos nomes dos atores sociais que interagiram comigo como meio de mantê-los em seus anonimatos.

Por derradeiro e não menos importante, ressalto a questão de ter tomado em certos momentos a mudança dos nomes das instituições por outros em razão dos sigilos das identidades. Não realizei isso em toda a escrita. Em alguns instantes, preferi manter as denominações originais por entender que a manutenção auxiliaria na compreensão.

1.1.4. Instrumentos para fazer a etnografia

Muitas vezes, fui pego despreparado vivenciando uma situação etnográfica. Os encontros etnográficos foram frequentes. Assim sendo, não estava preparado carregando o caderno de notas de campo para auxiliar a minha memória. Quando uma experiência era percebida como de grande relevância, com medo que pudesse a perder em meio a tantos pensamentos, procurava gravar no celular. Eu havia criado um grupo no *WhatsApp* que eu nomeei de "materiais de etnografia". Eu gravava minhas falas e enviava para o grupo, para que, ao chegar em casa, pudesse registrar, somados às minhas lembranças, nos meus diários de campo. Não foram poucas as vezes que me socorri a esse recurso. Muitas vezes me peguei desprevenido. Contudo, sempre que se mostrasse importante eu arrumava uma maneira de registrar. Nem que fosse uma folha de guardanapo.

Quando a ida a campo estava orquestrada, carregava comigo um bloco de anotações, o chamado caderno de campo. Era nesse instrumento que rabiscava para que mais tarde pudesse empregar as técnicas de pesquisa com o escopo de dominar os dados empíricos constituídos em cerimônias, conversas, relatos, comentários, interações verbais ou até mesmo em outras circunstancialidades. Com o tempo, fui aprendendo que não precisava escrever muitas palavras naquele momento. Apenas algumas que tivessem potência para fazer rememorar a situação vivida. Portanto, anotava de forma sintética algumas informações que servissem como meio de recordação para que surgisse uma redação de diários de campo. Como a maioria das situações etnográficas experienciadas aconteceram durante o dia, era à noite que construía os meus textos mais elaborados. Foram ao todo 95 diários de campo redigidos desse jeito.

Como a prática etnográfica se traduz na memorização de acontecimentos orais complexos, que necessitam ser registrados, classificados, correlacionados, comparados e, logo após, retomados pelo etnógrafo na forma de estudos monográficos (ROCHA; ECKERT, 2013), nunca tive uma preocupação excessiva em anotar tudo durante a minha imersão de campo. Muitos dos meus quase cem diários de campo foram confeccionados na tranquilidade de meu quarto a partir de tão somente as minhas memórias. Para tanto, nunca deixava para o outro dia a sua escrita. Sempre procurava escrever enquanto ainda estava vivo em minha memória. A ação de diversas vezes não fazer anotações em frente aos meus interlocutores se devia em grande parte ao meu entendimento de que poderia criar certo afastamento ou até mesmo melindre. Poderia esfriar o encontro. Acreditava que sacar um bloco de notas ou fazer uma gravação em frente poderia atrapalhar a produção empírica, podendo gerar desconforto

ou desinteresse por parte do grupo de investigação (ROCHA; ECKERT, 2013). Deixava isso para quando realizava as entrevistas ou quando nas observações-participantes estava um pouco mais afastado.

Em relação às entrevistas, costumava agendar previamente. Contudo, nem sempre assim aconteceram. Eu tinha por hábito enviar um roteiro aos meus entrevistados para que eles não fossem pegos de surpresa com alguma questão que não concordassem em responder. Não que isso fosse empecilho, pois sempre apresentei as regras para as entrevistas, dentre as quais a de desistência na hora que bem entendessem. Também, tinha o cuidado para que essas não se tornassem questionários, ocasionando, como bem ensinam as antropólogas Rocha e Eckert (2013), em desencontros etnográficos. Sempre que enviava uma pré-pauta avisava que estariam abertas a outras perguntas, conforme o desenvolvimento das mesmas. A elas poderiam ser acrescentadas outras e que inclusive as pré-apresentadas pudessem não entrar. Portanto, busquei realizar entrevistas configuradas em formatos mais livres, mais abertos, semi-guiado, com receptividade para trocas mútuas de conhecimento.

Se existe uma ferramenta que acredito tenha sido importante na construção dessa pesquisa, foi o *WhatsApp*. Muitas vezes realizei minhas entrevistas por meio desse artefato. Como essa investigação aos poucos foi se afamando como um espaço de desencontro físico-analógico, o recurso tecnológico realmente foi importante. A cada dúvida, a cada momento experienciado que pensava que pudesse mergulhar mais e sem as devidas condições ecológicas para imergir, ou seja, sem meio de estar junto aos meus interlocutores, socorria-me ao aplicativo. Por ele, enviava as minhas dúvidas e perguntas para que meus interlocutores colaborassem para o preenchimento das devidas lacunas. Obviamente, que nem sempre as respostas chegam no tempo que eu queria. Afinal, este estudo foi se notabilizando como uma pesquisa de andares diferenciados. No entanto, não houve vácuos e nem falta de respostas.

1.2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O FORMATO DA DISSERTAÇÃO

A presente dissertação está estruturada em cinco capítulos. O primeiro capítulo corresponde a esta Introdução. O segundo capítulo, intitulado de "Entre escritórios, arquibancadas, festividades e academias", tem como principal interesse apresentar a narrativa de histórias, de situações em campo, de acasos e de oportunidades etnográficas. É um capítulo quiçá menos teórico se comparado com o seguinte; no entanto, centrado em descrever e analisar-interpretar "o trabalho do empresário". Para tal, fui observando e descrevendo os "empresários em ação". Nele, busco evidenciar a relação do pesquisador no processo

etnográfico, o surgimento de informantes e de colaboradores, as agruras, os desafios e as emoções vivenciadas nas diversas localidades, a partir da noção de como os empresários de futebol vão revestindo-se como atores sociais. No terceiro capítulo, "Relações dos empresários de futebol com jogadores", assim como o próprio título sugere, procurei apresentar as relações dos empresários com os jogadores e suas parentelas, numa perspectiva relacional-simbólica, perpassando pela compreensão de como acontecem as incorporações das lógicas e dos modos de 'jogar o jogo'. A pretensão do quarto capítulo "Um ensaio etnográfico do futebol na pandemia" é apresentar, além do futebol no geral durante a pandemia, articulando com o cenário político, o trabalho dos empresários nos distintos estágios futebolísticos vividos.

Cada capítulo tem um modo de produção singular, com bases teórico-metodológicas distintas, o que acredito não significar uma fragilidade e sim modos diferentes de fazer etnografia. Nem todos os capítulos, os subcapítulos e as seções estão extremamente ligados ao objetivo central, cada espaço procura trazer noções para a compreensão do universo do futebol a partir de uma perspectiva centrada na figura laboral dos empresários.

Esta dissertação está estruturada como uma pesquisa analítico-interpretativa a partir de alguns aportes teóricos. Algumas deliberações surgiram após a pesquisa de campo. Como no capítulo três "Relações dos empresários" compreende uma análise da incorporação das lógicas e dos modos de 'jogar o jogo', numa perspectiva relacional-simbólica. Quando procurei compreender os fenômenos, passei a utilizar conceitos sociológicos como os de Pierre Bourdieu (1930-2002) - interesse em entender a incorporação de disposições na produção relacional de significados/valores simbólicos - e de Viviana Zelizer - querer saber sobre as disposições relacionais do modo de construção de atletas a partir das lógicas de campos opostos. O capítulo "Entre escritórios, arquibancadas, festividades e academias" busquei descrever os empresários em ação, o trabalho do empresário implicada na produção cultural. Diferentemente do terceiro, é um espaço para análises a partir das noções dos agentes de campo. Seriam teorias nativas que aos poucos foram me ensinando as distintas constituições dos diversos atores sociais. No quarto capítulo, não tive a pretensão de realizar profundas análises e interpretações, mas sim descrever como acontecem os processos laborais dos meus interlocutores a partir das distintas disposições de campo. Seria um espaço mais voltado para uma narrativa a partir de uma cronologia dos fatos em um sistema de mundo não antes por mim muito vivenciado. Foi um capítulo que fui ensaiando os meus pensamentos de dentro do

meu quarto querendo mostrar para o mundo o labor dos empresários a partir de uma perspectiva digital.

2 ENTRE ESCRITÓRIOS, ARQUIBANCADAS, FESTIVIDADES E ACADEMIAS

O principal objetivo deste capítulo é descrever, analisar e interpretar o trabalho do empresário de futebol, a partir da observação das distintas atuações, em diferentes lugares, considerando os fluxos das pessoas e das histórias cotidianas. O título faz justamente referência às diversas situações etnográficas, que serviram como cenário para a compreensão desse universo.

O presente capítulo é composto por sete subcapítulos - "A viagem à Copa Santiago", "As imersões no escritório do Cláudio", "Romeu Junqueira, o empresário exótico", "No posto da zona", "A reunião no Outback" e "A compra da procuração" - e duas seções - "A primeira visita" e "A segunda visita" no escritório do Cláudio. Neles procuro narrar experiências etnográficas junto a empresários de futebol no exercício de suas profissões. Com exceção do último subcapítulo "No aniversário da Letícia", todos apresentam lógicas mais voltadas ao como os empresários constituem suas funções profissionais.

Aparentemente é um capítulo mais empírico se comparado com o terceiro capítulo. Contudo, mesmo que seja uma produção com esforço de trazer mais subsídios do campo, é um espaço que busco fazer as interpretações a partir da cultura local.

2.1. A VIAGEM À COPA SANTIAGO

Começarei por este encontro etnográfico por acreditar dentre todos que tenha sido o que mais me afetou, não somente como pesquisador, mas como sujeito. Não tenho uma predileção especial em minhas interações de campo, contudo, penso que este possibilitou uma noção mais aproximada do que é ser e do que é o fazer de um empresário de futebol. Não estou querendo aqui reduzir a poucas páginas o que possa ser a concepção do fazer do empresário, a partir de poucos dias de observações e participação. No entanto, creio que essa imersão tenha potência de embasar na compreensão do fenômeno.

Vamos lá. No dia 10 de janeiro, por volta das vinte horas, fiz uma ligação telefônica para um dos meus interlocutores, o empresário Douglas. O telefonema era para saber se ele estaria na Copa São Paulo de Futebol Júnior.

Walter: e aí Douglas... está na copa São Paulo?

Douglas: Opa, beleza. Não.Vou para Santiago e depois para o Efiplan em Alegrete. Mas tem gente da empresa lá, sim.

Walter: show... acho que vou para Santiago.

Douglas: Se quiser carona. Claro, não sei que dia você vai. Eu estou descendo dia 12.

Walter: você acha que Santiago terá mais empresários do que Alegrete?

Douglas: Com certeza.

Walter: Bah... Seria uma boa. Vai passar em Porto Alegre?

Douglas: Sim.

Walter: Quando passar me avisa... Se der para eu ir... Senão consigo carona.

Douglas: Claro. Te aviso sim. Mas já é certo. Saio de Florianópolis dia 12, bem cedo. Vou pousar em Porto Alegre e saio cedo no dia 13.

Walter: Domingo?

Douglas: Sim. Domingo começa Santiago. Tem três jogos já. Tem um jogo à tarde, abertura e mais dois jogos.

Diário de campo, 10 de janeiro de 2019.

Para meu espanto, acabei sendo convidado acompanhá-lo na Copa Santiago. Na hora pensei que para esta pesquisa, isso seria o máximo. A ideia inicial era sair no dia 13 de janeiro às quatro horas da manhã de Porto Alegre e chegar por volta das dez horas em Santiago do Boqueirão.

Na véspera de nossa saída, Douglas me ligou para informar que já se encontrava em Canoas, cidade limítrofe a Porto Alegre, e para combinar como procederíamos para a nossa saída no dia seguinte.

Douglas: Beleza. Estou em Porto Alegre. Aliás, em Canoas.

Walter: que horas pretende sair?

Douglas: 4 horas. Primeiro jogo às 11 da manhã.

Walter: Beleza... vai pela RS 287?

Douglas: Sim, BR 386 e depois RS 287.

Walter: Ok. pego um táxi até aí... umas três e meia. Qual o endereço?

Douglas: Faz assim. Vai até o aeroporto. Te pego ali e saímos pela Rodovia do Parque.

Walter: Ótimo. Estarei ali às 4 horas.

Douglas: Beleza, Combinado. Fica embaixo.

Walter: Sim... no andar do desembarque.

Douglas: Isso. Beleza. Ah, outra coisa. Ligou para o hotel?

Walter: Sim. Ontem, me compliquei o dia todo e acabei não ligando. Mas, liguei hoje e não tinha mais vaga.

Douglas: Bah! Sério?

Walter: Mas tenho um colega que mora lá é talvez me arrume pouso.

Douglas: Show. Melhor.

Diário de campo, 12 de janeiro 2019.

Com a campainha do alarme do celular, acordei em sobressalto. Imediatamente, saltei da cama. Eram três horas e vinte e cinco minutos quando chegou o *uber*¹¹ em minha

¹¹ Transporte por aplicativo.

residência. Desembarquei no aeroporto pouco depois das três horas. Como combinado, fiquei no andar de baixo esperando pela carona. Neste ínterim, aproveitei para dar mais uma carga na bateria do celular. Passando um pouco do horário combinado, recebi uma chamada de Douglas indicando que já estava no local. Desloquei-me até a porta do aeroporto, onde observei um carro se aproximar, parando na primeira entrada. Douglas aproximou-se. Ajeitamos a minha mochila no porta-malas. A ideia era chegar antes das dez horas para dar tempo de assistir a abertura da competição e, ainda, o jogo entre o Club Athletico Paranaense e o Esporte Clube Juventude que estava marcado para iniciar às onze horas. O Douglas tinha um interesse especial nessa partida. Um dos atletas da empresa com enorme prestígio junto a CBF estaria em campo.

Sobre a Rodovia do Parque pairava uma forte neblina. A visibilidade era péssima. Além do breu, a movimentação de caminhões me deixava bastante tenso. Douglas, sem mostrar preocupação com os perigos da viagem, mantinha o diálogo sempre em alta. Fomos de Porto Alegre a Santiago, sem parar de dialogar. Conversamos sobre muitas coisas, desde captação de talentos, desenvolvimento motor, cultura e filosofia clubística, entre tantas outras pertencentes ao mundo da bola. Douglas era formado em Marketing, mas havia iniciado a faculdade de Educação Física. Portanto, penso que esses temas eram comuns a ele. Dentre os muitos assuntos, o primeiro foi sobre o que ele considerava um erro de estratégia: a saída do Zico do Internacional para o Sub-15 do Avaí de Santa Catarina. Ele acreditava que dentre as características que o empresário deve possuir para ser bem sucedido na carreira profissional, é conhecer a cultura de futebol dos clubes. O que o meu interlocutor chamava de cultura de futebol dos clubes entendi como gostos, interesses e tipos desenvolvidos. Esses tipos de arranjos estariam relacionados a aspectos táticos, técnicos, psicológicos e antropométricos. Como exemplo, usaria um time que tem que ter um centroavante forte e alto. A sua cultura de futebol seria que jogadores para a determinada posição carentes dessas características teriam as chances reduzidíssimas.

Interlocutor Douglas

Eu não sei se fiz bem em levar o Zico para o Avaí. Acho que deveria ter levado para o Figueirense. O Zico não vai ter chance esse ano de jogar. Ele ainda não maturou. Os guris já são muito grandes. O Avaí privilegia muito o tamanho e a força. Acho que ele vai passar trabalho em conseguir estar nas convocações e isso pode gerar alguma frustração, sabe? Desanimar mesmo. Eu vejo que no Figueira a exigência não é a mesma. Acho que o perfil dele se encaixaria mais lá. Ainda vou pensar o que fazer para esse ano. Ele deu azar ano passado de se machucar. Mas já está pronto para voltar esse ano. Coloquei-o no funcional para retornar bem. No nível dos demais.

Diário de campo, 13 de janeiro de 2019.

Até a cidade de Santa Maria, mateando¹², esse assunto e mais alguns outros foram nos envolvendo. Ouvi com a máxima atenção, sem sonolência - esse era um grande temor etnográfico, pois sabia que escutaria assuntos muito importantes para a constituição desta pesquisa -, todas as concepções de produção nas categorias de base, além de histórias de imoralidades no cenário dos negócios. Privilegiei naquele momento a audição, sem deixar de fazer as minhas interferências para que não se tornasse um monólogo e que meu companheiro de jornada achasse que eu estivesse desinteressado.

O sol começou a raiar antes de chegarmos a Santa Maria. Na cidade, paramos em um posto de gasolina. No seu pátio estava estacionado o ônibus do Novo Horizonte - um clube local que costumava fornecer jogadores para os times do sul do Brasil, em especial para o Internacional, com quem tinha convênio. Enquanto, Douglas vai limpando a cuia, colocando a erva-mate lavada no lixo, vai narrando - além de alguns imbróglis que geraram processos judiciais contra si - sobre como captou o meio-campista Djalma, da categoria 2001, do Internacional, para a empresa.

Entramos na lanchonete do posto para tomar café. Comprei uma taça de café cappuccino e um pastel de palmito. Douglas se serviu de um café expresso e mais uma empada. O nosso assunto não desviou nem um momento sobre futebol. Seguimos conversando sobre captação de talentos por parte das agências de gestão de carreiras.

Após a parada para descansarmos, seguimos pela estrada RST-287 em direção a Santiago do Boqueirão. O fluxo de veículos na rodovia diminui em relação ao até então enfrentado. Mas alguns caminhões teimavam em atrasar a nossa chegada ao horário pré-determinado. Em um trevo do caminho, nos perdemos. Entramos numa rua de chão batido. É melhor retornar. Douglas culpava o GPS pelo equívoco. Se já não bastassem os caminhões lentos nos atrasando, mais isso para nos amolar.

Era pouco mais das dez horas quando enfim chegamos. Eu não conhecia muito bem a cidade - havia estado em Santiago pela última vez em 2009, por um motivo distinto, a participação em um campeonato de judô. Porém, Douglas sabia onde ficava o estádio Alceu Duarte de Carvalho. Fomos direto a ele. Estacionamos o carro em frente a ele e seguimos para uma sala em que supostamente estariam membros da comissão organizadora. Apresentamos-nos rapidamente para o pessoal e subimos para a arquibancada. Procuramos um lugar para sentar que nos permitia boa visibilidade. No centro do gramado, um grupo de jovens ensaiava

¹² Tomar chimarrão.

a coreografia que desconfiei que fosse para o cerimonial de abertura do evento. Douglas, desconfiado com a situação, levantou-se e disse que iria até a sala para falar com os organizadores. Em seguida, me ligou avisando que o jogo não aconteceria ali e sim no estádio municipal.

Saímos rapidamente e rumamos para o estádio municipal. No local, os times já estavam aquecendo. O estádio não tinha arquibancadas tal qual do Alceu de Carvalho. Tinha alguns lances de degraus, mas sem cobertura. O que para aquele horário era aterrorizante. O sol estava muito forte, mais de 30° graus, para ficar em um local desprotegido, era desumano. Os bancos protegidos sob árvores estavam todos ocupados. Deslocamos-nos para o outro lado para um local bem arborizado e com visão menos privilegiada. Mas, com aquele calor, não havia dúvida que era melhor ficar à sombra.

Começo a fazer meus registros com minha máquina fotográfica. Douglas pede que eu faça alguns do seu atleta, pois a empresa não tinha ainda com ele vestindo o novo uniforme do clube. Muitos atletas do Juventude eu conhecia. Não conseguia captar bons ângulos do atleta de Douglas. Além da distância, a tela a todo instante atrapalhava o foco. No segundo tempo, a distância melhora. Contudo, o atleta não apresentava o melhor desempenho. Estava quase sempre com as mãos sobre os joelhos, demonstrando cansaço. O jogo estava quase no final e com o placar de um gol para cada lado. Douglas me pergunta o que eu achava sobre o atacante pela direita do Athletico, pois ele tinha interesse em captá-lo. Para mim, aparentemente, parecia ser um jogador rápido e com boa inteligência de jogo. Douglas já vinha acompanhando o aspirante fazia algum tempo. Para ele, seria importante uma segunda opinião. Assim sendo, Douglas novamente me questionou acerca dos jogadores em campo. Perguntou se observei algum destaque. "Não sei se o efeito do calor está tornando o jogo burocrático, mas nenhum deles me empolga. No Furacão, o atacante pela direita e no Juventude o zagueiro pelo lado direito". Cabe ressaltar, que depois da minha opinião, quase que instantaneamente o outro zagueiro caxiense falhou dentro da área, e o Athletico fez o gol do desempate (dois a um), no gol de desempate ao final da partida. O goleiro deixou escapar a bola de suas mãos, no rebote o zagueiro erra o chute na bola e o time do Paraná chuta para as redes.

Com o término da partida, saímos para almoçar. A cidade parecia fantasma. Perguntei para um taxista um local para refeição bom e barato - o Douglas, durante o nosso trajeto até Santiago confidenciou que não gostava de gastar com restaurantes caros e que preferia comer em locais mais simples. O motorista nos oferece duas opções: a churrascaria Prosdócimo e o

restaurante Mário. Os dois locais eram os únicos abertos, mesmo acontecendo um evento que atraía público externo. Seguimos as orientações do nosso interlocutor. Achamos primeiro a churrascaria Prosdócimo. Desci para saber o valor do almoço. Tinha bufê livre e a quilo. Na quadra seguinte, estava o restaurante Mário. O preço era bem menos em conta. Exatamente por isso retornamos à primeira churrascaria.

Após almoçarmos, Douglas disse que iria para o hotel Glória e perguntou se eu tinha alguma reserva e se queria que me deixasse em algum lugar. Respondi que não seria necessário. Que poderíamos ir até o hotel dele e perguntar se havia aberto alguma vaga. Dessa forma, fomos para o Hotel Glória. Quando paramos em frente, olhei para a fachada e fiquei incomodado com a falta de manutenção. Logo imaginei que as vagas deveriam estar todas ocupadas pelo valor da diária que eu supunha. Somos recepcionados por uma mulher alta, magra, aparentando uns quarenta anos de idade. Douglas se identificou e disse que tinha uma reserva. Ele aproveitou o ensejo e perguntou sobre a existência de vaga para sem reservas. A mulher, sem pestanejar, informou que só para quarto sem ar-condicionado. Douglas olhou para mim perguntou se eu não queria ficar. Decidi que ficaria.

O hotel Glória era um prédio antigo. As suas instalações eram precárias e mal conservadas. O prédio era dividido entre hospedaria e um supermercado que ficava parte debaixo. Após termos nossos nomes inscritos como hóspedes em um caderno mal cuidado, a recepcionista que fazia vezes de tudo na hospedaria, nos levou para o nosso quarto que ficava no andar de cima. Antes de chegarmos a nosso aposento, notei a existência de um banheiro comunitário, que ficava logo após a na primeira dobra do trajeto. Aquela visão me deixou ansioso até que chegássemos ao final do corredor, onde estava o nosso dormitório. Para meu alívio, quando atendente abre a porta, verifiquei que o nosso quarto possuía banheiro. Além dele, havia três leitos, dois criados mudos, um roupeiro, ar-condicionado e uma televisão de tubo 14 polegadas.

Exaustos da longa viagem, jogamos as nossas bagagens sobre uma das camas. Deitei-me sobre uma delas. O dia estava muito quente, Douglas então acionou o ar-condicionado, regulando a temperatura no mínimo. Mesmo exausto, queria assistir televisão. Liguei, mas não consegui sintonizar nenhum canal. Cansado de tentar regular a imagem acabei desistindo. Fui checar as mensagens no celular, mal conseguir lê-las, pois estava com muito sono. Não havia dormido quase nada. Adormeci.

Às 19hs, sou acordado pelo despertador do telefone do Douglas. Já estava quase no horário do jogo entre Palmeiras e Danúbio do Uruguai. A partida estava prevista para iniciar

19hs30min no estádio do Cruzeiro. Esperei o Douglas sair do banho para depois escolher qual roupa usaria. Havia levado, além de bermudas, camisetas esportivas e chinelos de dedos, roupas mais sociais. Não queria destoar do meu interlocutor. Douglas vestiu calça jeans e camisa polo. Procurei segui-lo à risca.

O hotel ficava a um quilômetro de distância do estádio Alceu Duarte de Carvalho. Poderíamos ir a pé, mas meu interlocutor preferiu ir de carro. Nas proximidades do campo, já notávamos a grande movimentação. Pensei que não seria fácil encontrar um lugar para estacionar. Para a nossa sorte, conseguimos uma vaga bem ao lado do campo. Em frente ao portão de entrada, formava-se uma pequena fila para compra de ingressos. Por sua vez, o acesso às arquibancadas estava rápido. O valor do bilhete para os dois jogos era 15 reais para a arquibancada e 30 reais para as cadeiras. Além desses, existia o ingresso popular de 10 reais que ficava atrás das goleiras. Esperei Douglas decidir de qual local iríamos assistir. O que ele escolhesse eu iria aceitar sem contestações. Perguntou-me sobre o que eu achava em assistir das arquibancadas, respondi que estava excelente. Afinal, não estava em condições de gastar muito nos dias que ficaria por lá. Se fosse pagar 30 reais por dia, seriam mais de 300 reais só em ingressos, sem falar nas diárias do hotel, alimentação, entre outras coisas. Naquele tempo, ainda não havia sido contemplado com a bolsa da Capes. Comprei o ingresso de 15 reais (figura abaixo).

Figura 2 - Ingresso arquibancada Copa Santiago 2019



Fonte: arquivo pessoal.

Adentrando ao estádio, Douglas convidou-me para sentarmos no lado onde tinha menos torcedores. Acomodamos-nos bem próximo à linha de fundo do campo do lado esquerdo. Douglas então sacou uma caderneta, local onde passou a anotar os nomes e as numerações dos atletas. Mesmo que o evento tivesse disponibilizado preteritamente os nomes completos e as respectivas informações, meu interlocutor preferiu utilizar o aplicativo oficial

do evento para copiar os dados. Curioso, pergunto por que ele usava o aplicativo que ainda não estava completo e não usava os *cards* disponibilizados pelos organizadores do evento, respondeu-me: "No *app*. as informações são mais atualizadas. Não preciso de tudo agora. O que não tiver aqui no momento ligo para os guris do aplicativo e eles me respondem na hora". Douglas conhecia os desenvolvedores por causa de uma competição que organizara com outro empresário em 2018 na cidade de Florianópolis.

Ao nosso lado, a equipe do Juventude, que havia perdido a sua estreia logo pela manhã, se aloja. Bem, ao meu lado, sentou-se o técnico da equipe caxiense que, sem me reconhecer, perguntou-me sobre o placar do jogo. Ele havia sido técnico do meu filho por pouco tempo na categoria Sub-14 do Juventude. Havia sido promovido em 2018 para a Sub-17. Logo depois, o empresário Leo Ferreira, da LF Soccer, da cidade de Porto Alegre abancou-se tranquilamente ao lado de dois atletas do Juventude. Pelo que eu pude ouvir da conversa, pareciam ter alguma intimidade. Depois fiquei sabendo que os dois eram jogadores da sua agência. Creio que naquele momento estivesse realizando uma atribuição pertinente à carreira, que era prestigiar clientes.

Perguntei se Douglas havia avistado mais empresários no estádio. Respondeu-me que até aquele momento não. Mas acreditava que possivelmente estariam nas cadeiras, que ficavam mais ao centro. Assim sendo, peguei a minha câmera fotográfica acoplada de uma tele objetiva, com a intenção de verificar a existência de mais empresários, mirei em direção às cadeiras. Como as cadeiras lotadas, não consegui observar a presença de nenhum. Aproveitei como forma de disfarçar a minha real intenção desviei o foco das arquibancadas e comecei a fotografar o jogo.

Douglas parecia estar narrando a partida pelo celular. A todo instante ia repassando áudios. Pelo que o Douglas estava comentando os atletas uruguaios não estariam em seu interesse. Aproveitei em uma das poucas pausas de sua comunicação com os seus sócios para saber o que ele estava observando em campo. "O time do Palmeiras é muito forte. Os jogadores têm aparência de serem mais velhos do que são. Tem uns que já estão com a barba fechada. Não estou achando nada de especial", O jogo se desenvolvia em alta intensidade. Assemelhava-se mais com uma atividade de ataque (Palmeiras) contra defesa (Danúbio). De vez em quando, os uruguaios assustavam os paulistas com escapadas de seus adiantados. Douglas não parecia se empolgar muito com o espetáculo. Mostrava-se mais curioso com as informações técnicas contadas no aplicativo. Semelhava que não assistia a mesma coisa que eu. No final das contas, esqueci-me de perguntar quais seriam os seus clientes que estavam

em campo. A partida terminou empatada em um a um. Enquanto, os uruguaios festejavam esfuizantemente o resultado, os palmeirenses cabisbaixos seguem para o vestiário.

O segundo jogo da noite era entre o Cruzeiro Esporte Clube, time local, e o Clube de Regatas Flamengo, do Rio de Janeiro. Aos poucos, o número de torcedores vai aumentando nas arquibancadas. Afinal, o time da casa faria a sua estreia, contra um dos gigantes do cenário brasileiro. Encostado no alambrado em nossa frente, atrapalhando a passagem de quem se deslocava para os bares que ficavam entre a arquibancada lateral e a dos fundos, estava um torcedor com a camiseta do Cruzeiro¹³, segurando um copo de cerveja em uma das mãos e na outra um cigarro aceso. Aquela altura, o torcedor, pelo visto bem conhecido pela comunidade, estava em avançado estágio etílico. Na saída de campo dos uruguaios, o bêbado proferiu impropérios de toda ordem em direção aos atletas. Os *hermanos* não se fizeram de rogados e começaram a retrucar: "*la concha de su madre*" y "*cálatte su maricón*". Como sugere DaMatta (1978), o momento anedótico desta pesquisa estava inaugurado.

Tentando deixar a incivildade do borracho torcedor de lado, busquei realizar alguns registros fotográficos do gramado. As equipes já estavam realizando o aquecimento. Seguimos tentando desenvolver os nossos respectivos trabalhos. Eu, além das fotografias, seguia observando e procurando anotar em minha caderneta de campo tudo que tivesse de algum jeito relevância. Com outra finalidade, Douglas também seguia observando e anotando. Contudo, também ia informando os seus colegas de empresas via telefone.

Em relação ao torcedor alcoolizado, ficamos na expectativa que se afastasse de nós, indo ser importuno em outra parte do estádio. Mas parecíamos estar com pouca sorte ou que algo em nós lhe interessava. O rapaz deixou o alambrado e veio em nossa direção. Tropeçando entre os degraus, alcançou o lance em que nos encontrávamos. Após acomodar-se ao nosso lado, iniciou um interrogatório que eu não estava acostumado a sofrer. Dentre as tantas perguntas, muitas eu procurei responder. Ao contrário, Douglas, lacônico em suas respostas, mostrava-se com pouca paciência.

"Vocês são empresários?" Ao ouvir esse questionamento, surgiu uma inquietação. Qual seria o significado dessa pergunta? Por que ele teria nos associados as nossas figuras a de empresários de futebol? Estaríamos nós estereotipados? O que motivava ele a pensar assim? Em um primeiro momento, pensei ser por causa das vestimentas e dos equipamentos. Apesar disso, preferi fazer a pergunta direta para ele. Quando estava me preparando para

¹³ Apelido do Cruzeiro da cidade de Santiago/RS.

realizar o interrogatório, Douglas friamente respondeu que éramos. Não fez distinção entre nossas funções naquele cenário. Não sei qual fora o real propósito da sua resposta. Mas me pareceu a forma mais rápida de encurtar a conversa sem dar maiores explicações.

Como já dito antes, o ébrio não se comportava civilizadamente. Muitas vezes, mostrava-se agressivo com os que estavam assistindo a partida ou com quem estava participando do jogo. Mesmo que o rapaz estivesse alcoolizado a sua pergunta impactou-me. Tinha curiosidade em saber o porquê daquele questionamento. Assim, preferi questioná-lo sobre o porquê da pergunta. A resposta foi com mais descortesias. Rispidamente, respondeu com mais questionamento "Por que tu quer (sic) saber?" para logo finalizar "porque sim". Percebendo que não seria interessante manter aquela arenga, desviei o meu olhar para o campo de jogo, tentando ignorar a presença do sujeito. Em relação à resposta de Douglas, optei por não contrariá-lo. Sabia que seria dificultoso explicar ao ébrio o que estaria ali realizando. Além do mais, também já estava ficando esgotado com a falta de educação do rapaz.

O bêbado era insistente. Queria a todo custo manter a conversa conosco. Douglas visivelmente contrariado já nem olhava para o rapaz. Por causa disso, o ébrio direcionou em mim todos os esforços para o diálogo. Sem desistir da ideia de dialogar conosco, retirou do seu bolso um cartão de visitas, no qual indicava a sua profissão como pintor de paredes, e me entregou. Um pouco menos grosseiro - a todo o instante ele se levantava e fazia gestos obscenos para a torcida - pediu para que eu ligasse para o número de celular, porque ele tinha um filho que era craque de bola. "Olha, ele já jogou aqui no Cruzeiroinho. Vocês devem ter visto ele jogar aqui no ano passado. Era um narigudinho canhoto, jogava de atacante. Ele tem 1m83c de altura. Ele tá agora jogando futebol de salão. Mas pode me ligar que eu levo ele para vocês". Prometi que em breve retornaria o contato e, em seguida, alcancei o cartão para o Douglas. O meu interlocutor, após dar uma olhada, guardou em sua agenda. Não fiquei com o cartão por uma questão de consciência. Eu já havia mentido para o bêbado que retornaria e que era empresário. Não poderia continuar a trapaceá-lo. Por isso, achei melhor que o cartão chegasse às mãos de um empresário de verdade.

A partida termina com uma vitória por dois para o time local. Festa na cidade. Como o jogo terminou tarde, deixamos o estádio para ir direto a uma lanchonete. Douglas informou-me que seus amigos do aplicativo estavam no Foca Lanches que ficava ao lado do estádio, perguntou-me se eu não queria ir com ele comer e beber cerveja. Aceitei o convite e fomos às comensalidades. Bebemos, comemos e conversamos muito. A dona do bar parecia estar com

muita vontade em fechar. Só restávamos nós. Porém, simpatizou conosco e acabou se entrosando na conversa. Passava de uma hora da manhã, quando bebemos a última cerveja.

Amanheci no segundo dia da Copa Santiago de Futebol Juvenil. Mal abri os olhos e me pego pensando no café. Não tive uma noite de sono das melhores. Meu companheiro de quarto, muito provavelmente pelo consumo de álcool, roncou a noite inteira. Acordou-me inúmeras vezes quando parecia estar se afogando. O meu interlocutor ainda dormia, só que sem roncar.

Aproveitei para observar melhor o aposento. Em meus primeiros ensinamentos sobre etnografias diziam-me para ater-me aos mínimos detalhes dos ambientes. Assim comecei a anotar em meu diário de campo.

Os móveis são muito antigos e repletos de cupins. O colchão da minha cama pelo menos é duro. Os das outras são macios demais. Não suporto colchões fofos. São péssimos para a minha coluna. As paredes dos quartos são cobertas de uma cor verde estranha. O "estranha" que me refiro não é o estranhar etnográfico. É um verde sujo, incomum. Algo indescritível. É um misto de verde celeste com sujeira. Não sei se é a falta de asseio que dá essa tonalidade ou, quiçá, a minha má vontade com o local que transforma, aos meus olhos, em feio. Em cima do roupeiro, uma televisão de tubo que não pega nenhum canal. A internet não conecta no quarto. O ar-condicionado conserva uns 22 graus. Está ótimo. Pelo menos o quarto é uma "suíte". O banheiro é a melhor parte. O chuveiro jorra muita água em temperatura agradável. Para a nossa sorte é janeiro. Se fosse julho, eu enforcaria. Não há box, nem aquelas cortininhas que teimam, quando molhadas, grudar nas costas. Tudo fica ensopado depois do banho.

Diário de campo, 14 de janeiro de 2019.

Quando decidi sair do quarto do hotel para a sala das refeições, o Douglas se virou e balbuciou algo como: vai tomar café? Respondi que sim. Ele se virou na cama e não falou mais nada. Pensei em perguntar se também vai, mas logo desisti. Enfim, ele havia bebido mais de dez canecas na noite anterior. Deveria estar muito "cansado".

Sai do quarto e me desloquei pelo corredor de assoalho barulhento e esburacado. Cuidei para não cair em um deles. Era capaz de me machucar feio se tombasse. Também não recordava se havia quartos no andar térreo - depois lembrei que embaixo era o prédio do supermercado Rede Super. Para piorar, a escadaria era ainda mais barulhenta. Quando cheguei de madrugada, não tinha notado todos esses detalhes.

A sala do café era contígua ao hall. Eram seis mesas com quatro cadeiras cada. Ao chegar ao local, procurei cumprimentar todos os presentes. Escolhi a mesa e fui me servir. Em seguida, para minha surpresa, chegou o Douglas. Durante a refeição, retomamos alguns apontamentos que deveríamos realizar para este dia. Combinamos de assistir a partida entre Sport do Recife e Cruzeiro de Minas no estádio municipal. Para essa partida, o Douglas disse

que teria que analisar alguns jogadores que vinham sendo monitorados por ele, além de observar a desempenho de dois atletas da empresa. Depois do café, fiquei sabendo pelo rapaz da portaria que a internet que estava com problema seria consertada durante o dia.

De volta para o quarto. Procurei olhar pela janela para saber como estava o tempo. Fiz malabarismo para chegar até ela. Olhei para a rua e identifiquei um céu azul mas com nuvens esparsas e cinzentas carregadas de gotículas de água prontas para serem despejadas ao fundo. Previ que passaríamos trabalho: calor de manhã e chuva à tarde e à noite.

Pela manhã, sob um intenso calor, assistimos à partida entre Sport e Cruzeiro. Depois do jogo almoçamos um prato feito, em um pequeno restaurante no centro da cidade. De volta ao quarto do hotel, em vez de dormirmos como nas outras tardes, ficamos conversando sobre casos do futebol e suas imoralidades, enquanto eu editava as fotos do jogo e o Douglas preenchia os seus relatórios.

Nos apressamos para ir ao estádio Alceu Duarte de Carvalho. Era noite de estreia da dupla Gre-Nal. Os colorados jogariam contra o Liverpool do Uruguai. Enquanto o Grêmio estrearia contra o Figueirense. Eu e Douglas sentamos no espaço reservado à torcida colorada. A escolha não foi por razões clubísticas, mas pelo fato de que o lado da torcida do Grêmio estava com maior lotação. Para as nossas intenções, o espaço com menos gente em tese nos favoreceria. Dentro de campo, o Internacional, com uma equipe com a idade abaixo do permitido, expunha um futebol de qualidade duvidosa. A péssima apresentação repercutia junto à arquibancada. Torcedores, demonstrando insatisfação, teciam críticas severas. O lateral direito era o alvo predileto. O menino errava muitos passes. Não conseguia apoiar e nem defender. O filho de um empresário, nosso conhecido, que estava jogando no meio, também virou alvo da fúria dos torcedores. O pai, que costumava fazer parcerias com o meu interlocutor, a todo instante pedia informações sobre o menino.

A arquibancada impaciente com o time. A todo instante eram gritos e xingamentos. O burburinho sobre a queda de toda comissão técnica só crescia com os dois a zero a favor dos uruguayos. Para os torcedores, a concepção do que estava ocorrendo era um espetáculo de baixa qualidade. Para eles não importava a questão de produção de jogadores. Eles queriam vitória a qualquer preço. Afinal, haviam pagado para assistir o espetáculo.

Nesse momento, dei-me por conta que o discurso de formação ou produção de jogadores nas categorias de base se esvaia. A lógica era outra: consumo de espetáculo. A concepção do "é para agora" suplantava qualquer narrativa que afirmasse que as divisões de base servem para abastecer as equipes profissionais ou, no caso do excedente, para fazer

caixa.

No jogo anterior, o Grêmio havia batido o Figueirense. O ambiente ficava cada vez mais tenso. Sem paciência, os torcedores xingavam sem distinção a garotada. Ao meu lado, dois homens de meia idade se lamentavam. Enquanto um dizia: "Nunca vi um time tão ruim como o da categoria do Inter desse ano", o outro devolvia: "por isso que o profissional está uma porcaria". Na rádio local, os comentaristas também pensavam dessa maneira. "O time do Inter é fraquíssimo em relação aos adversários e a si mesmo quando comparado há outros anos." Lembram-se do lateral-direito? Batizaram de avenida dois.

No intervalo do jogo, um trio vestindo camisas coloradas, curiosos sobre o que eu e meu interlocutor fazemos ali nos abordaram. "Opa, tudo bem? Só por curiosidade, vocês são olheiros ou empresários?" Douglas tomou a frente e disse que éramos pais de futebolistas de base e que tínhamos um bom conhecimento sobre a categoria. Pois em sua maioria, conhecíamos acerca de três ou quatro anos. Além disso, meu interlocutor nos apresentou como empresários. Douglas inicialmente tratou de acalmar os ânimos dos preocupados torcedores.

DC #30

Esse time é muito mais jovem do que o dos outros. Pois, alguns dos extraclases do grupo estão em São Paulo com a Sub 20, além de que outros estão lesionados. "Isso totaliza mais ou menos uns doze meninos", informa Douglas. Ainda, expusemos que no grupo havia muitos atletas das seleções de base, sendo que um estava em campo. Talvez, essas informações soaram como alento para eles. Inclusive, fizeram questão de repassar aos que ali presentes estavam. A partir desse momento, somado à disposição da equipe, noto uma mudança de comportamento desses mais próximos, no qual passam a torcer com mais confiança e diminui as ofensas aos meninos; inclusive, começam a elogiar o camisa onze, que até então era um caneleiro de marca maior.

Diário de campo, 14 de janeiro de 2019.

Com a rodada encerrada, terminamos a noite no Foca Lanches. Combinamos que não iríamos ao jogo que seria realizado pela parte da manhã entre os uruguaios do Danúbio e o time da casa o Cruzeiro.

No outro dia, como Douglas já havia me informado que não iria assistir ao jogo da manhã, fui dar uma volta pelas proximidades do hotel. Para ver se encontrava alguém que estivesse na cidade em razão do evento e que pudesse fazer alguma aproximação ou até mesmo uma entrevista. A cidade estava deserta. Não sei se pela alta temperatura ou se pelo baixo interesse pela competição. Poucas pessoas circulavam pelo centro de Santiago. Como não logrei êxito no meu intento, preferi retornar para o quarto. Ao chegar ao hotel, recebi uma ligação de Porto Alegre o que fez eu ir para a rodoviária comprar a minha passagem de volta.

Comuniquei ao Douglas que não iria permanecer na competição conforme havíamos combinado. Assim, à tarde, embarquei de ônibus para a casa. Douglas permanecera até o final do torneio.

2.2. AS IMERSÕES NO ESCRITÓRIO DO CLÁUDIO

Este trabalho, como já foi dito, aos poucos, foi se firmando, ao longo do percurso, como uma pesquisa feita através de janelas de oportunidade. Em que, em várias ocasiões, meus esforços para alcançar não se mostraram suficientes. Para que alcançasse os intentos, determinadas circunstâncias deveriam acontecer, como: o empresário estar em Porto Alegre¹⁴; quando estivessem, teriam que estar disponíveis e, logo, que aceitassem minha presença, para o que eu estava propondo fazer. Além disso, embora composta por outros interlocutores empresários, a presente foi se consolidando pelo acompanhamento de quatro empresários Cláudio, Douglas, Edmilson e Reynaldo. Porém, apenas Cláudio e Reynaldo no início do campo mantinham sede em Porto Alegre. Douglas e Edmilson tinham suas bases em Florianópolis. Com o andamento da pesquisa, Reynaldo mudou-se para Santa Catarina, deixando prováveis apenas visitas ao escritório de Cláudio.

Antes que eu aprendesse com as durezas do campo sobre essas necessidades, havia planejado uma rotina de visitas em que, lentamente, me misturaria ao cenário local. A minha ideia era frequentar os espaços profissionais dos empresários sistematicamente. A partir desses locais, eu poderia realizar as observações-participantes, desenvolver as conversas informais e entrevistar. Como o sabido através da teoria, meus interlocutores, em um primeiro instante, iriam estranhar a minha presença, não agiriam com a naturalidade costumeira, se policiariam mais sobre os assuntos e as ações, mas com o passar dos tempos iriam se habituar - pelo menos foi assim que acontecera com Malinowski, Magnani, entre tantos outros pesquisadores. Seria o que eu pretendia chamar de uma etnografia no escritório. Uma etnografia estruturada de dentro de um ou mais escritórios em Porto Alegre. Uma pesquisa situada dentro de um cenário de afazeres profissionais, que me possibilitaria dizer o que faz um sujeito ser um empresário.

Nem sempre isso aconteceu como almejava. Consegui, de fato, algumas vezes acessar a esses espaços. Entretanto, não como eu desejava. Mas sim como deu. Como fora possível.

¹⁴ Esta pesquisa ocorreu em grande parte na cidade de Porto Alegre e cidades vizinhas. Quando digo estar em Porto Alegre, estou me referindo a manter uma rotina de encontros e visitas por um longo período em um escritório. Para mim, o único meio que isso pudesse, por os mais variados motivos, desde os custos e as minhas atividades acadêmicas e profissionais, ocorrer seria visitando a um situado na Capital.

Primeiro, achava que a razão desses desencontros fosse por causa de minha inépcia como pesquisador. Com o tempo, fui aprendendo que não existiam erros e nem falhas, como algumas vezes levei a crer. O que existia era o processo etnográfico instigando readequações. Assim, através dessas falhas que os métodos etnográficos possuem (FONSECA, 2002), fui percebendo que era a partir dessas inconstâncias que me auxiliariam em compreender melhor a cosmologia dos empresários.

Sem tempo para lamentações, fui rearranjando as minhas intenções etnográficas. Fui compreendendo que os empresários não teriam o porquê de exporem as suas privacidades para mim. "Walter, não posso mostrar certas particularidades. Se vazam para imprensa, perco meu negócio. Não estou dizendo que possa ser você. Mas para não existirem dúvidas", constantemente me alertava o empresário Cláudio. O máximo possível seria me ceder algumas horas de suas agendas para um café, para uma entrevista ou uma conversa informal. Abrir a porta do escritório regularmente não seria plausível. "Não tem como porque a gente viaja muito. Às vezes, ficamos semanas fora. Mas sempre que foi possível você me chama para ver se agenda dá". Como o primeiro motivo estaria estruturado nas privacidades dos negócios, através das intensas mediações, não me restou articular outro meio de acesso. E um deles seria exatamente o que me fora sugerido, manter o contato frequente e aproveitar as janelas de oportunidades.

Com uma readequação para os acessos, consegui estar no escritório de Cláudio por três vezes. Fora do escritório o encontrei algumas outras vezes. Contudo, para a etnografia no escritório foram apenas essas que apresentarei no decurso do capítulo. A primeira vez aconteceu antes de eu ser aprovado no mestrado. Era relacionada à minha primeira pesquisa com os empresários. Foi em abril de 2018. A segunda ocorreu em agosto de 2018. A terceira em maio de 2019. Quando tentei a quarta vez, em outubro de 2019, notei que Cláudio estava um tanto contrariado em me receber. Tentou de todas as formas de me dissuadir da ideia. Até que conseguiu. "Será que não tem outros empresários que você possa entrevistar ou visitar o escritório? Estou com o tempo muito curto e chego a Porto Alegre amanhã e já embarco no mesmo dia". Eu tinha alguma proximidade com Cláudio, mas isso, penso, não seria suficiente para me receber sempre que eu quisesse. Nos meus planos, estaria satisfeito se fosse uma visita semanal ou talvez quinzenal. No entanto consegui essas três.

A grande tese para essa pouca abertura residiria na questão dos sigilos e do dinheiro. Assim, como aprendi com a maioria dos empresários que interagi, "o segredo é a alma do negócio". Isso iria exatamente ao encontro ao que antropóloga Laura Nader (1972) diz sobre

as dificuldades de acesso a pessoas, lugares e comportamentos, com poder e status. Para a pesquisadora, "os poderosos estão fora de alcance em muitos níveis: eles não querem ser estudados; é perigoso estudar os poderosos; eles são pessoas ocupadas; não estão todos no mesmo lugar, etc." Assim era o Cláudio, um empresário poderoso que em pouco tempo conseguiu acumular uma fortuna e que estava sempre na estrada.

Cláudio, dentre os meus interlocutores, aparentemente era o que dispunha de maior capital econômico. E, entre eles, era o que tinha a melhor carteira de jogadores. Cláudio estava no sistema há mais ou menos uma década. Começou trabalhando para um dos grandes nomes do empresariado gaúcho. O seu início não fora por acaso. Passou anos e mais anos tentando adentrar ao campo de empresários, mas sem sucesso. Seus amigos de infância trabalhavam para o tido maior empresário de futebol do Rio Grande do Sul, Tobias Barreto. Cláudio dizia que sempre sonhara integrar o entourage de Barreto. Para tal, costumava circular nas noitadas com jogadores e com funcionários de Barreto, além de realizar pequenos serviços para eles. Sabia que era assim que normalmente eram contratados. No entanto, nunca fora admitido.

Meu interlocutor nasceu em família humilde, era caçula dos quatro irmãos. Começou a trabalhar muito cedo, mas sem descuidar dos estudos. Aos dezenove anos, após servir ao exército, começou trabalhar em uma loja de calçados esportivos em um shopping da Capital gaúcha. Emprego fora conseguido por um dos seus irmãos que já estava no ramo há algum tempo. O tipo de trabalho acabou por lhe aproximar aos boleiros. Ao final do expediente, costumava levar chuteiras para vender nos estacionamentos do estádio Beira Rio e do Olímpico. Foi assim que conheceu um jogador que passou a ser dos seus grandes aliados neste meio. No entanto, antes que se consagrasse a parceria, Cláudio havia deixado o ramo do comércio e passou a assessorar um jogador do Internacional que havia se transferido para a Bahia.

Empresário Cláudio

Eu comecei no futebol em 2009 quando o Trajano foi jogar no Biguaçu da Bahia. Fui morar com ele como forma de assessorá-lo. Daí conheci o Volnei. Antes eu andava com os guris do Barreto. Queria trabalhar com ele, mas não tinha oportunidade. Então, passei a trabalhar com o Volnei. Fui para a Europa assessorar o João Antônio. Depois voltei. Então o Volnei me propôs que a partir daquele momento eu não iria receber mais como um funcionário, que eu deveria trazer jogadores para a empresa e receber o percentual sobre [as negociações]. Comecei a trabalhar dia e noite. Fui indo atrás e me dando bem. Hoje eu sou não sou mais funcionário. Eu sou sócio do Volnei. E essa empresa aqui eu montei individualmente.

É até meio engraçado. Eu trabalhava no shopping, na Ortopé... atendia todos esses meninos do Inter aí... Pato, Sidnei, Luis Adriano, Pierre e na época era uma coisa que me instigava muito o futebol... tinha... tem um amigo meu de infância, o Edmilson, ele me conseguia muita venda para

jogador... aquele meia canhoto que veio para o Inter, que foi campeão da Libertadores... lateral esquerdo... esqueci o nome. O Jorge Wagner chegou... ele levou lá, comprou chuteira. Foi uma coisa que foi me instigando assim. Por eu ser muito amigo do Edmilson, eu participei de muitas coisas, aonde ele trabalhava com os caras e eu via um furo no mercado. Eu via que o jeito que eles trabalhavam podia ser melhor. Podiam ter mais sucesso, entendeu? Eu tentei um tempão trabalhar com eles e nunca deu. Nunca deu. Nunca dava. Aí, em 2009, um atleta me convidou para trabalhar com ele. Cuidar das coisas dele, assim... casa... organizar. O cara tinha se separado. Eu saí da Ortopé em 2006. Eu fui direto trabalhar na Nike. Eu tava na Nike. Tudo ligado ao esporte sempre. Sempre ligado ao esporte. Aí quando eu tava na Nike o meu negócio não tava mais dentro da loja. Eu saía com as chuteiras para o Beira-Rio, vendia todas as chuteiras para todo mundo. Ia para o Grêmio, vendia tudo. Ali ia me instigando cada vez mais o negócio do futebol, futebol, futebol... eu via essa brecha no mercado, que era meia... pode ser melhor, pode ser melhor. Eu venho de uma criação de família, sempre as coisas corretas. Servi ao exército, foi coisa que me deu mais linha na vida. De ser correto. Então, eu via que tinha essa brecha no mercado. De tu entrar e ser um cara honesto. Ser correto pra ter sucesso, né. Tanto que eu fiz um trabalho em 2009, trabalhei com esse jogador... 2010 não trabalhava mais. Fiquei fora do mercado de trabalho. Sozinho, um ou dois anos. Até que o João me chamou para ir com ele para a Ucrânia. Comecei a cuidar das coisas particular dele, nada de futebol. Lá que eu conheci o Volnei. Falei para ele: 'Bah, eu tenho um grande sonho de trabalhar no futebol'. Foi que desenrolou ali. Eu fiz um trabalho de três, quatro anos com ele. Fui funcionário durante dois. No final, ele disse: 'ah, agora tu não tem mais salário. Tu vai ter que trazer as coisas, que a gente vai dividir os lucros. Foi aí que eu tive bastante sucesso. Trouxe bastante coisa para ele. Não deixei os jogadores irem embora dele. Comecei a cuidar. Foi onde a gente tá hoje.

Eu via no mercado muita mentira, muita enrolação. Prometer e não cumprir. Então, a gente nunca prometeu nada que não pudesse fazer. A gente dava real para os jogadores. Eu vim duma filosofia de um cara, não é aquele cara que dá dinheiro para o atleta, que compra a procuração. A gente não faz isso, a gente troca pelo trabalho feito, com acompanhamento. O que que a gente dá? Material esportivo - que há três anos atrás as marcas mandavam de caixas pro nosso escritório para os atletas. Por confiar no nosso escritório, que revelou muitos talentos ao longo da caminhada. Então, hoje em dia, para tu conseguir uma chuteira da Nike ou Adidas é uma briga. Se tu não tem ali o contato certo, o jogador certo, esquece. Ninguém dá mais nada. Então foi sempre assim. A gente sempre foi sincero com os guris. Com as famílias também. Tem muitos caras que entram... como são muito jovens, a família que manda no negócio. Tem que ver o que é melhor para eles e a gente sempre deu a real. 'Vamos ser assim. O mercado é assim. Não adianta a gente berrar, espernear, que não tem como'.

Diário de campo, 31 de maio de 2019.

Cláudio, antes de se tornar empresário, começou a trabalhar em uma empresa que já se encontrava estabelecida no cenário gozando de grande reputação junto ao mercado. A sua inserção fora através de criação de laços profissionais a partir de amizades. Foram anos para conseguir entrar nesse campo de trabalho. O que se pode observar que os seus arranjos relacionais foram criados no nível da consciência e, sobretudo, cultivados (PINHEIRO-MACHADO, 2009). Introduzir-se em um campo disputado em que as relações econômicas são de primeira ordem não são fáceis. Construir um capital simbólico requer anos de trabalho ou boas combinações sociais.

Até aqui, o meu objetivo, além de apresentar um dos meus interlocutores-empresários, em mais minúcias, era contextualização dos arranjos e dos processos que me levaram a construir essa etnografia de dentro do escritório. A seguir apresentarei duas seções de duas imersões de campo, do dia 29 de agosto de 2018 e do dia 21 de maio de 2019.

2.2.1. A primeira imersão

No dia 23 de agosto de 2018, enviei uma mensagem ao Cláudio perguntando se poderia visitá-lo em seu escritório. Expliquei que estava iniciando uma nova pesquisa, mas mantendo a mesma orientação, com os empresários. "Cláudio, estou começando um novo estudo com empresários, quando tu estarias disponível em seu escritório para uma conversa? Me interessa conhecer um pouco mais sobre o dia-a-dia de um empresário neste ambiente". Bem, a última vez que estive lá foi para entrevistá-lo. Respondeu-me que seria possível na quarta-feira seguinte. Chegaria ao escritório por volta das onze horas, que poderia ser neste horário. "Combinado".

Em 29 de agosto, cheguei um pouco antes do horário programado. Como o escritório ficava numa região muito movimentada na zona sul, fiquei dando algumas voltas pelo bairro procurando onde estacionar. Fiquei assim até lembrar que eu poderia guardar no pátio da delegacia de polícia que ficava bem próximo. Com o veículo devidamente resguardado, rumei em direção ao escritório do empresário. Pela numeração me passada, de longe, observei que ficava em um imponente prédio comercial.

Em frente ao local, fiquei aguardando o tempo passar. Faltavam alguns minutos para as onze horas. Quando o horário tratado estava bem próximo, resolvi me deslocar até a recepção do edifício. Antes de chegar à portaria, ouvi alguém me chamando. "Walter, entra aí". Olhei para o lado e logo identifiquei o Cláudio, a bordo de uma luxuosa camionete. Entrei no carro e subimos até o estacionamento. Após guardar o veículo em sua vaga, descemos alguns andares até o escritório. Chegando ao escritório, fomos recebidos pelo seu assessor Jimmy Strada. Ao adentrar ao local, imediatamente, passo a varrer visualmente o espaço. Alguns colegas nas reuniões do GESEF (Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física do Estado do Rio Grande do Sul) sempre frisavam sobre a importância dos detalhamentos das ambiências. A primeira vez que estive no lugar não tinha prestado muito a atenção aos detalhes. Procurei pormenorizar mentalmente cada detalhe. Não queria me esquecer de nada quando fosse escrever no meu bloco de anotações. O recinto não era muito amplo. O ambiente tinha uma decoração temática futebolística. Na parede, estavam camisetas emolduradas dos clubes que o seu principal cliente João Antônio havia jogado. No mesmo lado, repousavam em uma estante brancas, troféus, bolas e chuteiras. Mais ao lado, a televisão sintonizada no canal esportivo SporTV. Após a minha coleta visual, pensei na representatividade simbólica, por uma noção bourdieusiana, que aqueles objetos tinham poder

de reconversão de capitais. A representabilidade daqueles prêmios mediava o quanto de sucesso as carreiras desportivas dos seus clientes possuíam e o quanto se somava ao seu próprio prestígio. Mais ao centro havia uma mesa que, além de uso para reuniões, acomodava o seu notebook. Ao lado existia outra mesa menor com um computador. Nela o Jimmy Strada realizava as suas atividades.

Pedi para Cláudio permissão para fotografar o ambiente. Expliquei que trataria as fotos para que não fosse possível a sua identificação. Durante os registros fotográficos, Cláudio aproveitou o ensejo para iniciarmos a nossa conversa. Sem rodeio, Cláudio me perguntou: "então, o que queres saber sobre a profissão?" A pergunta feita assim, pegou-me de surpresa. Eu queria saber tudo, mas estava ali para observar a rotina. Na verdade, queria estar invisível naquele momento e observar alguns acontecimentos para depois passar a interagir. Como a minha ideia não era possível de por em prática, expliquei que aquele tipo de pesquisa seria diferente da outra. Dessa vez, eu teria que lhe acompanhar mais próximo, teria que fazer visitas ao local mais frequentemente e se possível segui-lo em sua rotina profissional em outros territórios. A reação pela sua face não parecia muito concordar com o que acabara de ouvir. Mesmo assim respondeu-me que sempre que possível poderia sim. Além disso, colocou à disposição o Jimmy Strada para sanar qualquer tipo de dúvidas ou até mesmo em acompanhá-lo.

Após as primeiras considerações sobre a pesquisa e concedida a devida permissão, iniciamos outro assunto. Cláudio trouxe o tema imprensa e empresários. Para meu interlocutor, os meios de comunicação passavam uma imagem negativa dos empresários para o público: "a imprensa em maneira geral nos descreve como sanguessuga de jogadores, gigolô do esporte, parasitas da bola. Não é bem assim. Tem muitos que são. A maioria não é." A fala de Cláudio poderia ser traduzida como um estigma, em que seriam os protagonistas pela estagnação do esporte no Brasil. "Nos estereotipam, nos colocam como os vilões do futebol, Como os responsáveis do atraso no crescimento do futebol brasileiro".

Empresário Cláudio

Se o regulamento da FIFA e o da CBF permitem a cobrança nesse formato, estamos operando dentro da legalidade. A mídia não pode nos acusar de rapinarmos os jogadores ou quebrarmos os clubes. Para os nossos clientes, buscamos sempre o melhor. Muitas vezes, conseguimos, dentro da lógica de mercado, um espaço melhor [time] ou um ganho acima do que ele iria receber se não tivesse a nossa assessoria. Para quem não sabe, antes, até a Lei Pelé, eram os dirigentes que exploravam o talento e os escravizavam. Obviamente, que devemos ter a consciência que vivemos de parcerias com os clubes, portanto, não podemos ver eles quebrarem. Por isso, que nunca extrapolamos na pedida, buscamos sempre um equilíbrio, que não cause qualquer problema para a saúde financeira deles [clubes]. Não queremos ter as portas fechadas.

Diário de campo, 29 de agosto de 2018.

A narrativa de Cláudio buscava demonstrar que os empresários, além de desempenharem seus afazeres dentro da legalidade, tratavam os negócios com racionalidade. Para meu interlocutor, não haveria coerência aferir grandes ganhos econômicos, se o efeito fosse decretar a falência da instituição. Para ele, seria muito mais importante manter o clube em parceria do que ver as suas portas fechadas.

Já era passado de meio-dia, depois de muitas interrupções para atender ligações telefônicas. Se celular não parava, quando uma ligação me chamou muito a atenção. Era um telefonema da esposa de seu cliente que jogava na Europa. Pude perceber que queria que fossem adquiridas passagens para a sua mãe ir visitá-la. Além da solicitação de compra, pareceu-me que a mulher solicitou o pagamento de algumas contas do Brasil. Após desfazer o telefonema, o meu interlocutor me pediu alguns minutos de interrupção para repassar o assunto ao Jimmy Strada dos pagamentos de contas, enquanto ligava para a agência de turismo.

Depois de tudo encaminhado, Cláudio me oportunizou a observação de alguns modelos de contratos. Eram modelos de contratos de serviço entre intermediários e jogadores de futebol disponibilizados pela CBF. Fiquei curioso em saber se era de costume seguir aquele formato: "Vocês seguem esses modelos?". A resposta: "Nem sempre! Mas é mais ou menos isso aí. Mas vai de cada caso. Tem alguns que dá para seguir exatamente como está aí. Na verdade, não tem muito o que mudar. Vai do percentual". Perguntei se os contratos de formação ou o primeiro contrato profissional seguiriam essa regra. Meu interlocutor respondeu:

No contrato de formação, é o que o clube faz. Não tem muito o que mudar. Na verdade nem mudamos porque o jogador vai ganhar bolsa quando é de clube grande. Em clube menor não ganha. Geralmente a família que faz e nem passa por nós. O primeiro contrato profissional depende muito do jogador. No Grêmio, por exemplo, são separados os atletas por categorias. Se é jogador de classe A, fica numa faixa salarial. Se é de classe B, em outra. O que pudemos discutir e discutimos é o jogador extraclasse.

Diário de campo, 29 de agosto de 2018.

Dentre os afazeres dos empresários no futebol, está exatamente na discussão e na elaboração de contratos. Os empresários surgiram no cenário esportivo justamente por esse motivo (EZABELLA, 2009). Assim, pela fala de Cláudio, entendi que a principal função do empresário vinha se perpetuando. Contudo, no caso apresentado, estaria focada mais para

atores com mais representatividade, como no caso do extraclasses¹⁵. Seria através dessa escala simbólica de classes que determinariam quais seriam as ações e os esforços a serem empregados.

Na mesa ao lado, de vez em quando Jimmy Strada, manifestava-se sobre o assunto. Parecia que não tinha muito interesse. Estava absorvido pelos vídeos na tela do seu computador. Quando fazia alguma intervenção, fazia sem desviar os olhos do monitor. Pelos sons e pelos comentários, "esse parece tratar bem a bola", imaginava que estivesse analisando atletas por "vídeos de melhores momentos". Aproveitando uma pausa na nossa conversa - Jimmy Strada lembrou ao Cláudio que havia documentos urgentes para serem assinados.

Pela conversa, Jimmy Strada percebeu que meu filho Fernando havia estado nas categorias de base, no Juventude de Caxias do Sul. Então, aproveitou a oportunidade e me chamou para observar um vídeo de um menino que jogava lá. Quando coloquei os meus olhos na tela, fui prontamente interpelado: "Conhece?" Respondi que sim. Era um menino da categoria Sub-13. Com a afirmativa, de pronto, indagou-me se eu vislumbrava potencial ou alguma projeção futura. Aquele questionamento me pegou de surpresa. Não esperava que algo tão pessoal, minha opinião, fosse solicitada tão precocemente. Eu até imaginaria que com o tempo de campo no local, esse tipo de relação se tornasse corriqueira. Mas não naquele momento. Fiquei em um dilema, falar o que realmente eu achava e começar a fazer parte daquele sistema ou não dizer bem o que eu achava para não prejudicar a carreira do menino. Seria mais ou menos o correr junto de Geertz ao fugir da polícia no rinhadeiro. Não sei se falar ou não falar seriam o correr ou ficar parado, mas sei que estava em meio a um dilema. Primeiro, respondi que conhecia o menino, que sabia quem era o seu pai, que costumávamos conversar aos sábados de manhã no estacionamento do centro de treinamentos do Juventude. Segundo, perguntei se estavam interessados em trazer o menino para a empresa, para depois tecer qualquer tipo de consideração. Como a resposta era que havia recebido os vídeos para uma primeira avaliação, resolvi fazer a minha contribuição: "Esses dribles contra garotos do Juventus de Teutônia me parecem fácil. O interessante seria observar contra equipes mais fortes. Tem jogo dele contra a dupla? Se tiver, dá uma olhada". Procurei não apresentar nenhuma definição, até porque eu não acompanhava o menino em jogos, Quando o via jogando, era no máximo em treinos. Sabia através do pai do aspirante que às vezes não era convocado e quando era ia para ser reserva. Procurei dar pistas. Não corri e nem fiquei

¹⁵ Termo nativo que se refere ao jogador que se destaca mais do que os outros. Em uma escala de valores simbólicos estaria no topo da pirâmide.

parado. Digamos em cima do muro. Cláudio, que estava se servindo de café, decidiu: "vídeo de melhores momentos não dá. Tu tem que ir ver o menino em campo".

Pela a minha experiência nesse mundo, quando ajudava a montar portfólios para meus amigos aspirantes, na década de noventa e inícios do ano dois mil, era comum jogador ser negociado com a edição de vídeos, conhecido de melhores momentos. Reportagens em jornais e vídeos eram os artefatos utilizados pelos empresários para negociarem os atletas. Nos dias atuais, fui percebendo que, com a facilidade de acesso a jogos na íntegra, como em canais do *YouTube*, os empresários estariam se subsidiando com esse formato de informação. Meus interlocutores costumavam sempre citar o uso dos vídeos como primeira ferramenta para oferecerem seus atletas para os clubes. Algumas vezes me fora pedido pelo empresário de meu filho esse tipo de artefato para mandar para os coordenadores de categorias de base.

Após conversarmos sobre os seus sistemas de análise de captação, observei que já estava quase no horário que havíamos combinado para o fim da visita. Cláudio em nenhum momento esboçou desejo que eu partisse, mas não queria abusar do tempo doado para o meu trabalho. Assim, agradei a colaboração e me despedi dos meus interlocutores.

2.2.2. A segunda imersão

Alguns dias antes havia ajustado com Cláudio de entrevistá-lo. Precisava saber algumas coisas mais sobre a carreira e que por telefone não se conseguiria produzir com a mesma qualidade. Para minha sorte, o meu interlocutor estava em Porto Alegre e iria permanecer a semana toda. Combinamos para o dia 21 de maio de 2019, às 14 horas, em seu escritório.

No dia marcado, cheguei algum tempo antes do horário previsto. Enquanto me deslocava para o encontro, recebi de Cláudio uma mensagem em meu celular que informava sobre o seu atraso em razão de um imprevisto. Olhei para o relógio e vi que ainda tinha muito tempo para chegar no horário programado. Para mim, não haveria problema esperar mais, desde que o encontro etnográfico ocorresse. Diferentemente da última vez que estive no local, em que fiquei esperando na calçada em frente ao edifício, mesmo sabendo que Cláudio não iria chegar no horário marcado, preferi seguir aguardando na portaria do prédio. Logo, dirigi-me até a recepção onde fui devidamente identificado. Depois de checar meus dados e fotografar o meu rosto, a recepcionista contactou com o escritório e ninguém atendeu. Assim, pedi que eu esperasse na cafeteria, enquanto ela ia tentando contato. Depois de algumas tentativas, finalmente consegui falar com o Cláudio. "Ele pediu que eu aguardasse só mais

alguns minutinhos até que possa resolver uma situação. Assim que estiver pronto, aviso ao senhor". Não se passaram nem dez minutos até que a moça simpática me chamasse para subir ao escritório.

Chegando ao local, sou recebido pelo Cláudio. A sua fisionomia demonstrava certo abatimento. Não me lembrava de tê-lo visto assim nas outras vezes. Presumi que algo não estava bem. Mas preferi não me perguntar. Cláudio pede para eu entrar e em seguida já puxa uma cadeira para mim. Naquele dia estava só, o Jimmy Strada só chegaria mais tarde. Antes de começar a entrevista, pede um tempo para que organizasse alguns papéis que estavam em sua mesa para assinar. Conferiu em sua agenda as atividades do dia para depois se colocar à disposição para a entrevista. Quando estávamos nos preparando para gravar a entrevista, Cláudio recebe uma ligação. Olhei para o relógio e vi que eram 14h45min. Meu interlocutor pediu uma pausa para poder atender. Depois que encerrou a ligação, contou-me que era a advogada, querendo saber como proceder em relação a um contrato. "Walter, não aguento mais trabalhar assim. É todo mundo com medo. Medo de ser processado. Tem que falar com advogado, falar com filho. Não gosto de trabalhar assim. Juro que estou pensando em trabalhar sozinho".

Cláudio, naquele dia, parecia estar bastante aborrecido. Existia algo que estava lhe importunando para ter aquelas reações. Ainda não tinha visto meu interlocutor tão incomodado. "Estou comprando imóveis em leilão. Por esses dias, comprei um apartamento no Jardim Feliz por um valor e uma semana depois vendi por muito mais. No futebol, tu vive de promessa. Os clubes ficam te devendo, não te pagam e prometem pagar quando as coisas melhorarem. No Brasil ninguém está pagando, a não ser Palmeiras, Grêmio e Flamengo. Jogador meu, dou preferência para esses clubes". O cenho de Cláudio mudou quando revelou a diversificação nas suas atividades econômicas. Parecia estar mais confortável neste novo ramo do que no de empresarias jogadores. Antes mesmo que eu pudesse questionar sobre o assunto, Cláudio recebeu uma ligação do seu sócio. Ao telefone, meu interlocutor passou a narrar os acontecidos do dia de ontem. Pela conversa, não sabia o que estava acontecendo em relação um dos seus agenciados. Pois esse, um jogador do cenário europeu, estaria com telefone desligado e Cláudio não conseguia contato. Ao concluir o telefonema, meu interlocutor passou a me contar sobre a situação.

Ontem, estava todo mundo me mandando mensagem querendo saber se o Sinval havia nos deixado. Disseram que uns empresários europeus tinham postado uma foto com ele no Instagram. Daí, tentei ligar para ele e só dava na caixa de mensagens. Até agora eu não sei o que está acontecendo. Temos um contrato em vigência que está assinado.

A tensão que senti no seu semblante passava por esse episódio. Ter perda de jogadores além de ser um fato desagradável economicamente seria o quanto simbólico. Contudo, Cláudio exaltava a existência de acordo lavrado em cartório e na CBF o que lhe garantiria se não fosse a permanência do atleta um ressarcimento pecuniário por quebra de contrato. Após a ligação recebida e a breve explanação, o dialogo ficou mais leve e fluído. A partir disso, começamos a conversar sobre uma variedade de coisas, antes de começarmos a entrevista de fato.

Um dos assuntos suscitados fora a despeito das mudanças no Regulamento Nacional de Intermediários (RNI)¹⁶ em relação ao contrato de representação. Pelas novas normas da CBF o tempo máximo do empresário como procurador do jogador ficou limitado em dois anos. Para Cláudio, era um tempo extremamente curto, haja vista, muitas vezes conduzirem acordos de até cinco anos entre clubes e jogadores. "Se eu faço um contrato de cinco anos com o clube para o meu jogador e consigo uma ótima negociação, não é justo que receba só por dois anos, quando eu consegui que recebesse por cinco". O empresário entendia que as vigências dos contratos deveriam ser iguais. "Eu vou fazer todo o serviço para outro empresário depois assumir o que não participou em nada?". Cláudio mostrava-se inconformado com a medida da CBF. Achava, em princípio, que era uma medida para desestimular os contratos longos entre clubes e atletas. "Primeiro, eu achei que era para fazer com que a gente fizesse propostas de acordos mais curtos, depois vi que era para mesmo nos desestimular. Porque estimula a compra de procuração¹⁷". O que meu interlocutor estava a me contar era a existência de uma insegurança jurídica nesse sentido. Pois o empresário realizava os arranjos mais do que necessários para uma melhoria na carreira do atleta e, ao final do pacto, outro empresário poderia acenar com propostas financeiras mais atraentes. Para Cláudio, a ação estaria dentro da legalidade, mas não da moralidade. "É legal o que eles [empresários] fazem, mas é imoral".

A conversa continuou nesse sentido. Cláudio chamou a atenção para a relação com a família de uma das tidas promessas das categorias de base do Internacional. "A relação que temos com a família do Trobian é de boca¹⁸. Nunca fizemos contrato e nunca nos me pediram

¹⁶ Em 2015, a CBF publicou, seguindo as orientações da FIFA, normas que disciplinassem o exercício das atividades dos empresários (BOEHL, 2018).

¹⁷ No subcapítulo 2.6 "A compra da procuração" trabalho sobre o tema com mais minuciosidade.

¹⁸ O termo nativo "de boca" refere-se a pacto verbal, acordo tácito.

dinheiro ou qualquer coisa assim. Dou chuteiras. Acho que a palavra do homem não deveria estar sujeita a contratos. Trabalhamos muito na confiança". Trobian era um dos aspirantes dados pelo clube com grande projeção de carreira. A prova disso seriam as suas constantes convocações para as seleções de base. "O clube aposta muito nele. Está sempre nas listas da CBF. Eu sei que é cedo, mas acredito que vai ser jogador de alto nível". Se nessa relação os fatos eram tranquilos, em outras não aconteciam da mesma forma. "O pai do Fidel está sempre pedindo uma coisa. Toda hora pede uma chuteira ou diz que tem que pagar uma luz, uma água. Só tenho medo que o pai vá atrapalhar a carreira do garoto". Cláudio costumava se queixar de pais que viviam à custa dos aspirantes. "Tem pai que passa a semana olhando treino. Tem jogo tá lá. Não trabalham e vivem do dinheiro dos meninos. Isso me preocupa muito, Tento orientar, mas dificilmente mudam". Meu interlocutor aproveitava o tempo para desnudar os diversos tipos de relações com os pais.

O pai do Henrique Soledade vem sexta-feira. Ele é daqueles caras que passam a semana toda ligando. Já ficou várias vezes de vir aqui para acertar a representação. Mas sempre tem uma desculpa que não pode. Que tem um dinheiro a ressarcir a um investidor e tal. Vamos dizer para ele: primeira coisa, não trabalhamos dando dinheiro. Segunda, agora, tu não manda mais nada e nem vai conversar mais com o clube. A partir de hoje é com a gente. Se quiseres algo do clube, vai nos informar e nós vamos dizer se cabe ou não. Os pais tem que saber que nós que temos know-how. Eles são pais, nós somos profissionais.

Diário de Campo, 21 de maio de 2019.

Cláudio apresentava o sistema de trabalho adotado pela empresa. Tanto ele quanto o seu sócio não tinham por costume oferecer dinheiro para representar jogadores e nem permitir, após acordo selado, que pais fossem tomar decisões junto ao clube sem o seu conhecimento. Essa medida não ia ao encontro como o mercado costumava ser. "Aqui, todo mundo fica dando dinheiro para família. Compram procuração. Não trabalhamos assim. Isso incentiva a criar uma cultura errada", resumiu como considerava o que atrasava muito as relações do mercado. Outro assunto interessante trazido pelo empresário foi sobre o comportamento dos atletas nos clubes. Cláudio se lembra da curta trajetória de um menino nascido no ano de 2002 que depois de ser dispensado pelo Internacional, lhe procurou.

O Radamés foi dispensado do Inter. Ficou um ano atirado. Conseguimos levar o garoto para o Atlético Mineiro. Parecia que estava bem. Mas daí me ligaram e falaram do comportamento, que não estava no nível que queriam. Um monte de coisa negativa. Disse que poderiam mandar embora. Os caras não tem maturidade. Não tem como ser pai de muitos todo o tempo. A gente cria as oportunidades e se eles não aproveitam não tem o que fazer. Orientamos, mas tem coisas que não dá mesmo.

Diário de Campo, 21 de maio de 2019.

Quando estávamos nos aprofundando sobre o assunto, chegou um esbaforido Jimmy Strada, que abruptamente interrompeu a conversa. "Cláudio, preciso de dinheiro para pegar o passaporte". O jovem necessitava resolver um problema com o seu passaporte urgentemente. Ele estava com a passagem marcada para os Estados Unidos no dia seguinte e a grafia do seu nome no passaporte estaria errada. Jimmy Strada naquele momento vinha da Polícia Federal, onde solicitara um passaporte de urgência. Nisso, enquanto alcançava o dinheiro para o pagamento do novo documento, Cláudio sugeriu que, além dos dois passaportes, levasse uma carta, já que o jovem não falava inglês, explicando o motivo da falta de visto no passaporte novo. Sem tempo para muita conversa, o rapaz apanhou o dinheiro e se mandou mais do que depressa. A entrada de Jimmy Strada na sala acabou por interromper a conversa. Pensei que naquele instante poderia propor começarmos a entrevista. Porém, Cláudio trouxera novo tema. Aquilo me instigara mais do que os próprios questionamentos que iria fazer na entrevista. Não estava na minha pauta aquele tópico. Assim, meu interlocutor passou a contar sobre os meios de assegurar fatias nos direitos econômicos dos atletas.

O Volnei tem um clube no Nordeste para assegurar o percentual. A FIFA impede que terceiros tenham percentual dos direitos econômicos do atleta. Mas não impede que clubes tenham. Foi uma forma que encontramos para não perder muito dinheiro. Pois investimos muito e qualquer mudança de regra acaba nos dando prejuízo.

O Blatter¹⁹ que é da FIFA. Ele ficou muito brabo que esse cara ganhou na negociação do Pogba mais de 100 milhões de euros. Ele foi as três pontas. Ele ganhou a comissão do clube vendedor, ele ganhou do comprador, ele ganhou do jogador. Então, num negócio, o cara faturou muito. O cara foi a loucura. 'Não, esse cara não pode ganhar isso'. Existem clubes de futebol que não faturam isso. Aí que começou um pouco da confusão.

Diário de Campo, 21 de maio de 2019.

De acordo com o Cláudio, os empresários, antes da determinação da FIFA, recebiam honorários das "três pontas". Essas pontas seriam: o atleta, o clube comprador e o clube vendedor. O empresário seria remunerado pelo jogador, podendo ser nas luvas e/ou nos salários. Deveria receber comissão do clube comprador por ter agenciado a compra, como deveria ser pago pelo clube vendedor pela intermediação na venda. O exemplo utilizado pelo meu interlocutor para justificar a decisão da FIFA ocorrera com o italiano Mino Raiola, que, em 2016, abocanhara US\$ 52 milhões dos US\$ 112 milhões pagos pelo Manchester United

¹⁹ Atualmente, o presidente da FIFA é o advogado suíço-italiano Giovanni Vincenzo Infantino.

para tirar Paul Pogba da Juventus. No caso, ele havia representado as três pontas do negócio e remunerado por elas²⁰.

Alguns dias antes desse encontro, no dia 8 de maio, a FIFA havia publicado novo Regulamento sobre Status e Transferência de Jogadores (RSTP)²¹. O novo documento, conforme meu interlocutor, seria uma forma de corrigir um erro da entidade que passou a proibir, desde 2015, a participação de terceiros em direitos econômicos de jogadores. Inclusive, o próprio jogador estaria impossibilitado de ser titular dos seus direitos. Com a medida, que passou a valer em 1º de junho de 2019, os atletas passaram a não ser mais enquadrados na categoria terceiros. Antes, qualquer parte que não constituíssem os dois clubes envolvidos na transação era considerada como terceiro.

Outra preocupação que Cláudio vinha demonstrando com as metamorfoses dos negócios do futebol era a despeito aos patrocínios e provimento de material esportivo. Conforme Boehl (2018), uma das formas dos empresários de sustentarem as relações com os jogadores era o fornecimento de chuteiras, caneleiras, luvas de goleiros, entre outros equipamentos. Cláudio costumava receber caixas contendo esses materiais para distribuir entre os seus atletas. Contudo, nos últimos tempos, cada vez menos vinha recebendo esses tipos de artigos. "Antes as empresas mandavam para o escritório caixas e mais caixas para a gente distribuir para os nossos jogadores. Agora, mal mandam para os patrocinados". De acordo com Cláudio, o motivo da diminuição residiria numa crise econômica mundial. Além disso, meu interlocutor dizia estar sofrendo grandes dificuldades de arrumar patrocinadores para os seus clientes. Conforme Cláudio, as empresas esportivas estariam interessadas em patrocinar somente jogadores das posições do meio e do ataque. "Uma empresa de material esportivo só patrocina jogadores do meio para frente. Temos o Zezé, o melhor zagueiro do Brasil, que não tem patrocínio de chuteiras. Existem por aí um monte de jogadores destacados que não possuem contrato de material esportivo".

Passavam das quatro horas da tarde, quando pedi para começarmos a entrevista. Mesmo compreendendo que toda a explanação estava sendo um riquíssimo material, eu precisava gravar as respostas para as questões do meu roteiro. Desse modo, pedi para

²⁰ Fifa abre investigação contra Juventus pela venda de Pogba ao United. Disponível em: <https://esporte.ig.com.br/futebol/2017-06-21/juventus-investigacao-fifa-pogba.html> . Acesso em: 26 mai. 2019.

²¹ Fifa muda regulamento e atletas poderão, a partir de junho, possuir direitos econômicos. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/blogs/bastidores-fc/post/2019/05/08/fifa-muda-regulamento-e-atletas-poderao-a-partir-de-junho-possuir-direitos-economicos.ghtml> . Acesso em: 26 mai. 2019.

iniciarmos²².

2.3. ROMEU JUNQUEIRA, O EMPRESÁRIO EXÓTICO

Quando nomeei o título desta seção, pensei em termos que em certa medida auxiliassem no entendimento do texto em um todo. Afinal a função dos títulos é essa. O que eu não percebi em um primeiro momento o quanto eu estava sendo etnocêntrico em minha decisão. Ao chamar meu interlocutor de estranho, eu criei uma categoria, em que me baseava em antagonismos em relação a outros tipos de empresários. Eu o coloquei no time dos diferentes, dos estranhos. Para mim, até então, os empresários vestiam-se de forma muito assemelhadas. Possuíam veículos caros. Seus escritórios ficavam em zonas nobres e em edifícios luxuosos. Comiam em bons restaurantes (até eu ir para Santiago e aprender pelo corpo que não era bem assim). Ou seja, para mim, o Junqueira era a antítese de toda projeção que eu fazia dos meus interlocutores enquanto empresários. Eu havia estereotipado até aquele momento o que seria um empresário, a partir de um lugar e de alguns padrões que antecediam à minha pesquisa. Preferi manter o título em razão desta problematização e por justamente ele ajudar a pensar no quanto realmente auxiliar nos processos de estranhamentos no campo.

Continuo esta seção narrando como eu conheci este ator social, que até a data de 8 de janeiro de 2019, não pertencia ao rol dos meus colaboradores mais assíduos, apesar que durante a pandemia pouco voltou aos meus apelos etnográficos. Até aquele dia todos os meus interlocutores, sedizentes empresários, possuíam de alguma maneira afinidade comigo para além do espaço acadêmico. Tanto podendo ser por amizade antiga, como mais recente. Naquele dia, o destino me presenteou com o meu primeiro interlocutor fora de minhas redes. Conheci Romeu Junqueira por casualidade. "Eventos em geral são por princípio mais vulneráveis ao acaso e ao imponderável, mas não totalmente desprovidos de estrutura e propósito se o olhar do observador foi previamente treinado nos rituais" (PEIRANO, 2001). A nossa apresentação ocorreu no hall de entrada da academia Força Bruta, por intermédio de Ozeias, o proprietário, que sabia tanto da minha condição de pai de aspirante e pesquisador, quanto a de Junqueira, como empresário. Praticamente, nasci e me criei no bairro e nunca soubera que o Junqueira trabalhasse com agenciamentos de jogadores. Sabia que existia uma confecção de vestuário esportivo que levava o seu sobrenome como nome. Mas nunca havia associado à pessoa com a malharia.

²² Recortes da entrevista estão pulverizados ao longo do corpo textual.

Naquele dia, eu não tinha intenção de produzir uma situação etnográfica. Se é que para um pesquisador nesta área isso seja possível. Era para ser apenas um dia normal. Sem observações, sem escritas e sem participações. Conforme Peirano (2014), a pesquisa de campo não tem momento certo para começar e nem acabar. O ano recém havia iniciado e eu, ainda, sentia-me inebriado dos festejos. Nem tampouco andar, ver e escrever. Era para ser tempo de lazer, de aproveitar o sol do entardecer, de chimarrão na praça com os amigos, de ócio. De não fazer nada. No entanto, ainda tinha os compromissos com o filho. Mesmo que ele tivesse preferido não competir em Três Coroas, precisaria se manter ativo para o recomeço dos treinamentos em fevereiro. Para tal, eu tinha combinado com o Ozeias dele participar dos treinamentos, nas terças e quintas, em sua academia.

Como era dia de treino, eu e Fernando fomos para o treino na academia do Ozeias. Chegamos um pouco antes horário definido para o começo das atividades. Na entrada da academia, estava o proprietário. Ozeias era um amigo de infância, dos tempos do colégio Padre Réus. Naquele tempo, costumávamos jogar futebol no campo da padaria. Ao nos ver, foi logo nos abraçando e perguntando ao Fernando como ele estava e se ele, soltando uma risada, estava preparado para sofrer. Antes de se ocupar com a montagem do circuito de treino, apontou para um senhor que estava sentado, que palpitava sobre a cadência do exercício para um menino que estava realizando abdominais, se eu o conhecia. Com a negativa, disse-me que ele era o Junqueira e que seria um empresário de futebol. Inclusive, os seus jogadores estavam ali para a sessão de treinos.

Ozeias, mesmo com o tempo curto, fez questão de chamá-los e nos apresentar. O sujeito, muito extrovertido, além de parecer bem relacionado - distribuía gracejos a todos que estavam a treinar - apertou-me a mão firmemente e apresentou-se: prazer, eu sou o Romeu Junqueira. Antes que eu tomasse a iniciativa, Ozeias apresentou-me como Zenga - meu apelido de escola por conta do goleiro da seleção italiana Walter Zenga - um amigo de infância e pai de um jogador da base do Belenense. Realizada as devidas apresentações, Junqueira tomou frente no colóquio e passou a discorrer sobre a sua vida no mundo do futebol, em especial sobre as agruras do "empresariar jogadores"²³.

Alguns dos seus jogadores, antes de se dirigirem para o espaço do treino funcional, iam tomar com ele algumas instruções. Ele não permitia que saíssem da sala de musculação antes de falar com ele. Para alguns, passava conselhos sobre rotinas de exercícios. Para

²³ Termo nativo referente a representar clientes.

outros, dava algumas carraspana sobre comportamentos e falta de comprometimento. Durante o treino, pude contabilizar cerca de doze atletas como sendo de suas responsabilidades.

Junqueira interrompeu a conversa para chamar dois dos seus jogadores para se deslocarem para a área externa da academia, onde foi iniciado o treinamento funcional. Um deles reconheci que jogava no juvenil do Belenense. Era um volante. Um bom jogador. Luciano não era muito grande e nem forte. Mas dispunha de uma qualidade técnica para a marcação e uma intensidade próprias para a posição. Junqueira perguntou ao menino se ele conhecia o Fernando. Respondeu que sim: "É o Fernando DJ." Deslocamos-nos para o espaço do treinamento funcional. Junqueira retornou para chamar os cinco pupilos para o treino. Três eram da base do Belenense, sendo, neste ano, um do juvenil e outros dois do sub 20. Os outros dois estariam sem clube. Junqueira aponta para um dos garotos para descrever suas características.

Aquele ali joga muito, só joga na meia. Não adianta colocar em outra posição. Tem uma habilidade tremenda e um posicionamento espantoso. Tenho que urgentemente colocar ele em algum clube. É um desperdício de talento esse guri ficar de fora do futebol. Tem tanto cabeça de bagre jogando bola por conta do seu empresário, que seria uma judiaria esse desistir.

Diário de campo, 8 de janeiro de 2019.

O menino tinha um porte físico bom para jogar futebol. A estatura era mediana e a compleição física não era franzina. Era um jovem branco, de cabelos lisos e escuros com madeixas clareadas, que demonstrava grande desenvoltura na realização dos exercícios. O professor pedia para que os alunos arrumassem os equipamentos. As estações foram ajustadas e o treino começou. Eram duzentos polichinelos para começar o aquecimento. A turma era mista, no início eram uns 15 alunos, mas aos poucos iam chegando mais alunos. Alguns entravam de supetão na aula. Outros pararam junto a nós para alguns minutinhos de prosa antes de subirem para a caixa de treinos.

Pelo o que eu havia ouvido até o presente momento e por toda dedicação narrada, além do esforço que eu estava assistindo, pensei que Junqueira seria digno de ter uma melhor sorte no campo.

Nunca ganhei nada com esses meninos. Faço porque gosto e como um dever social. Talvez, algum dia eu seja recompensado por tudo que já investi nessa garotada. Mas não era a minha intenção. Se eu fosse apostar num dos meninos, para ser retribuído, eu apostaria no mais desengonçado.

Diário de campo, 8 de janeiro de 2019.

Sem me deixar perguntar o porquê sobre essa concepção para prospecção, logo

emenda com um exemplo.

O Yago era bem pequenino e magrinho. Quando jogava aqui na Pracinha era o pior do time. Mas ele tinha uma caixa cheia de medalhas e troféus do futsal. Levei ele para o Belenense, lá ele jogou de zagueiro, volante, lateral. Mas aqui ele jogava de centroavante. Por último, ele estava de zagueiro. Mas era visto como um zagueiro que errava muito. Estava ficando marcado por essas falhas. Zagueiro não pode falhar. Olha o Bressan. Se o Cebolinha não perde aquele gol contra o River, o Bressan ia assinar contrato de mais cinco anos com o Grêmio. Atacante erra não dá nada, mas se o zagueiro começa a ficar conhecido pelas falhas, a carreira acaba. Daí o Yago foi dispensado do Belenense e fui lá pedir mais uma semana para ele, só que agora de centroavante. Falei para ele joga lá na frente, agora você está grande e forte, quando você era pequeno e fraco jogava lá. Acredita em mim. Cara, o guri foi bem e ficou. O resultado está aí. Está de titular lá na Copa São Paulo. O Yago não sabia nem correr, ainda não sabe, mas está forte, com um porte bom. Só que agora estão chamando ele de centroavante consagra goleiro, porque errou aquele gol só ele e o goleiro. Mas isso não vai vingar. Vai ser goleador.

Diário de campo, 8 de janeiro de 2019.

O empresário pelo que percebi havia sentado ao meu lado para, durante aquela uma hora de tensões, sacrifícios, suores e dores, ficar de conversa. Muito falante, ficava palpitando a todo instante na execução das tarefas do treino. Contou-me sucintamente a trajetória de cada um. Alguns eu já conhecia do Belenense. Os que eu não conhecia, em sua maioria, estavam sem clubes ou prestes a entrar para um como no caso do Renato que estaria indo para o Botafogo do Rio de Janeiro e do Rogério que recém havia retornado do Uruguai e que iria para um clube do interior paulista.

Durante anos rodando pelas categorias de base nunca tinha ouvido falar no Junqueira. Mas havia algo de familiar nele. Ainda não sabia o que era. Junqueira deveria ter por volta de uns 60 anos de idade, cabelos brancos, estatura mediana - um metro e oitenta, compleição física média, tagarela e brincalhão. Daqueles sujeitos que fazem amizade fácil. Quando me fora apresentado como empresário, o lance que me prendeu a atenção foi a sua vestimenta. Até então, não conhecia empresário de futebol tão mal vestido. Não por ser em ambiente informal. Mas esses profissionais recusam-se a desfilar mal trajados em qualquer situação. A boa imagem, como outros interlocutores costumavam ressaltar, para os negócios se faz primordial.

Comecei por um breve instante a refletir sobre a sua postura, em relação aos seus malogrados negócios. Levianamente, pensei que os seus insucessos na área estariam correlacionados com o seu modo de vestir e talvez como o de falar. Junqueira era totalmente fora dos padrões se comparados aos meus outros interlocutores. Tanto no modo de vestir, como de se portar e do falar. Enquanto, os outros eram mais comedidos em suas palavras, vestiam-se sempre como se estivessem a ir a uma reunião e procuravam controlar no gestual, Junqueira fazia o avesso. Era a antítese de tudo. Era de um exotismo. Usava uma surrada

camiseta estilo gola polo de algodão, cor azul clara, uma bermuda escura batida e calçava gastas chuteiras de futsal, cor preta, da marca Topper. Nada normal se comparado com os meus interlocutores. Pois até mesmo nos momentos mais descontraídos, em que a situação possibilitava um traje mais casual ou esportivo, meus colaboradores sempre preferiam vestir roupas e tênis de marcas reconhecidamente caras. O que não parecia ser o caso do Junqueira. Além disso, durante o tempo que estivemos ali, seu celular não tocou nenhuma vez, não gravou nenhum áudio e nem ficou digitando conversas pelo *WhatsApp*. Ele parecia ser diferente dos outros empresários.

Apesar de Junqueira ser reconhecido no meio esportivo como empresário, oficialmente não poderia exercer a ocupação, ou seja, não poderia assinar papéis junto aos trâmites burocráticos de transferências ou reajustes salariais. Pois, para a Confederação Brasileira de Futebol, somente os cadastrados em seus sistemas, não importando se pessoa física ou jurídica, poderiam assim o fazer. Todavia, pelo perfil de seus atletas não era isso que eles buscavam junto ao senhor. Eles pareciam procurar o que parece ser mais crucial neste campo esportivo: a colocação e a recolocação no mercado futebolístico.

As condições econômicas do empresário naquele momento não seriam as melhores. Por causa disso, teria abdicado o direito de representar uma das principais revelações do Belenense nos últimos tempos. Além disso, a sua força junto aos clubes não pareciam estar na melhor das condições. Talvez, um contato ou outro ainda mantivesse. Mas pela as suas falas, já não teria a mesma *network* de outrora.

Olha só, o Paulinho Oliveira é meu parente. Ele está no Ceará. Nunca pedi para ele que levasse um menino para lá. Tenho um monte de atleta que está sem clube e não peço nada a ele. Acho que ele poderia me dar uma força nessa hora. Pelo menos para avaliar. Já levei menino para a Chapecoense fazer teste e voltou antes do tempo. Já levei para vários lugares. Eu tinha livre acesso no Zeca. Mas agora as portas foram se fechando. Não tenho muitas opções.

Diário de campo, 10 de janeiro de 2019.

Junqueira costumava fornecer as passagens de ônibus ou levar de carro aos treinos, alguma alimentação e material esportivo para que os jovens conseguissem manter-se nos clubes treinando. Contudo, não sabia até quando poderia bancar.

Já coloquei muito dinheiro e não tive nenhum retorno. Não sei até quando vou aguentar. Já coloquei muita grana no futebol. Já viajei com os pais por muitos lugares. Já levei meninos para teste na Chapecoense. Inclusive, o meu sobrinho (nascido em 2002) que era goleiro do Belenense. Era para ele ficar uma semana lá, e em dois dias foi dispensado. Quando saiu do clube Belenense, não queria jogar mais. Mas insisti.

Diário de campo, 10 de janeiro de 2019.

De imediato, lembrei-me do menino, associei os sobrenomes. Também, pelas redes sociais, que eram frequentes os "likes" por ele e os comentários elogiosos nas publicações desportivas do meu filho. Com o desenvolvimento da sua narrativa, fui compreendendo que a sua circulação estaria mais restrita às categorias de base do Belenense, local que a frequência de empresários era menor se comparado aos outros clubes profissionais de Porto Alegre, e ao Sul Brasil - equipe emergente no cenário gaúcho do futebol de base.

A maioria dos alunos que ingressavam à academia, antes mesmo de qualquer aceno para o Junqueira, comentavam sobre o belo gol que um dos seus ex-jogadores tinha feito no dia anterior na vitória (2 x 1) de virada sobre a Chapecoense na Copa São Paulo de Futebol Sub 20. Yago era o seu maior orgulho.

Ninguém apostava no Yago. Fui no Belenense e perguntei quem era aquele canhotinho, pequenino. Ninguém sabia me dizer. Até que descobri que ele não era canhoto. Estava treinando a batida. O guri não pegava time. Fui na casa da mãe dele, lá no Humaitá, para saber sobre o menino. Ele não ia todos os dias treinar. Não tinha dinheiro para a passagem. Ia uma ou duas vezes por semana. Perguntei se ela aceitaria que eu ajudasse o menino. Desde então passei a ser o seu procurador. Então, em 2014, levei para fazer teste no Alavense. Fez peneira e não passou. Disse, meu filho, joga na escolinha. Lá pelo menos você vai se manter jogando e vai crescer. Pagava tudo. Depois, voltou para o Belenense e está muito valorizado. Agora, ele está com o pessoal da LDJ, com o Ricardo Miranda, mas continuo sendo o seu procurador.

Diário de campo, 10 de janeiro de 2019.

Durante o treino, meu nome é gritado por um dos alunos. Era um velho conhecido, o Raquete, que estava a trabalhar como mecânico na empresa de transporte coletivo Trevo. O homem se aproximou de nós, evitando por um breve período os exercícios mais puxados, para relembrar sobre os tempos em que eu era treinador do time da vila: "Pô, e aquela vez que tu me levou para jogar de zagueiro na cidade de Guaíba. Baixei a lenha, ninguém passou por mim". Confesso que não lembrava, mas não tive coragem de dizer para o meu pupilo que estava todo empolgado a contar seus feitos. "Não deixei passar nada. Agora, estou jogando o municipal. Eu e o Capoeira na zaga". O Capoeira atualmente trabalha como cobrador de ônibus na mesma empresa de Raquete. O Capoeira foi um dos meus jogadores que seria impossível esquecer. Ele tinha uma boa estatura para a posição, uma boa compleição corporal, uma ótima técnica, talvez sua pouca velocidade para jogar num time profissional tenha impedido sua continuidade no alto-rendimento.

O treino funcional terminou e o material aos poucos foi sendo recolhido. Os alunos se deslocaram para fora da quadra. Permaneci ali, ouvindo as brincadeiras entre a turma. O Junqueira ficou ao meu lado, mas a nossa conversa estava interrompida e não houve uma

retomada. Credo que, pela situação do término da aula, não deveria me alargar mais na prosa. Tinha a consciência de que aquele tempo deveria ser reservado para os contradons aos seus pupilos.

Enquanto uma das clientes da academia se preparava para deixar o local, entrando em seu veículo, Junqueira, aos berros, pergunta: "Agora, já podemos beber uma cerveja?" A resposta, entre risos: "Claro, só marcar. Vamos agora?". Sem deixar que viesse a contrarresposta, emendou: "Que golaço do Yago, parabéns!", referindo-se ao gol marcado que foi escolhido como um dos mais bonitos da Copinha.

2.4. NO POSTO DA ZONA

De uma entrevista ao encontro etnográfico por acaso. Assim posso chamar o episódio a seguir. Tudo começou na segunda-feira, dia 2 de março de 2020, quando liguei para o Edmilson para saber qual era o seu paradeiro. Eu tinha o costume de ininterruptamente fazer esse tipo de manobra para não perder o contato. Sempre que me era possível procurava uma forma de arranjar uma saída exploratória. Naquele dia, eu precisava saber quando estaria em Porto Alegre para realizar uma entrevista. Se fosse necessário, eu estava disposto até mesmo viajar para Florianópolis. Contudo, eu estava com sorte. Edmilson estava em Curitiba e preparava-se para ir a Porto Alegre nos próximos dias para buscar uma camionete que acabara de comprar. Em princípio, havíamos combinado para o dia cinco de março. Só dependeria da resolução de alguns problemas familiares.

Na quinta-feira, dia cinco, Edmilson me enviou mensagem informando que se encontrava em Porto Alegre e que poderíamos gravar a entrevista no outro dia pela manhã na casa da sua mãe. Ficamos acertados para as onze horas.

Embora, estivesse marcada para o apartamento de sua mãe, foi somente, quando estacionei o carro no condomínio, rigorosamente, no horário marcado, que fiquei sabendo que seria no "posto da zona"²⁴ o nosso encontro. Deixei o carro no estacionamento do extinto supermercado Nacional e fui a pé ao seu encontro. Quando cheguei, Edmilson estava conversando por telefone com o gerente do Tuna Luso de Minas Gerais para acertar o adiantamento de luvas para o treinador Celso Marisco. Além disso, solicitava o pagamento do comissionamento do seu serviço pela negociação. Pelo o que pude entender a liquidação da dívida não precisaria ser à vista, o empresário aventado a possibilidade de parcelamento em

²⁴ Posto de conveniências frequentado pelos moradores do bairro no retorno das noitadas.

quatro vezes, desde que as datas fossem estipuladas e os prazos respeitados. Com um aceno de mão, pediu-me que esperasse mais uns instantes para dar-me a atenção.

No local, esperando por Edmilson, estava o produtor de eventos e de shows chamado Fabrício. Com a ligação encerrada para Belo Horizonte, emendou outro telefonema. Dessa vez, era um parceiro²⁵. A ligação tratava sobre a transferência do meio-campista Peixoto, do Pasadena/RS para o Bororó/RN. Depois de esperar alguns bons minutos, pude conversar com o Edmilson, mas sem antes fazer a formalidade de apresentar o seu amigo Fabrício. Edmilson parecia empolgado com a camionete que acabara de comprar. Ele ressaltava os detalhes da dirigibilidade, além da contenção de despesas em combustível por ser motor a diesel. "Agora, com o Ubaldo em Curitiba, vou fazer muito o trajeto de Floripa para lá. Vou estar toda hora lá, daí precisava de um carro confortável para dirigir. Além é claro de economizar gasolina".

Ubaldo, aparentemente, seria o seu melhor cliente, pois teria sido o que mais havia gerado lucros nos últimos tempos. Ubaldo de goleiro de seleção brasileira de categorias de base a dispensado do Internacional. Passou um ano sem clube até conseguir contrato com um time da região metropolitana de Porto Alegre, depois se transferindo para um clube emergente do sul de Santa Catarina, até ser contratado por clube de série A do Brasil para ser o terceiro reserva. Com sorte e dedicação foi alçado à titularidade, realizando um grande campeonato brasileiro. Se desempenho chamou a atenção de dirigentes de clubes italianos. Em 2019, seus direitos econômicos foram comprados pelo Galgo da Itália. Descontente, com a situação de reserva em sua equipe, depois de um ano em solo italiano, o goleiro pediu para que Edmilson conseguisse repatriá-lo. No Brasil, havia três clubes interessados na contratação de Ubaldo: um de Minas Gerais, um do Rio de Janeiro e outro do Paraná. Ubaldo foi para o Trobriandense Paranaense. "Os cariocas queriam fechar o negócio e ficavam se enrolando. Disse: estou indo para Curitiba, se vocês fizerem a proposta melhor no meio do caminho e vou até aí para fechar".

O assunto sobre o goleiro foi encerrado abruptamente, com o número de fechamentos²⁶ aumentando. Edmilson parecia estar mais interessado na resenha²⁷ no que havia tratado comigo. Tanto é que perguntou se eu não poderia enviar as perguntas pelo *WhatsApp*, pois achava que poderia elaborar melhor as respostas. Expliquei-lhe sobre o meu

²⁵ Suponho que fosse um empresário de futebol.

²⁶ Fechamento neste caso é um termo nativo que usa a analogia ao fechamento da roda antes do início dos jogos. Neste caso, fechamento seria amigos muito próximos, amigos bem íntimos.

²⁷ Na língua nativa, seria uma conversa informal entre amigos. Momento de descontração. Bate-papo.

desinteresse em respostas sofisticadas, haja vista, preferir muito mais a espontaneidade - porém, com aquela circunstância, já estava repensando sobre modificar a estratégia. Acenando com a cabeça entendeu, insistiu que não era sobre isso que estava a se referir e sim sobre alguma circunstância gravada que poderia complicar as suas relações com outros empresários. Por não ter freios na língua, Edmilson costumava falar tudo do jeito que surgia em sua mente e dessa forma tinha temor que alguma dessas suas autenticidades pudesse originar incômodos em seus aliados, "Tenho alguns empresários parceiros que podem não gostar do que eu vou dizer. Tem um que é bem neurótico. Tudo tem que ser bem certinho, senão ele surta. Imagina se ele lê e não gosta. Perco o parça²⁸". Entendendo a sua legítima preocupação, mostrei as perguntas que pretendia realizar. Ao todo eram em torno de seis. Meu interlocutor, ao ler a de número seis, disparou: "Viu, como vou falar sobre isso? Não tem como sem pensar um pouco antes. Não posso falar sobre esse negócio. Não era meu jogador, apenas auxiliei na idade dele para a Ucrânia. Mas vamos gravar. Liga aí".

Resolvido o litígio, liguei o gravador para iniciar a entrevista, quando chegou mais um fechamento. Era o empresário Charles Pinto. Charles era um empresário que iniciou a carreira através de Edmilson. Quando Edmilson trabalhava com o Tobias Barreto, indicou Pinto que recém havia desistido de jogar profissionalmente depois de rodar por muitos clubes do interior gaúcho. A entrevista nem havia sido iniciada e mais uma vez teve que ser interrompida por conta dos cumprimentos e das resenhas. Edmilson voltou-se para mim e indagou-me se poderíamos continuar. Um tanto constrangido, respondi que sim. Quando estava prestes a ligar o gravador, o interlocutor pediu-me para esperar mais um pouco, então se voltou para o Fabrício e perguntou se ele poderia entregar um pacote para uma amiga que estaria nas proximidades do *shopping* Iguatemi. Comecei a ficar insatisfeito com a situação, pois a cada instante era uma nova conversa ao telefone, uma troca de ideia, uma resenha nova, uma ida à loja de conveniências para pegar café e água, mas nada de poder ligar o gravador.

O telefone não parava de tocar. A cada ligação Edmilson indicava a sua localização e pedia que viesse encontrá-lo. Quando menos esperava, chegava mais um "parça". Naquela altura, eu nem sabia mais se iria conseguir ter a tal entrevista. De repente, uma camionete, cor verde oliva, avançou posto adentro vindo em nossa direção, freando bruscamente, vindo a parar a poucos centímetros de onde estávamos sentados. Todos, menos eu, colocaram-se a gargalhar. O motorista retirou o veículo do local e passou a procurar por uma vaga. Sem

²⁸ Termo êmico que se refere a parceiro.

conseguir estacionar, virou alvo de chacota. Pinto levantou-se e tripudiou: "se não sabe estacionar, tem que trocar e pegar um menor". Edmilson, aproveitando-se do festival de gracejos, bradou: "agora, só anda vestido de pepino para combinar com a cor da camionete". O homem, o qual depois fora identificado como Ricardo Neto finalmente conseguiu estacionar o veículo. Vestindo uma camisa polo verde bandeira, aproxima-se de nós e cumprimenta um a um. Antes do cortejo, olhou para mim e falou gargalhando que a brincadeira era só para atropelar o Edmilson, que não o levasse a mal. Em seguida, o rapaz se dirigiu a Edmilson e disparou: "quem falando, com bermudinha rosa floreada e de chinelo". O interlocutor respondeu: "algum preconceito? Eu moro na praia, estou indo agora para lá [risos]".

Ricardo Neto era um ex-empresário de futebol. Agora, estaria trabalhando com corretagem de imóveis. Ele havia ido de encontro ao Edmilson para repassar dois meninos que estavam chegando às divisões de base da dupla Gre-Nal. Neto explicou, sem pormenores, a situação dos meninos e como os garotos chegaram a ele.

Interlocutor Ricardo Neto

Bom, tu sabe que não estou mais trabalhando com futebol, mas as pessoas sempre me associam ao futebol. Parece que não tem como escapar. Estava no Amapá fazendo uns negócios e conheci um cara. Como ele sabia da minha situação, já me pediu que fizesse a mão. Tu me conhece. Não consigo negar e me lembrei que poderia te interessar. Vou ligar para o cara agora e te passo para te acertar com ele.

Diário de campo, 6 de março de 2020.

A chegada de Neto no local, como dito, fora para repassar dois meninos que estavam aportando ao Grêmio e ao Internacional. O Grêmio ficaria com o garoto de quatorze anos, vindo de Santa Catarina, enquanto o Internacional teria o de doze anos do Amapá. O primeiro ainda não tinha desembarcado. Teria que se apresentar para o Cristian com o exame de eletrocardiograma pronto. Já, o colorado estaria em um alojamento particular (menor de quatorze anos não aloja nas dependências alvirrubras) nas proximidades do Centro de Treinamentos Celeiros de Ases.

Depois de encerrada a conversa telefônica entre Edmilson e o responsável pelo menino do Amapá, meu interlocutor informou ao Ricardo Neto que não teria interesse na representação. Porque, além de ser muito novo - Edmilson costumava dizer que não trabalhava com garotos - havia ocorrido pedido de dinheiro em troca da representação, além de ter que bancar as despesas do menino em Porto Alegre. Em que pese muitos empresários trabalharem com essa condição, Edmilson sempre se mostrou contrário a esse tipo de

situação. Não seria agora que ele iria mudar a sua filosofia de trabalho. Sem interesse no amapaense, Edmilson voltou o focou para o menino do Grêmio e perguntou sobre a situação. Neto respondeu: "Ele é de Santa Catarina. Tem quatorze anos. Vai ficar alojado em Eldorado. Só falta fazer um exame. Se precisar buscar ele na rodoviária eu vou". Edmilson replicou: "Esse guri que é bom de cuidar".

Concluídas aparentemente as tratativas sobre os garotos, Edmilson foi receber a amiga que estaria próximo ao shopping Iguatemi. Dessa forma, Fabrício não iria precisar entregar mais o objeto. Enquanto, Edmilson conversava com a moça, Neto aproveitou para sentar ao meu lado e puxar conversa. Sem mais nem menos, o rapaz passou a narrar a sua trajetória no meio do futebol. O primeiro assunto que trouxe foi sobre a sua condição de ex-empresário de futebol. Confidenciou-me que teve vários clientes, muitos jogadores espalhados pelos mais variados cantos do Brasil. Inclusive, teria investido quase dois milhões de reais e não ter obtido quase nada de retorno. Contudo, dentre as decepções que o futebol pudesse provocar, a maior foi em 2012, ano que desistiu da carreira, com a negociação do Biro, quando ainda era jogador do Liverpool/RS. Na época, o técnico João Dutra não teria interesse em aproveitar o jogador no grupo. Então, o Zé Barros, gerente de futebol do clube, informou ao Neto que iria negociá-lo com o Montreal/GO. Neto não achava que fosse um negócio bom para a carreira de seu cliente, por isso não aceitou. Como havia interesse do Real Capivari/RJ e do Progresso Cearense/CE, achava que desses clubes daria maior visibilidade. Ainda, os dois clubes estavam dispostos a pagar salários mais altos do que o Liverpool/RS havia pagando, algo em torno de 40 mil reais por mês com as luvas²⁹ embutidas. A proposta dos cearenses era de salários na casa dos 100 mil reais e mais luvas de 200 mil reais. Enquanto, a oferta feita pelos cariocas giraria em torno dos 60 mil reais, com luvas de 100 mil.

Interlocutor Ricardo Neto

O Biro disse que não iria para o Progresso por causa da sua relação com o Villa Real. Então, pensei ganho menos, ele ganha menos, mas vai para o Real Capivari. Procurava o Zé Barros e ele não me atendia. Tinha esquema dele com o Montreal. Até que um dia fui até o hotel que ele estava hospedado. Ele não gostou de me ver lá. Mas disse para ele: qual é tu nunca pode me atender, que precisava resolver a situação e a hora era aquela. Me enrolou mais uma vez e nada. Sai de mãos abanando.

Diário de campo, 6 de março de 2020.

Antes de continuar, faz-se necessário ressaltar sobre as circunstâncias. A primeira a

²⁹ É um valor oferecido ao jogador no início do contrato. Ele pode ser pago de uma só vez ou em parcelas mensais junto com o salário.

condição de apresentar-me como amigo dos seus amigos, além de exibir que naquele momento estava como pesquisador a espera de uma entrevista. Pois, como lecionam Ana Luísa Rocha e Cornélia Eckert (2013), as pessoas devem estar cientes, sobretudo, da intenção do pesquisador. Ao final de nossa conversa, expliquei sobre o estudo e perguntei se poderia publicar o conteúdo, resguardando o seu anonimato e dos agentes envolvidos na sua narrativa, caso fosse necessário para esta dissertação. Segundo, o meu contato com o Neto poderia ser classificado como obra do acaso, em cima do não programado, se não estivesse, como ensina Pinheiro-Machado (2009), pautado na premissa da obra da própria situação do trabalho de campo que eu me propusera. Credito isso ao que poderia acontecer em qualquer lugar, quando se propõe ao andar etnográfico, como sugere Hélio Silva (2009).

Conforme Ricardo Neto, alguns dias depois, o pai de Biro cruzou por ele no estacionamento do estádio Bem-te-vi acompanhado pelo diretor de futebol do Liverpool/RS. Ao voltar, o pai do jogador, ao se encontrar novamente com Neto, deu-lhe uma tapinha em suas costas e sentenciou: "Você é fraco. Agora, sou eu que cuido da carreira do meu filho".

Interlocutor Ricardo Neto

Fiquei sabendo logo em seguida que ele acertou pela metade a dívida com o clube. Tu vê só. O Biro tava fodido lá no Galópolis. Estava indo para o Corinthians onde não ia jogar. Ninguém consegue jogar no Corinthians. Consegui trazer ele para o para cá com um bom salário. Mas eu sabia que o pai dele era uma raposa velha. É daqueles que tu saca logo que é ligeiro, que não dá para confiar. Então, eles foram numa quinta-feira para o Nordeste, se hospedaram naquele hotel bem localizado à beira-mar. Eu fui para lá na sexta-feira ou no sábado. Não lembro bem. Fizeram o negócio. Procurei o pessoal do Progresso e disseram que não tinha nada comigo. Que não deviam comissão. Pô, o cara não queria ir para lá por causa da identificação com o Villa Real, depois vai para lá e me ferra. Eu queria mudar o fardamento do Villa Real e eles me disseram que não, que eu havia feito sacanagem com eles, que tinha levado o Biro para o Progresso. Tive que mostrar as mensagens e o contrato sustado pelo o pai dele para poder fazer negócio. Depois acertaram com outro empresário e agora nem mais é o mesmo empresário.

Diário de campo, 6 de março de 2020.

As dificuldades apresentadas na narrativa de Ricardo Neto coadunam com as informações que os meus interlocutores empresários costumavam evidenciar em suas falas sobre este campo futebolístico. Normalmente, se referiam a um lócus de traiagem³⁰, em que raramente se faziam amigos, apenas negócios.

Neto pediu-me licença para acertar os últimos detalhes com o Edmilson em relação ao menino que estava para chegar à cidade. Depois de feito o último ajuste despediu-se de todos

³⁰ Termo nativo que denota traição e infidelidade.

com um aceno de mão quando ainda estava a embarcar em sua camionete. Edmilson, após irritar-se com o teor da última ligação telefônica, soltou o celular e desabafou:

Empresário Edmilson

Esse meio é difícil. É muita patifaria. É tudo esquema. Só jogam os amigos. Não é o melhor que vai estar em campo. É o jogador do técnico, é o jogador do dirigente. Acho que a culpa não é só dos empresários. Tem muita coisa errada. Tu está acertado com o clube e daqui a pouco não tem mais nada. O que eu aprendi nesse meio é que não adianta ter pressa. As coisas vão acontecer quando tiver que acontecer. Eu estava negociando e o Wanderes queria contratá-lo. O São Lucas queria. O Ajax queria. Mas daí apareceu o Trobian com o interesse. Deixei de negociar com o São Lucas e o Ajax Mineiro para acertar com o Wanderes. Quando o Trobian veio com a proposta liguei para o Lafonte do Wanderes e ele me pediu mais uma semana. Cara, não tem mais como esperar. Estou indo a Curitiba, se me mandar, se quiser me mandar o contrato no meio do caminho que seja rápido, daí nós fechamos. Mas estou indo fechar com eles.

Diário de campo, 6 de março de 2020.

O desabafo referia-se à negociação do goleiro Ubaldo. Edmilson explicou que os clubes acima tinham interesse na contratação do arqueiro, mas que não se definiam nunca. Quando estava tudo acertado com o time paranaense, o diretor carioca Lafonte queria que esperasse mais uma semana para fechar a transferência. Edmilson então teria tomado a decisão de acertar com o clube do Paraná.

Sem as melhores condições de realizar a entrevista, mas com uma experiência etnográfica incrível - Magnani (2009) descontínua e imprevista -, dei-me como satisfeito, em não ter realizado a prática etnográfica programada. No entanto, Edmilson sabia que tinha um compromisso para comigo. Então, ele me propôs que fizéssemos no caminho até a loja onde iria buscar a sua camionete recentemente adquirida. Naquela altura, achei que seria uma boa oportunidade. Mas de fato aconteceu. A todo o instante havia chamadas para o seu telefone. Nessa condição, disse a ele que poderíamos realizar em outro dia, até mesmo por telefone. O interlocutor respondeu que poderia ser. Enquanto passávamos em frente ao colégio Marista Ipanema, Edmilson começou a filmar a reforma da escola. Seus filhos estudaram lá até antes a se mudarem para Santa Catarina. Em seguida, ligou para a sua esposa perguntando o que achou do vídeo. Ao fundo, ouço a sua esposa responder que estava ficando lindo o colégio com a reforma. Ligação encerrada, Edmilson então se virou para mim e disse que não estava fácil a vida. A sua fala relacionava-se ao primeiro ano quando deixou de ser empregado de um empresário para colocar o seu próprio negócio. Falou que naquele tempo passou muita dificuldade, mas que aos poucos foi conseguindo fechar alguns contratos o que possibilitou continuar no empreendimento. Conforme o meu interlocutor, se no primeiro ano não desse certo, teria que arrumar outro trabalho para fazer. Mas que não voltaria de empregado para a

sua antiga empresa.

Empresário Edmilson

No primeiro ano, eu passei muita dificuldade. Não tinha como me manter. Trabalhei duro. Mas vi que não adianta acelerar. As coisas vão acontecer se você estiver fazendo o que deve ser feito. Não adianta forçar. Estou pensando em fazer algo além do futebol. Tenho uns terrenos e penso em construir uns apartamentos para Airbnb³¹. Não tenho como me aposentar. Então seria um negócio para o futuro. Tenho uns terrenos em Floripa. A minha casa aqui está alugada. Não dá para ficar rico, mas é uma renda.

Diário de campo, 6 de março de 2020.

Em relação à entrevista, acabei enviando no mesmo dia as perguntas por *WhatsApp*, sendo que retornou com as respostas somente no dia 9. Acredito que as questões apresentadas no dia do encontro possam ter produzido o desconforto e o desinteresse por parte do meu interlocutor. Por isso a demora de três dias para áudios tão sucintos. Como apontam as antropólogas Rocha e Eckert (2008), muitas vezes a preocupação desmedida com a estrutura de uma entrevista dirigida, acaba transformado-a em questionário, o que de certo jeito fora o que ocorrera.

2.5. A REUNIÃO NO OUTBACK

Era começo de noite, segunda-feira 19 de novembro, quando percebi que meu celular estava a tocar. A chamada era de um dos meus interlocutores, o Edmilson. Atendo e a voz forte, beirando a um grito, uma de suas tantas peculiaridades, diz que era para eu, juntamente com o Fernando, ir até o Outback do Shopping Barra Sul, local em que estava com uns amigos jantando. Antes que eu pudesse esboçar qualquer tipo de resposta, avisa que estava retornando para Florianópolis naquela mesma noite e que teria um material para entregar para o Fernando. Portanto, era imprescindível a minha presença no restaurante. Apenas, avisei que, em 20 ou 30 minutos, estaríamos chegando.

Durante a minha jornada investigativa, quase sempre fui o responsável pelas provocações dos encontros etnográficos. Eu ligava para os colaboradores solicitando entrevistas, visitas, enfim, essas coisas. Nesse caso, mesmo que a situação não pudesse ser relativamente considerada como um convite pelo meu interlocutor com a finalidade antropológica sabia que deveria aproveitar para a pesquisa. Aparentava ser uma condição ideal para uma observação participante, haja vista, aquela circunstância habilitava a condição,

³¹ É um serviço online comunitário para as pessoas anunciarem, descobrirem e reservarem acomodações e meios de hospedagem.

o ensejo e a oportunidade, como diz Hélio Silva (2009), que o etnógrafo deve tornar favoráveis à obtenção dos dados e informações pertinentes.

Edmilson estava em Porto Alegre desde o domingo, quando veio assistir ao jogo do Grêmio contra a Chapecoense na Arena OAS, ao lado de representantes de um clube italiano, que estaria interessado em um dos seus clientes. Chegando ao local, no horário estimado, encontro Edmilson numa mesa bem centralizada, acompanhado de mais três amigos. De imediato, reconheço dois deles. Um era o Souza, ex-jogador, que se formou e profissionalizou-se no Internacional. O outro era o Nascimento que também atuou como atleta pelo time colorado, na década de 1990, vindo de um time do interior paulista. O terceiro não conhecia mesmo. Souza estaria trabalhando como empresário. Nascimento estaria morando em Porto Alegre junto com o seu filho Cesinha centroavante à época da equipe Sub-15 do Alavense.

Somos recebidos pelo Edmilson e apresentados aos demais: "esse é o Neco, meu fechamento, e o filho dele Fernando, que jogava com o Cesinha no Alavense. Nascimento, Souza e Richard". Além disso, Edmilson perguntou em como estava a situação da minha dissertação. "Como está a sua pesquisa?" Após as apresentações, aproveitei o ensejo para explicar sobre o conteúdo e os protocolos éticos e a condição de anonimato dos colaboradores da mesma, se eles teriam alguma restrição para que fosse usada as suas falas e descrições daquele momento. Com o consentimento de todos, sentei-me junto a eles, colocando o meu celular com o gravador ligado ao centro da mesa.

Na televisão, estava passando o jogo entre Fluminense e Ceará. Partida que valia pontos para a manutenção na série A do Campeonato Brasileiro. O jogo interessava ao meu colaborador, pois possuía dois clientes, um em cada time. No Fluminense, o seu atleta estava como reserva, o que lhe causava alguma indignação. "Este time caído e o Rudimar no banco. Depois cai e não sabe por que". A sua manifestação fez coro aos demais. Todos concordavam com a sua interpretação. Nascimento foi ainda mais incisivo: "time morto, sem qualidade. Não é porque está caindo o mundo, chovendo tudo, que estão nesta nhaca. Não jogam nada já faz um bom tempo mesmo".

Edmilson perguntou se queria beber algo. Respondi que não poderia, pois teria que voltar dirigindo para casa. Então, pediu um suco de laranja para o Fernando e mais um chope para ele, sem cortar a conversa ao celular. A maior dificuldade de se manter qualquer tipo de diálogo era exatamente por essa condição. A todo instante era uma ligação nova ou múltiplas respostas digitadas ou gravadas via *WhatsApp*. Nem eu, nem os seus acompanhantes

conseguiam conversar por mais de três minutos com Edmilson sem que o diálogo fosse interrompido por uma chamada. As nossas conversas ocorriam por intermitências, durante as lacunas telemáticas.

Como a conversa não se desenvolvia, restava voltar a atenção à partida pela televisão. Era o último jogo que fechava a rodada 35. O interesse ali estava na parte de baixo da tabela. Edmilson tem clientes nos dois times. Para ele, o empate seria um excelente resultado. Era um jogo feio. O gramado encharcado pela chuva que caiu no Rio de Janeiro enfraquecia o volume de jogo. As duas equipes mostravam uma performance, que dificilmente uma conseguiria transpor a defesa para anotar um tento. Eram raras as chances de gol, essas quando surgiam eram desperdiçadas. Diante disso, Souza, com a expertise de ter atuado profissionalmente, foi adjetivando o futebol apresentado como precário: "Olha, o Fluminense com esse futebol não chega a lugar algum. Tem que se cuidar para não cair. Esses jogadores não correm, não se esforçam, tem algo de muito anormal. Devem estar sem receber". Edmilson, num dos raros momentos afastado de seus bate-papos por telefone, acrescenta: "Sem dinheiro, fica mais complicado. Eles estão com cinco meses de salários atrasados e três meses de direitos de imagem sem pagar. Mesmo se não caírem, não vão conseguir montar time para o ano que vem". Naquele instante, em minha mente se cristaliza as falas e os discursos conspiratórios sobre a falta de empenho dos atletas quando não têm seus salários em dia. Clubes grandes caem quando são mal administrados, sem recursos financeiros para honrar seus principais compromissos, sendo que a remuneração dos jogadores está nesse rol.

Como Edmilson estava naquele momento se fazendo mais presente nos nossos assuntos, aproveitei para perguntar, algo que parece ser tão óbvio, se essa condição de não pagarem os salários isso impactava no seu trabalho. Sem perder muito tempo e nem escolher as melhores palavras, em fração de segundos, coçou a cabeça, olhou para os lados, pegou o seu copo, tomou um gole e, com certa angústia no semblante, disparou:

Empresário Edmilson

Nossa! Muito. Influencia diretamente no desenvolvimento do meu trabalho. Preciso do dinheiro para desenvolver a carreira de todos. Até agora não recebi a comissão quando levei o Rudimar para lá. Fica complicado. Posso ano que vem levar para outro clube. Dois já me procuraram. Lá, também há a chance de permanecer por ser maior que os outros. Mas sempre dou preferência para o que já está. A não ser que seja um maior ou um que esteja pagando certinho. Pode parecer que vivo para ganhar dinheiro de jogadores. Mas não. Trabalho assim. Eles acham que somos um bando de exploradores. Tenho que me capitalizar de um lado para manter os do outro. Levo uma vida simples na Ilha. Ando de bicicleta. Viajo de ônibus. Sou simples. Mas também não sou bobo. Quando faço um acordo é para ser cumprido. Eu faço a minha parte. Só que os clubes brasileiros estão quebrados. Tirando Grêmio, Palmeiras e Flamengo. Está difícil de receber. Os caras nos procuram, querem porque querem o jogador. A gente ajeita as coisas para ficar bom para todo mundo. Daí quando é para pagar nos deixam

na mão. A gente sempre abre mão de um monte de coisas para facilitar, mas os caras não se ajudam. Não pagam os que já estão e vão lá e contratam uns caras que vão ganhar muito mais. Como é que fica a cabeça do jogador? Ele pensa que também é um bobo.

Diário de campo, 28 de novembro de 2019.

Passada a resposta em tom de desabafo, que obtive a concordância de todos, as conversas passaram a se desenvolver mais no grupo e menos nos telefones. Apesar de Edmilson atender muitas chamadas, os outros também, em um menor volume, conversavam em seus *smartphones*. O único que não desviava os olhos da tela do celular era o Fernando. Passou quase todo o jantar conversando pelo *WhatsApp*. Enquanto isso, eu ficava só observando.

Em seguida, mais distantes de seus aparelhos, o assunto passou a ser sobre os seus representados. Sobre as condições contratuais com os clubes, além de algumas projeções de transferências para o ano que se avizinhava. Edmilson queria saber sobre a situação de um atleta de Souza que estaria nas categorias de base do Fonte Nova. Souza, por sua vez, respondeu: "O guri não tá treinando, disse que não quer mais. Parece que tá em casa. O clube não quer liberar. Enquanto isso fica recebendo somente a bolsa formação". Edmilson, com um tom de espanto, replicou: "Vai parar de jogar ou não quer mais lá? Qual a situação do garoto? O que vocês estão pensando para ele?" Souza devolveu: "Não quer mais ali. Ficou chateado de ter sido pouco aproveitado no ano. Já conversei com ele. Vou tentar levar para outro lado. Ali, na real, não tem mais como". Ato contínuo, Edmilson lhe adverte: "Presta bem atenção. Desse jeito, ele não vai jogar em lugar nenhum. Toda vez que for contrariado, vai fazer isso. Tem que conversar sério com ele. Botar na mesa. Assim não vinga e tu fica perdendo tempo". Souza acena com a cabeça demonstrando a sua anuência com a circunstância. "E aquele menino sub 23 vamos encaixar ele onde?", pergunta Edmilson. Souza, sem se lembrar de qual se tratava, questiona: "Qual jogador?" Edmilson busca reavivar a sua memória: "O centroavante do Inter". Souza prontamente recordou e respondeu: "vou fazer uma parceria com outro empresário para colocar num lugar melhor".

O primeiro tempo da televisão encerra-se. Richard aproveita o momento, e anuncia que está de partida. Nesse momento, Edmilson lembra que tem o material para entregar para o Fernando. "Vai lá no carro e dá para ele escolher um par". Fernando vai com Richard até o estacionamento para pegar o seu regalo. Ao retornar, mostra-se todo faceiro com o presente nas mãos. Edmilson faz uma breve advertência: "Te liga, guri. Larga de mão essas gurias. É bom? É. Mas tudo tem sua hora, lá adiante você vai poder escolher. Agora, só vai atrapalhar".

Fernando de cabeça baixa, não disse nada. Apenas balançava a cabeça como se estivesse concordando.

Começa o segundo tempo, Edmilson pergunta se mais alguém quer beber. Ele pergunta a garçom se tem cerveja puro malte. Com a negativa, pede outro chope. Souza e Nascimento também pedem chope. Eu e Fernando agradecemos a generosidade, mas recusamos a oferta desta vez. Edmilson conversa ao telefone sobre a transferência de um cliente para algum clube do Nordeste. Souza, ao final da ligação, pergunta se era o zagueiro que ele estaria levando, a resposta foi afirmativa. Quando percebi que o assunto, sobre transferência, realocações, parcerias e negociações estavam se encerrando aproveitei para conduzir o tema para outro mote, que no presente me interessava. Indaguei, aos ali presentes de fato e de alma, se sabiam sobre as intenções da FIFA em modificar a regulamentação dos intermediários. Se eles tinham alguma notícia sobre novas alterações em relação ao trabalho dos empresários. Edmilson, ao telefone, não prestou atenção à minha provocação, travestida de interrogação. Eu queria aproveitar o momento ao máximo. Pois eram raros os encontros com este interlocutor, ainda mais acompanhado de outros atores com excelente bagagem no campo esportivo. Eu estava naquele encontro etnográfico, como entende Hélio Silva (2009), participando, observando e, sobretudo, afetando e sendo afetado, exercendo influência, e sendo influenciado pelos Outros. Com ares de espanto, Souza e Nascimento negaram saber qualquer coisa a respeito do assunto. Eles não tinham ideia de uma reforma na regulamentação. Muito menos que a FIFA estaria instituindo alguns fóruns internacionais para a discussão do tema. Dessa forma, achei de bom tom, explanar em linhas gerais o que estava ocorrendo. Após a minha breve e superficial explicação, permaneceram incrédulos. Nascimento, demonstrando contrariedade, foi o primeiro a se manifestar:

Interlocutor Nascimento

Não vai mudar em nada. Na prática, fica tufo igual. Atinge os empresários pequenos. Continuará como está. Tu acha que o pai do Neymar virá ao Brasil para fazer provinha para ser agente FIFA? Não vai. Ele paga um advogado para discutir o contrato e deu. Esse é um cara que não tem isso daí. Serve para o Souza, para o Edmilson. Mas para os cobras criadas não. Vão continuar ganhando dinheiro e a FIFA perdendo tempo.

Diário de campo, 28 de novembro de 2019.

Pela lógica exposta, não havia como discordar. Pois, para mim, nesse nexo mercantilista, de poderes simbólicos, de prestígio e de reputação, existem agentes privilegiados pelas suas disposições relacionadas à força dos seus clientes. Nesse sentido, concordei com o arrazoamento na questão sobre o pai do Neymar não ser afetado pelas

proposições da FIFA.

Já eram mais de vinte e duas horas, o jogo na televisão havia terminado empatado. Edmilson precisava embarcar. Souza e Nascimento se comprometeram em levá-lo até o terminal de embarque. Agradei a todos pela oportunidade.

2.6. A COMPRA DA PROCURAÇÃO

Novembro de 2020 - como meio de garantir o sigilo dos envolvidos, suprimi o dia do mês. Até esse tempo, para mim, as relações profissionais entre empresários, pelo menos nas que tive a oportunidade de acompanhar nesses anos de investigação, sempre foram impregnadas de distinções e de agrados. Era exatamente isso que o campo vinha me ensinando. Que os empresários eram opostos ao que os jornalistas dos diários esportivos os acusavam - eram nocivos ao futebol³². Não me recordo de alguma discussão ou qualquer tipo de desentendimento entre eles - apesar de sempre escutar de meus interlocutores que eles em sua grande maioria somente se toleravam. Os empresários, durante este meu percurso, sempre me passaram a impressão de serem *gentleman* muito éticos. Nos encontros que eu participei sempre se tratavam muito bem. Outra questão interessante a ser ressaltada era a forma como se tratavam quando se encontravam. Observei que nas chegadas aos eventos, eram rasgados elogios de todas as espécies e os abraços eram alongados. Essas disposições me remetia uma noção de fraternidade. Pois, nos encontros, o tratamento de "irmãos" entre eles eram constantes.

Essa noção de fraternidade perdurou até o dia em que tive um encontro com o empresário Edmilson. Naquele dia, meu interlocutor estava transparecendo uma espécie de aborrecimento. Não estava "gritão" como costumava ser. Nem tampouco eloquente, uma das principais características, a meu ver, de sua personalidade. Edmilson estava mais comedido em suas palavras. Aparentava que algo estava lhe importunando. Fiquei em dúvidas se deveria entrevistá-lo. Temi em chateá-lo ainda mais com as minhas xeretices. Para quem não sabe é um esforço hercúleo arrancar informações dessa gente.

Como não poderia perder a oportunidade - afinal, não era sempre que ele estava em Porto Alegre e, ainda por cima, sem um bando de gente em sua volta, nunca havia conseguido até aquele momento uma entrevista em que estivesse somente ele e eu - e essa seria realmente

³² PL Brasil: Clubes ingleses querem diminuir quantias a empresários: "Roubando dinheiro do futebol". Disponível em: <https://www.goal.com/br/not%C3%ADcias/pl-brasil-clubes-ingleses-querem-diminuir-quantias-a-empresarios-/1g4o2xwbbett1ehle4od8x0mo> . Acesso em: 09 ago. 2020.

o último encontro para esta pesquisa, dessa forma, resolvi arriscar: Edmilson, vejo que tem algo te incomodando, que abrir comigo? O homem levantou a cabeça, me olhou nos olhos, suspirou e disse:

Interlocutor Edmilson

Cara, esse mundo do futebol é cão mesmo. Ninguém se respeita. Ninguém é amigo de ninguém. Esse papo de fechamento entre empresários é bem pouco. Tu pode contar nos dedos os que agem com ética. Eu trabalho com isso por dinheiro. Mas não sou louco por dinheiro. Eu quero sempre o melhor para mim desde que não prejudique ninguém. Mas tem empresários que não estão nem aí. São umas raposas. Eles vão lá e compram a procuração.

Diário de campo, novembro de 2020

Nesse momento, observando que emergiam informações importantes para a pesquisa, pensei que estímulos para o assunto permanecer em pauta seria importante. Até então, poucas vezes eu havia conseguido dar seguimento a este tipo de tema. Sempre que isso surgia do campo, os empresários procuravam esvaziá-lo. Talvez, a meu ver, isso fosse fruto de algum tipo de receio em que essas informações viessem a público, o que poderiam comprometer as relações ou, por sua vez, ratificar a crença de que os empresários são seres não confiáveis.

Antes de dar continuidade às minhas perguntas, fiz questão de lembrar o meu interlocutor sobre os princípios éticos da pesquisa e o compromisso firmado lá atrás sobre a confidencialidade e o sigilo de sua identidade, bem como das pessoas envolvidas. Depois de repassados esses princípios, indaguei-o sobre uma notícia que eu havia lido no dia anterior da chegada de um cliente que até então era seu à empresa do seu ex-patrão, o Barreto.

Interlocutor Edmilson

Walter, assim: o Geraldo recebeu uma proposta de 800 mil reais para assinar com o Barreto. Então, ele me ligou dizendo isso. Eu disse: 'cara, vai com tudo. Não deixa passar essa oportunidade. Tu é um treinador em ascensão e tem que se valorizar'. Então, me mandaram o contrato e eu fiz algumas alterações para ficar bom para o Geraldo. Eu não ganhei nada. Não levei nem um centavo. Não fiquei com nenhum ressentimento com o Geraldo, porque ele quando eu comecei veio comigo. Trabalhamos juntos e eu e ele crescemos muito juntos. Só tenho a agradecer a nossa parceria. Ele é um amigo que confiou no meu trabalho. Mas o futebol é assim. Os caras compram a procuração. O Geraldo está supervalorizado no mercado e o Barreto se pagou 800 mil, provavelmente, vai vender para outro pelo o dobro. Para mim, por um lado, até que ficou boa a saída do Geraldo. Agora, posso colocar jogadores no time que ele está treinando sem sermos acusados de agir com falta de ética. Antes não dava. Mesmo que ele tivesse interesse em um jogador da minha empresa sempre ia ficar a margem de dúvidas, agora dá. Outra coisa, o Barreto assediou cliente meu, assim ele [Tobias] não vai poder se queixar de ter os seus [jogadores] assediados. Mas eu conheço ele bem. Sei que ele trabalha assim. Esse foi um dos motivos de eu ter saído da empresa dele. Eu vivia apagando incêndio que ele provocava.

Diário de campo, 15 de dezembro de 2020.

Dentre os meus interlocutores do rol dos empresários, Edmilson sempre se mostrou mais aberto de apresentar as entranhas do campo. Em algumas ocasiões me convidou para participar de reuniões de negócios. Infelizmente, por questões burocráticas, não foram possíveis de acontecer. Contudo, as informações sempre foram de grande valia acerca do mundo dos empresários. Compreender a lógica profissional dos empresários a partir das páginas de jornal fora o que muitas vezes me restou. Edmilson permitia que eu, assim como preconiza Magnani (2002), acessasse o campo mais de perto e em muitos casos de dentro. Através de Edmilson, pude compreender melhor as relações através do convívio em diversas situações. Em comensalidades, em momentos de descontração, em festividades, entre outros. Edmilson possibilitou-me a entender como eles são ora observando, ora ouvindo. Foi através justamente desse jogo que consegui aprender um pouco mais sobre eles.

2.7. NO ANIVERSÁRIO DA LETÍCIA

Interlocutor Pablo

O Pinto é só mais um funcionário do Barreto. Ele não é empresário. Ele nem cuida direito do guri. Nem procura nada para ele. O certo era o Barreto cuidar. Mas ele tem muitos jogadores, daí coloca o pessoal a fazer isso. Mas eles não fazem. Eles não ligam para saber como o menino está. O tempo vai passando e para o Gersinho é importante esse tempo. Para eles não. Tanto faz. Se não der certo com ele tem muitos outros para ganhar dinheiro. Olha aí o Pinto de Cherokee e nem é empresário. É apenas uns dos braços direitos. O Barreto disse se o Gersinho até os 20 anos não conseguir ser jogador, ele vai trabalhar com ele. Digo isso para ele [Gersinho]. É muito melhor do que ganhar mil reais por mês como jogador. Mas ele não quer nem saber, quer jogar. Falo para ele virar empresário. Ele nem quer escutar sobre esse assunto.

Diário de campo, 30 de março de 2019.

Corriqueiramente, os pais empenham-se para que seus filhos tornem-se jogadores de futebol de sucesso. Não conheci em minha vida e muito menos durante a pesquisa, algum familiar que empreendesse qualquer tipo de esforço para que não fosse dessa maneira. Não que não sonhassem em que o filho ficasse rico e retribuísse o esforço através de uma melhoria estrutural de vida. Pelo que eu conhecia o Pablo, pai de Gersinho, era assim que ele pensava. Não media esforços para que o menino se formasse jogador, desde que o retorno financeiro fosse interessante. Entretanto, Pablo com o passar dos anos ficava cada vez menos confiante. Com a idade do seu filho avançando, começava achar que a saída seria o filho trabalhar como funcionário do seu atual empresário. O trecho extraído no início aconteceu ao final da festa de aniversário da irmã de Gersinho. Evento que toma centralidade nos próximos parágrafos.

Naquela noite, encontrei dois agentes de um grande empresário de Porto Alegre, o Barreto. Cabe frisar que mesmo eu conhecendo os dois há anos, não os utilizei como meus

interlocutores diretos para esta pesquisa. Outra coisa, preferi colar o recorte que estava no final do meu diário de campo logo no começo desta seção como meio de tensionamento. Eu poderia simplesmente optar por uma narrativa linear, ouvida e, obviamente, escrita, como sugere o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira (1996), e deixar provavelmente o leitor entediado. Acredito que essa composição valha mais para a compreensão dos emaranhados do futebol, atravessado por uma lógica econômica.

Há alguns dias, havíamos sido convidados (eu e o Fernando, meu filho) para irmos ao aniversário da Letícia, irmã de Gersinho, enteada de Pablo. A festa era de trinta anos e estava marcada para o salão de festas do condomínio de alto padrão, no bairro Ipanema, em Porto Alegre. Vamos ao festejo. Chegamos ao local, um pouco depois do horário combinado. Eram 20 horas e poucos minutos. No salão, havia poucas pessoas. Além da mãe da anfitriã, estava o padrasto Pablo, seu irmão Gersinho e as filhas de Letícia. Já se encontravam alguns amigos de Letícia. Fomos apresentados aos outros convidados e nos oferecidos uma mesa bem localizada. Logo em seguida, dois convidados que mal haviam chegado e vieram em nossa direção antes mesmo que fossem recebidos pela aniversariante. Para surpresa da aniversariante, a gente já se conhecia. Eram o Charles Pinto e o André Ferraz. Os dois rapazes eram funcionários da empresa TBB Sports - um dos maiores escritórios do Sul do Brasil em gestão de carreira de atletas. Mesmo escritório que cuidava da carreira do Gersinho. Letícia os colocou na mesa ao lado da nossa para que a gente pudesse manter o diálogo. Não demorou muito fui chamado para sentar junto a eles. Pois viram que eu acabara de ficar sozinho em minha mesa quando convidado pelo Gersinho para ir à sala de jogos, Fernando deixou-me sem companhia.

Aceitei o convite e sentei junto a eles. Com a minha chegada à mesa, o André passou a relembrar os tempos em que eu fui treinador dele nas categorias de base do Porto Alegre e de quando ele foi para a Bolívia trabalhar como treinador de goleiro em Santa Cruz de La Sierra.

Interlocutor André

Não fiquei um mês na Bolívia. Fui como preparador de goleiros. Fiz estágio no Internacional para pegar alguma experiência. [risos] no Inter, não toquei um dia em bola. Daí lá queriam que eu aprendesse o idioma local. Ah, para! Os goleiros que tinham que aprender a minha língua e a jogar no gol. Não eu. Eu olhava uns vídeos no *YouTube*. Não sabia nada. Só chutava bola neles e cruzava. Quando eu estava bem, resolvi ir embora. Pensa numa precariedade. Não tinha vestiário, nem nada. Isso que o clube era uma das melhores estruturas. Mas a cidade é um caos. Pensei que só viria isso nos filmes. Os táxis, para eles, quanto mais velhos, melhor [risos]. Fui embora sem receber. Mas só conseguir embora de lá já valia. Ô país de gente feia.

Diário de campo, 30 de março de 2019.

Em seguida, emendou com a ida para a base do Pelotas por indicação minha. Naquele momento, comecei a recordar das incursões do Mauro Myskiw (2012) que costumava fazer imersões de campo nas festas, nos churrascos, da várzea porto-alegrense, para coleta de dados. O meu dilema estava em tornar aquilo em momento etnográfico ou relaxar e curtir o aniversário e as companhias. Recém havia lido o texto de Marisa Peirano "Etnografia não é método" (2013), recordei-me de um de seus ensinamentos que a pesquisa de campo não tinha momento certo para começar e nem para acabar. Nesse sentido, mesmo que a minha presença naquele ambiente era em decorrência da amizade com a aniversariante, tive o espírito pesquisador provocado. Esses tipos de rituais se constituem em artefatos eloquentes sobre sociedades. Portanto, mesmo que, em princípio, ali estivesse para a fruição, de comensalidade, não poderia deixar a oportunidade escapar. Era uma janela de um andar alto que estava a se abrir.

Depois de rememorar os feitos na Bolívia e em Pelotas, o André, sujeito muito eloquente, começou a se gabar da noitada em São Paulo junto com o Edmilson (meu interlocutor). Os dois que haviam ido a trabalho, quando Edmilson ainda era funcionário da TBB Sports, passando alguns na cidade, em que aproveitaram a noite paulistana para se divertirem.

Interlocutor André

Alugamos um camarote e estava cheio de mulheres. Tinha narguilé. Tinha bebida à vontade. Atraiu um monte de gostosas. Foi muito bom. A minha passagem estava marcada para sábado de manhã, tentei antecipar, mas a funcionária me informou que aquele tipo de bilhete não poderia, porque foi comprado numa ultra-mega-super-promoção naqueles sites. Foi 300 reais ida e volta Porto Alegre-São Paulo. Acho que nem trocar de assento eu podia [risos].

Diário de campo, 30 de março de 2019.

Pelas falas, notei que era o meu interlocutor que havia bancado todas as despesas, então resolvi incitar: "Então, ele (Edmilson) resolveu abrir a mão". A resposta foi imediata: "não, ele sempre abriu a mão. Nos tempos de loucura, ele não se esquivava em pagar uma conta de beberagem de mais de dois mil reais. Sempre foi mão aberta. Pagou tudo em São Paulo. Toda mão que fiz para ele sempre fui bem recompensado". O André ainda não era funcionário da TBB. Nesse dia ele estava prestes a ser efetivado. Inclusive, já havia entregado a sua carteira de trabalho no setor de recursos humanos do escritório. Ele costumava andar com o pessoal da empresa e ser remunerado por serviços *freelancer*. Sempre que tinha alguma tarefa e fosse nada agradável em realizá-la chamavam o André para executá-la. Como no caso da ida a Chapecó. Nenhum componente gostava de ir à cidade por conta da distância e da

estrada. Por isso, sempre que alguém tinha que ir realizar algo na Chapecoense era o André que ia.

Interlocutor André

Cara, ninguém queria ir lá na Chapecoense. Aliás, nunca querem porque tem que ser de carro. Teve um dia que todos se esquivaram então o Barreto me chamou. Fui a Chapecó levar a esposa do falecido Dener³³ para uma audiência que não durou meia hora. Foi casca. A estrada ruim e desgastante. Ainda, o filho deles quis ver as fotos do pai na Arena Condá. Levei o garoto lá. Valeu a pena só por isso. Na volta, cheguei primeiro que a rapaziada para o churrasco aqui em Porto Alegre [risos].

Diário de campo, 30 de março de 2019.

O Pinto só ouvia e fazia algumas intervenções que contribuía com as gargalhadas. Algo que não era muito difícil de provocar em André. O jovem por vezes gargalhava mais do que discorria. Não sei se seria consequência da cerveja. Contudo, pelo que me lembre, em sua juventude, sempre foi um garoto divertido e de riso largo. Mais calmo, André retomou o assunto sobre o seu amigo Edmilson. A voz monológica mais uma vez entrou em ação. O nativo recordara sobre a agrura passada pelo empresário, quando era somente um estagiário após não vingar no futebol profissional, até ser contratado pelo empresário Tobias Barreto como funcionário.

Interlocutor André

O Edmilson não pode se queixar do Barreto. Se tem alguém que tem que agradecer é ele. Quando parou de jogar não tinha um pinto para dar água. Mas também, depois do Inter, só jogou em barca furada. Até quando foi para Portugal, não deu certo. O Brusque nem time era quando ele teve lá. Olha onde ele estava quando foi trabalhar com ele [Barreto]? Tava buscando bola nos matos lá nos campos do time da Ulbra. Tava estudando educação física e estagiando lá... Depois de ser profissional, foi ser estagiário... Daí passou a ganhar salário de 7 mil. Aluguel e condomínio pagos. Agora se é empresário deve a ele. Foi ele quem ensinou. Não pode ser ingrato.

Diário de campo, 30 de março de 2019.

Meus companheiros de noite estavam aguardando a chegada de mais um "parça"³⁴. Coincidentemente, eu também o conhecia. Era o Wesley, outro que havia sem sucesso ser jogador de futebol - jogou na base do Alavense até os dezesseis anos como zagueiro, como não era muito alto, se aconselhou ao seu irmão mais velho que jogava profissionalmente na mesma posição e era uns dez centímetros mais alto, se não era melhor estudar - e agora era

³³ Dener Assunção Braz, mais conhecido como Dener, foi um futebolista brasileiro que atuou como lateral-esquerdo. Até 2016, defendeu a Chapecoense. Foi uma das vítimas do Voo LaMia 2933 que resultou na morte de 71 pessoas que estavam no avião ao qual levava o time para a final da Copa Sul-Americana de 2016.

³⁴ Corruptela de parceiro. Indica amigo, conhecido, camarada.

professor universitário na Unisinos na área da contabilidade. Eu costumava me encontrar com o Wesley, com certa frequência, pelos estacionamento da UFRGS, quando ele ainda fazia a sua pós-graduação. Foi lá que soube da sua atual situação profissional e ele sobre a minha condição de estudante e de pesquisador. Enquanto Wesley não chegava, André seguia nos brindando com as suas histórias. "O Barreto mês passado disse que me efetivou. Agora falou para o Pinto que vai me efetivar essa semana [risos]. Se vai ou foi não me interessa, desde que pague o meu salário", definiu.

Finalmente, Wesley chegou. O rapaz recém havia desembarcado de Fortaleza, onde havia ido como representante do Ministério da Educação (MEC) para avaliar um curso. Wesley não permaneceu por muito tempo. Desconfiei que os dois André e Wesley tenham se organizado para irem a outro evento. Wesley nem bem havia terminado de felicitar a aniversariante e, juntamente com André, já estavam de saída. O rapaz não permaneceu nem mesmo dez minutos. A minha hipótese confirmou-se quando André, ao se despedir, enunciou a seguinte frase: "já fizemos a social com a Letícia. Vamos nessa. Valeu rapaziada, bela resenha. A noite é uma criança". No mundo dos boleiros, é frequente aproveitar mais de um evento social na mesma noite. Ainda mais num sábado de temperatura agradável e céu limpo. Não que isso importe muito para os boleiros em se tratando de festa. Mas aquela noite parecia estar mais convidativa. Em relação ao termo "resenha", empregado pelo André, mentalmente conclui: resenha nada, foi um belo de um monólogo. Mas valera cada palavra.

Pinto parecia-me triste. Mais tarde fiquei sabendo pela Letícia que ele andava tratando de depressão, desde o falecimento de sua esposa. Busquei manter o diálogo em alta. Apesar de Pinto ter pouco falado. Também, não haveria ser diferente, pois André tomou conta do assunto. Para que não ficasse aquela atmosfera em silêncio, procurei puxar conversa. Conte sobre a minha pesquisa com os empresários e que o Edmilson e o Cláudio - seus amigos - estavam participando. Para que eu não incorresse em dilema ético, manifestei mais uma vez sobre a minha condição de pesquisador e reforcei o que eu havia dito antes a eles, no início da noite, sobre a importância das suas narrativas para o meu trabalho acadêmico, bem como o pedido de uso das informações, com todo o cuidado e segurança no sigilo das identidades dos informantes. Por tanto, como ensina Zaluar (2009) prometi manter o anonimato dos envolvidos e o sigilo de algumas das informações. "Como anda o trabalho? Muitos negócios?", foram as perguntas que a meu ver dariam algum sentido à conversa e à minha pesquisa e manteriam o ritmo daquele encontro.

Agora, está meio parado. Não está entrando grana. Mas quando entra, é muita. Tem que ter sorte também. Tem os seus altos e baixos. A venda do Albertino deu um bom retorno. Fui eu quem levou ele para a empresa. Ele estava encostado no Yuri. Olha só como é o futebol. A promessa era o Yuri. Nele ninguém apostava um café. Ele, ninguém dava bola. Hoje, o Albertino ganha 2 milhões por mês na Europa e o Yuri, recém me chamou no *whats*, está recebendo 5 mil lá no Jequitibá. Nem sempre a promessa será realidade no futuro. Hoje, o Grêmio está em alta no mercado. Temos boa entrada no mercado europeu. Como o Inter teve na época do mundial. Para nós agora está mais fácil colocar jogador lá.

Diário de campo, 30 de março de 2019.

Aproveito para fazer uma breve análise sobre narrativa de meu interlocutor. Em sua fala, Pinto demonstra que no futebol os negócios nem sempre acontecem como o esperado. Às vezes, as apostas para o futuro não ocorrem como o esperado. Em sua análise, fica visível que nem sempre as suas escolhas são garantidas para o futuro. Tudo perpassaria especificamente pelo momento vivenciado pelo jogador. Não que isso seja um erro de avaliação, pois as apostas, pelo que pude ir percebendo, são sustentadas pelas performances do atleta em determinados períodos e, acima de tudo, pelo *feeling* dos empresários. Assim, a questão do momento era circunstancial, dependente sempre da situação e do tempo vividos.

Antes de debruçar-me nessa pesquisa, entendia que algumas questões estruturais são mais bem avaliadas do que as outras. Com o passar do tempo, fui percebendo que varia muito das mentalidades futebolísticas. Ou seja, dos *feelings*. Portanto, não há como ser feita avaliações com máxima precisão se essas são dependentes do tempo vivido e dos sentimentos dos avaliadores. Existe uma enormidade de conjunturas que devem ser levadas em consideração, no próximo capítulo me aproximarei um pouco sobre esses aspectos. Contudo, nenhum elemento pode ser avaliado de meio isolado, sem estimar os contextos. Alguns até costumam chamar de sorte ou revés. Eu não apostaria nos imponderáveis do futebol que aclamava Néelson Rodrigues.

Eu tinha muito interesse em saber mais porque o Pinto, ao contrário de André que era até então um simples faz-tudo na empresa, era o braço direito do Barreto. "Pinto, como você selecionam e trabalham com os jogadores? Existe algum tipo de diferenciação de tratamento?" Meu interlocutor me pareceu muito à vontade em argumentar tal questionamento. Porém, antes de começar a responder, pediu-me uma pausa para atender a uma ligação telefônica.

Interlocutor Pinto

Hoje, a gente não sai mais garimpando por aí. No máximo, a gente vai a uma Copa São Paulo ou algum torneio de juvenis. Claro que a empresa por ser grande e ter muitos funcionários tem gente que vai atrás em campeonatinhos. O Barreto dá total liberdade para os funcionários encontrarem os

talentos. Eu falo mais por mim. Não gosto de passar dias catando moleques por aí. Eu vou nos pontuais. Se um camarada disser dá uma olhada em tal menino e se ele estiver já jogando em um time grande ou médio e não estiver sendo empresariado, eu vou lá conferir. Senão nem perco o meu tempo. Já fiz muito disso, de ficar na volta de campo atrás de talentos. Às vezes a gente tem que pegar um mais fraquinho para contentar alguém ou pra poder um mais cobiçado. Às vezes nos empurram um pacote e não tem o que fazer. É melhor gastar um troquinho com garoto ruim do que perder o jogador bom. Faz parte do negócio e por isso que a nossa empresa é uma das maiores do Brasil. Quer ver um exemplo, tem moleques com a gente não vão longe. Não adianta insistirem, eles não têm talento suficiente para chegar a um clube grande ou médio. Até mesmo num pequeno. Se eles chegarem a se profissionalizar vai ser naqueles que tu assina o salário de mil reais por três meses e ainda não te pagam. Tem uns que não precisam passar por isso. A família tem grana. Tem que tirar a carteira de trabalho e largar a bola. Mas o Barreto tem um grande coração e não manda embora. Cara, na verdade, tem diferença. Veja só: trabalhar com jogador ruim e com bom dá o mesmo trabalho. Então, a gente quer sempre o bom. Mas como eu te disse a gente tem o ruim também. Mas o que acontece que naturalmente o ruim vai ficando um pouco de lado. Isso é natural na vida. Quem nunca sobrou numa pelada por não ser escolhido. É mais ou menos assim. Se ninguém tem interesse em contar com o teu futebol, a gente até dá uma forçada para encaixar em algum clube. Mas é natural. Se não for bom via ficar de lado. Não que a gente não goste do moleque. Mas somos uma agência de carreiras e não uma entidade de caridade. Entende?

Diário de campo, 30 de março de 2019.

Já estava tarde, o salão estava quase vazio, quando Pablo decidiu sentar-se conosco. Conversamos mais algumas amenidades sobre futebol, até que Pinto resolveu que deveria ir embora pelo adiantar do horário. Era quase meia-noite e pelo que ele tinha dito antes teria outro compromisso naquela noite. Se estado etílico não recomendaria dar continuidade. Meu interlocutor não parecia estar bem para guiar um veículo. Não sei como terminou a noite de Pinto. Apenas que a Letícia havia chamado um veículo de aplicativo para levá-lo direto para a sua casa.

Ficamos somente eu e Pablo sentado à mesa. Ele prometendo à Letícia que seriam os últimos copos de cerveja que beberíamos. E eu torcendo que ela não permitisse mais. Naquelas horas, a aniversariante já havia liberado os garçons e o homem-pizza. Além de que, parecia estar muito cansada e com grande vontade de encerrar a comemoração. Permanecemos ali cerca de mais meia hora. Tempo de Pablo me contar os seus planos para Gersinho. Eu ouvia pacientemente, sem demonstrar concordância. Bem pelo contrário, eu me punha em oposição. Dizia - aliás, era para mim um mantra - que: "o que chega nem sempre é o melhor, mas o mais persistente". Esse pensamento se coadunava com o que Pinto acabara de revelar-me em relação ao Albertino e ao Yuri. No entanto, a noção de se tornar jogador de futebol são várias, em sua maioria, perpassam pela ordem econômica. Para muitos o profissionalismo no futebol remete a um cenário de riqueza e glamour. Para outros, é a capacidade de tornar uma maneira que naturalmente se inicia como um lazer na infância como um meio de vida. Na maioria das vezes a conquista da profissionalização é o suficiente. Não

sendo necessário estar entre aqueles que se tornam milionários. Não que não quisessem, mas dentro das possibilidades, se dão por satisfeitos. Para Pablo, a lógica financeira vinha em primeiro lugar. Independentemente de seu filho fosse se tornar um futebolista ou não, o que parecia ser mais importante seria, antes de qualquer coisa, as possibilidades de acúmulo de capitais econômicos.

3. RELAÇÕES DOS EMPRESÁRIOS DE FUTEBOL

[...] se é um jogador famoso, a procura por parte dos grandes clubes é grande; mas, se o jogador é pouco conhecido nacionalmente, vê-se na condição de dependência de empresários, que trabalham com interesses definidos. Em outras palavras, se o produto tem maior visibilidade, maior a possibilidade de realizar negócios, maior o empenho em negociar; porém, para aqueles que estão na outra ponta do mercado, o inverso é a dura realidade. (COUTO, 2012)

A epígrafe acima foi extraída da obra "Esporte do oprimido: utopia e desencanto na formação do atleta de futebol", do professor universitário e ex-jogador de futebol, Hergos Ritor Froes de Couto. Na obra, o autor desenvolve uma história sobre a constituição dos jogadores de futebol em que, na maioria das vezes, é o protagonista. A escolha do recorte não foi por acaso, optei justamente por acreditar que grande parte do que proponho neste capítulo esteja relacionado.

Quando comecei a pesquisar futebol, a partir da interação com empresários, algumas evidências passaram a suscitar que para compreender melhor este universo seria preciso conhecer quais seriam os interesses desses atores sociais. Como já vinho pesquisando há algum tempo este universo simbólico - como já exposto na introdução, investiguei, na graduação, o sistema de relações entre empresários e jogadores de base sem a devida idade para a profissionalização. iniciei as incursões de campo com alguns pré-conceitos estabelecidos. O primeiro produzido no âmbito da pesquisa supracitada era que o objetivo dos empresários de futebol seria o acúmulo de capital econômico, ou seja, auferir ganhos financeiros. Logo, para que isso acontecesse, para que tivessem rentabilidade financeira, seria necessário realizar negociações nos mercados futebolísticos com transferências de jogadores entre clubes. O segundo era que não seria qualquer tipo de jogador - como o descrito na epígrafe -, teria que ser os dotados das melhores qualidades (BOEHL, 2018).

Carregando essas considerações, iniciei as minhas investigações de campo. Andei por escritórios de empresários, estádios de futebol, centro de treinamentos, restaurantes, entre muitos espaços de circulação desses agentes, sempre buscando observar os seus afazeres, os seus comportamentos e, sobretudo, ouvindo as suas contribuições. Dessa forma, aos poucos, algumas evidências, relacionadas aos meus primeiros conceitos, foram provocando interrogações. Sabendo, de antemão, que a intenção dos empresários era o acúmulo de capital econômico, passei a questionar, não o porquê disso, mas sim como faziam para alcançar tais intentos. Para isso, para entender como eram constituídos os processos, deveria conhecer como procediam, quais seriam as ações que repercutiriam na obtenção dos resultados almejados. Ou seja: como os empresários agiam para obter os desejados lucros econômicos?

A partir dessas problematizações, outras foram se acostando e assim, cada vez mais, me impregnando de dúvidas. Ciente que seriam essas perguntas que fariam me movimentar (SILVA, 2009) por entre as arenas de disputas, passei a olhar com mais cuidados os fenômenos que pudessem me ajudar ir de encontro às respostas das minhas perturbações.

Portanto, o presente capítulo tem como escopo compreender a partir de análises de como acontecem as incorporações das lógicas e dos modos de 'jogar o jogo', numa perspectiva relacional-simbólica. Para tanto, vou apresentando produções etnográficas em cenários distintos. Como meio de dar conta ao que se propõe, seis subcapítulos - "O *feeling* e as informações para as decisões", "O 'saber jogar o jogo'", "Os convencimentos pelos scouts e as estatísticas 'mentirosas'", "Uma etnografia dos goleiros", "'Entre 'gatos' e 'jogadores de empresários'" e "Economia e intimidade, as relações entre empresários e jogadores" - e quatro seções - "Cálculo do valor do jogador de futebol", "Conversando com empresários, familiares e treinadores", "Pai do Fernando, um goleiro em busca de espaço" e "'Negro de luvas é lixeiro ou eletricitista'" - foram constituídos.

3.1. O *FEELING* E AS INFORMAÇÕES PARA AS DECISÕES

Empresário Douglas

Cara, estou olhando um moleque aqui do Athletico Paranaense que é pica. Tem velocidade. Trabalha bem a bola pelas beiradas. Bom domínio e inteligente taticamente. Ele é beirada pela esquerda. Vai de fundo a fundo. Ataca e volta defendendo a posição, marcando o lateral. Está muito bem no jogo. Acho que já tinha te comentado sobre ele. É aquele mesmo que eu vinha acompanhando. Está deitando em cima do lateral do Juventude. Eles não acham o moleque em campo. Só param ele no pau. Eu acho que ele está sem representante. Não sei como. Mas vou atrás saber mais sobre ele. Vou perguntar para o Pujol sobre ele. Se tiver livre vamos trazer para a empresa.

Diário de campo, 13 de janeiro de 2019.

O excerto da conversa telefônica acima, entre o meu interlocutor Douglas e um dos empresários de sua agência, fora um dos motivos que me levou a constituir esta seção. Foi esse trecho que me instigou a busca pelo entendimento de como os empresários constroem as suas decisões em relação às negociações com os futebolistas. Aqui se deu início a minha investigação sobre os fatores que determinam as tomadas de decisões em relação às contratações de atletas atravessadas pelas questões de situação/momento e por apostas, a partir de prognósticos estruturados em seus sentimentos.

Naquele dia, deveríamos chegar cedo à cidade para que Douglas conseguisse estar a tempo para assistir ao jogo, entre Athletico Paranaense e Juventude, pela 31ª Copa Santiago de Futebol Juvenil, pois estaria em campo um dos clientes mais prestigiados de sua agência.

Naquele dia, saímos cedo de Porto Alegre rumo a Santiago do Boqueirão/RS, às quatro horas da madrugada, para chegarmos antes das onze horas, horário previsto para o início da partida. Chegamos à cidade pouco mais das dez horas. Seguimos direto para o estádio Alceu de Carvalho. Douglas conhecia bem o lugar, já havia estado outras vezes acompanhando outras edições do evento. No local, ficamos sabendo que o jogo não ocorreria ali e sim no estádio municipal Nery Cardoso. Os estádios não ficavam muito longe entre si. Afinal, estávamos num pequeno município do interior do Rio Grande do Sul, relativamente extenso de terras, mas acanhado em sua urbanidade. Chegando ao estádio, as equipes estavam realizando o aquecimento. Era uma manhã de verão muito quente. Notava-se de longe a pouca vontade dos garotos de realizarem as rotinas preparatórias. Ao redor do campo, os espectadores procuravam lugares à sombra para se protegerem do sol voraz que fazia. Acredito que naquele dia a temperatura estivesse próximo aos 40°C e a sensação térmica no mínimo uns 5°C acima.

Procuramos um lugar que pudéssemos ficar protegidos dos raios solares e ao mesmo tempo com uma boa visão de campo. Chegamos um pouco tarde para conseguir um espaço assim. Estavam todos ocupados. A escolha ficou em nos protegermos contra o sol escaldante ou ocuparmos um espaço que privilegiasse a observação de jogo. A escolha por ficar à sombra, embaixo de alguns eucaliptos, quase na linha de fundo da goleira do lado norte, sem dúvidas fora a mais acertada. Nem bloqueadores solares naquele dia teriam condições que nós ficássemos expostos ao sol. Em campo, os meninos buscavam ao máximo economizar energia. A todo instante, eu perguntava a Douglas se a impressão dele não era a mesma que a minha: se o zagueiro paranaense ao adotar certa postura estaria demonstrando estar sofrendo desgaste por conta do forte calor. O menino sempre que podia inclinava o corpo à frente e colocava as suas mãos sobre os joelhos, evidenciando cansaço. Para mim, aquela postura não poderia ser entendida como desleixo na preparação física, mas em razão do horário e da temperatura. Para um dia tão quente, até que o jogo mostrava-se dinâmico. Os dois times não se poupavam e buscavam a todo o instante jogar a bola no fundo da meta adversária. Por isso, ter que correr a todo instante atrás de atacantes velozes com aquele clima, o desgaste seria inevitável. Douglas parecia estar gostando da partida. Ao telefone, ia narrando alguns lances acontecidos e fazendo alguns elogios aos jogadores.

Douglas [falando ao telefone]: pode deixar, meu amigo que está assistindo ao jogo aqui comigo tem uma máquina fotográfica profissional, vou pedir para ele fazer umas fotos. Você precisa de alguma maneira específica ou pode ser qualquer de jogo? Daí eu peço se ele pode fazer.

Douglas [falando comigo]: Walter, você pode fazer algumas fotos do Pujol para mim? Não temos ainda dele com o novo fardamento do Athletico Paranaense. O pessoal que trabalha com as

imagens, aquelas coisas de confecção dos cards, me pediu se eu não conseguia fotos dos meninos da agência em campo.

Walter: Claro que sim. Só me dizer quais os jogadores que tu queres, que eu enquadro. Só tem uma coisa essa tela atrapalha um pouco o foco. Mas vou tentar captar bons ângulos.

Diário de campo, 13 de janeiro de 2019.

Com a câmera em mãos, passei a documentar a partida. O lugar que estávamos não propiciava a melhor cobertura. Além da tela atrapalhando o foco da lente, o posicionamento quase na bandeira do escanteio era outro motivo que determinava a não captação dos melhores ângulos. Mesmo que o meu equipamento tivesse uma capacidade de aproximar longas distâncias - estava utilizando uma teleobjetiva de 300 mm, somada a uma câmera de sensor cropado³⁵ - o resultado poderia ter sido melhor. - Mais tarde o Douglas contou-me que as fotografias não foram aproveitadas pelo departamento de marketing da empresa por conta de algumas estarem com baixa qualidade e outras por não estarem com enquadramentos que pudessem ser aproveitados para *cards*³⁶. Nem mesmo o dia de céu limpo, ajudou na situação das fotos, pois a luz era muito dura. Seria mais interessante fotografar com uma iluminação mais difusa³⁷. Sem poder fazer o melhor ajuste fotográfico no corpo da câmera por conta do clima, fui registrando a partida como dava. Além do Pujol, Douglas pediu-me que fotografasse outros meninos. "Dá para dar uma atenção mais no camisa sete do Athletico? Esse menino me interessa. Já vi ele em outros jogos. Vou tentar levar ele para a empresa". Sabendo sobre o interesse no atleta, passei a acompanhá-lo com mais atenção através da teleobjetiva. O jogador a todo instante utilizava o corredor que ficava bem em nossa frente. Seria muito mais fácil retratá-lo do que o zagueiro que estava a quase cem metros de distância. O único problema continuava sendo a tela. Para aquele momento, a sombra das árvores naquele canto passou a contar como ajuda.

O pedido de fotografar o camisa 7 me fez pensar sobre o que esses artefatos poderiam auxiliar na questão da captação do jogador. Em um primeiro instante pensei que pudesse ser para um banco de imagem da empresa com os atletas que tivessem interesse. apresentar para os seus colegas a imagem do menino. Enfim, passei a me questionar o que as fotografias

³⁵ Câmeras de sensor cropado (cortado traduzindo do inglês) trazem um sensor menor (de variados tamanhos), com um corte bastante significativo, o que resulta em uma menor área de imagem. A qualidade de imagem é menor se relacionadas às câmeras *full frame*.

³⁶ Peça publicitária normalmente veiculada em redes sociais digitais, com informações sumárias sobre participação do atleta em jogo ou competição.

³⁷ O sol do meio dia produz uma luz muito dura que não é muito boa para fotografias ao ar livre. Dias claros com nuvens produzem iluminação difusa que auxilia no aumento da qualidade da fotografia.

poderiam contribuir para a seleção de um novo contratado para a empresa?

Figura 3 - Estádio Municipal Nery Cardoso



Fonte: arquivo pessoal

Enquanto eu procurava captar os melhores enquadramentos, Douglas envolvia-se com a caderneta, o campo e o celular. A cada jogada, mais do que depressa, fazia rabisco nos "campinhos" impressos nas páginas da agenda. Eram riscos para lá, setas para cá, traços acolá. Tudo muito confuso para quem não está acostumado. Quando o empresário não estava com o telefone em punho a conversar com alguém da agência - acho que se somado o tempo de conversa duraria pelo menos metade do tempo de jogo - estava fazendo algum tipo de rabisco em sua agenda.

Depois das primeiras aproximações com o fazer prático dos empresários, até então só tinha uma perspectiva teórica do que seria o *métier*. Assim, passei mais a questionar como as representações eram construídas no sentido de suas escolhas. Ou seja, o que o empresário Douglas, no caso, observava nos atletas a ponto de entender que deveriam ser captados para a sua agência? Quando iniciei o campo, a minha intenção era entender justamente como as escolhas aconteciam a partir de um mapeamento de critérios que definissem o tipo ideal de jogador. Eu entendia que existiam critérios bem objetivos, como me fazia pensar as agências de precificação de jogadores. Eu vinha buscando junto a outros interlocutores entender, fundado nessa lógica, que uma lista de atributos pudesse apresentar objetivamente o que seriam os elementos que formariam o conjunto de suas cobiças e de desejos.

A partir da experiência na Copa Santiago passei a ter mais estranhamentos em relação às motivações. Comecei a me perguntar como os empresários construíam as decisões que motivavam as escolhas de determinados jogadores para a sua empresa? Por que escolhiam jogador A e não o B? A minha intenção era compreender quais seriam as noções adotadas para eleger os jogadores para a agência.

Assim sendo, passei a prestar atenção mais nas questões que pareciam estar estruturadas em conceitos que passam pelos sentimentos, quando o empresário Douglas me revelou que, ao questioná-lo sobre como avaliava os atletas para a captação, respondeu-me: "olho para o todo, se o jogador me encanta, passo a prestar atenção em outras coisas, para depois saber o seu *scout*³⁸". A resposta foi revelando existir outras formas de imputar valor aos jogadores, Eu, até então, olhava muito para as configurações digitais, como exemplo a plataforma Transfermarkt³⁹ - apesar de a metodologia ter surgido bem depois do jeito analógico de atribuir valor ao atleta. Nesse sentido, a questão de definir mais pelo *feeling* foi ganhando força.

Eu já vinha prestando a atenção nos empresários nas arquibancadas fazendo inscrições em suas cadernetas. Sabia que ali eram anotados alguns dados que pudessem auxiliá-los posteriormente em suas decisões de contratações. Sempre que tinha um empresário assistindo a uma partida de categorias de base, quase sempre carregavam consigo essas agendas. Para mim, em primeira vista, as cadernetas seriam um instrumento fundamental para o cotidiano profissional do empresário. Nelas, eu creditava, guardariam informações que lhes trariam subsídios essenciais para as tomadas de decisões em relação a contratações de jogadores. Mesmo que eu soubesse a importância das anotações, saber o que estava sendo escrito era o que me inquietava. Eu queria saber mesmo o que eles analisavam. Mesmo eu acreditando que as anotações serviriam para a formação de suas convicções em relação à qualidade dos jogadores, me interessava em saber quais eram os quesitos analisados e os critérios utilizados. A minha curiosidade estava em compreender significações, relações de poder, por meio do acesso às anotações. Eu tinha mais ou menos suposições do que poderiam conter. Sabia que provavelmente estariam nomes, posições, idades e clubes. Mas tinha ciência que não ficaria

³⁸ O conceito scout abrange diferentes domínios, nomeadamente a observação realizada a uma equipa adversária que tem como objetivo entender o efeito que uma equipe terá na nossa, bem como a observação para prospecção de jovens valores (CARDOSO, 2016).

³⁹ É um site de *crowdsourcing* (modelo de produção e de estruturação de processos que utiliza a sabedoria e os aprendizados coletivos para a resolução de problemas ou desenvolvimento de uma solução) que estima valores de mercado de jogadores profissionais (BRANCO, 2019).

somente isso. Deveria haver muito mais. Imaginava que tivessem anotações de gols, de movimentações e de posicionamentos, de assistências, sobre valências físicas e motoras. Pensava existir muito mais além do que a dualidade: bom ou mau jogador. Eu estava seguindo pelo caminho aparentemente mais prático e mais complexo. A minha ideia era destrinchar as anotações e por meio das minhas interpretações criar um "manual" que dissesse exatamente quais os critérios que os empresários e até mesmo olheiros ou "arapongas" (SPAGGIARI, 2014), deveriam seguir.

A primeira vez que acompanhei um empresário sentado em uma arquibancada foi a final do campeonato gaúcho da categoria Sub-14, realizado no dia 14 de dezembro de 2016, no Centro de Treinamentos Hélio Dourado, em Eldorado do Sul. Naquela tarde de quarta-feira, Cláudio carregava consigo a sua agenda. Nela realizava algumas anotações. Não perguntei naquele dia o que anotava, mas o que ele estava a analisar. Respondeu-me que não estava anotando nada além de algumas observações a respeito do lateral-direito do Grêmio, que seria cliente de sua empresa. Naquele dia, não fiquei totalmente satisfeito com a resposta. Achava que não seria somente isso, pois via que o seu olhar muitas vezes não era para o seu cliente. E que invariavelmente realizava anotações na agenda após lances de outros atletas. Para mim, escrevia algumas informações que pudessem ajudá-lo em negócios futuros. Isto é, fazia uma coleta de dados. Portanto, quando eu comecei a pesquisa para esta dissertação, adentrei ao campo também com este propósito. Queria muito decifrar os códigos das cadernetas para entender como eram tomadas as suas decisões.

Posso dizer que o início do meu campo de observações-participantes foi densamente carregado em entender o conteúdo dessas agendas a partir desses prismas. Para que isso devidamente se concretizasse, deveria acessar aos registros de campo dos meus interlocutores. Esse acesso poderia ser pegando emprestadas as cadernetas e dando uma bisbilhotada. No entanto, eis que surgiu o primeiro dilema de campo. Aparentemente, seria fácil solicitar emprestadas para que, mesmo por alguns poucos minutos, pudesse apreciar as suas anotações, o difícil seria eles aceitarem ceder sem nenhum constrangimento as suas intimidades. As agendas seriam espécies de diários, locais que muitas vezes guardavam desde as mais diversas trivialidades até os mais profundos segredos. Não seria, portanto de bom grado realizar esse tipo de intervenção se quisesse permanecer lhes acompanhando.

Com a decisão de não acessar diretamente aos segredos das cadernetas, mas sem desistir de conhecer os devidos conteúdos, lancei mão de uma nova estratégia. A ideia era sentar ao lado dos meus interlocutores e ir colhendo junto a eles as impressões que pudessem

de alguma forma evidenciar o que estava sendo avaliado. Isso, apesar de me tornar um xereta, preencheria em certa medida a lacuna que tanto me importava completar. O exercício de sentar aos seus lados poderia de alguma maneira me ajudar a entender como os seus sentimentos junto ao campo de jogo guiariam as suas decisões.

A decisão de olhar sobre os ombros dos meus interlocutores ao jeito de Geertz, ajudarme-ia a compreender quais seriam os valores que observavam e de modo amplo quais seriam os mais significativos. Assim, através desse tipo de movimento, estaria a ultrapassar as simples transcrições de dados, para alcançar a tradução de significados culturais (ECKERT; ROCHA, 2004). Foi então a partir dessa decisão etnográfica que o meu interesse pelos rabiscos das cadernetas começou a ser abandonado. Não que isso não mais me interessasse. Eu continuava com curiosidade. Porém, naquele momento, pareceu-me mais relevante etnograficamente acessar ao mundo simbólico dos empresários de outra forma.

Nos primeiros passos da investigação, a minha ideia era tão somente compreender o olhar do empresário a partir do campo de jogo. Eu não observava o fora dos gramados. Para mim, as decisões se restringiam ali, no quadrilátero. Tudo que acontecia nos relvados a meu ver era o suficiente para uma tomada de decisão do empresário referente a um atleta. Talvez, essa minha concepção estivesse estruturada muito em que o empresário Edmilson costumava afirmar: "não importa o que o jogador faz fora dos gramados, se resolve dentro de campo está mais do que bom". Com o andar pelas arenas de disputas, fui percebendo que não era somente assim. Havia outros meios de pensar os negócios do futebol.

Se eu fosse olhar lá quando essa pesquisa começou a engatinhar, encontraria uma ideia de que para compreender como os empresários decidiam as suas escolhas de mercado, pensaria que seriam através do que eles anotavam do futebolista jogando. Dessa forma, seria, a partir do acesso às suas anotações, que eu saberia como são constituídas as decisões. Esse meu movimento, seria uma espécie de atalho. Em que eu não precisaria circular por aí, observando, conversando, ouvindo. Bastaria eles me emprestarem as suas agendas, que tudo se resolveria. Sentar ao lado dos empresários para compreender como são construídas as disposições que atribuem valor simbólico, aos moldes bourdieusiano, que pesem em suas decisões, foi o caminho trilhado.



Fonte: arquivo pessoal

Comecei a aprender como funcionava a rede de significados que estruturavam as escolhas na Copa Santiago. Naquela competição, como narrado no início deste subcapítulo, fui percebendo que a simples olhadela em anotações de empresários em suas agendas não seria o suficiente para compreender o emaranhado de significações que possui a produção de sentimentos que norteiam as suas tomadas de decisões. Os próximos parágrafos servirão como meio de produzir a partir de meus encontros etnográficos como foram sendo constituídos as minhas percepções em relação ao assunto.

Em meu diário de campo de número 27a, inicio desta maneira, À tarde, no domingo, do dia 13 de janeiro de 2019, após descansarmos no hotel Glória, fomos ao estádio Alceu de Carvalho para assistir à rodada dupla do dia. A primeira partida era entre Palmeiras e Danúbio do Uruguai. Durante o transcurso do jogo, provoquei o meu interlocutor algumas vezes para debates acerca de conceitos antropométricos, como o perfil dos atletas do time paulista em relação ao uruguaio. Douglas não hesitou em apresentar as suas devidas análises: "o time do Palmeiras é de muita força. É muito grande. Os zagueiros são uns armários. Tudo já com barba cerrada. Os uruguaio são pequenos, mas são mais raçudos". Pelo o que eu pude perceber, entre os comentários que fazia por telefone, Douglas não estaria interessado nos jogadores uruguaio. Os seus cuidados estavam para os atletas palmeirenses. Acredito por causa de a sua empresa ser sediada em São Paulo e possuir muitos dos seus agenciados jogando nas categorias de base do clube. Assim sendo, perguntei se ele tinha interesse em algum uruguaio. "Não. Até pode ter algum jogador bom. Mas não é nossa praia. Ia ter que colocar alguém no Uruguai para cuidar deles. Ou trazer para o Brasil. Mas pelo que eu vi, não compensa o esforço. Melhor ficar com os brasileiros". Continuei com outras provocações, um pouco mais individuais, questionando sobre suas impressões sobre determinados atletas que para mim estariam se destacando no jogo. As respostas sempre eram articuladas entre características técnicas e as formas dos corpos. "Tem que ver a maturação, Às vezes, estão no limite. Não tem o que desenvolver. Daí tu coloca a jogar no profissional e somem". Terminada as partidas do dia, voltamos para o hotel para depois sairmos para jantar.

No segundo dia de observação, no campo municipal, Douglas parecia estar mais à vontade para apresentar a suas considerações para comigo. A todo instante perguntava-me o que eu achava sobre tal atleta. Dessa forma, também passei a abusar mais da minha estratégia e perguntar mais sobre como chegava a determinadas conclusões.

Empresário Douglas

Tem alguns aspectos mais técnicos que a gente precisa saber por que a regra do futebol determina. Tipo a idade, Aqui, não faria tanto sentido porque é uma competição juvenil. Mas faz. Tem menino nascido em 2001, 2002, 2003 e até 2004. Então tem muita diferença. Um 2004 tem muito a evoluir se não tiver maturado em relação a um 2001. Mas tudo isso é relativo. Não tem nada que decida que a idade vai ser um determinante. No futebol, não tem nada certo. Eu arriscaria que tem muito mais a ver com o gosto e com os clubes que tu se relaciona que tu sabes que o tipo de futebol, de biótipo, vai agradar tu começa a procurar no mercado. Aquele dia o Sampaio do Palmeiras [auxiliar técnico da categoria juvenil] estava falando que estão atrás de laterais rápidos, com força e que pisem de linha a linha no campo, se eu vejo um menino assim já sei que posso levar para o Palmeiras, mesmo que não seja do meu gosto. Pode agradar a mim e não agradar a eles e vice-versa. Na verdade, não existe tu olhar para o garoto procurando que atenda um monte de requisitos. Eu faço assim, primeiro eu olho num todo. Se me encantar, eu começo a traçar um perfil. Eu anoto algumas características porque eu sei que os clubes vão querer saber. Eu não faço como os *scouting*⁴⁰ fazem de ficar anotando passes, roubadas e todas essas coisas. Até eu fiz um curso de análise de desempenho quando comecei a trabalhar. Mas a primeira coisa que o Daniel Guedes [empresário] falou que aquilo não iria me ajudar em nada. Que aos poucos eu iria aprendendo com o meu olhar, que eu iria me basear pelo *feeling*.

Diário de campo, 14 de janeiro de 2019.

Se antes eu acreditava que critérios específicos poderiam ser pontos de partida dos empresários em suas observações para suas devidas tomadas de decisões em relação aos futebolistas, com os argumentos de Douglas, essas noções começaram ser desfeitas. No entanto, ainda tinha muitas dúvidas a respeito. Algumas questões pareciam estar ligadas aos dados de estatísticas. A todo instante me questionava: será que a qualidade de um jogador, por exemplo, não poderia ser mensurada pelos números de gols marcados ou, no caso dos goleiros e dos boleiros de defesa pelos gols sofridos? Pensava: será que o Douglas leva isso em consideração ao fazer as suas análises? Não queria perguntar diretamente, preferia enxergar os seus movimentos para então realizar as devidas considerações.

Muitas vezes, observava Douglas repassando por telefone os *scouts* da partida. Ou então, classificava como "bom" e "mau jogador", tem mais "qualidade técnica" que os outros, "sabe se posicionar taticamente" e em raras vezes a situação emocional, como ser "frio" ou "estourado". Percebia que ao realizar essas categorizações acabava construindo aportes que

⁴⁰ O termo *scouting* define-se como “reconhecimento”, “exploração” ou “observação”. Este termo é empregue usualmente no futebol para se fazer referência à observação das equipes adversárias, seus pontos fortes e fracos, e observação de jogadores.

pu dessem de alguma forma auxiliá-lo em suas considerações finais sobre o atleta observado. Mas a questão era: como chegava a esses entendimentos? Será que eram os números de *scouts*? Para mim tudo muito amplo, mas que me dizia muita coisa sobre os apontamentos nos blocos.

Quando um dos meus interlocutores, o empresário Edmilson, certa vez, disse-me que antes dos dados estatísticos o que era mais relevante era o seu conhecimento, a sua experiência e o seu sentimento, era a sua observação muito mais estruturada em apostas do que certezas, passei a entender que no seu caso as suas decisões eram tomadas mais pela "magia"⁴¹ do que pelos números.

Na tese de Enrico Spaggiari (2014), o olheiro Leonardo traz em sua narrativa entendimentos que permeiam o que estou tentando entender. "Encontrar, observar e identificar, segundo Leonardo, exige talento [...]". No caso de Leonardo, quando ele foi convidado a observar um menino em meio a tantos outros em campo, sem saber de quem se tratava, conseguiu acertar qual seria, sem ter pistas concretas, apenas que existia "um garoto que ele precisava ver".

"Já sabe qual é o garoto?". Falei, "Já sei quem é o garoto que você queria me mostrar". O que acontece? Isso é o talento que a gente fala. É você olhar e se encantar com o garoto, independente de qualquer coisa. Você se encantou. Esse é o primeiro passo: o garoto ter talento e encantar. Não adianta ele ter o talento e não encantar.

No caso de Leonardo, ele explica a descoberta do talento a partir do conhecimento adquirido através da sua experiência, fugindo um pouco da noção que perpassa pelas análises de *scouts*. Para ele, a concepção parte de uma lógica do encantamento, da magia, sem a necessidade de recorrer a números, sem dados e sem estatísticas. Isso ocorrera tal qual o pensamento do meu interlocutor Edmilson, que acreditava muito mais em seu *feeling* do que em qualquer tipo de análises estatísticas.

Em maio de 2018, estive no escritório de Cláudio para uma entrevista. Para aquele encontro eu não tinha muita coisa programada. A minha ideia era conhecer o local e compreender um pouco a rotina de um empresário no interior do seu escritório. Confesso que a entrevista era mais um pretexto de estar lá do querer sabatinar o meu interlocutor. No entanto, as duas coisas a meu ver foram potentes para a minha compreensão sobre o tema.

⁴¹ Termo êmico que se opõe aos números frios dos *scouts*, Ouvi algumas vezes a locução que "prefiro a magia do futebol que os números do scout".

Antes de começar a entrevista naquele dia, apresentei a pauta para o meu interlocutor e lembrei sobre a necessidade de gravá-la, com o seu consentimento, não havendo obste, iniciamos. Como já dito, eu não tinha questões cruciais. Eu carregava algumas curiosidades. Mal havia começado a minha trajetória em campo; portanto, ainda cheio de certezas e poucas dúvidas. Dentre as minhas poucas incertezas, estava sobre a decisão sobre o agenciamento de jogadores. Como eram decididos os jogadores que iriam fazer parte da carteira de clientes de seu escritório. Quais eram os fatores que levavam em consideração na hora de fechar contrato com um jogador.

Um ano depois, novamente estive em seu escritório, e novamente estava preocupado em saber mais sobre a questão. Em um primeiro momento, poderia parecer que estava tentando colocar Cláudio em contradições. Ou ainda verificar se os meus pensamentos haviam de alguma forma influenciada. Nada disso. Meu interesse era somente entender um pouco mais sobre o processo. Avançar no aprendizado. Para tanto, queria aproveitar mais o conhecimento que havia adquirido no campo para, além de compreender melhor, desfrutar mais dos conhecimentos nativos. A minha vontade não era como meio de colocar o meu interlocutor em contradição em algum ponto ou reforçar o seu ponto de vista, mas para que eu pudesse aproveitar aquele momento carregado de mais conhecimento, coisa que eu não possuía há um ano. Assim sendo, perguntei: quais seriam as análises fazia no processo de seleção e captação de jogadores? Quais seriam as motivações que fariam a constituição do processo decisório em relação a um atleta? Creio que o excerto abaixo possa ajudar a pensar sobre.

Empresário Cláudio

O cara tem que estar por dentro do mercado. Ver as negociações. Como que tá acontecendo. O que que tão pagando por xis jogador, botar balança. Eu acho que tem um pouco do nosso talento. De botar o olho. O *feeling* do negócio. Se tu ver o teu jogador batendo já no teto ou se tu ver, não, ele dá mais ainda. Eu consigo ter esse *feeling*. Eu sei que eu consigo ver aquele jogador que dá o máximo dele. Não tem como ele te dar mais do que ele tá te dando. Vou te dar o exemplo do Gabigol⁴². Pra mim ele tá no teto. O máximo dele é isso aí. Que eu te dei de referência na época era o Lucas Paquetá. Ele anda, ele caminha em campo. O talento dele está prevalecendo. No momento que ele foi para um grande europeu. Os caras derem um trabalho, ele pode muito mais. O próprio Rodrygo dos Santos que foi vendido para o Real Madri com 17 anos. Nós nos reunimos com esse menino em Criciúma - o pai dele jogava lá - com 11 anos. Eu lembro até hoje. Fui eu e o Alcides de carro até lá, almoçamos, fechamos com eles, de boca. Hoje, tu não pode fazer nenhum documento. Não pode fazer nada. Só que eu tava no início do meu negócio. Daí não dei muita bola. Não cuidei como os caras não... os caras não fazem. 'Ah, tem que cuidar 10 anos'. Não, em seis anos foi a maior venda do Brasil. O guri foi

⁴² Apelido do atacante do Flamengo, Gabriel Barbosa.

vendido com 17 anos por 45 milhões de euros. Daí, depois dali. Comecei a participar mais do mercado. Eu fui atrás dele com 15 anos e ele já tinha assinado com outro cara.

Diário de campo, 21 de maio de 2019.

Nesse dia, sua narrativa seguiu por outra direção. Observava que os seus argumentos perpassavam por estruturas de contrastes. Para explicar o seu raciocínio, gostava de exemplificar e quase sempre colocando sujeitos oposições. Ao usar os exemplos de Gabigol e de Lucas Paquetá, tentou abstrair as suas considerações sobre potencial, projeção, vinculadas à margem de crescimento na concepção de talento. Nesse sentido, a meu ver, as suas noções estavam mais pautadas em suas subjetivações do que propriamente nas assertividades dos algarismos das estatísticas. Naquele encontro, eu via um Cláudio mais afeito em apresentar as suas análises estruturadas a partir do momento vivido pelo atleta do que pelos dados estatísticos. Nesse caso, eu poderia me valer de uma expressão êmica em que coloca em oposição a magia e os números. Seria algo assim: Cláudio estaria preferindo a magia do atleta do que os números em campo. A magia estaria relacionada ao contexto no todo, sem dissecações e coisas que assim o valha. Algo próximo ao subjetivismo, ao sentimento. Enquanto os números seriam as estatísticas, a frieza dos números. A magia seria o quente; os números, o frio.

Se eu posso destacar uma das características comportamentais de Cláudio, ressaltarei a sua eloquência. Cláudio era um sujeito falante o que auxiliava em muito no desenvolvimento da entrevista. Ele não escolhia muito as palavras a serem postadas. Respondia conforme surgiam em sua mente. Foram algumas horas de conversa e com contribuições interessantes. Assim sendo, não poderia deixar escapar a oportunidade e provocar mais uma vez. A suscitação ainda estava atrelada ao nosso primeiro encontro naquele local, o qual ele ressaltava a todo instante a importância dos números dos *scouts* para uma contratação ou uma boa venda. Mediante as respostas anteriores, que a meu ver não enfocavam mais tanto em números - não saberia se isso seria um produto da afetação daquele encontro o qual eu havia feito algumas ponderações acerca de seu método - mas mais em elementos imateriais, trouxe à baila o seguinte ponto: para as análises de jovens talentos você vai mais pelo *scout* ou pelo *feeling*⁴³?

Empresário Cláudio

⁴³ Modo ou capacidade de sentir uma situação; percepção, sensibilidade, sentimento, sentimento intuitivo, pressentimento, presságio, suspeita.

Conta bastante o *feeling* do negócio. Às vezes a gente erra. Um exemplo: o Tite⁴⁴, treinador de seleção brasileira, erra. Ele mandou o Marquinhos⁴⁵ embora do Corinthians. Em um ano... os caras da Roma chegaram com dois milhões de euros, ele disse: 'esse daí pode vender, que esse não vai jogar em lugar nenhum com essa altura'. Tem um metro e oitenta e um.

É... liberou para Roma. Os caras pagaram 60 milhões de *transfer*⁴⁶ para o Paris Saint Germain. O cara é o cara da seleção... é o zagueiro da seleção. Então, a gente erra no mercado. É normal. Hoje, para tu ver, o melhor treinador do Brasil, considerado entre os cinco do mundo, errou. A gente erra, é uma aposta. Não adianta.

Tem um monte de promessas que não vingaram. O menino que era para ser o novo Pato⁴⁷, quando ele saiu do Inter, que o pai estava sempre no Beira-Rio, hoje, é triatleta. Pedala, corre, nada...

Para mim, o grande erro está no queimar etapas. Os clubes, até os próprios pais e uns empresários. Nós temos histórias de meninos que o próprio empresário dá salário maior do que o clube dá. O que eu vejo... eu estou por fora, mas tu vê o porquê, né. Eu vejo muito aluno trabalhando, sem formação, em estágio, sendo treinador...

Diário de campo, 21 de maio de 2019.

Cláudio, nesse momento, evidenciava que os métodos analíticos dos operadores do futebol não possuem total eficiência. Mesmo que a sua metodologia intuitiva, como admite, não fosse perfeito, igualmente definia que poderia subjugar o processo analítico matemático, não apenas os estatísticos. Pois, a partir do exemplo utilizado em que Tite, à época treinador do Corinthians/SP, utilizou as medidas antropométricas como fator de corte na concepção de talento, demonstra que a percepção, mesmo não sendo totalmente garantida, se faz muito necessária para as análises e escolhas. O interlocutor não aponta para um método melhor do que o outro, contudo, apresenta que as suas decisões são mais apontadas a partir de crenças do mundo do futebol brasileiro. Se, ao usar a intuição, o *feeling*, como operadores para as situações de escolhas, os resultados não podem ser entendidos como preditivo de sucesso. Não haveria como existir essa garantia em um universo que conta com imponderáveis e, sobretudo, na ação do apostar estruturado em *feeling*. Portanto, não haveria dentro desse sistema complexo preditores que pudessem de alguma maneira garantir os resultados esperados. As apostas pareciam mais baseadas nos sentimentos, nas experiências do que em qualquer outro fator. Pelo o que eu vinha aprendendo junto com os meus interlocutores empresários, os próprios pareciam que iam aprendendo a ser empresários com o tempo de estrada, como costumava Edmilson ressaltar: "você tem que ter vivência no futebol para fazer a análise certa. Eu vivo futebol há mais de trinta anos".

⁴⁴ Adenor Leonardo Bacchi é um técnico e ex-futebolista brasileiro que atuava como volante. Atualmente comanda a Seleção Brasileira de Futebol.

⁴⁵ Zagueiro da seleção brasileira do Paris Saint Germain/França.

⁴⁶ Taxa de transferência de direito esportivo federativo, o que pode ser entendido como o antigo 'passe'.

⁴⁷ Alexandre Rodrigues da Silva, mais conhecido como Alexandre Pato ou apenas Pato, atacante do São Paulo.

No dia 24 de abril de 2019, quase um mês antes do encontro etnográfico no escritório do Cláudio, eu havia me deparado casualmente com o empresário Reynaldo. Naquele dia, o encontro não ocorrera de forma deliberada. Deparamos-nos na saída de um jogo Gre-Nal das categorias juvenis que ocorrera no Centro de Treinamentos Morada dos Quero-Queros, em Alvorada/RS. Aquele encontro poderia ser considerado como fruto do acaso se o local não fosse tão frequentado por empresários e que a probabilidade de o encontrar não fosse baixa.

Fazia algum tempo que não conversávamos. Reynaldo era um sujeito que havia me auxiliado muito em meu trabalho de conclusão de curso no bacharelado. Assim como para a pesquisa do TCC, ela havia se comprometido em me auxiliar nesta também. Contudo, as suas contribuições mostravam-se infrequentes, se comparadas aos auxílios de meus outros interlocutores empresários. Reynaldo até o presente evento, pouco respondia às minhas solicitações. Estava sempre ocupado e por isso nem sempre podia me atender as demandas da pesquisa. Para minha sorte, ou qualquer coisa que o valha, naquele dia, parecia que estava com menos pressa do que o habitual. Já havia o encontrado em outras ocasiões em que sempre se demonstrava atrasado para outro compromisso. Como aquele dia apresentava-se diferente, aproveitei o ensejo para perguntar sobre a possibilidade uma entrevista ou uma visita em seu escritório. Para meu espanto, o interlocutor aceitou a ideia da entrevista desde que fosse naquele momento e um shopping na zona sul de Porto Alegre, local onde havia marcado para ter uma reunião com os pais de um menino que estava começando a agenciar. "Se tu puder, podemos fazer agora. Tenho uma reunião com os pais do Felipe Flecha no Praia de Belas. Vamos até lá e fizemos antes da chegada dos pais".

Figura 5 - Campo A do Centro de Treinamentos Morada dos Quero-Queros



Fonte: o autor

Como nem sempre esse tipo de oportunidade surgia, haja vista, os meus interlocutores empresários estarem sempre envolvidos com os seus negócios, aceitei e imediatamente parti para o local de encontro. Seguimos para o shopping Praia de Belas. O encontro fora marcado para a praça de alimentação. No local, antes de começarmos a entrevista, o interlocutor

alertou-me mais uma vez sobre o compromisso que teria mais tarde, dessa forma, eu teria que aproveitar ao máximo possível o tempo disposto. No momento, que soube da reunião com os pais, imaginei uma grande oportunidade etnográfica. Até então, eu não havia acessado esse tipo de ação dos empresários e que julgava muito importante para a pesquisa. Quando eu comecei a pensar na estrutura desta, planejei algumas estratégias que a meu ver seriam interessantes para responder ao problema inicial. Dentre as quais, a observação das relações diretas entre parentelas e empresários seria enriquecedora para a qual havia me propondo. Infelizmente, não tive autorização para participara da reunião. Reynaldo explicou os motivos, dentre os quais os sigilos dos negócios e como preservação das privacidades dos seus clientes.

Voltamos à entrevista em si. Como havíamos recém saído de um clássico Gre-Nal, começamos a nossa conversa por ele. Inicialmente, as nossas primeiras impressões sobre o jogo estavam de acordo. Para nós, a superioridade da equipe gremista fora marcante, e que o resultado de três a zero, faria jus à supremacia do Grêmio nos jogos grenais das categorias de base, no ano de 2019, que se iniciara em janeiro na Copa Santiago, com a vitória tricolor pelo placar de quatro a um. Desde esse primeiro Gre-Nal, o Grêmio acumulou diversos triunfos em cima do arquirrival Internacional. Após a troca das primeiras impressões sobre a partida, em que o mote focava mais a aspectos coletivos do que singulares. Não demorou muito para a conversa se direcionasse as individualidades. Na categoria juvenil, dificilmente, um atleta em campo não tenha um empresário. Comumente, os empresários vão a esse tipo de jogos mais para prestigiar os seus boleiros do que captar jogadores. Contudo, não existem impedimentos que eles se façam presentes com o escopo de prospecção.

Empresário Reynaldo

Eu tenho titulares nas duas equipes. Fui no Gre-Nal para prestigiar a molecada. Eles te cobram se tu não ir olhar eles jogarem. Ainda mais se começarem jogando. Por isso, que eu paro tudo que eu tenho a fazer pra ir nos jogos. Também não poderia ser diferente. Eles são o futuro da minha empresa e daqui uns anos vamos estar ganhando juntos. Se eu não valorizar os meus jogadores, outros vão querer valorizar, né[...] eu vou nos jogos dessas categorias só quando tem jogador meu envolvido. Não adianta muito ir atrás de jogadores, ainda mais em Gre-Nal, porque nessa idade já estão todos com empresários. Eu só vou se alguém me disser que tal jogador está sem empresário e pelas características me agradarem. Mas mesmo assim se eu estiver olhando o jogo e ver um jogador que me agrada eu vou atrás saber quem é o empresário. Se tiver eu procuro saber quem é, e, quem sabe, propor uma parceria. Só não vou tentar tirar o jogador do empresário, mesmo que seja um menor do que eu.

Diário de campo, 24 de abril de 2019

Nesse dia, passei a perceber, através da fala de meu interlocutor, quão importante é a presença do empresário nos jogos. Às vezes, o estar presente para ser visto e associado à imagem do atleta, pode ser de grande influência para a carreira do atleta. A imagem do

empresário, nesse sentido, pode se tornar como uma mais-valia, na trilha do agenciado.

Quando me encontrei com o Reynaldo no shopping, fui com a intenção de buscar respostas para coisas que estavam me causando estranhezas. Uma delas estava justamente no excerto acima. Como seriam constituídas as noções que tornariam um jogador agradável aos olhos dos empresários? Como as concepções de um jogador interessante se atravessam na tomada de decisões? A partir de que ponto os valores simbólicos tornam-se mais ou menos atraentes do que outros? Em suma, como surgem as ideias/concepções referentes às escolhas sobre os jogadores?

Em dado momento da entrevista, Reynaldo trouxe uma questão que quase sempre é pauta nas mídias esportivas. Habitualmente, os meios jornalísticos suscitam o debate entre Cristiano Ronaldo versus Lionel Messi. No entanto, não entendi bem a motivação do meu interlocutor ao realizar tal intervenção, haja vista, estarmos conversando sobre meninos da dupla Gre-Nal. Questionei-me, o que teria a ver Messi e Cristiano Ronaldo com aqueles meninos? Vamos à questão de Reynaldo: "quem é melhor Cristiano Ronaldo ou Messi?".

Como pesquisador, achei que as respostas deveriam partir mais dele do que de mim. Nesse sentido, escusei-me em responder. Achei que a minha manobra seria importante para as respostas que eu buscava, pois se eu colocasse a minha concepção na mesa de alguma forma poderia estar contaminando as respostas para as suas concepções. Assim sendo, não queria influenciá-lo com minha resposta. Reynaldo, um ex-professor de educação física, sacou do bolso da calça o celular para, através dele, enviar-me um fotograma, com as imagens dos dois atletas. Na figura, continha os *scouts* de CR7 e de Leo Messi. Olhando para a frieza dos números pareciam muito equilibrados, com uma leve tendência para o argentino em alguns quesitos. Como já disse, preferi me esquivar em dar a resposta. Meu interlocutor, não respondeu diretamente, mas trouxe dados que evidenciavam algumas noções para as suas escolhas.

Empresário Reynaldo

Cara, sou muito do humano. Gosto muito de ser verdadeiro, do contato físico. Não gosto muito dessas paradas tecnológicas. Sou mais o olho no olho. Hoje, vejo muitos empresários de futebol reféns de *scouts* de atletas. Não vão a campo. Ficam no celular olhando vídeos ou *scouts*. Vão perder dinheiro se forem ficar só nisso. Parece que tudo se resume a isso. São essenciais? Em parte. Por exemplo, para um centroavante saber que ele fez um monte gols pelo campeonato tal é uma ótima referência. Mas tem sempre que se associar ao contexto dos feitos. Fez 50 gols contra quem? Não é só isso para determinar quem é talentoso, quem tem potencial. Vejo muito empresário de meia tigela ou até mesmo esses caras metidos à caça-talentos, a olheiros falarem em projeção, em jogador nota oito, nove ou dez, jogador extraclasse, diferenciado, pica da galáxia e não sabem nada de nada. São uns falastrões. Estão ferrando com o nosso futebol. O sete a um é por causa dessa gente! Usam alguns critérios extraídos friamente do campo. Para mim, não é assim que deve funcionar. Digo para mim por

acreditar que a análise é mais complexa do que isso que eles querem fazer. De objetivar tudo. Para mim, o futebol é um espetáculo. A arte conta com minhas impressões. São as minhas subjetivações e é nisso que eu ainda acredito. O jogador de futebol deve ser entendido através da qualidade, muito particular, e não em números frios. Quando me perguntam quem é o melhor, logo já entendo que querem uma resposta sobre qualidade e não quantidade. Se tivesse me perguntado quem tem os maiores índices em campo. Ressalto os maiores, se tivesse me perguntado os melhores em termos de qualidade, diria que cada gol deveria ser analisado dentro do pertinente contexto. Se foram de pênaltis. Se foram, nos parece ser a forma mais fácil de marcar um gol. Mas daí eu pergunto: quem era o goleiro? Vai lá e faz no Michel Alves ou no Neuer. É fácil? A perna treme. Em que circunstâncias foram batidos esses pênaltis? Qual o tempo de jogo, como estava o placar, em qual campo, a temperatura, o clima, a tabela de pontos, o time vinha sendo apoiado pelos seus torcedores, a imprensa andava criticando, o batedor estava bem fisicamente e mentalmente naquele dia, vinha de lesão, estava próximo de sua fadiga? Além disso, os salários estavam em dia? Tinha racha no grupo? Ciúme de um ser mais badalado do que os outros? Ou ter um salário muito, mas muito maior? Em suma, seriam inúmeras questões para contextualizar. Por isso que não dá para racionalizar um talento com base somente em números. O estilo de jogar não pode ser medido, tem que ser apreciado.

Diário de campo, 24 de abril de 2019.

Depois da resposta do meu interlocutor, pude perceber que as concepções para as escolhas de jogadores do empresário Reynaldo, assim como do Cláudio e do Douglas, perpassavam muito pelo momento, pela situação vivida. Reynaldo entenderia que números estatísticos estariam dentro de um arcabouço de dados frios. Em oposição, poderia se pensar que os dados quentes seriam todos inseridos no momento, na situação vivida. Os valores que norteavam as suas escolhas seriam construídos muito situacionalmente em posições-relações que estão postas pelos distintos arranjos, como tempo, espaço, adversários. Ou seja, o momento vivido pelo jogador parecia ser muito mais importante, do que qualquer informação de cunho estatístico. Não que essas últimas necessitassem ser desvalidadas, mas que devessem ser sempre confrontadas com as devidas circunstâncias ocorridas, com os distintos panoramas.

Como forma de ilustrar o que estou me referindo, trago o evento do dia 2 de setembro de 2020. Nesse dia, recebi um vídeo em que Alisson Mateus, jogador das categorias de base do Santos - eu o conhecia desde 2014, pelo apelido de Sapinho, quando ele ainda era jogador da base do Grêmio - fazia uma comparação entre os seus números de gols marcados com os de Neymar⁴⁸, os de Rodrygo⁴⁹ e os de Gabigol⁵⁰. O recorte contextual ocorrera com a

⁴⁸ Neymar da Silva Santos Júnior, mais conhecido como Neymar ou Neymar Jr. é um futebolista brasileiro que atua como atacante. Atualmente joga pelo Paris Saint-Germain e pela Seleção Brasileira. É considerado o principal futebolista brasileiro da atualidade e um dos melhores futebolistas do mundo.

⁴⁹ Rodrygo Silva de Goes é um futebolista brasileiro que atua como ponta. Sua formação foi nas categorias de base do Santos. Atualmente, joga no Real Madrid.

⁵⁰ Gabriel Barbosa Almeida, mais conhecido Gabriel Barbosa ou pelo apelido Gabigol, é um futebolista brasileiro que atua como atacante. Atualmente joga no Flamengo. Estreou como profissional pelo Santos, em 2013,

categoria Sub-15, do Santos Futebol Clube. No vídeo, Sapinho exaltava os seus dados estatísticos relacionado aos números de gols marcados. Nele afirmava ser maior goleador, enquanto jogador infantil (Sub-15), do que as melhores revelações santistas dos últimos tempos. Sapinho teria anotado 21 gols, enquanto Neymar 15 gols, Gabigol 20 gols e Rodrygo 18 gols. Com essa comparação, o menino buscava, além de mostrar-se mais artilheiro do que esses jogadores consagrados, atribuir peso simbólico ao seu futebol enquanto atacante. Ao criar a comparação, utilizando-se de contextos diacrônicos - o clube e a categoria - de certo modo trazia noções que se aproximavam das utilizadas pelos empresários. Mesmo se essas noções fossem aproximadas, seriam apenas iniciais. Pois, conforme o pensamento dos meus interlocutores, as concepções seriam mais complexas e perpassariam mais pelo *feeling* do que pelos números frios.

Não se deve negar que os números do menino de alguma maneira lhe ajudem na construção simbólica, a narrativa exposta, relacionada ao espaço e ao tempo, tem força para isso. Contudo, somente esses dados não seriam suficientes, por exemplo, em validar ou atribuir um maior peso simbólico do que os jogadores elencados. O critério destacado da estatística, mesmo que esteja ao seu favor, salve melhor juízo, não será o fator de definição do seu valor de mercado, haja vista, possuir um peso simbólico. O que poderá melhor representar o seu peso seriam os números, somados ao clube, à categoria, com outras questões contextuais como contra quem foram marcados esses gols, quantos de pênaltis, quantos de dentro da pequena área, como fora construída a jogada, enfim, uma enormidade de informações que ajudam a conceber o valor, mas que perpassa muito mais pelo sentimento do observador, do momento vivido do atleta, do que pela marca. Portanto, seguindo a lógica do campo, sem as devidas contextualizações não haveria como atribuir valores. Pois as representatividades são dependentes das situações.

O que pude perceber que "o momento" e "a aposta" significam exatamente que as decisões são sempre relacionais. O campo fora me ensinando e assim eu fui compreendendo a enorme importância para os empresários catalogar e incorporar uma enormidade de informações. De tudo, o que pude entender que os empresários dependem muito das informações de mercado e que os que mais detêm acabam com mais chances de serem bem sucedidos nos negócios.

Quando conversei com o empresário Cláudio pela primeira vez a respeito da constituição da tomada de decisão a respeito da captação de atletas, em maio de 2018, tive a primeira impressão que o empresário privilegiava mais o uso das projeções através de

números do que pelo uso do sentimento. Através de suas constatações, em que focava em plataformas de *scouts* na internet, observei que levava muito em consideração os dados estatísticos. No entanto, não pude deixar de notar que os "vídeos de melhores momentos" também faziam parte do seu arcabouço teórico. Pois, na mesa ao lado à sua, o seu funcionário Jimmy Strada havia passado todo o tempo em que estive no local analisando atletas a partir desses artifícios no *YouTube*. Se pensarmos que esse tipo de artefato não privilegia em quase nada os números estatísticos, mas mais a performance estética, não poderia eu acreditar que Cláudio definisse seus interesses somente pela natureza fria dos algarismos.

Para mim, antes de prestar melhor a atenção nas circunstâncias, no ambiente que nos circundava, estava evidenciado que Cláudio levava mais em consideração os dados estatísticos do que essa noção de valores que surgem por meio do *feeling*. O que eu ouvia, e interpretava, era um Cláudio tomando decisões a partir das estatísticas de campo, do que era produzido pelo jogador no gramado. Depois de um tempo, fazendo aquele jogo antropológico de afastar-se para compreender, passei a enxergar com outros olhos a situação. Eu me percebi que naquele dia, e nos que sucederam que eu apenas ouvia, não estava observando.

3.1.1. Cálculo do valor do jogador de futebol

Compreendendo que a procura pelos jogadores de melhor qualidade eram as intenções dos empresários, comecei a observar que atribuíam sentidos nas suas escolhas a partir de construções lógicas particulares. A partir disso, comecei a perceber que meus interlocutores costumavam falar sobre atribuir o valor de multa em contrato dos jogadores estabelecidos em certos nexos mercadológicos. Alguns, como Edmilson e Reynaldo, pareciam se valer muito mais da questão do *feeling* do que outros tipos de fatores analíticos. Outros, como Cláudio e Douglas, preferiam utilizar os valores atribuídos pelas plataformas especializadas de valor de mercado. Foram essas questões que aos poucos foram me prendendo a atenção e que me foram me fazendo perceber como esses agentes atribuíam valores, no sentido de preço, aos jogadores. Dessa forma, algumas dúvidas começaram a pairar. Como poderia ser constituído o valor econômico *stricto sensu* do jogador (aquele que está inscrito em contrato)? Como se chegava aos valores e se eram utilizados critérios para estabelecer tal? O que faziam pensar que o seu cliente [jogador] teria que ter determinado valor de multa rescisória [cláusula indenizatória desportiva⁵¹] em contrato? Essas perguntas apriorísticas existiram em razão do

⁵¹ O valor da cláusula indenizatória desportiva é pactuado livremente entre as partes e deve estar expresso no contrato de trabalho desportivo, sendo que, para transferências nacionais o valor máximo da cláusula é o

meu entendimento que o valor de um jogador de futebol seria o valor da multa em contrato, algo que mais adiante fui compreender a existência de outras disposições.

Debates na área das socioculturais já discutem a noção de valor de talento. Nesses estudos, as considerações firmadas foram no sentido em apontar a ineficiência em estimar valores aos jogadores, sem levar em consideração as devidas contextualizações, dentro dos distintos circuitos futebolísticos. Segundo Damo (2005), para isso, se creditava questões das mais diversas camadas, principalmente, por razões de ordens simbólicas, avessas a padrões de cálculos. Em 2009, Júlio Palmieri, em sua dissertação, também considerou que o valor de um atleta deveria passar por um emaranhado complexo de redes de significações, sendo que esses problemas impediriam a mensuração de um valor. Dessa forma, a maior dificuldade em torno do tema seria encontrar uma noção que possibilitasse a constituição de critérios específicos e objetivos que pudessem normatizar a aferição do valor. Ou seja, que pudessem ser quantificados e por sua vez definir o quanto seria, grosso modo, o preço de um atleta.

Por outro lado, na área da contabilidade, o preço do atleta poderia estar vinculado ao valor estabelecido em contrato. Ou seja, aquele valor que, quando empresários e dirigentes de clubes, acertam nos termos contratuais, deve estar inserido como cláusula compensatória desportiva (CALEGARI, 2016) ou, vulgarmente, chamada de multa rescisória. A minha interrogação poderia ser respondida a partir daí. Observava que o valor de um jogador de algum jeito parecia estar atrelado a essa convenção. O valor de venda estaria condicionado a esses números, por intermédio dos empresários, pactuados entre clubes e atletas e o que eu queria entender como esses valores eram formulados. Como os empresários apresentavam aos clubes os valores que eles julgavam ser o de seus jogadores. Como os empresários entravam em acordo sobre os valores para transferências. Pela conversa do empresário Cláudio com Felício, a noção parecia seguir por aí.

O empresário Cláudio, ao falar com o funcionário da sua empresa Felício Antunes, pediu para que desse uma olhada no site Transfermarkt para colocar o valor da multa no contrato de um jogador que iria negociar novo contrato com o clube. "Felício, dá uma olhada no valor do Alegrete no Transfermarkt, tenho que negociar a renovação do contrato dele hoje com o clube e preciso saber quanto ele tá valendo". Perguntei a Cláudio se isso teria relação direta com o valor do jogador. Respondeu-me: "para mim, tem muita. Eu gosto de usar esses valores porque hoje tudo gira em torno da tecnologia. Se eu apresento para um dirigente de clube esses números, de um site estrangeiro, ele não tem como negar a confiabilidade e muito difícil não aceitar".

Diário de campo, 29 de agosto de 2019.

equivalente a duas mil vezes o valor do salário médio contratual do atleta e, para transferências internacionais, não há qualquer limite para fixação do valor.

No dia 28 de novembro de 2018, durante jantar com o interlocutor Edmilson e alguns amigos, no restaurante Outback, assistindo ao campeonato brasileiro, resolvi trazer à baila essa minha inquietação. Notando a preocupação de Edmilson, por conta do jogador da sua empresa estar no banco de reservas, o que para ele isso significaria uma desvalorização, perguntei como considerava o valor do seu jogador. O que fazia pensar que seu jogador perderia valor começando a partida no banco de reserva.

Empresário Edmilson

Vou te responder usando um exemplo, O Valdir do Cobreloa fechou contrato de dois anos com multa rescisória de €\$ cinco milhões e salário de 90 mil. O Cobreloa queria três anos de contrato e multa de dez milhões. Insisti na cláusula de liberação em 48 horas, caso chegue uma proposta com os valores que nos agrada, teria que liberar imediatamente. No caso, eu ressaltéi que o menino chegou de graça. Por isso, eles não poderiam exigir nada diferente. Sendo que eles não poderiam querer barganhar. O que eu quero te dizer, que não dá para dizer que o jogador vale pelo o que está em contrato, mas sim pelo o que o mercado se dispõe a pagar e o clube a vender. Tem que ter um meio termo, Claro que esses números se colocam como projeção, porque os clubes sabem que os europeus estão pagando tanto por jogadores daquele nível. Mas para mim às vezes não compensa uma multa muito alta é melhor o jogador ser transferido, do que ter uma multa grande e ficar preso.

Não tem nada certo. Às vezes, tu acha que vão te oferecer uma coisa e vem com outra nada a ver do que tu esperava. Os valores do salário e da multa são muitos subjetivos. O salário é estipulado conforme a necessidade do clube, se ele quer realmente o atleta, e deve ser considerada a saúde financeira da instituição. Eu procuro saber qual é a faixa salarial do clube, quanto ele paga por posição. Tem todo um contexto a ser analisado. O primeiro é saber a idade. Nem vou falar de qualidade técnica e física, pois isso é o mínimo que se espera. Tem que saber qual a filosofia do mercado e dentro disso entender qual a cultura dos clubes. Tem clubes que preferem jogadores com certas características, outros preferem de outras. Na Alemanha é um tipo de futebol, em Portugal, é outro. Tem que conhecer o cenário para se elaborar proposta salarial. Na verdade, a gente costuma fazer contrapropostas, pois os clubes já vêm com a proposta. A gente sabe que sempre pode melhorar um pouco, Difícilmente, eles vão oferecer o que realmente vale o jogador. É jogo de mercado. É saber e poder negociar.

Diário de campo, 28 de novembro de 2018.

Eu vinha, até então, entendendo que o valor de um jogador também poderia ser atribuído a partir dos números insculpidos em contrato. Pois, seria a partir dali, das combinações de preços, entre clubes e empresários, que seriam determinados o preço do jogador. Contudo, esse diálogo - como os outros anteriores com os outros empresários - começou a fazer-me olhar com mais atenção a esse fenômeno. O que estava iniciando a perceber a partir da narrativa de Edmilson que existiam diferentes lógicas nas combinações de preço. Até aquela ocasião, acreditava que o valor do jogador de futebol era estipulado pelo clube com a anuência do jogador e de seu empresário. Talvez, essa noção estivesse muito atrelada às minhas memórias do tempo que existia o "estatuto do passe", em que o preço de vendo era definido unilateralmente pelos dirigentes. A partir da situação etnográfica, a

narrativa de meu interlocutor fez-me refletir mais sobre as articulações para a constituição do valor econômico do atleta. De acordo com a fala de Edmilson, estaria mais para uma ordem de oferta e de procura, atravessada por uma variedade de fatores, que, sem as devidas contextualizações, seria impossível de determinar preço. Assim sendo, com menos certeza e agora com mais dúvidas, procurei, apesar de ser necessário constituir algumas generalizações para começar a compreender as disposições do campo, a prestar a atenção mais no que os empresários tinham a me falar, nas suas ações, do que propriamente em minhas convicções.

Antes de ter esse encontro etnográfico com o Edmilson, havia, no dia 29 de agosto de 2018, estado no escritório do empresário Cláudio, na Zona Sul de Porto Alegre. Naquele dia, conversamos justamente sobre como calcular o valor do atleta para ser colocado em contrato. Dentre inúmeras coisas, o que ficara mais latente seriam os números produzidos por *scouting*. Fora o que o meu interlocutor por mais vezes destacou. Conforme Cláudio, os *scout* dos atletas, como duração do contrato restante, idade, status internacional, progressão na carreira, desempenho nos clubes e, em alguns casos, em seleções, entre outros, como os utilizados pelas plataformas Transfermarkt, Wyscout⁵², ou como as consultorias Centro Internacional de Estudos Esportivos (CIES)⁵³, na Suíça, e a brasileira Pluri Consultoria⁵⁴, poderiam determinar com mais rigor os valores de mercados dos jogadores. Segundo o empresário, dificilmente empresários dirigiam-se a reuniões em clubes para discutir contratos, sem antes consultar essas tecnologias. Conforme o interlocutor, o valor de um atleta perpassava principalmente pelas informações de *scout*. Para Cláudio, os dados numéricos poderiam encaixar os jogadores em categorias padronizadas de valores, determinando o preço.

Empresário Cláudio

Eu uso o *scout* para ter uma noção de quanto pedir pelo o jogador. Antes da reunião, pode ser renovação de contrato ou uma transferência em que tem que fazer contratos novos, não importa, eu dou uma conferida no Transfermarkt para saber quanto está o valor de mercado. Sempre peço bem acima do que está porque os dirigentes vão querer negociar e daí chegamos ao denominador comum.

⁵² Base de dados digital, destinada a clubes, seleções, empresários de futebol, agências de marketing, olheiros, observadores técnicos, treinadores, jogadores, árbitros e jornalistas, que, por meio de assinatura, oferece estatísticas e vídeos de equipes e de jogadores de futebol.

⁵³ O CIES Football Observatory é um site especializado na análise estatística do futebol. Foi fundado em 2005, por Raffaele Poli e Loïc Ravenel, aos quais se juntou Roger Besson, e é apoiado e enquadrado pelo Centre International d'Étude du Sport, na Suíça (NOLASCO, 2018).

⁵⁴ De acordo com a seção sobre da empresa: a Pluri é a consultoria que deu origem ao Grupo Pluri, que hoje conta com 7 empresas atuando nos setores de Esportes e Entretenimento. Foco em consultoria em gestão, governança, finanças e marketing esportivo para clubes, entidades e atletas. Pesquisa, análise, cenários e tendências, estes são os nossos pilares. É uma empresa que busca resultados concretos para seus clientes a partir da união das áreas de economia, gestão e marketing.

Mas para mim os valores de mercados são esses que estão nos sites, mas valor de venda é o mercado que determina.

Diário de campo, 29 de agosto e 2018.

O empresário Cláudio apresentava uma noção de valor de jogador estruturada em princípios analíticos de sites especializados em atribuição a valor de mercado a atletas. Contudo, demonstrava que utilizava essas informações como meio de barganha na negociação de contratos. Como já dito no capítulo anterior, em janeiro de 2019, viajei junto com o empresário Douglas para a cidade de Santiago do Boqueirão. À época, meu interlocutor estava realizando um curso de análise de desempenho para melhorar a sua eficácia em relação às análises de campo. Contudo, havia desistido, quando um colega de empresa, que estava há mais tempo no ramo, o alertou sobre a ineficiência ou inutilidade do método para o que se propunham. Segundo o meu interlocutor, para o processo de captação, seu colega havia dito que os números estatísticos importariam muito menos do que as percepções, as intuições, que pudessem ser atribuídas à base do sentimento, do *feeling*.

Empresário Douglas

Eu comecei a fazer um curso de análise de desempenho do Ricardo Pombo e o Maurício me disse que é furada. Até eu estava curtindo o curso. Mas ele falou que isso pouco nos ajudaria a compreender o que estávamos buscando num jogador. Que o curso serve mais para táticas, que os treinadores que precisam. Ele disse que nós empresários temos precisamos acreditar em nossas intuições e nas nossas experiências. Ele disse que eu aos poucos vou pegar o jeito de olhar, que não preciso ficar ansioso e querer aprender na marra. Aos poucos, os resultados iriam aparecer e eu perceberia que aprendi a observar.

Diário de campo, 14 de janeiro de 2014.

Não fazia muito tempo que Douglas estava nesse ramo. Ele trabalhava numa empresa de revenda de materiais esportivos, quando aceitou, em abril de 2018, o convite para se associar à empresa de Ramiro Morales, sediada em São Paulo. Douglas foi convidado por um dos fundadores da empresa, depois que durante uma viagem de Porto Alegre a Santa Maria, para tratarem junto aos familiares de um atleta da base do Pitangueiras a contratação para empresa. O Douglas tinha procuração da família para tratar quaisquer assuntos relacionados não somente do futebol, mas de qualquer âmbito. Douglas se dizia segundo pai do menino. Além da boa impressão que ele causou por conta do conhecimento sobre atletas das bases no Rio Grande do Sul, segundo o interlocutor, o convite teria ocorrido pela boa circulação que possuía entre os diretores das categorias de base.

A não utilização desse artefato como ferramenta para as observações estaria condicionada ao princípio da intuição do sentimento. Para o colega de empresa do meu

interlocutor, os números estatísticos não seriam tão importantes se colocados em contrastes com sua percepção, com a sua sensibilidade de observar o desempenho dos jogadores. Algum tempo depois, encontrei o Douglas em uma partida do Pitangueiras e perguntei se ainda estaria usando a metodologia de análise de desempenho para as suas observações. Respondeu-me: "Cara, eu terminei o curso e vi que para nós não serve de nada. Mas valeu a pena fazer, só não sei se o uso dele adianta para olhar a gurizada [...] bem como me disseram que aquilo não ajuda a definir quem é bom de bola e nem avaliar o preço de transferência".

Fazendo coro ao que pensava sobre o uso de certas tecnologias ao colega de empresa do Douglas e agora o próprio, estava Edmilson. O empresário sempre se mostrava avesso ao uso de tecnologias para tal finalidade. Talvez, por ser o mais antigo na função dentre os meus interlocutores-empresários, e por ter sido jogador de futebol, por ter em tese mais experiência na área, creditasse ao seu conhecimento a razão de suas boas escolhas. Antes de iniciar a carreira solo, trabalhou com um dos maiores empresários do Rio Grande do Sul, o Tobias Barreto, o que pode indicar *modus operandi* mais conservador. Edmilson, além de gostar de exaltar o tempo inserido no meio, adorava de apontar a superioridade do seu método avaliativo mediante aos outros. Não foram poucas as vezes que ouvi declarar que: "o cara que usa muito *scout* não é de nada. Não entende nada. Eu estou a minha vida toda no futebol, conheço o jogador só pelo andar, pelo jeito de tratar a bola".

Edmilson, apesar de estar há anos no cenário futebolístico como empresário, fazia pouco tempo que tinha montado o seu próprio escritório. Depois de mais de quinze anos como empregado, achou melhor ter o seu próprio negócio. Segundo Edmilson, o primeiro ano foi muito difícil. Quase não conseguia pagar as contas de casa. "No primeiro ano, eu só pagava conta. Não entrava nada. Daí saí de Porto Alegre para Florianópolis e as coisas foram melhorando". Em Porto Alegre, Edmilson não possuía escritório. Atendia em sua própria casa na zona sul. Quando se mudou para Florianópolis, continuou atendendo em casa.

Enquanto trabalhou para Barreto, nunca precisou atribuir valor de transferência ou de mercado em jogadores de futebol. A sua função no antigo emprego era outra. Foi somente quando passou a atuar por conta que se viu na situação de ter que definir os valores de contrato de seus clientes.

Empresário Edmilson

Cara, eu vou te fazer uma comparação bem grosseira para mostrar como eu penso como se coloca preço no atleta. Claro que tem aquela montoeira de coisas que você utiliza para botar o valor, títulos, idade, gols, *scout* e todo aquele bla bla blá. Mas para mim tudo isso perde sentido quando entra a questão emoção e desejo. Estou falando de jogadores consagrados, até porque o desconhecido ou

iniciante tu colocas o preço que quiser porque os caras são incógnitos. Ninguém vai pagar o valor que tu estipular se não tiverem interesse. Daí vai muito se um maluco quer apostar no escuro ou não.

Eu vou usar os exemplos de jogadores conhecidos. Então, vai muito mais da vontade do dirigente, da pressão da torcida, do desejo em contar com atleta. Claro que tem toda aquela questão da multa conforme o salário. Mas aquilo é para inglês dormir. Os clubes colocam valores altíssimos, mas os empresários quase sempre exigem que tenha uma cláusula que facilita a transferência do jogador sem que seja pago o valor total da multa. Quando eu levei o Ubaldo para a Itália eu avisei ao clube que se eles não aceitassem o valor abaixo da multa eles iriam perder o jogador de graça no outro ano. Naquele contrato eu não exigi a cláusula. Deu mais meio ano e eles venderam por bem menos do que a multa que era de oito milhões de euros e saiu um pouco mais de dois milhões [de euros]. Se os caras querem demais o jogador o dirigente vai pedir xis. Mas daí o outro dirigente vai dizer que o fulano vale ípsilon que tem que baixar o preço. Se sou eu o dirigente, e tenho uma condição financeira estável no clube, mando ele comprar o outro. Agora se preciso vender vamos negociando. Então o preço não é definitivo e nem pode ser regrado pelo valor dos direitos federativos [econômicos]. Digamos que a multa de rescisão de contrato é um valor estipulado como máximo. Mas poucas vezes acontece de sair por ela. A ida do Neymar para o PSG é a única que eu me lembre assim de cabeça. Então, para mim, o valor está mais ligado ao quanto querem pagar pelo atleta, mais pela necessidade do clube comprador, do que por uma montoeira de circunstância do que o preço fixado pelo clube vendedor.

Se tu quer muito o jogador, no caso o clube, tu vai pagar o que pedirem. Não tem isso de comparação. É gosto, é paixão mesmo. Eu quando faço o contrato com o clube e colocam a multa rescisória, muito alta já peço para colocar uma cláusula que permita sair por um valor menor se o time que tiver interesse no meu jogador nos agradar [no sentido de interessar]. Pode colocar a multa de 8 milhões de euros, os caras da Itália acenarem com 3 milhões vai sair. Se não quiser vender por este preço vão perder dinheiro. Entendeu? Não tem isso de calcular preço de talento. Que o caras fez tantos gols e deu tantos passes. Claro que tem algumas coisas a ver, mas não é tudo. O preço é o que o mercado está exigindo. Se os caras estão pagando é tanto é tanto. Qual clube quer? Ah, é esse! Então, é tanto. A multa é só para ter um valor. Ninguém paga o que está estipulado em contrato, Tu acha que os europeus vão pagar o que está como multa pelo Cebolinha? Não vão. Os únicos que pagam sem negociar são os chineses, Mas nem todos querem ir para a China.

O que eu posso dizer, pela minha experiência, que não tem como dizer com exatidão como se constitui o preço, o valor da multa, do jogador. É aquilo que pensamos que vale. Se o fulano está com tal valor, nós se acreditarmos que temos mais a entregar, vamos pedir mais. Vai muito do mercado. Agora, para dizer se o jogador é bom, comum ou ruim vai muito do gosto, mas principalmente do que eu acredito e aprendi durante a minha vida toda no futebol. Agora, se você tem um diferenciado você pode pedir o que quiser que talvez possam te pagar. Mesmo assim acho difícil.

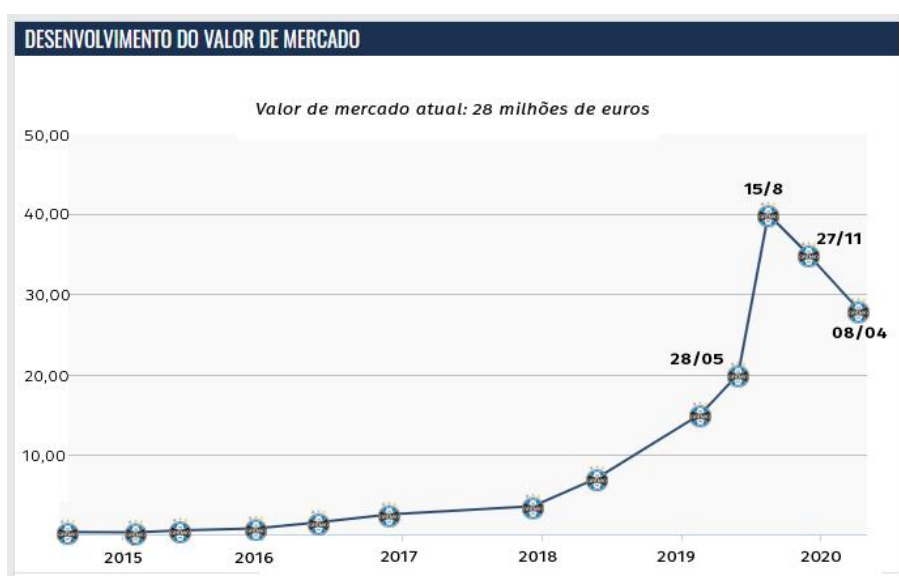
Diário de campo, 28 de novembro de 2018.

Como pode ser visto, não existe um consenso de como calcular o valor de um jogador. A exposição do empresário evidencia que o valor seja muito mais regulado pela necessidade/vontade/desejo que, por sua vez, constitui-se do que Arlei Damo (2005) chama de um emaranhado de complexidades com inúmeras variáveis e de difícil compreensão. No entanto, não pode ser considerada precisa, pois sempre contará com margens para a inclusão de gostos, de anseios, de necessidades e de afetos como surge através da fala do interlocutor Edmilson.

Levando em consideração o exemplo utilizado pelo Edmilson sobre a transferência de Everton do Grêmio para o Benfica, ocorreu com um valor seis vezes menor do que o

estipulado em contrato, que era na ordem de 120 milhões de euros⁵⁵. O atacante gremista transferiu-se, no mês de agosto de 2020, para Portugal por vinte milhões de euros, um valor muito abaixo da multa estipulada em contrato. O que busquei aprender é que valor de mercado de Everton (vide próximo gráfico) proposto pela plataforma Transfermarkt - segundo Majewski (2016), a metodologia usada utiliza para chegar ao valor de mercado dos jogadores, atributos como número de gols, assistências, valor de mercado da equipe e ranking da FIFA - nunca se aproximou aos números da multa em contrato estabelecido entre Grêmio e o jogador.

Gráfico 1 - Desenvolvimento do valor de mercado do jogador Everton "Cebolinha"



Fonte: Site Transfermarkt

Mediante isso, passei a me questionar por que os números de mercado do jogador instituídos no site Transfermarkt não se aproximaram em nenhum momento dos valores contidos na cláusula indenizatória. O que faria serem tão destoantes? A fim de enfrentar essa pergunta, recorri a uma inspiração de Viviana Zelizer. Quando se pensa em valor de mercado, não se pode perder de vista que o mercado não pode ser pensado como uma esfera autônoma, sem suas diversidades, nos sentido das interações socioculturais e das estruturas sociais. Pois as relações mercadológicas devem ser mediadas pelas pluralidades culturais e pelas redes de interações sociais circunspectas. Portanto, a avaliação do valor de mercado de um jogador não poderia perpassar tão somente por critérios extraídos a fórceps sem as devidas análises

⁵⁵ Grêmio renova com Everton e estipula multa rescisória de R\$ 535,4 milhões. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/esportes/2019/10/706138-gremio-renova-com-everton-e-estipula-multa-rescisoria-de-r-535-4-milhoes.html . Acesso em: 25 ago. 2020.

contextuais.

O uso do contraste residia entres as noções estruturadas no *feeling* com as indicadores estatísticos era necessária para perceber que não existia uma forma homogênea de determinar valores. Nem mesmo a plataforma digital Transfermarkt poderia ser considerada totalmente constituída de dados mensuráveis. Pois, dentre as suas categorias analíticas, existiam elementos mensuráveis e não mensuráveis (MAJEWSKI, 2016). Mesmo que os algoritmos do site estimassem uma série de conjunturas mensuráveis, sem os devidos cruzamentos com as circunstâncias, teria pouca eficácia para alcançar, no sentido o que Zelizer (1988) afirmara sobre as questões culturais e sociais enquanto forças influentes na relação de mercado. Nesse sentido, seria preciso pensar a atribuição de valores a atletas a partir da existência de multiplicidade de circuitos futebolísticos, com suas peculiaridades e atravessamentos externos ao campo de jogo, ou seja, a partir da noção de circuitos mercadológicos, o que, de acordo com Viviana Zelizer (2010), apresentam características peculiares. Os circuitos econômicos, segundo Zelizer (2010), comportam diferentes relações sociais entre os agentes específicos. Possuem nas inter-relações compartilhamentos de significados, além de terem sistemas contábeis comuns para analisar o intercâmbio econômico. Ainda, compartilham as significações em que os agentes creditam a suas atividades econômicas. Instituem fronteiras nítidas entre os membros do circuito e os não membros.

Em maio de 2019, quando estive no escritório do empresário Cláudio em meio à conversa surgiu pela primeira vez a questão de atribuição de valor aos jogadores e, por coincidência, o nome do jogador do Grêmio, Everton Cebolinha, foi objeto central do tema. À época, os rumores davam conta que se avizinhava uma transferência para o futebol inglês. Apesar disso, meu interlocutor entendia que o desfecho não seria o mesmo por conta da intransigência da diretoria do clube gaúcho.

Empresário Cláudio

O exemplo do Everton do Grêmio. O Manchester City está mapeando há quatro anos. Eles querem o jogador. Querem comprar. Só que o Grêmio está falando em 50 milhões de euros. Por que o Grêmio tá falando em 50 milhões de euros? Porque o Grêmio não tem 100 por cento o jogador. Tem 40 por cento. O menino não foi vendido por causa disso. O Grêmio tá pedindo muito dinheiro porque o Grêmio não tem percentual, entendeu? Eu, a minha visão de mercado, é uma venda de 30 milhões de euros. 35 no máximo, estourando.

É complicado. Eu tenho jogador que é valor de mercado. Os caras entendem de mercado. O Everton tá com 21 ou 22 anos. Se fosse 17 anos, ok. 40, 50 [milhões de euros]... Os caras vão ensinar até os 20, para depois... Na minha opinião, o Grêmio tinha que vender o Everton para um time médio e ficar com um percentual para uma futura venda. Para ele ir, jogar, para depois um outro grande comprar. Vende por 30. Fica com 10, 20 por cento. Senta com todos os investidores que têm... explica os percentuais. O Fortaleza. Resolve, entendeu? Fica amarrado pra frente. É um jogador que vai dar

mais frutos. O Everton tem mais para crescer. Se chegar um bom jogador, um cara ensinar ele, tem mais ainda a crescer. É um jogador que não tá no teto. Não tá no final dele.

Diário de campo, 31 de maio de 2019.

Mais de um ano após essa minha incursão exploratória, percebi que meu interlocutor parecia antever os movimentos de mercado. Se confrontarmos os números que previa à época com os da data da venda do jogador, poderemos verificar que estariam muito próximos. Everton saiu para Portugal pelo valor de vinte milhões de euros, quando há um ano ele dizia na casa de trinta a trinta e cinco milhões de euros. O Grêmio conseguiu barganhar junto aos proprietários dos direitos econômicos um valor maior do que tinha de direito⁵⁶. Além disso, conseguiu permanecer com quinze por cento em caso de futura venda.

Como pode ser visto o valor de mercado ou precificação do jogador de futebol não é algo que seja fácil de estipular. Para que possa se chegar a uma definição, são necessárias análises que perpassam por complexas redes e interconexões que ampliam as dificuldades em estabelecer qualquer noção a respeito. O que pude perceber é que os empresários utilizam estratégias próprias para definir o valor a ser fixado em contrato, como a multa em caso de rescisão. Contudo, esse valor não corresponde diretamente ao que os empresários julgam ser o "real" valor do atleta. Sem levar em distinção, se parte de uma administração baseada em indicadores de atributos ou outra baseada no *feeling*, no capital incorporado, o valor do atleta parece estar mais vinculado ao sistema mercadológico do qualquer outro tipo.

Se pensarmos em circuitos, encontraremos os mais distintos mercados. Muito ouvi falar, por meio de meus interlocutores empresários, que o valor de mercado de um jogador aqui na América do Sul é um e seria outro na Europa, por exemplo. Conforme Cláudio, o jogador quando se transfere para a Europa tem um acréscimo no seu valor de mercado. Porém, esse avanço não seria para qualquer liga. Se o jogador se transfere para um time de Premier League (Inglaterra), mesmo que mediano, terá um acréscimo bem maior na questão de valor de mercado do que se transferir para os mais bem colocados da Liga Nos (Portugal).

No entanto, quando se pensa em multa contratual ou valor econômico stricto sensu, o mercado ainda vai influenciar nas decisões me relação a números. Usualmente, de acordo com o empresário Cláudio, os mercados maiores, como os big five - Inglaterra, França, Espanha, Itália e Alemanha - trabalham com valores econômicos de contrato maiores. Isso se deve pelo

⁵⁶ UOL. "Como Grêmio vai receber R\$ 126 milhões do Benfica por Cebolinha." Publicado em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/08/14/como-gremio-vai-receber-r-126-milhoes-do-benfica-por-cebolinha.htm>_ Acesso em: 16 ago. 2020.

poderio econômico, podem pagar salários mais altos aos seus jogadores o que impacta no cálculo da multa. A multa, segundo Cláudio, seria um mecanismo de proteção dos clubes contra os seus principais rivais. "O Barcelona colocou uma multa bilionária no contrato do Neymar e nada adiantou. Mas pelo menos ganharam muita grana. Já imaginou se fosse menor?" Mesmo que os clubes mais ricos estejam nas cinco maiores ligas da Europa, nada impede que, por exemplo, o Benfica (POR) coloque uma multa em contrato maior do que supostamente Fulham (ING) colocaria para o mesmo atleta. "O valor da multa muitas vezes depende dos regulamentos das confederações. Não há uma regra". Sendo assim, os mercados de futebol seriam análogos aos circuitos econômicos de Zelizer, dependentes de infinitas variações contextuais.

Ao fim e ao cabo, cada vez mais, fui me convencendo de que os empresários são sujeito ávidos por informações. De todos os tipos. O que fui compreendendo com o campo era que muitas vezes para formular o valor econômico do jogador, aquele que está em contrato, dependia muito de como o empresário conseguia articular as inúmeras informações coletadas no mundo business do futebol.

3.1.2. Os convencimentos pelos *scouts* e as estatísticas "mentirosas"

O título desta seção talvez soe como exagerado. Adjetivar alguma coisa sempre implica em consequência. No entanto, desde já assumo que este título refere-se a uma noção nativa a florada a partir da fala de um ex-jogador de futebol e atualmente comentarista do canal esportivo SporTV, Paulo Nunes. Sendo que noção assemelhada fora apresentada por alguns dos meus interlocutores empresários. Iniciarei este texto contextualizando sobre a importância das estatísticas de jogo, pelo prisma dos interlocutores empresários, para depois adentrar ao tema que se aproxima mais ao título.

Como pode ser visto em páginas anteriores, os números das estatísticas em campo (*scouts*) também auxiliariam como parâmetros para atribuir valor simbólico ao jogador de futebol. Serviriam tanto para convencer um dirigente sobre a contratação de um atleta, como calcular o valor da multa rescisória. Tudo dependendo de como os sujeitos encarassem o sistema de simbolismos. Nesse sentido, pode se dizer que existem casos em que os agentes envolvidos considerassem mais o sistema de significados relacionados a números do que as significações estéticas em campo, ou seja, a magia do futebol, a estética da jogada ou a plasticidade do lance.

Dentro do universo simbólico do futebol, no caso em tela, o brasileiro, os números

estatísticos contribuem para reputação do atleta. Vários atributos são considerados para imputar valor a um jogador, dentre os quais: número de jogos disputados, tempo de posse de bola, posição que atua, minutos em campo, gols marcados e sofridos, números de defesas, assistências para gols, chutes a gol, passes certos, passes longos corretos, cruzamentos acertados, dribles concluídos, duelos terrenos e aéreos vencidos, faltas cometidas e recebidas, bolas recuperadas e interceptadas, cartões amarelos e vermelhos. Enfim, existe uma enormidade de considerações quantificáveis para serem levadas em consideração quando se fala em estatísticas aplicadas aos esportes.

De acordo com o empresário Cláudio, nos clubes de futebol brasileiro, com maior poder econômico, é usual existir um departamento analítico de dados performáticos de campo, conhecido por setor de análise de atuação/comportamento dos atletas, o qual é operado pelos *scoutings* ou analistas de desempenho. Conforme Cláudio, essa atividade vem sendo muito difundida nos clubes de futebol no Brasil e no mundo. "Hoje, os clubes não podem mais viver sem o departamento [análise] de desempenho. Quem não tiver, perde jogos e não faz boas contratações". Segundo o empresário, os dados estatísticos de um jogador podem definir a sua transferência para um clube maior ou menor, a permanência ou a retirada do circuito futebolístico.

Conforme o empresário Cláudio, os clubes que não possuem essas seções analíticas se socorrem às plataformas especializadas de estatísticas - como o *Wyscout*. Para meu interlocutor, no cenário atual, a não utilização dos recursos de *scout* aumentaria em muito o fracasso desportivo nas partidas. Esses números, por exemplo, em termos coletivos poderiam ser utilizados como critérios pelo departamento técnico no momento de traçar as táticas de campo contra determinados adversários. Ou, em um sentido mais singular, que mesmo assim não deixaria de servir para o todo, em melhorar carências individuais dos seus planteis. O *scout*, nesse sentido, visaria atender a necessidades coletivas em termos desportivos de campo. Por outro lado, o *scout* também pode atender outras demandas, como avaliar as características individuais de determinado jogador por meio de seus números estatísticos com o objetivo esportivo de uma maior atenção ou até mesmo a necessidade de uma marcação individual. Por uma lógica mercadológica, como já visto, serviria ainda nas tomadas de decisões para contratações ou para os novos acordos com seus atletas.

O uso de dados estatísticos para essa finalidade se apresentou bem corriqueiro durante o meu campo. Os interlocutores empresários Reynaldo e Douglas também se diziam adeptos à utilização. Segundo eles, o instrumento era um ferramental potente para compreender a

qualidade do atleta. Pois, ajudaria a mapear e a reconhecer as virtudes, bem como as carências [para melhorá-las por meio de treinamentos]. Além disso, acreditavam em seu potencial de convencimento junto aos clubes. "Levar as estatísticas do atleta para o clube sempre ajuda na hora de acertar um contrato", costumava repetir o empresário Cláudio. "Eu sempre levo os números de *scout* na hora de oferecer e de fechar um contrato com o clube", contou-me Douglas. Assim, conforme o empresário Reynaldo, no momento da contratação de um jovem jogador, além da idade, do histórico familiar, do comportamento extracampo, das doenças, das lesões, leva em consideração essa gama de aspectos transcritos do campo de jogo.

Na questão de captação, os meus interlocutores empresários, como Cláudio e Douglas, por suas vezes, pautados nessas premissas, procuravam encontrar nos boleiros as compatibilidades estatísticas para atenderem as exigências de mercados. Para eles, os dados numéricos são importantes na captação porque já imaginam para qual clube-parceiro levá-los. "Se eu tenho um ótimo goleiro, com números incríveis e na ficha dele consta 1,84 m a sua altura, não tem como eu levar para o Grêmio. Mas posso simplesmente levá-lo para a segunda divisão da Espanha", contou-me Reynaldo, enquanto relacionava as estatísticas com outros fatores.

Se os *scouts* parecem ter um peso simbólico nos negócios do futebol, outros aspectos também devem ser mais bem observados. Muitas transferências [vendas de jogadores] terminam não se concretizando por outros motivos afora o *scout*. Mesmo que os dados estatísticos do atleta sejam fenomenais, para alguns clubes europeus, isso não seria suficiente se outras frentes não fossem atendidas. Para ilustrar o que pretendo dizer, usarei o exemplo do meia-atacante corintiano Luan e a circunstância da sua não ida para Europa, por meio da narrativa de Cláudio.

Empresário Cláudio

Durante entrevista em seu escritório, meu interlocutor Cláudio, ao explicar-me como normalmente os clubes europeus utilizam os dados estatísticos, aliados a outros tipos de análises, utilizou o ex-jogador do Grêmio como exemplo.

"Todos os grandes clubes tem o setor de *scout*⁵⁷. Os *scouts* viajam o mundo todo atrás de informações sobre o jogador. Os *scouts* alemães ficaram um mês aqui em Porto Alegre monitorando o Luan [do Grêmio]. Não levaram porque tu deve muito bem saber: a noite. Mas o *scout* hoje é ferramenta fundamental. O mapa de calor, os passes certos, as assistências, os gols estão tudo cadastrados nos sites especializados. Mas os clubes têm os seus próprios analistas. Se tem interesse

⁵⁷ Baseado no sentido de “explorar”, a palavra em inglês *scout* indica o profissional que trabalha no futebol em busca de informações, a depender de sua função, se olheiro ou agente, a serviço de clubes ou ainda empresas que investem em futebol. É verdade que a palavra *scout* também é utilizada no meio futebolístico para se referir aos números, de maneira geral (PALMIERI, 2015). Neste caso, indica o agente observador.

por determinado atleta, eles olham no *Wyscout* e depois vão observar em campo e saber mais como é a vida dele". O Luan era o cara do momento no Brasil. Não foi por causa da cabeça fraca.

Diário de campo, 18 de abril de 2018.

Mesmo apresentando números de *scout* excelentes, sendo sido campeão da Copa Libertadores pelo Grêmio em 2017 e escolhido o Rei da América por conta de suas exibições no certame, além do aplaudido gol na final contra o Lanús na Argentina, de acordo com Cláudio, deixou de ser contratado por um clube alemão em consequência da sua conduta fora de campo.

De uma maneira geral, meu interlocutor deixava evidente o quanto o *scout* seria prezado pelos operadores do futebol. Apesar disso, não seria suficiente para determinar um negócio. Nesse sentido, como já visto, o *scout* poderia estar associado a outros valores simbólicos como formadores de convicção. Se por um lado os números em campo, por meio dessas estatísticas, inferem a existência de capacidades interessantes para as agências, por outro deveriam ser analisadas em distintos contextos. O que fica evidente de alguma forma é que o Luan com uma vida, em tese, desregrada para o cenário futebolístico sul brasileiro, servia para o futebol do Grêmio, pois apresentava, além de números interessantes, conquistas importantes. Para o cenário europeu, muito provavelmente não teriam o mesmo peso simbólico seus números. O que me parece que os fatores fora de campo tem um enorme peso de significados na Alemanha se contrastados com o do Sul do Brasil.

Quando estive no escritório do empresário de futebol Cláudio, na Zona Sul, de Porto Alegre, no dia 18 de maio de 2018, a mim fora apresentada a plataforma *Wyscout* e seus inúmeros meios de utilização. Meu interlocutor ia mostrando muitos dos seus recursos e as suas aplicabilidades relacionadas ao uso para os negócios [transferências de jogadores]. Primeiramente, achava que aquilo seria um meio de me convencer que o uso de estatísticas seria a forma exclusiva de convencimento para a negociação de um atleta. Só tempos depois que fui perceber que meu interlocutor não tinha essa intenção. Cláudio estaria tão somente ensinando-me como o empresário operava, trabalhava.

Naquele período, sem estar mais bem posicionado, enxergava como manobras de persuasão, em que a todo custo intentava convencer-me que a história do jogo poderia ser facilmente convertida, ou seja, traduzida em dados, dissecada em número estatístico, e depois vender. Confesso que não estava suficientemente atento ao que procurava. Não havia sacado que existia muita riqueza a ser explorada. Portanto, sem perceber que estava mal posicionado, fui, por meio dos meus artifícios, querer sobrepor os meus conhecimentos acadêmicos à

sabedoria nativa. Não sei até que ponto pretendia influenciar o meu interlocutor através de certos questionamentos. A todo instante procurava provocar através de questões que perpassavam sobre aspectos relacionais em campo, como: o brilho do lance em campo, a genialidade da jogada e o gol de placa. Para tanto, perguntava como esses tipos poderiam ser traduzidos. Será que poderiam ficar ombreados com o drible chocho e com o simples e desapertado passe para trás? Cláudio aparentemente levava em consideração as minhas manifestações. Não parecia querer criar teses irrefutáveis, apenas apresentar o seu jeito de trabalhar através de suas convicções. Meu interlocutor não se apressou em fazer as suas considerações aos meus questionamentos. No entanto, quando o fez, apenas respondeu que não teria como realizar através da estatística. Pois seriam constituições diferentes e que os *scouts* não teriam força de distinção entre os tipos de lances. Assim, o meu aprendizado foi sendo reforçado que sem as devidas contextualizações os números estatísticos não teriam o mesmo poder simbólico.

Em seguida, Cláudio trouxe à tela do computador o expediente mapa de ação, comumente, chamado de "mapa de calor". A ferramenta serviria para identificar a frequência de deslocamentos do atleta durante uma partida. De acordo com a noção de meu interlocutor, os dados somados às movimentações em campo seriam transcrições que aproximariam mais da fidedignidade do jogo. Talvez, as estatísticas somadas ao mapa de calor se aproximassem mais do significado da magia da jogada. Observando estar frente à tamanha complexidade, Cláudio resignou-se: "na verdade, não tem como, né. Mas nos ajuda a ter uma noção do que o jogador é capaz dentro de campo e quanto ele pode servir para determinado clube". A isso trouxe outro entendimento que de certo modo pouco ajudava para a comparação, mas justificaria a sua utilização: "mas ainda é muito melhor usar essas informações do que contratar alguém por vídeo de melhores momentos⁵⁸". Quanto a isso não haveria dúvidas, as ferramentas utilizadas seriam para compreensão dos significados do jogador em campo e não somente uma tradução.

Cláudio, nessa sequência, demonstrava que na relação entre *scout* e vídeos de melhores momentos, o primeiro teria um poder simbólico maior, pois teria mais força de persuasão junto aos clubes brasileiros - possivelmente, pela sua narrativa, na Europa não fosse assim. Para ele, os números de *scout* teriam mais força de convencimento. Pois, em sua lógica, os dados não seriam passíveis de manipulação. Seriam "dados frios", aqueles abertos

⁵⁸ Vídeo de imagens em movimentos de lances considerados importantes de um futebolista em um jogo ou em várias partidas.

para avaliações. Em relação aos vídeos de melhores momentos, dizia que esses eram facilmente manipuláveis, à medida que os editores quisessem, poderiam transformar um perna-de-pau em craque. Seriam os "dados quentes", aqueles que as avaliações já estão inseridas, "Se o cara quiser, edita de uma maneira que qualquer um possa ser um Messi. Tu já viu alguém mandar vídeos com lances errados?" Cláudio buscava sempre colocar em oposição esses artefatos. O binarismo "números de *scout*" e "vídeos de melhores momentos" colocavam-me a pensar. O que faz as estratégias estarem em oposição e não em conjunção? Existem valores simbólicos que validam mais um que o outro? Cada vez que pensava assim, não me dava por conta que era eu quem estava a colocá-las em oposição. Se observasse melhor as movimentações dos empresários, veria que não usavam somente as estatísticas como meio de convencimento. Usavam também as imagens.

Empresário Cláudio

Se eu mostrar isso para um diretor de futebol, ele aceita na hora. Agora, vou lá com uma edição de vídeo, ele nem quer olhar. O futuro está aqui. Não existe clube de elite no mundo, que não se atente aos dados de *scout*. A primeira coisa que pedem são os números. Não pedem vídeos de melhores momentos. Isso é coisa do passado. Até os caras podem olhar, mas não vão contratar só por ele. Agora com o *scout* na mesa, mostrando o que o cara é capaz, dificilmente não contratem se for uma posição que estão atrás. Claro que os números têm que ser bons [risos].

Diário de campo, 31 de maio de 2019.

O que Cláudio estava a me dizer era que os negócios do futebol evoluíram, que os "vídeos de melhores momentos" de alguma forma seriam manipulações para atribuir peso simbólico ao atleta, enquanto os *scouts* seriam mais confiáveis na missão de atribuir significações simbólicas. Ou seja, enquanto o primeiro poderia ser facilmente manipulado para que o jogador fosse mais eficiente do que realmente era, aumentando o seu valor, o segundo seria, sem edições, uma extração fiel da capacidade de jogar futebol do atleta. Traduzindo, poderia ser entendido como um valor simbólico mais honesto. Era exatamente essa a resposta que eu buscava para o meu estranhamento: qual a distinção entre os "vídeos de melhores momentos" e os *scouts* do ponto de vista de valor simbólico? O valor do jogador, no caso dos *scouts*, poderia ser conferido mais pelo comprador, pois é ele quem avalia os dados. Já o valor do jogador, no caso dos vídeos de melhores momentos poderia ser conferido mais pelo vendedor, pois foi ele quem produziu os enquadramentos (*settings*). Nos dois casos, tanto um como outro, necessita de interpretações distintas. Não há como negar que as interpretações podem ser diferentes.

As insistentes tentativas de me convencer sobre a quase total e imperiosa necessidade

da utilização do *scouts*, de certa maneira, me causavam estranheza. Eu queria entender como os devidos simbolismos operavam no campo. Mesmo que eu pudesse ponderar sobre a frieza das estatísticas, na dissecação do espetáculo, e que preferisse observar a estética da jogada, a questão era como os números poderiam superar as imagens em movimento? A noção do *scout* produzida pelo meu interlocutor realmente me afetou a ponto de ficar dias e mais dias refletindo como aquilo poderia ser a simples tradução do "tchan", do "truque", do "algo mais", do "talento", do "dom", do "jeito", da "dádiva", do "ter bola no corpo", da "manha". Como a estatística poderia reduzir o talento em campo em números? Como seria possível essa transcrição? A meu ver, o *scout* nunca poderia ser, sem levar em consideração os distintos contextos, um quantificador das habilidades do jogador em campo, ou melhor dizendo, um fiel tradutor. Para mim, carregava muito simbolismo.

Empresário Cláudio

Todos os grandes clubes têm o setor de *scout*. Os *scouting* viajam o mundo todo atrás de informações sobre o jogador. Os *scouting* alemães ficaram um mês aqui em Porto Alegre monitorando o Luan [ex-jogador do Grêmio]. Não levaram porque tu deve muito bem saber, noitada e falta de profissionalismo. Mas o *scout* hoje é ferramenta fundamental. O mapa de calor, os passes certos, as assistências, os gols estão tudo cadastrados nos sites especializados. Mas os clubes têm os seus próprios analistas. Se tem interesse por determinado atleta, eles olham no Wyscout [site] e depois vão observar em campo. Eles ficaram muito interessados nos números do Luan, mas na questão do extracampo deixou muito a desejar. Eu mesmo quando olhei o *scout* do Luan vi que ele tinha muita chance de ser vendido. Mas tem alguns critérios que eles levam mais em consideração na Alemanha do que no Brasil. Por exemplo, se eles veem que o jogador desperdiça muitos pênaltis, eles concluem que a mentalidade é fraca. Que precisa melhorar mais a parte psicológica e não treinar mais cobrança de pênalti. Porque eles não olham só os números e eles querem saber quando aconteceu o número, em que circunstância errou o pênalti. Se foi numa final, se foi em casa, se tinha um público grande. Enfim, essas coisas.

Diário de campo, 31 de maio de 2019.

Partindo da premissa do campo, em que os *scouts* seriam transcrições frias, abertas a interpretações, em que estão abertas a valoração dos compradores, das habilidades geradas pelos futebolistas nos gramados, passei a prestar mais atenção durante as partidas de futebol ao quesito estatístico. A minha ideia inicial era confrontar as minhas análises estéticas com os dados levantados pelas plataformas de estatísticas do jogo. De tal modo, que eu pudesse operar com alteridade.

Para colocar em ação o meu plano, precisei realizar uma assinatura do Wyscout. Para minha sorte, existia a possibilidade da utilização gratuita por quinze dias. As primeiras experiências não foram tão significativas como estava a aguardar. Aos poucos, os meus julgamentos começaram a ficarem mais frouxos, mais maleáveis e menos rígidos por conta dos pressupostos da relativização cultural tão caro à etnografia. Mas fui me acostumando com

a ideia de que os números pudessem sugerir alguma noção dos valores individuais e coletivos. Muitas vezes, os narradores decretavam que o percentual de posse de bola, não se traduziria literalmente em "quem mais tempo permanecesse de posse estaria apresentando o melhor futebol" ou algo que o valha. Constantemente, em seus comentários nas partidas transmitidas pelo canal SporTV, o ex-jogador Paulo Nunes⁵⁹ acenava para a questão da "posse de bola mentirosa", o qual faria alusão aos percentuais não estarem coadunados com a eficiência.

Creio, que duas semanas não seriam suficientes para modificar todo um entendimento de anos. A partir das análises dos jogos, percebi que muitas vezes os números do *scout* são de alguma maneira ilusórios. Não no sentido de miragem, mas que, sem as devidas análises contextuais, não podem ser interpelados sem estarem identificadas as situações em que ocorreram. Isto é, os dados estatísticos não carregam valor em si mesmo, eles necessitam ser interpretados analiticamente e essas análises ocorrem nas mais diferentes situações. O valor simbólico dessas informações devem ser pensadas a partir de sistemas relacionais e não de forma estanque.

Como os próprios mediadores dos esportes, que apontavam o quanto essas traduções numéricas reducionistas poderiam enganar os mais desavisados. Percebi que não estava sozinho no lado dos céticos. Para mim, ficou evidente que somente as estatísticas não teriam minuciosamente condições traduzirem o espetáculo como o futebol moderno vem pregando. Por outro lado, faltava a empatia aos empresários - representado na pessoa de Cláudio.

Jamais eu poderia perder de vista que o consumo do futebol dos empresários era diferente do meu. Mesmo que eles tenham como pano de fundo a fruição do jogo como objetivo, o principal seriam os comércios. Os empresários estão para venderem jogadores para quem quiser e quem tiver condições de comprar. Para tal, não precisam ter somente o melhor produto, mas fazer aparentar ser o melhor produto. Seus negócios necessitam na maioria das vezes de persuasão e de dissuasão. Assim como, há pouco tempo, os vídeos de melhores momentos e num período mais distante as matérias de jornais eram instrumentos auxiliares no convencimento, em que os empresários, de posse desses artefatos, utilizavam nas reuniões com os dirigentes. Hoje, a vez é do *scout*.

A classe "posse de bola mentirosa", criada pelo comunicador Paulo Nunes, ganhou o maior espaço em minhas análises-comparativas, a qual me ajudou sobremaneira a compreender o fenômeno da estatística na produção de diferentes significados. No campo

⁵⁹ Arílson de Paula Nunes, mais conhecido como Paulo Nunes, é um ex-futebolista brasileiro que atuava como atacante. Jogou pelos clubes brasileiros Flamengo, Grêmio, Palmeiras e Corinthians. Em Portugal, pelo Benfica.

mediático, com seus interesses e seus jogos, os números assumem um determinado significado. Mas alguém do campo futebolístico poderá alertá-los que são possíveis outras avaliações, que é preciso saber, por exemplo, sobre a direção de um passe, a "beleza" dele, e assim por diante.

Sem o devido confronto entre números e imagens, não nos restaria muito que contrapor. Os números extraídos dos seus contextos acabam se tornando vocabulários frios, reduzindo o que pode ser enaltecido que seria a magia que o futebol, enquanto espetáculo, produz. Todavia, quando se utiliza o método comparativo de imagens e de estatísticas invariavelmente teremos as mais distintas traduções. Quando o ex-jogador Paulo Nunes chama a atenção para as estatísticas, a sua intenção é apresentar que aqueles números muitas vezes não condizem com a percepção de jogo. Que são possíveis interpretações distintas do jogo, mesmo de posse das estatísticas do jogo. Os números transcritos de campo que Paulo Nunes tanto chama a atenção seriam apenas dados frios quando não contextualizados. A narrativa de Paulo Nunes, por ser um sujeito que vivenciou na prática dentro de campo com relativo sucesso, acaba lhe conferindo um grau de autoridade no assunto. A sua expertise da prática de jogar futebol acaba lhe autorizando a esquentar os dados. À medida que demonstra para os telespectadores como os números podem ser interpretados ele termina constituindo um aquecimento de dados.

Empresário Edmilson

Eu trabalho com negócios de jogadores há 20 anos. Fiz toda a base no Piriporó e joguei em outros clubes profissionalmente e estive em Portugal, como tu bem sabe. Posso dizer, sem parecer arrogante, que eu conheço um pouco desse mundo. Eu conheço jogadores. Eu sei quem joga tanto de dentro do campo como de fora. Agora, chega esses caras que só viram jogo da arquibancada para dizer como se vê futebol. Cara, eu fico p[...] da vida. Esses caras começaram ontem. Eu estou há quase quarenta anos no futebol. Se o cara vem me dizer que o jogador é bola só com *scout*, eu nem olho. Me dá os números aqui que eu vou ver se é isso jogando em campo. Eu quero ver jogando. Jogando as veras. Não só em joguinho pequeno. Preciso saber como ele joga numa fogueira. O cara erra dez passes numa final porque o adversário era osso duro vai ser ruim? Vai ser pior do que o que acertou cinquenta e não errou nenhum contra o Jacuizinho? Claro que não. O negócio é assistir o cara jogando. Eu quando vou ver um jogador - eu não tenho muito tempo - então preciso pelo menos de um vídeo de melhores momentos. No vídeo, eu já vou ter uma noção de como ele bate na bola. Isso me interessa. Não é como no *scout*. Cara, *scout* é ilusão. Claro, que os vídeos de melhores momentos só colocam as coisas boas. Não são bobos. Mas ali tu consegue ter uma noção do que se trata. Então, eu preciso desses vídeos para pensar se vale a pena ir olhar o garoto em campo, entendeu?

Diário de campo, 13 de maio de 2019.

A fala inicial de Edmilson acaba revestindo de autoridade o Paulo Nunes enquanto intérprete de números. Quando Edmilson adverte que para ser um entendedor de análises, demonstra o quanto o agente oriundo desse campo para os das interpretações tem mais força.

Em relação ao *scout*, diferente do interlocutor Cláudio [nunca jogou nem em categorias de base], o empresário Edmilson entende o *scout* da maneira que o comentarista Paulo Nunes compreende. Para os dois ex-jogadores, as estatísticas apresentam dados frios que necessitam ser esquentados através de cruzamentos com outras informações. Para eles, os dados frios sem as devidas análises contextuais não passariam de mentiras ou ilusões, O que deve ser destacado é que aos dados são permitidas diversas interpretações.

Como maneira de ilustrar o sistema de mentira/ilusão, em que os números de *scouts*, apresentados isolados, pode formar, apresentarei a prática na partida, empatada em zero a zero, entre CSA/AL e Grêmio, ocorrida, em 29 de julho de 2019, pela 12ª rodada, do Campeonato Brasileiro da série A. Cabe ressaltar que a minha interpretação ocorreu, a partir do critério "posse de bola".

O Grêmio entrou em campo com um time considerado reserva, por conta das competições paralelas. Como era característico do estilo do treinador Renato Gaúcho, sua equipe manteve mais a posse de bola, do que a adversária. O meio campo tricolor era composto por Darlan, Rômulo e o improvisado Galhardo, que jogava na lateral. Ao final da partida, a minha intenção era entender como os números produzidos em campo, numa partida sonolenta, seriam mensurados com o mesmo peso de outros extraídos de jogos mais "quentes". No entanto, quanto mais a "posse de bola mentirosa" do Grêmio se desenvolvia, mais me prendia a atenção à atuação do novato Darlan. Como o CSA postou os seus onze jogadores atrás da linha de campo, em uma postura mais defensiva, os jogadores mais recuados tinham mais liberdade para trocarem passes. O jovem Darlan, sentido as possibilidades que o jogo lhe permitia, a meu ver, aproveitava-se da situação. A cada passe recebido, tocava rapidamente outro curto e já se posicionava para receber imediatamente. O seu interesse em trocas de passes despertou-me o significado para aquilo pautado no *scout*: números de passes curtos certos. Em se tratando de números, não há o que se discutir sobre a produção do atleta. Ele realizou um grande número de passes certos o que calhou certamente em aumento neste quesito do seu prestígio.

A condição existente, a meu ver, deve-se pelo histórico do Grêmio, nos últimos anos, de ser revelador de volantes passadores [Lucas Leiva, Adilson, Rafael Carioca, Fernando, Wallace e Arthur] , tipo cobiçado pelo mercado europeu⁶⁰. Será que Darlan fora orientado para

⁶⁰ Com Arthur, Grêmio chegará a 11 volantes vendidos no século 21. Publicado em: <https://globoesporte.globo.com/blogs/na-base-da-bola/post/2018/02/26/com-arthur-gremio-chegara-a-11-volantes-vendidos-no-seculo-21.ghtml> . Acesso em: 29 ago. 2020.

agir assim como meio de elevar este tipo de atributo? Com esse estranhamento, achei interessante perguntar ao Edmilson. Como ele viveu por anos nesse meio, só que dentro dos gramados, a sua visão sobre o caso seria interessante.

Empresário Edmilson

Olha, no meu tempo de jogador não tinha isso, não. A gente jogava bola para o time não para si. Sempre se prezava muito a coletividade, se o cara era muito individualista já tomava um chega para lá. Até porque naquele tempo ninguém dava bola para *scout*. Também nem tinha isso. Estatística é coisa mais recente. Mas eu sei de alguns empresários que mandam o jogador fazer isso. Eles orientam o jogador deles a ficar trocando passe pertinho. Ainda mais se é volante. Ali dá para trocar um monte de passe se o adversário faz marcação baixa. Até os zagueiros podem fazer isso. Agora quero ver ficar trocando passes curtinhos com marcação alta, daí os *scouts* deles vão cair. Vão errar um monte de passe se quiserem arriscar. Mas no caso do Darlan, não sei quem é o empresário dele, mas acho que sim. Que faz para melhorar para ser vendido para a Europa. O Arthur quando ainda tava no Grêmio o Pinto mandava fazer isso.

Diário de Campo, 10 de agosto de 2019

As manobras aplicadas no caso de Darlan, aparentemente, consistiram em potencializar as suas estatísticas em jogos contra equipes de menor reputação futebolística. O jogador utilizava-se de passes curtos e em grande volume, sem intuito de projetar a sua equipe ao ataque. Conforme o empresário Edmilson, a posição a qual estava atuando lhe permitia se interessar mais em acertar passes do que marcar gols. Com isso, fiquei com o questionamento, estaria o atleta esquentando as estatísticas?

Não estou a desconstruir os arranjos do jovem, apenas procuro pensar como algumas disposições auxiliam na edificação de um sistema de significações. Poderíamos pensar que o comportamento seria fruto do "jogar o jogo", algo que desde muito cedo vem aprendendo? Ademais, qual clube ou empresário não se interessaria por um volante passador oriundo das categorias de base gremista? Dentro das regras do "saber jogar o jogo", de conhecer os códigos, os jogadores de base são cientes no que refere à importância desses números? Se são, será que existem articulações de empresários para que isso ocorra e o seu valor simbólico cresça? Foram esses os questionamentos que foram surgindo conforme avançava em meu fazer etnográfico. Compreender que os números de *scout* têm potência para determinar o fracasso e o sucesso de um jovem futebolista parecia algo bem interessante. Ao "aprender jogar o jogo", o que corresponde a incorporação das lógicas do universo simbólico, os jogadores passam a "produzir os seus valores". Estariam de certo jeito esquentando os dados, capitalizando-se simbolicamente, tais quais quando são produzidos vídeos de melhores momentos como forma de valorização. Na medida em que o jogador como o Darlan utilizava o artifício, ao qual Paulo Nunes chama de posse de bola mentirosa, acabava atribuindo valor

simbólico ao seu capital futebolístico.

Os *scouts*, assim como os lances estéticos geniais, também possuem valores simbólicos. Prender-se somente a análise de dados de *scout* de maneira isolada, descontextualizado, seria mais ou menos querer explicar os dons por meio de dígitos. Ou uma espécie de tradução fria do talento. O que eu pude aprender que a reputação do jogador se faz através de estatísticas, somadas às sensações provocadas pelas distintas estéticas das jogadas. Quando um atleta busca melhorar os níveis de suas estatísticas está agregando valor simbólico ao seu capital futebolístico. O comentarista Paulo Nunes ao inferir que a estatística de certo modo não condiz com a realidade está contrastando o *scout* com a performática estética do jogador. O ex-jogador, em seu juízo de valor, acredita, pelo menos assim percebo, que os dados estatísticos, quando confrontados com as imagens em movimentos, estariam de certo modo em desvantagens. Pois, para ele, o lance bonito ou eficiente para frente seriam mais importantes.

3.2. O "SABER JOGAR O JOGO"

Nos primeiros cadernos de campo, escrevi: "Depois do jogo, os empresários esperam que os jogadores saiam para conversar. Eles costumam falar sobre os movimentos do jogo, mas principalmente indicam as áreas em que devem melhorar seu desempenho". Cláudio era um desses que tinha por hábito assistir aos jogos dos seus atletas. Em duas oportunidades, estive ao seu lado em arquibancadas assistindo a jogos de categorias de base. A primeira vez foi no jogo entre Alavense e Estoril, na final do Gauchão Sub-14, em Eldorado do Sul, em dezembro de 2016, e a segunda foi entre o Pitangueiras e o Dínamo, pelo campeonato gaúcho Sub-17, na cidade de Alvorada, em 2019. Outras vezes, o encontrei na saída das partidas, em que geralmente estava com alguns dos seus jogadores a conversar. Dessas situações o que fui lentamente percebendo que haveria uma preocupação em transmitir a necessidade de um aprendizado que era o de que os jogadores deveriam "saber jogar o jogo". Não sabia se isso só acontecia em relação ao Cláudio para com os seus atletas. Mas percebia que havia sempre o cuidado do meu interlocutor alertá-los. Não foi uma ou duas vezes que percebi as suas recomendações. Inclusive, nas vezes que estive ao seu lado nos jogos, a todo o instante ressaltava a condição que o jogador promissor é aquele que "sabe jogar o jogo". Foi assim, de posse dessa categoria analítica, que fui conduzindo os meus olhares às dinâmicas de produções de significados.

A primeira vez que escutei foi, em março de 2015, quando meu filho Fernando chegou

ao Internacional. Após, uma semana de testes, fomos assinar a sua ficha junto à coordenação da categoria. Depois da assinatura, fomos recebidos pelo preparador de goleiros Adriano, o qual tinha sido o seu avaliador durante aqueles dias. Logo, em sua primeira preleção, o jovem advertiu Fernando sobre a obrigação de empenhos em diversas frentes, se quisesse ser convocado para os jogos, principalmente, nos treinamentos, na escola e, sobretudo, no dia-a-dia fora do clube. O jovem treinador destacava a grande concorrência na posição e que, naquele momento, Fernando estaria em desvantagem em comparação aos outros arqueiros. O discurso inicial beirava à superação. "Parabéns, você deu o seu primeiro passo. Mas nada está ganho. Tu vem demonstrando saber como se joga esse jogo. Aqui, como já te disse, tem que matar um leão por dia se quiser jogar". Adriano destacava que, para conquistar a titularidade, deveria estar em melhores condições em vários aspectos e que não seria tarefa fácil, pois o goleiro titular gozava de grande prestígio perante a coordenação técnica. Além disso, precisaria dos mesmos esforços se almejasse pelo menos a reserva imediata, haja vista, o recém-aportado boleiro para essa condição, viera oriundo de um clube-parceiro. A noção que o jovem nos passava que ali era local de muita dedicação e empenho dentro e fora de campo. Não existindo espaço para relaxar e que nada ali estava ganho.

Ao final do ano de 2015, quando Fernando conquistou a titularidade da posição, o preparador de goleiro, em um encontro fortuito no entorno do centro de treinamentos, parou alguns minutos para conversar conosco. Naquele dia, a sua fala demonstrava que Fernando estaria entrando no jogo, estaria sabendo jogar o jogo. "Está muito bem. Está tendo uma grande evolução. Já aprendeu como é o jogo. Não é só lá dentro no gramado. O jogo se joga aqui fora também". Seguidamente, Adriano quando me encontrava parava para discorrer sobre o desenvolvimento do Fernando. As suas preleções comumente apontavam para "o saber jogar o jogo". O tanto que escutava a expressão, foi o quanto que passei a observá-la com mais zelo. Notei que carregava signos para além do que supunha. Quando passei a atentar mais para o fenômeno "saber jogar o jogo", fui aprendendo as suas significações.

Minhas primeiras impressões, pautadas pela lógica de que a este nível o processo estaria mais orientado para a formação do sujeito do que para a produção do objeto, pensei que havia certo excesso nas colocações, pelo simples fato de elogiar o individualismo em detrimento do coletivo, pois definia os seus colegas como potenciais adversários. Para mim, esse tipo de preocupação seria desnecessário. Pois, naquele momento, o prazer da experiência, da vida, do aprendizado era tudo o que bastava. Com o tempo fui aprendendo que se quisesse compreender como funcionava o complexo sistema de significados, precisaria mais as devidas

relativizações. Perceber que aquilo fazia parte dos estranhamentos. Dessa forma, passei a observar mais por uma perspectiva de incorporações de empreendimentos individuais, como disposições das arenas de disputas, do que a produção pura e simples.

Os empreendimentos que os atletas iam realizando seriam frutos de seus esforços. Contudo, o aprender a jogar o jogo não me parecia algo deliberado. Como pode ser visto os jovens aspirantes desde muito cedo, por uma noção bourdieusiana, inconscientes passavam a administrar os inúmeros códigos do campo da formação. Ou seja, nos espaços futebolísticos, as pré-disposições vão sendo incorporadas de maneira não orquestradas. Sem sentirem, iam aprendendo a disputar, ia sendo inculcado esses saberes. Não era algo premeditado, mas sim ações sendo aprendidas, ou seja, eram *habitus* que iam aos poucos sendo incorporados.

Em 28 de novembro de 2018, escrevi assim em meu diário de campo a respeito do encontro etnográfico com o empresário Cláudio, durante jogo entre Pitangueiras contra o Dínamo pela semifinal do Campeonato Gaúcho categoria Sub-17.

Empresário Cláudio

Fui para o estacionamento guardar o meu equipamento fotográfico. Depois retornei para os arredores do estádio com a esperança de conversar com o Cláudio ou de observar, o comportamento de algum empresário que por ventura estivesse presente, que apenas eu não consegui verificar. Fiquei alguns minutos parado no portão e nada. Então, decidi retornar para próximo à arquibancada. Encontrei o Cláudio conversando com outro rapaz o Giovane. Esse trabalhou por algum tempo agenciando atletas de Santa Catarina para o Pitangueiras, entre esses seus filhos. Inclusive, um dos seus filhos havia participado da partida.

Enquanto conversávamos, dois dos jogadores de Cláudio se integraram ao grupo. Cláudio pediu licença para conversar em reservado com os atletas. Permaneci no local com o Giovani conversando sobre a organização da sua competição e sobre a outra semifinal que o Belenense havia vencido, mas não avançado. Nesse meio-tempo, um dos coordenadores da base colorada passou e usando de jocosidade sobre a vestimenta de um dos atletas colorados que estava conversando com o empresário: "agora, eu sei o porquê de estar bem trajado. Para conversar com o nosso amigo [Cláudio] tem que estar na beca".

Diário de Campo, 28 de novembro de 2018.

A dispensa de Lizandro Castro da categoria juvenil do Pitangueiras fiquei sabendo no dia 27 de dezembro, quando conversei com o empresário Douglas. Naquele dia, meu interlocutor estava justamente procurando realocá-lo no Cianordeste. Segundo Douglas, Castro não estava apresentando desempenho condizente, tanto dentro como fora de campo, com as expectativas do clube.

Empresário Douglas

Do nada do nada, assim não foi. Eu já tinha ido umas duas vezes no clube, para resolver umas situações lá: atraso, falta de comprometimento. Andava saindo de dentro do clube mal vestido.

Comportamento extra campo. Melhorou. A avó dele acabou falecendo. Ele acabou sentindo bastante. Caiu de produção de novo. O Pitangueiras faz uns 90 dias que havia decidido que não ia ficar com ele. Parece que o Pernambuco também vai ser dispensado. Me ligaram semana passada que não iriam contar com ele semana que vem. Já tinham retirado ele da relação da Copa Santiago. Que era para gente se quisesse providenciar outro clube para ele. Mas é assim. O futebol é assim. Vida que segue. A gente já está com algumas situações. Só vou providenciar a rescisão. Assim que virar o ano a gente leva ele para outro clube.

Diário de Campo, 27 de dezembro de 2019.

Nos dois diálogos acima, a questão da vestimenta parece estar inculpada. Se no primeiro, o membro da coordenação técnica exalta o bem trajar do atleta do clube, no segundo o empresário ressalta que o descarte do jogador pela instituição também perpassava pela sua apresentação estética, a maneira que o jogador andava se vestindo. As duas situações mesmo que emanassem fora dos gramados teriam representatividade simbólica junto ao clube. Os dois momentos são de esferas em tese particulares dos sujeitos, no entanto, contíguas ao campo de jogo. Assim, não poderiam ser entendidas como somente privadas. Logo, pelos modos de pensar e agir dos dirigentes evidenciava-se uma dialética específica. O sentido do extracampo para eles poderia ser explicado pelo que Bourdieu (1983) definiria como *illusio*. Essa consideração explicaria o comportamento dos indivíduos e as práticas sociais no campo. O jogador de Cláudio jogava o jogo absorvido pelo jogo. Estava inculcado nele a condição do saber jogar no extracampo também. Enquanto, o jogador do Douglas apresentava-se desengajado do jogo, uma postura que iria contra a sua manutenção na arena de disputa. Muito mais do que apreciar vitórias nos gramados, os dirigentes esportivos apreciam comportamentos extracampo, como no caso das vestimentas, que seriam linguagens específicas da *illusio* no campo social do futebol.

Outra questão importante a ser destacada no saber o jogo reside nas manifestações verbais dos nativos. Não foram poucas as vezes que ouvi da boca dos treinadores, dos professores, dos coordenadores técnicos, dos empresários de futebol e, até mesmo, de familiares que "é do jogo" ou "eles têm que saber que esse é o jogo". "saber jogar o jogo", nesse seguimento, poderia indicar por dedução colocar o corpo em ação. Mas não somente isso. No presente contexto, evocaria aprender os códigos, reconhecer as simbologias e manuseá-los. Não que isso fosse consciente ou algo deliberado pelos atletas. O "estar bem trajado", por exemplo, é uma manifestação que é aprendida com o meio e que produz um capital simbólico na arena de disputa. Ou seja, é uma condição sendo inculcado através do contexto, sem ser algo orquestrado pelos próprios atletas e que incrementa em seu capital futebolístico. Possivelmente, o significado de estar bem vestido avance para além do campo

de jogo de futebol. Entendo para que se possa compreender minimamente seria preciso etnografar mais próximo dos boleiros, para daí entender a representatividade.

Quando se diz que o boleiro tem que "saber jogar o jogo" é reconhecer que deveriam compreender que trabalhar em si disposições provavelmente lhe garantiria a enriquecimento em seu potencial como atleta, repercutindo circunstancialmente em sua imagem enquanto produto. O "saber jogar o jogo", a meu ver, não era tomar como ciente sobre a existência de elementos sociais. Num universo simbólico, os indivíduos que 'sabem jogar o jogo' incorporaram as formas adequadas/legítimas sem ter que fazer isso de forma orquestrada. Portanto, a constituição do jogador perpassava por eventos multifatoriais. Dominar as regras do jogo denotava maior facilidade e segurança durante percurso. Logo, os futebolistas acabavam sendo forjados pelos estatutos do campo, sem que fosse por deliberações conscientes, mas por disposições imperativas das arenas de disputas.

O que aprendi até aqui que o "saber jogar o campo" também está fora dos gramados. Que as ações dos atletas no extracampo são tão importantes quanto fazer um gol na final de campeonato. Porém, nem todos os meus interlocutores pensavam assim. Para o gaúcho Bernardo - técnico de futebol, com passagem pelas categorias de base do Esporte Clube Pelotas, com licença de treinador na Espanha e trabalhando em Santa Cruz de La Sierra na Bolívia - o extracampo não seria tão importante em relação ao aprender a jogar dentro de campo. Durante as suas férias no Brasil, em fevereiro de 2019, trouxe-me algumas de suas percepções em relação às atribuições que devem estar em destaque quando se faz análises do "saber jogar o jogo" do atleta:

Treinador Bernardo

Eu vejo que para ser um jogador, fora o potencial em campo, outros aspectos que estão fora de campo. Não que seja algo essencial. Para mim, o mais importante ainda é o que se faz dentro de campo. Porém, o jogador de base deve ter uma vida regrada, a ponto que tenha influência positiva dentro de campo. Não acredito naquelas crenças que o que o jogador faz fora de campo não interessa desde que ele resolva em campo. Se o cara já resolve em campo assim, imagina se for mais focado e levar a vida mais centrada. O rendimento seria absurdo.

Diário de Campo, 6 de fevereiro de 2020.

A fala de Bernardo, assim como as outras, foi me ensinando que "saber jogar o jogo" não teria um duplo sentido e sim um significado único para o todo. Enquanto o jogo do gramado estaria na concepção de Zelizer (2009) como um mundo público, o extracampo seria entendido como a vida particular do atleta. Não devendo ser percebidos como esferas apartadas em razão da contaminação. O que se fazia fora de campo repercutia nos gramados e no todo. Tanto para os profissionais da base, como para o empresário, me mostravam que

jogar o jogo relacionava-se com duas esferas que não estavam separadas, que se contaminavam. O jogo dentro do gramado pertenceria à esfera pública, enquanto o jogo de fora do gramado seria do mundo particular do atleta. Para os meus interlocutores, essa simbiose deveria de certo modo ser harmônica para resultar em positivities de desempenho.

Por outro lado, no princípio, entendia que as indicações do empresário Cláudio aos seus clientes seriam instruções e mediações sobre como poderiam melhorar o jogo nos gramados. As performances resultariam conforme os jogadores "jogavam o jogo". Só que as sugestões de Cláudio não eram apenas para o campo do jogo em si, dentro das quatro linhas. O "saber jogar o jogo" incluía também ao lado de externo do relvado. O "saber jogar o jogo" estaria indicando a postura profissional fora de campo. "Tem que diminuir as baladas. É muita noite, por isso, esta 'nhaca'. Está todo mundo de olho em vocês. Cuidar da imagem lá fora se quiser chegar ao máximo. Futebol não é só lá dentro [de campo]", como costumava advertir seus boleiros. Desse modo, com a atenção absorvida por essa noção, passei a olhar mais de perto esse tão avultado "saber jogar o jogo". A expressão "saber jogar o jogo" não era totalmente nova para mim. Algumas vezes já tinha ouvido em outras circunstâncias. Mas foi através das falas de Cláudio que percebi o quanto se faz importante para esse universo futebolístico.

Quando um menino ascende ao sistema de formação de futebol, inúmeras e sucessivas normas vão sendo postuladas de acordo com o nível avançado. Compreender que a sua permanência no sistema para alcançar o tão sonhado profissionalismo perpassa pela incorporação das imposições, que vão sendo inculcadas em seus corpos. No entanto, nem sempre as manifestações arbitrárias são explícitas. O "matar um leão por dia" poderia denotar a dedicação e o desempenho nos jogos, nos treinos, se não existissem outros elementos circunspectos que não influenciariam diretamente na escolha dos onze. O "matar um leão por dia" também possuía, além de denotar o empenho máximo aos treinos, como se dependesse daquilo para sobreviver, um residual na questão comportamental quando associado ao "logo vai saber como se joga esse jogo". Por fim, o "saber jogar o jogo" se aprende com o tempo e a exposição em campo. Não seria um aprendizado pré-definido, determinado, mas sim inserido inconsciente.

3.3. ETNOGRAFIAS COM GOLEIROS

Este subcapítulo avança para o que eu entendi como uma etnografia de goleiros. Como o meu olhar durante esta pesquisa esteve sempre muito voltado à essa posição, haja

vista, meu filho também estava participando do processo, passe a apontar mais o meu foco. O resultado fora que constitui três pequenas etnografias estruturadas em três histórias de vidas diferentes. Nele apresento análises a partir das experiências nas categorias de base de clubes de futebol no Rio Grande do Sul.

A primeira seção está mais centrada na trajetória do goleiro Alexandre pertencente às categorias de base de um clube de Porto Alegre que é visto pelos familiares dos outros atletas como um privilegiado por sua condição socioeconômica e nas minhas conversas com empresários, treinadores e familiares sobre a formação na base. Na segunda seção, a narrativa envolve a busca do Fernando por seu espaço em diferentes locais de formação de atletas. A terceira seção está situada em momento vivido de um jovem goleiro negro que por conta da sua condição física sofre preconceitos.

3.3.1 Conversando com empresários, familiares e treinadores

Durante o meu percurso etnográfico, fui aprendendo que os observadores técnicos, na busca de meninos para os seus clubes, tinham que seguir alguns critérios específicos estabelecidos pelos clubes. "Recebo uma lista de posições para cada categoria e alguns critérios mínimos exigidos e me vou pelo Brasil a procurar", confidenciou-me o olheiro do Internacional. No dia 21 de outubro de 2018, Paulão Feijó quando sentou ao meu lado para assistir ao jogo entre Belenense contra o Torino pelo campeonato gaúcho Sub-15. Feijó era quem havia descoberto 'o talento' de Fernando e levado para testes no Internacional em janeiro de 2015 durante torneio nas cidades de Três Coroas e de Igrejinha. Havíamos, desde essa época, criado certa proximidade. Sempre que me encontrava, parava um pouquinho com os seus afazeres para saber sobre o Fernando. Naquele dia não foi diferente, queria saber o porquê de o Fernando ter saído do Internacional. Procurei responder sem muito detalhes. Apenas contar a principal motivação. Após ouvir a minha explicação, mostrou-se certa contrariedade por conta desses tipos de decisões dos comandos técnicos. "Eu faço uma correria para levar os meninos para lá e eles não valorizam".

Também, aprendi, com o Feijó, que a partir de um espelhamento com a equipe profissional seriam definidos os critérios de escolhas, de seleção dos atletas para integrarem o corpo da base do Internacional. O olhar do *scouting* ou observador deveria estar em consonância com o que a comissão desportiva pensa sobre o futebol. Para cada posição, existiria uma particularidade. Assim, por exemplo, o que se analisaria em zagueiros não seriam as mesmas disposições observadas em um meio-campista. "Olho estatura no zagueiro,

tempo de bola, antecipação, senso de posicionamento. Já no meio campo eu procuro ver se tem bom controle de bola, velocidade de raciocínio, qualidade no passe", contava-me Feijó sobre alguns critérios de seleção adotados pelo seu empregador.

Quando estive na Copa Santiago Juvenil, em janeiro de 2019, enquanto assistia à partida entre Sport Club do Recife e Cruzeiro Esporte Clube, no campo municipal, aproveitava para conversar com o auxiliar técnico da equipe Sub-17 da Sociedade Esportiva Palmeiras, que sentou ao meu lado para se proteger do sol. O banco que eu e o empresário estávamos era o único disponível à sombra. Sampaio recém havia sido promovido como auxiliar técnico da equipe juvenil do Palmeiras. Até 2018, trabalhava no Sub-14 do clube paulista. Como já conhecia o Douglas - a empresa de Douglas possuía muitos atletas nas categorias de base palmeirense, presumo que se conhecesse de lá - o Sampaio me pareceu se sentir muito à vontade em fazer as suas considerações sobre os atletas em voz alta. Até aquele momento, considerava que os analistas costumavam tratar tudo com muito sigilo e cuidado. Sampaio estava agindo diferente do que para mim seria o normal. Quando presenciei essa ação de Sampaio, lembrei-me do momento etnográfico vivenciado pelo antropólogo Damo (2005) quando os olheiros do Vitória simularam interesse em um jogador, que ao final da competição captaram. Naquela ocasião, eles faziam considerações ruins sobre o desempenho do atleta que possuíam interesse como meio de desestimular a concorrência com outros clubes, no caso o Internacional. Obviamente, a situação vivida não era de toda similar, haja vista, ao lado do agente do Palmeiras estarem empresários de futebol e não funcionários de outros clubes. O auxiliar técnico palmeirense fez comentários positivos dos que pareciam lhe interessar. Essa manobra talvez tivesse o intuito de iniciar ou reforçar o interesse dos empresários, o que poderia facilitar a captação para o clube. Assim, achei de bom tom perguntar, mais tarde, no quarto do hotel ao Douglas que me respondeu assim: "sim, se eu vejo que o Palmeiras tem interesse e eu achar que é jogador de qualidade, também chego junto ao atleta para oferecer o meu serviço além da promessa de colocar no clube".

Naquela manhã de domingo quente, Sampaio estava a procura de laterais. O auxiliar indicava a escassez de bons jogadores para a posição, que, quase sempre, era necessário adaptar atletas de outras funções para ali. Eu não tinha ideia o que poderia ser um bom lateral para o Palmeiras. Fiquei curioso em saber o que seria um bom lateral para o clube paulista. Assim sendo, achei interessante lhe perguntar: "Sampaio, me diz uma coisa, o que são bons laterais?" "Pois é", respondeu-me, "é aquele jogador que pisa de uma linha à outra, vai no fundo e volta, tem que ser rápido, boa técnica e que tenha um bom pulmão. É isso que estou

procurando aqui". Nesse momento, olhei para o meu interlocutor Douglas que balançava a cabeça, como uma aceno de concordância, percebi que aquela percepção também faria em algum sentido para o empresário. Antes que a partida terminasse, aproveitei para saber sobre a situação de um goleiro⁶¹ palmeirense, nascido em 2003, o Guilherme. Até a categoria infantil (Sub-15) era muito badalado por suas convocações para a seleção brasileira. "Olha, muito bom tecnicamente, mas não cresce mais. Ele tem quinze anos e está com idade óssea de dezoito anos. Parou no 1,83 metro e não vai mais. Os pais dele não são altos". Guilherme ainda não tinha idade de juvenil, mas não fora somente por isso, segundo Sampaio, que não havia sido convocado para a competição. Segundo meu interlocutor, os goleiros da equipe juvenil do Palmeiras que estavam na competição possuíam mais de 1,90 metro, o que possivelmente seria o motivo. Alguns meses depois, fiquei sabendo que a equipe paulista havia contratado o terceiro goleiro do Esporte Clube Juventude na competição. O menino de quinze anos e de mais de 2 metros não havia entrado um minuto sequer em campo. Contudo, conforme o empresário Douglas, havia sido contrato pela condição de sua maturação e altura.

Assim como o Palmeiras, o Sport Club Internacional também procurava ter em seus centros de treinamentos goleiros altos. Certa vez, antes de uma partida Gre-Nal da categoria Sub-12, no dia 26 de junho de 2015, o executivo das categorias de base do Inter, Jorge Andrade, que fora meu colega de aula na década de 1990, disse-me que se o aspirante a goleiro, aos quatorze anos, não tivesse a altura mínima de 1,80 metro não permaneceria no clube. Aquela informação ia de encontro ao do que Arlei Damo (2005) evidenciou em sua pesquisa quando o assunto era goleiro. Na tese o critério da altura era fator preponderante para a seleção de goleiros. Além dessa exigência, outros atributos foram destacados na etnografia de Damo: em um sentido mais específico para a posição, a envergadura, a dimensão da palma da mão e a atitude. Nos critérios mais amplos (para todas as posições), a motricidade geral, os atributos psicológicos e os componentes cognitivos.

Como pode ser visto dentro na pesquisa de Damo, baseada nos conhecimentos de Elio Carravetta, dentro das características específicas prioritárias dos futebolistas, no caso em tela da posição do goleiro, não havia a preocupação de encontrar goleiros que soubesse "jogar com os pés". A relevância de ter o domínio técnico da bola com os pés seria algo mais recente como diria o treinador de goleiros Schalber: "hoje, o goleiro tem que saber jogar com os pés, não é só mais defender com as mãos, defender e atacar com os pés. Na década de 1990, no

⁶¹ Em maio de 2020, foi dispensado do Palmeiras e contratado pelo Coritiba.

início dos anos 2000 não precisava. Hoje, dificilmente será de alto nível se não souber jogar com os pés". O que o preparador Matias Schalber - foi aspirante a goleiro nas categorias do Alavense nas décadas de 1980 e 1990 - na Indonésia, depois de passagens como treinador de goleiros nas categorias de base do Alavense, Pitangueiras, Corinthians, entre outros, e profissional no Baleias/SC, e atualmente na Indonésia, era que a posição, assim como o próprio esporte, estava em evolução. Atualmente, o goleiro seria mais um jogador na composição para linhas de ataque e não somente um defensor como há algum tempo.

Ainda não havia iniciado minhas pesquisas no futebol, quando, em novembro de 2014, conheci um menino que jogava na pré-base⁶² de um grande clube. Como meio de preservar a identidade do jovem, não revelarei o nome da instituição e nem o seu nome. O garoto será identificado, a partir daqui, como Alexandre. Quando conheci Alexandre, tinha onze para doze anos, iria fazer aniversário no início do ano seguinte. A sua aspiração era se tornar goleiro profissional. Mas não de qualquer time, tinha que ser do seu clube de coração. Junto com Alexandre, havia mais cinco goleiros. Todos mais altos do que ele. Sem estar alheios a essa condição, a família de Alexandre optou em realizar um tratamento hormonal para crescimento com o garoto.

No futebol atual, existe uma preocupação com a compleição física, em especial, a altura de jogadores, por parte dos profissionais que atuam nas categorias de base (SPAGGIARI, 2014). Na pesquisa de Enrico Spaggiari (2014), o autor etnografa os constrangimentos e os arranjos que o menino Bernardo é submetido para se manter no interior do processo de constituição de jogadores. No clube de Alexandre, as coações seguiam os mesmos moldes. A apreensão que eu observava junto aos familiares era em relação ao crescimento. Os pais costumavam conversar muito sobre o desenvolvimento dos seus filhos. Normalmente, nas rodas de conversa o assunto estava presente. João Canabra e Marcelo eram os que mais costumavam falar sobre o assunto. João Canabra havia chegado interior do Tocantins com seu filho Nelsinho no início do ano. O menino havia sido recrutado pelo clube por meio de um vídeo de melhores momentos. Outros clubes, como o Santos Futebol Clube e São Paulo Futebol Clube também haviam se interessado pelo atleta. Porém, a família, conforme Canabra, preferiu vir para o Rio Grande do Sul pelo fato da região ter fama de possuir as melhores categorias de base do Brasil. Marcelo Duarte estava frequentando o clube

⁶² Como no Brasil não é permitido o trabalho infantil antes dos 14 anos e as categorias de base de futebol são enquadradas nesse sistema, as equipes do sub 13 para baixo são conhecidas assim, como forma de não serem enquadradas em ilegalidades.

há mais tempo desde 2012, quando o seu filho Robertinho fora aprovado em um teste.

Canabra e Duarte eram muito preocupados com a altura de seus filhos. Tinham receio que pudessem ser dispensados do clube por não atingir a altura mínima para permanecerem jogando. "Estou dando vitaminas para o Nelsinho crescer. Se ano que vem ele não chegar a 1,70 metro, acho que vão mandar embora", era recorrente esse tipo de manifestação de Canabra sobre Nelsinho. Já Duarte, mostrava-se menos ansioso em relação à sua prole, mesmo que fosse mais baixo que o companheiro de equipe e que os próprios pais tivessem menos estatura se comparados com o João Canabra e sua esposa. Duarte era professor de educação física e já havia sido preparador físico de importantes clubes gaúchos, o que de certa forma junto aos pais lhe autorizava fazer algumas prospecções. "O Robertinho ainda não maturou, vai dar o estirão daqui uns dois ou três anos. Já conversei isso com a coordenação, vai chegar a 1,80 metro. Disseram que vão esperar. Fica tranquilo, Canabra. O Nelsinho vai passar de 1,80 metro. Pode me cobrar". Além dos dois familiares assíduos frequentadores dos treinamentos, havia o Bendito Gomes. Dito, como era mais conhecido, não perdia um dia de treino. Sempre acompanhava o seu filho, tantos nos treinamentos, quanto nos jogos. O filho de Dito também era pequeno e baixo se comparado com os outros da sua posição a lateral esquerda. Dito dizia que se em um ano o menino não crescesse, iria levá-lo em um médico para fazer tratamento hormonal, igual ao que o Alexandre estava sendo submetido. "Ano que vem, se o Zezinho não crescer, vou ter que levar no médico para tomar hormônio. Já falei com o pai do Alexandre e ele me passou o endereço do consultório".

Durante a minha circulação por entre os diversos espaços de constituição de boleiros, fui observando que alguns cenários são mais exigentes do que outros no que diz respeito aos perfis antropométricos. Assim, como o Jorge Andrade havia me informado sobre uma exigência de altura mínima a partir de uma categoria, nos outros clubes também haveria. No Esporte Clube Juventude, quando meu filho Fernando da categoria Sub-14 foi dispensado pelo coordenador técnico Luther Alves, em fevereiro de 2018, o motivo alegado residiria na questão da estatura. Dentre as arbitrariedades do processo de produção de goleiros, também estava o meu interlocutor, o preparador de goleiros Matias Schalber.

Schalber começou a sua história no futebol nas categorias de base do seu clube de coração, o Alavense. Naquela época, era considerada grande promessa, inclusive, na comparação entre os goleiros da categoria 1972/1973, diziam que era melhor goleiro do que o

Danrlei⁶³. No entanto, de acordo como meu interlocutor, a estatura abaixo dos padrões exigidos fora motivo de sua dispensa pelo clube. Os 1,76 metros de estatura, apesar de sua trajetória de vitórias em sua maioria na titularidade, somados às qualidades técnicas e psicológicas, não foram suficientes para dar continuidade no processo de constituição. Naquele período, dificilmente, um goleiro no Brasil com altura abaixo de 1,80m seria aproveitado (ABELHA, 1999). Sem chances de prosseguir a carreira profissionalmente, acabou atuando em clubes amadores do interior gaúcho.

Depois de circular como treinador de goleiros por alguns clubes brasileiros, Schalber ficou uma temporada de seis anos treinando goleiros no Japão (2005/2011) e pelo tempo de um ano na Tailândia (2012). Retornou, em 2013, ao Brasil para atuar no profissional do ABC de Natal/RN e depois para o sub 20 do Corinthians. Em 2018, resolveu voltar para o sudeste asiático, para trabalhar na Tailândia no profissional do Army United (2018/2019), para após se transferir para o Borneo Football Club. Para o experiente preparador de goleiros, mesmo que tenha sido a motivação de seu desligamento do circuito de formação de goleiros, o elemento altura permaneceria sendo crucial para a seleção de jogadores para a posição.

Carlos Matias Schalber, treinador de goleiros

Schalber, antes de embarcar para a Tailândia, em 2018, esteve no meu local de trabalho. Aproveitei o ensejo para saber sobre as novidades, além do seu iminente embarque para Sudeste Asiático, como andava a sua vida de preparador de goleiro, além de querer obter alguma informação com um experiente profissional do futebol. Perguntei quais seriam as principais características que ele entendia como fundamentais em um goleiro para o futebol moderno.

O goleiro a gente observa no todo. A gente tem cuidado, tem um carinho, uma atenção maior para que a gente consiga detectar realmente se trata de um diferenciado. Se for, daí ele pode entrar no grupo de profissionais, se está na base. Mas ele tem que apresentar o mesmo rendimento ou parecido com os dos atletas que estão lá. Na questão dos goleiros, especificamente, falando da minha área, o talento - como eu já trabalho há 25 anos - eu vejo primeiro se tem qualidade técnica, se tem potencial, se tem uma boa reposição de bola, se tem uma boa saída de gol, se tem uma naturalidade que é fundamental para uma evolução. Na verdade, não tem como analisar somente por números. Acho isso muito frio. Eu acredito muito no meu olhar, na minha intuição e principalmente na minha experiência de 25 anos trabalhando na área e mais outros anos jogando na base do Alavense. A gente percebe se o goleiro pode ter futuro praticamente olhando. Eu ter essa percepção, essa sensibilidade pela experiência que eu tenho, eu já consigo detectar isso muito mais rápido. Mas antes vou precisar experimentar ele, testar no dia a dia. Ver se tem condições psicológicas de se submeter à rotina diária dos treinamentos da posição que é muito mais intensa do que qualquer outra. Não adianta ter talento e não aguentar os treinos. Preciso então treinar ele para depois a gente passar para categoria de base. Isso falando em categoria de base. Se falando em matéria de goleiro profissional, claro que o goleiro renomado, com

⁶³ Danrlei de Deus Hinterholz, mais conhecido apenas como Danrlei, é um ex-futebolista e político brasileiro, filiado ao Partido Social Democrático. Começou nas categorias de base do Grêmio até chegar ao profissional. No Grêmio, conquistou a Copa Libertadores da América em 1995 e o vice campeonato mundial no mesmo anos. Em 1996, a Recopa Sul-Americana, além de cinco títulos gaúchos e três Copas do Brasil e um campeonato brasileiro.

qualidade técnica diferenciada, que sai para fazer os fundamentos, com competência e naturalidade isso ele aprendeu ao longo dos anos na base. Ele só chega ao profissional neste nível por conta de todo o aprendizado. Na verdade, no profissional, a gente só tem que fazer a manutenção de todos os fundamentos e seguir trabalhando as situações reais de jogo. Tu não vais conseguir corrigir um goleiro numa posição, se ele não aprendeu lá atrás. A gente pode aprimorar, para tentar melhorar e deixar no mais alto nível. Claro, que depende do goleiro. Depende da qualidade que ele tem. Se é que tem realmente tem uma qualidade. Ou se ele tem talento para coisa, que às vezes nem ele sabia ainda.

"Em relação às características físicas do goleiro, na base já começam a serem observadas. Lá pelos treze, quatorze anos, se tiver uma altura acima de oitenta e cinco, os clubes já começam a investir. Pois ainda tem mais o estirão do crescimento. Até aos vinte e um anos ele continua a crescer. Então, são trabalhadas todas as valências técnicas específicas da posição, táticas, psicológicas e físicas. O goleiro de bom porte e grande é o diferencial que todo clube deseja. É um desejo mundial. Com três, quatorze anos, já querem goleiros alto na base porque faz a diferença numa saída de um gol, no enfrentamento do um contra um".

"Em suma, o goleiro moderno tem essas características, que o time jogue com ele, também como válvula de escape. O futebol moderno exige certas características, como boa altura, um bom porte físico. Na base, lá embaixo, que se começa a aprimorar as valências e trabalhar as deficiências. Ajudar ele a evoluir e até conquistar os movimentos com naturalidade, com maestria, com competência, com agilidade e velocidade de tempo de reação. Enfim, ter uma ótima saída do gol e trabalhá-las desde a base até chegar ao profissional. Quem sabe se tornar um goleiro de nível de seleção, ou jogar na Europa, no mundo asiático".

No dia 26 de abril de 2020, Schalber publicou em sua conta @carloossalomao01 no *Instagram* uma imagem a qual estava ladeado pelos goleiros do Borneo Football Club. As alturas dos goleiros chamaram-me a atenção. Pareciam que todos possuíam estaturas semelhantes a do treinador. Aquilo me causou estranheza, haja vista, o seu discurso pregar a altura como condição primordial para a posição. Assim, resolvi perguntar quais eram as estaturas e se aqueles arqueiros não eram relativamente baixos. As respostas forma simples e objetivas. Suficientes para perceber a relação entre mercados e culturas futebolísticas.

"Em média, 1,78m e 1,85m. Para alto nível mundial, não seriam. Mas para cá, para o mundo asiático, não são baixos. Para nível europeu, são baixos".

O fator altura, através do relato do meu interlocutor, mostrava-se importante para a continuidade dos projetos. Mesmo que para a região que Schalber trabalhava não fosse tão preponderante para outros cenários deveria ser mais rígido, Além da questão da altura, outro elemento que o preparador traz à baila seria o saber jogar com os pés no futebol contemporâneo. Com isso, retomarei o caso do aspirante a goleiro, Alexandre.

Para os familiares que circundavam os campos de treinamento, Alexandre não serviria para ser goleiro do time por ser "baixo e gordinho". "Com o Alexandre não dá mais. Tem que botar um goleiro mais alto e mais magro. Porque o treinador insiste com ele. Vamos acabar assim perdendo o campeonato. É só chutar por cima que é gol", dizia Robson Jardim, após derrota em casa em uma partida amistosa. O temor do pai era que o menino fosse escalado para jogar o próximo jogo da competição estadual, contra o vice-líder. "Se o Alexandre for escalado contra o Bonsucesso, vou pedir uma reunião com a coordenação. Não vou ficar queimando o meu filho aqui por causa do filho dos outros". Sem uma análise mais aprofundada, muitas vezes tomei os discursos críticos como vazios de significados, sem a

devida fundamentação.

Possivelmente, a comissão técnica enxergava no menino algum potencial a ser lapidado, que não estaria sendo vislumbrado aos olhos de Robson Jardim, pai de um atacante vindo do Amazonas, que havia chegado ao clube com dez anos de idade. Durante uma tarde de treinamentos, o coordenador técnico da categoria, Alvarez Silva aproximou-se do grupo de pais ao qual eu me encontrava, para fazer a seguinte análise: "o Alexandre tem muito potencial técnico, é só treinar bem, e vai chegar à altura de goleiro profissional, vocês verão. Por isso, não posso descartar, como não posso dispensar nenhum menino que tenha potencial a ser lapidado e que ainda não maturou". A definição de Alvarez manifestava a importância dada ao predado biológico, a estatura, mas deixava aberto que o treinamento poderia potencializar atributo qualidade técnica. Para o coordenador, essas disposições seriam importantes no que tange o processo de lapidação para a posição.

O fato de ser o mais baixo dentre os arqueiros lhe rendia olhares de desconfiança por parte dos familiares dos outros integrantes do plantel. Cada vez que seu nome constava na lista de convocados para os jogos dos finais de semana, um burburinho de contrariedades emergia. "O Alexandre vai como titular de novo, querem dar mais chance para o adversário", dizia Jardim, em tom de insatisfação. "Tudo bem que eles apostem no menino, mas precisamos vencer com o que temos de melhor e agora não é ele. Temos que vencer. Se perdermos nossos filhos serão prejudicados. Serão vistos como uma geração perdedora", complementava Canabra. Dito era um dos defensores de Alexandre. "Pessoal, deixem as nossas crianças se divertirem. O clube dá oportunidade para todos. Eu vejo certo isso sim. Se um dos nossos meninos for craque não vai ser por causa de uma derrota no Sub-11 que deixará de ser jogador". Se por um lado Dito via o espaço em questão como arena para momento presente de fruição dos meninos - não que esse pai não pudesse pensar o campo como meio de futuro de seu filho como jogador - porém o que ficava latente entre os outros familiares acima de tudo era o ganhar o jogo de agora para que seus filhos não perdessem valor simbólico.

As convocações do Alexandre para os jogos, sempre eram motivos para suspeições quanto à integridade moral da comissão técnica do clube. "Aí tem! Não pode ser só isso. Devem estar levando um verde do pai do Alexandre", me respondeu Volnei quando lhe provoquei sobre as convocações do menino. Quem sabe, isso pudesse ser componente catalisador para as suspeitas dos pais dos outros meninos quanto as suas convocações, sendo potencializado. Principalmente, quando posto como titular, haja vista, ter, no grupo, o Jorge,

que alternava a titularidade, que tinha o pai com quase dois metros de altura, e o Betão, bem mais alto que os dois, já com mais de um metro e setenta de altura e com os pais com mais de um metro e oitenta. "Não era nem para estar no grupo. Joga bem, mas tem que deixar quem está melhor no momento. Ele além de ser baixo, está gordo. Tem o Jorge com os pais grandes e o Beto muito mais alto", dizia Canabra, após receber a lista de convocados para o final de semana.

Conforme eu ia escutando o meu interlocutor Robson Jardim, eu ia conhecendo algumas considerações no que tangia a estatura dos atletas. Para eles, naquele universo simbólico, a altura dos filhos estaria condicionada tão somente à estatura dos pais, sem a possibilidade de outras intervenções. Jardim mostrava-se cético a qualquer manipulação estrutural do corpo que não fosse a que fora provida por Deus. "Os pais de Alexandre não são altos, são de média estatura. Não sei como funciona esse tratamento, mas para mim é pura bobagem. Deus fez ele assim e assim vai ser. Olha os pais dele. Tudo baixo". A compreensão de meu interlocutor relacionava-se ao uso de hormônios de crescimento pelo menino. Para me interlocutor, a eficácia de métodos científicos não poderiam superar o que ele designava como sendo uma escolha divina.

As categorias de base no Brasil servem fundamentalmente para a produção de jogadores para o time profissional e o excedente vendido para outras equipes (DAMO, 2005), como aponta uma das poucas conversas que tive com coordenadores técnicos do clube Pitangueiras.

Coordenador técnico Alvarez

Aqui, a gente pensa lá na frente. Até entendemos o entusiasmo dos pais. Mas não é assim como eles [familiares] pensam. Aqui, não é mais escolinha. Aqui é categoria de base. A gente trabalha para formar jogador. Infelizmente, muitos não se tornarão. A gente trabalha com esse funil. Gosto de todos os meninos, por isso que incentivo sempre a estudarem. Porque estou há anos fazendo isso e sei que a imensa maioria não vai chegar ao profissional. O pior que os poucos que conseguirem, não serão jogadores destacados. Rodarão por clubes pequenos daqui, da Europa e destes novos mercados. Por isso que falo que se os pais querem que seus filhos se divirtam, tirem daqui e coloquem na escolinha do bairro ou aproveitem esse furor para torcerem pelos filhos nos jogos do colégio. O que a gente vê aqui, no atleta, na equipe, os pais não estão preparados, não tem o mesmo conhecimento científico. O futebol mudou. Hoje é ciência. Trabalhamos com dados e prognósticos futuros. Predição. Eles não sabem o que é isso. Por isso que não dou bola para muitos comentários e contestações. Muitos pais acham que os seus filhos são talentos puro. Não são. Nós podemos tornar eles melhores, mas eles têm que acreditar em nosso trabalho. Felizmente, alguns pais acreditam e o sucesso acontece.

Diário de campo, 10 de maio de 2019.

A narrativa de meu interlocutor suscitava que muito dos boleiros que estavam na esteira de produção não encontrariam espaço no time principal do clube e nem sequer em

outros clubes de elite de futebol brasileiro. Nesse sentido, como processo de constituição assemelhava-se a um funil, em que a base era larga e a saída estreita (DAMO, 2005), para Alvarez muitos dos que conseguissem atingir a porta de saída da base, encontrariam a alternativa de circularem por um campo entendido como um futebol menor (JAHNECKA, 2018), sujeitos a menos badalações e visibilidades. Antes que adentre a lógica de uma produção científica de jogadores visando o futuro também faz parte do coletivo dos empresários, creio que seja pertinente abrir parênteses em relação ao termo "rodarão", utilizado por meu interlocutor. O verbo "rodar", na linguagem dos boleiros, seria a constante troca de clubes as quais os jogadores são submetidos por uma diversidade de fatores. No caso em tela, a afirmação soa não como uma experiência positiva, no sentido de acontecer uma carreira dentro da própria instituição.

Não foram raras as vezes que ouvi empresários reverberando tais lógicas como a assumida pelo coordenador técnico Alvarez. Quando meu filho começou a jogar nas categorias de base e amargou um ano de reserva, o empresário Edmilson costumava repreendê-lo cada vez que se queixava da condição. "Não adianta sair na fotografia na base e depois não sair na do profissional. Tem que ter paciência, tudo ao seu tempo". No discurso do meu interlocutor, materializavam-se antagônicas a concepção de desfrute de usos simbólicos nas categorias de base. Enquanto o empresário se preocupava a partir de uma noção econômica, em que o processo mesmo que doloroso, traria compensação mais adiante, ao custo de sentimentos frustrado; para Fernando, a lógica poderia ser compreendida como um espaço de fruição, em que os participantes buscavam usufruir o prestígio (THOMASSIM, 2010). Assim, ser reserva e ser titular estaria carregado de pesos simbólicos distintos.

Em minha trajetória circulando pelas categorias de base, participei de algumas reuniões com os diretores. Muitas vezes esses agentes demonstravam alguma preocupação com o comportamento dos pais em relação ao processo de formação dos jovens. As reuniões quase sempre eram pautadas por exposições que viessem a esclarecer os objetivos das instituições naquele universo. Para que ficasse o mais claro possível, os coordenadores tinham o cuidado de esclarecer todos os assuntos que pudessem gerar possíveis confusões no que concernia o processo. Dessa forma, eram realizadas sistematicamente nos clubes reuniões entre familiares e comissões técnicas no sentido de dirimir quaisquer que fossem as dúvidas. Trago logo abaixo a última que participei, que tem o teor semelhante às outras que me fiz presente nos outros clubes.

Na reunião do dia 2 de outubro de 2018, na sede do Belenense, o coordenador Raimundo, junto o treinador Severo e o preparador Silas, explicaram como funcionava o processo de espelhamento. Na definição da comissão, o departamento profissional do clube traçava algumas diretrizes que o departamento das categorias de base deveria cumprir. Por exemplo, o goleiro do profissional teria pouco mais de um metro e oitenta. Para a direção, um guri da base nessas condições ou que chegue assim, serviria. Portanto, permaneceria dentro do processo.

"Mas não adianta somente ter a altura, tem que ter as características dele. Isso que a gente tem buscado. Não adianta ter um jogador pelas beiradas lento. Não sei se vocês entenderam. Mas a base funciona espelhada com o profissional. a não ser que surja um diferenciado como o Plínio", explicava Raimundo.

Muitas vezes os pais não entendiam o porquê de uma alternativa do técnico em detrimento de outra. Para esses pais não havia fundamentação em certas escolhas. Raimundo buscava esclarecer didaticamente como se operava a seleção de escolhas dos treinadores.

"Vocês criticam sempre o Severo pela as escalasções, Não tem um jogo que ele não seja criticado. Pode ganhar de dez a zero que será criticado. Claro, todo mundo quer que o seu filho jogue. Mas não tem espaço para todos, infelizmente. Tem que ser escolhido conforme as exigências do profissional. Nem sempre é ele que decide. Muitas vezes o diretor de futebol quer ver um menino atuando. É simples. Um conselho que eu sempre dou para os garotos. Para todos, para estudarem. Até mesmo para aqueles que a gente vê mais potencial para se profissionalizarem. Estudem que a carreira é curta e para muitos o funil é apertado".

Diário de campo, 02 de outubro de 2018.

Como pode ser visto, a reunião no clube Belenense serviria para aparar algumas arestas entre clube e parentelas. No caso, o coordenador, acompanhado por sua comissão técnica, procurava esclarecer questões sobre expectativas na condução do processo até a possível profissionalização. A todo instante, deixavam bem claro para focarem nos estudos e não tão somente na carreira de jogador. Mesmo que essa seja uma prática comum, com os mais diversos esclarecimentos e orientações pelos clubes sobre a formação na base, como no caso do clube Belenense, em que alguns familiares solenemente ignoravam as recomendações. Não demorava muito para que, nas rodas de conversas de familiares, as reclamações no tocante às decisões da comissão técnica, voltassem à pauta. "Sempre a mesma coisa. Faz anos que eles ficam nessa enrolação e achando que a gente é trouxa. O técnico que escolhe mal e parece que a culpa é nossa", desabafava Adenor, em uma roda de familiares, enquanto esperava o treino de seu neto terminar. Adenor era um dos que mais criticava a condução da equipe. Para ele, os treinadores estariam sempre tomando as decisões erradas. "Quando é que o Severo vai tomar uma decisão acertada?". Zé Galo sempre buscava contemporizar as deliberações do técnico, como meio de abrandar o ânimo de Adenor. "Veio, é como o Raimundo disse, nem sempre é ele que escolhe. Vamos ter paciência".

Apesar do título indicando que o subcapítulo seria composto por seções de etnografias com goleiros - não que nessa seção não esteja presente este tipo central - essa seção apresentou narrativas que foram além. Nela procurei apresentar um espaço de construção

relacionado para além dos goleiros. Para tanto, trouxe situações etnográficas que auxiliam a entender o espaço de formação através de certas simbologias e constituições relacionais. Embora fique evidente que o goleiro Alexandre seja personagem essencial para o texto, outros atores sociais ajudam não somente para a compreensão da jornada formativa do goleiro como a de entender a trilha de outros jovens. Essa seção se apresenta a partir de relações entre os mais diversos grupos inseridos nos espaços formativos das categorias de base.

3.3.2 Pai do Fernando, um goleiro em busca de espaço

Nós tivemos aqui no Cruzeiro um goleiro chamado Arlei, que está fazendo muito sucesso no Goiás. Ele tem 1,78m. Não se deu bem aqui no clube por causa da sua estatura, mas ele é um excelente goleiro, por isso no nosso objetivo é trabalhar com goleiros altos, porque depois nós trabalhamos estas outras qualidades. Agora, repito, o principal fator do goleiro é o tamanho (PAOLI, 2007).

Esta seção é uma escrita que chamo mais próxima de autoetnografias. Nele, procuro apresentar uma narrativa a partir de minha aventura, junto com o meu filho aspirante a jogador, por entre os circuitos de formação de atletas da bola no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Seria um espaço de manifestação de como as coisas acontecem através não somente pelas observações, mas sim por meio de experimentos pelo corpo. Ou seja, algo próximo ao que Wacquant apresenta em seu livro "Corpo & Alma" como o aprendizado através do corpo. É um texto que não surge de forma deliberada. Não surgiu de forma intencional. Foi um trabalho que emergiu do campo com relativo potencial etnográfico. De fato, aconteceu em consequência de uma situação íntima, em minha condição de pai, e que hibridamente se atravessou em minha circunstância enquanto pesquisador.

Este espaço ele está marcado por uma não linearidade de acontecimentos históricos. Não há uma fiel ordem cronológica dos fatos. À medida que ia lembrando, eu ia escrevendo o texto e procurando informações junto aos meus diários de campo que fizessem sentido. Isto é, procurei construir uma narrativa em que ia mesclando os diversos acontecimentos conforme iam sendo lembrados. Vamos ao que interessa. No dia 6 de fevereiro de 2020, recebi em minha casa Bernardo, um brasileiro que era técnico das categorias de base de um clube de Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia. Ele veio ao Brasil para visitar a família e aproveitou para encontrar-me para conversar um pouco sobre futebol, além de querer saber qual seria situação do futebol brasileiro, no sentido de reinsserir-se. Em meio à conversa, meu interlocutor quis saber sobre meu filho Fernando. Onde estaria jogando. Bernardo era um fã confesso do jovem. Sempre me pedia que enviasse seus vídeos. Certa vez, até aventou a possibilidade de levá-lo para a Bolívia para se profissionalizar por lá. Sem falar na excursão que fez com a sua

equipe boliviana pelo interior de São Paulo. Respondi que o Fernando não queria ser mais goleiro, que estava cansado de tentar se manter nos clubes e ser dispensado em razão da estatura. Contei-lhe que Fernando havia decidido mudar de posição no meio do ano de 2019, quando foi fazer uma avaliação em uma peneira do Avaí Futebol Clube aqui em Porto Alegre num campo perto de casa. Mesmo que tivesse sido reprovado preferiu continuar sendo testado como lateral-esquerdo a acabar sendo sempre descartado pelo mesmo fato.

No dia da visita, Fernando, na nova posição, havia disputado recentemente pelo Sport Club Jaú, de Santo Antônio da Patrulha, cidade da região do Litoral Norte, uma competição na cidade de Campo Bom, na região do Vale dos Sinos. Antes, no mês de janeiro, estivera treinando no time profissional do Esporte Clube Avenida da cidade de Santa Cruz do Sul, que iria começar em março disputar a Divisão de Acesso⁶⁴ do futebol gaúcho. A sua ida para o clube da região do Vale do Rio Pardo, havia sido intermediado pelo seu padrinho Luciano, que possuía boas relações com os dirigentes do clube. Depois de algumas semanas de treino, observando as poucas chances de figurar até mesmo no banco de reservas, decidi que não iria permanecer no clube. Junto com Fernando havia mais dois jovens com a mesma idade de dezesseis anos. O treinador já tinha avisado que não iria aproveitar os jovens naquele momento, porque a competição era difícil e precisaria utilizar jogadores experientes. A saída fora retornar ao Jau, clube que lhe acolhera, em outubro de 2019, para competir a Taça Champions⁶⁵. Bernardo ouviu pacientemente toda a história, demonstrando contrariedade. Antes de começar o seu discurso, franziu o cenho, e disparou:

Acho que tu deveria tirar teu guri do Sul. Levar para o Nordeste [do Brasil]. Porque tem muita frescura em relação à altura. Se conseguisse fazer os documentos e levar até a Argentina seria o ideal. Em Córdoba, é muito bom. E a Argentina é exportador igual ao Brasil⁶⁶. E não tem frescura. Uruguai, Chile, Bolívia e Peru. Bah, se tu visses o nível sul-americano.

O futebol do Brasil está há anos luz atrás do Europeu. Os caras vieram aqui aprender com a gente, levaram o que tinha de melhor e agora nos deixaram com o que eles tinham de pior. Nos enganaram dizendo que a tática e a preparação física superariam a qualidade técnica. Certo? Talvez, mas não avisaram que eles iriam usar a técnica aliada com tudo isso para se tornarem os melhores.

Vivi anos em Barcelona e nunca vi um menino ser dispensado por causa de altura. Nunca vi nem goleiro ser dispensado por isso. Eu vi Valdés, eu vi Casillas [goleiros] jogarem. Eram fenômenos. Lá a cultura é quem tem mais habilidade joga, não tem essas de que o que importa é o tamanho que depois se insere a técnica. Para eles, importa a técnica para eles inserirem a tática.

Diário de campo, 06 de fevereiro de 2020.

⁶⁴ O Campeonato Gaúcho de Futebol - Divisão de Acesso é a segunda divisão do futebol do Rio Grande do Sul.

⁶⁵ Competição gaúcha de categorias de base, promovida pela ASB Eventos Esportivos.

⁶⁶ Conforme o CIES, o Brasil é o maior exportador de jogadores para o exterior (1.600 em 86 países), seguido pela França (806 jogadores em 70 países) e pela Argentina (713 jogadores em 58 países).

Bernardo era um entusiasta de esquemas táticos no futebol aos moldes do argentino Jorge Sampaoli⁶⁷ e do espanhol Pepe Guardiola⁶⁸. Todas as vezes que nos juntávamos para conversar exaltava os feitos dos dois técnicos. Para o treinador brasileiro e estudante de medicina, o futebol por eles produzidos eram taticamente os mais vistosos. Ao contrário, via o futebol praticado no Brasil que dizia ser engessado e ultrapassado. Para Bernardo, para que o futebol brasileiro pudesse retomar o seu lugar que era de direito seria necessário uma reformulação geral na mentalidade e na cultura esportiva do futebol praticado no Brasil e, em especial, a do Rio Grande do Sul.

Quando meu interlocutor aventou a ida para outros cenários futebolísticos na América do Sul, não seria na condição da nova posição de Fernando e sim para que retomasse à sua origem. Bernardo apostava muito no potencial de Fernando, só não acreditava que isso fosse possível acontecer atuando na região Sul do Brasil. A ideia de Bernardo era procurar outros cenários que estivessem mais de acordo com o seu capital futebolístico. O que Bernardo estava sugerindo seria adotar novas estratégias para a realocação de Fernando no cenário futebolístico, ou seja, encontrar um clube compatível com o seu dom/talento, aos moldes das concepções de Arlei Damo (2005). No caso em tela, os clubes não poderiam ser do sul do país.

Fernando naquela altura estava com dezesseis anos, era ele quem decidia o seu futuro. Até os quatorze anos, a responsabilidade era minha. Depois que começou a jogar no Esporte Clube Belenense, alertei-o sobre as responsabilidades do novo clube e que dali em diante, as decisões seriam tomadas por ele. Eu continuaria ao seu lado, apoiando e aconselhando. Porém, a última palavra seria a dele. Como Fernando não estava presente durante a conversa, então, prometi ao meu interlocutor que assim que fosse possível iria conversar a respeito.

Iniciei esta seção de trás para frente como meio de engajamento do leitor. Trago o final da trajetória de Fernando em primeira mão por ser uma história em movimento, não linear e que possa ser mais bem narrada desse jeito. A segunda consideração está na escolha da epígrafe. Quando li o trecho pela primeira vez fiquei intrigado com aquilo. Precisei ler mais algumas vezes para começar a compreender o que tinha a dizer. O primeiro

⁶⁷ Jorge Luis Sampaoli Moya é um técnico e ex-futebolista argentino que atuava como lateral-direito. Atualmente, é o técnico do Atlético Mineiro. Iniciou a sua carreira como jogador e, após uma grave lesão, decidiu ser técnico.

⁶⁸ Josep Guardiola i Sala, mais conhecido como Pep Guardiola, é um técnico e ex-futebolista espanhol que atuava como volante. Atualmente comanda o Manchester City.

estranhamento fora como alguém pode adjetivar como um "excelente goleiro" e dispensá-lo por conta da baixa estatura para os padrões exigidos no clube? Altura! Se excelência significa grau máximo de perfeição, teor elevado, como poderia um goleiro que possuía menos de 1,80 metro ser adjetivado assim? Conhecendo mais ou menos de onde o autor fazia tal afirmação. Muitas vezes ouvi no campo referências análogas a essa. Por duas vezes, ouvi de coordenadores de base, no caso uma do Alavense e outra do Estoril, frases desse tipo: "muito bom, mas... não vemos projeção dentro do clube levando em consideração a altura". Por fim, mais outra estranheza: como três, quatro ou cinco centímetros de diferença, por exemplo, pode ser fator determinante para a eficácia em proteger a baliza? Foram essas primeiras interrogações, junto ao material produzido empiricamente que foram me conduzindo pelas linhas desta seção. O estranhamento inicial aliado à trajetória de Fernando me permitiu observar com mais cuidado para esse universo simbólico.

A jornada de Fernando no futebol de campo começa em 2014, quando foi convidado para jogar uma competição na cidade de Três Coroas. O convite se deu por meio de rede social *Facebook* pelo treinador Evaristo Velho, da equipe Boca, situada no bairro Mathias Velho, na cidade de Canoas/RS. Naquele tempo, Fernando jogava futsal e às vezes algumas partidas de campo como goleiro. Alternava no futsal suas atuações entre ala pelo lado esquerdo e goleiro. Eu costumava fotografar as partidas e postar em minha rede social, o que acabou gerando certa visibilidade e incrementando o seu capital social.

Durante o torneio, em janeiro de 2015, fui procurado por um olheiro do Internacional que me entregou o seu cartão pedindo que eu ligasse para ele me março para agendar um teste. No evento, a sua equipe chegou ao vice-campeonato ao perder a final, ocorrida no estádio do Mundo Novo, para o Grêmio por dois a zero. Mas antes na semifinal, haviam vencido o Corinthians, nas penalidades, com pênaltis defendidos por Fernando. Após uma semana de testes fora aprovado. Em princípio, era para ocupar a posição de terceiro goleiro. Pois o clube estava trazendo um menino do interior gaúcho, com quase 1,80 metro, aos doze anos, para disputar a posição de titular. Com os treinamentos, foi aprendendo o fazer da posição. Foi entendendo como se posicionar, como socar, como encaixar a bola, enfim, como jogar futebol. Da terceira opção, naquela altura o grupo já contava com cinco goleiros, passou para a segunda. O goleiro recém-chegado do interior não estava dando o retorno esperado. Começou a ser convocados para os jogos. Entrava na maioria das vezes nos últimos minutos. No meio do ano, foi convocado para jogar a Copa Danone, atuou algumas metades dos jogos e a equipe colorada acabou se sagrando campeã. Com o título, passaram a representar o Rio

Grande do Sul no torneio nacional, que foi realizado no meio do ano, na Vila Belmiro, em Santos/SP. No torneio, a equipe de Fernando terminou como vice-campeã, ao perder para o Rio de Janeiro a final por três a zero.

De volta para o Rio Grande do Sul, Fernando começou a ser escalado algumas vezes como titular. Em um amistoso, em Criciúma/SC, foi como titular na partida contra o time local. Com os treinamentos diários, de segunda à sexta-feira, sua confiança ia aumentando. "Pai, estou bem melhor do que quando cheguei. Antes eu era um rebatedor de bola, agora estou ficando mais seguro". Fernando começou a atuar com mais frequências nos jogos do campeonato gaúcho. Parecia que a comissão técnica estava pegando mais confiança nele. Em dezembro, veio a notícia que o goleiro titular estava lesionado. Antes do acontecido, o clube tinha trazido outro menino do interior gaúcho, com 1,86 metro, para jogar a Copa Cidade Verde de 2016. Fernando sabia que seria convocado, só não sabia se seria o titular. Começada a competição, Fernando começou como titular e terminou a competição do mesmo jeito. A final foi perdida, no estádio do Sandense, para o Grêmio nos pênaltis após o empate em zeros no placar. Antes de terminar o jogo, Fernando foi substituído pelo goleiro reserva. O menino não conseguiu defender nenhum.

O ano de 2016 do clube começou em março. Na volta, o feito de Fernando na competição era muito comentado entre os pais. Ele havia jogado sete partidas e não sofreu nenhum gol. Ganhou a premiação de goleiro menos vazado. Para Fernando, essa condição estaria lhe oportunizando a vaga de titular. No entanto, com os treinos iniciados, o goleiro que era titular no ano passado havia se recuperado e retomado a condição. Além disso, o preparador de goleiro mudou. O seu antigo havia sido promovido para as categorias superiores. Essa situação deixou Fernando muito chateado. Eu buscava sempre incentivá-lo e demonstrar que aquilo que estava acontecendo era bem possível de superar. No meio do ano, Fernando foi acometido seguido de duas viroses, ficou mais de um mês sem treinar. Durante a sua ausência havia chegado mais um goleiro do estado do Paraná. Mas que a princípio não seria motivo de apreensão no tocante de disposições hierárquica⁶⁹. No retorno, após a convalescência, Fernando passou a não ter uma boa relação com o novo preparador de goleiros. Até que um dia, me chamou dizendo que queria sair e ir para o Grêmio. Isso foi no mês de setembro. Sabendo de sua intenção, tentei de todas as formas dissuadi-lo da ideia. Sabia que no Grêmio ele não teria muitas chances, por conta da má fama que um dos seus

⁶⁹ Nos treinamentos de goleiros, o preparador costuma iniciar o treinamento por uma ordem que vai do titular até o último selecionável. Nesse sentido, Fernando mantinha-se em segundo na fila.

coordenadores tinha em realizar negócios espúrios. Entretanto, estava decidido em sair. Avisei ao coordenador técnico do Internacional, o qual pediu que fizéssemos uma reunião para tratar do assunto. Ele não queria que Fernando se desligasse do clube. Na reunião, além do coordenador, estava presente o preparador de goleiros e o treinador. De muitas maneiras fora tentado para que mudasse de vontade. Não houve jeito, não queria ficar mais ali. Nem mesmo com o pedido de desculpas do preparador de goleiros. Queria ir para o Grêmio.

Enquanto retornávamos para casa fiz uma ligação para um amigo empresário, pedindo que conseguisse um teste no Grêmio. Expliquei que o coordenador já o conhecia e sempre manifestou vontade de levá-lo para lá. Meu amigo-empresário, então fez o contato e pediu que em vez de eu ir para casa fosse direto para o Centro de Treinamentos do Grêmio Cristal. Foi o que eu fiz. Chegando lá, o coordenador disse que só permitiria a entrada dele com o papel da liberação do Internacional. Entreguei a liberação e em três dias já estava aprovado pelo treinador de goleiros. Porém, não poderia ser inscrito no campeonato gaúcho por ter feito mais do que três partidas pelo time colorado. Dessa forma, ficou apenas treinando e jogando partidas amistosas até dezembro quando iria sair a lista para o Encontro de Futebol Infantil Pan-americano (EFIPAN)⁷⁰. Antes que pudesse ver o seu nome como convocado para o torneio infantil na cidade de Alegrete/RS, recebi uma ligação de um dos coordenadores do Grêmio informando o seu desligamento. A razão estaria na altura. "Muito boa técnica, mas não vemos projeção dentro do clube levando em consideração a predição de altura". Esse prognóstico era avaliado a partir de um exame de raios-X da mão esquerda, em que os coordenadores faziam uma comparação entre a idade cronológica e a idade óssea. Para eles, estaria fora do padrão por dois anos. A idade de Fernando era de treze anos, mas sua idade do exame era de quinze anos.

Com a dispensa, restou virar o ano. Em 2017 foi jogar com o Jau o mesmo torneio de verão na cidade de Três Coroas e de Igrejinha, só que pela categoria de cima, nos nascidos no ano de 2002. Fernando fez uma boa competição. No jogo contra o Juventude, no campo do Fluminense, em Igrejinha, fez ótimas defesas o que lhe valeu um convite para fazer um teste em março. Em Caxias do Sul, foi aprovado em três dias. O treinador do time disse que ficara maravilhado com o estilo de jogo dele e mais ainda com a capacidade de utilização dos pés. Segundo o técnico, seriam virtudes interessantes para a proposta de jogo que estava visando implantar para aquele ano. Quando foi me comunicar sobre a aprovação, fez questão de

⁷⁰ O Encontro de Futebol Infantil Pan-americano, ou Efipan, é uma competição internacional de futebol infantil disputada anualmente na cidade de Alegrete, no Rio Grande do Sul.

ressaltar essa qualidade. "Excelente goleiro, ainda mais que joga muito com os pés". Além da aprovação, imediatamente, ganhou a vaga de titular.

Algumas vezes a equipe era convocada sem ter selecionado outro goleiro para ficar de suplente. Fernando, a meu ver desportivamente, teve um ótimo ano. Muito em razão das conquistas de títulos, do elevado número de partidas disputadas [todo final de semana tinha jogos], algumas vezes fora o capitão da equipe e sempre costumava ser muito elogiado pela comissão técnica e pelos seus colegas de time. Em certas ocasiões, era chamado pelo treinador da categoria Sub-15 para treinar. Inclusive, costumava viajar com o grupo mais velho para alguns jogos.

Se o ano de 2017 aparentava ter sido próspero, o início do ano de 2018, parecia não se repetir. No final de 2017, havia chegado um goleiro de Minas Gerais que recém tinha sido reprovado em teste no Internacional. Com a não aprovação no clube da Capital, foi levado, sem testes⁷¹, pelo seu empresário para o time da Serra. O menino de quase dois metros de altura era uma aposta da coordenação técnica. No campeonato gaúcho, não pode ser inscrito por conta de o prazo estar encerrado. Mas as conversas de bastidores apontavam que seria a grande aposta para as competições do ano seguinte na titularidade da categoria Sub-15.

Em janeiro de 2018, o Juventude foi disputar um torneio na cidade Teutônia/RS. Fernando e o goleiro mineiro foram os convocados. Fernando estranhou quando viu que a sua numeração na competição seria a doze. Eu não. Já antevia a condição. Mesmo prevendo que inevitavelmente isso iria acontecer, preferir não comentar nada para não desmotivá-lo antecipadamente. Talvez, como pai, tivesse sido uma falha minha. Se tivesse feito diferente teria um tempo a mais para trabalhar a sua parte psicológica. Não sei se foi a melhor tomada de decisão. Mas eu já ouvia sobre a situação. Só não entendia como Fernando não havia percebido. Fernando sempre se mostrou altamente competitivo. Normalmente, se recusava a perder. Não gostava nem um pouco de ficar na condição de suplente. Em virtude disso, muitas vezes tive que conversar e explicar que isso poderia se tornar passageiro se dedica-se com mais afinco. Só havia usado a camisa de número doze no início quando chegou ao clube. Na primeira partida da competição, começou no banco de reservas, entrando no segundo tempo.

⁷¹ "Sem teste" é um termo êmico. A sua condição de campo pode ser muito valorizada ou não. Quando um menino chega a um clube sem precisar fazer teste pode denotar que está em condições futebolísticas muito acima do nível dos demais. Ou ainda, que está sendo agraciado em razão da força simbólica do seu empresário. Durante o meu tempo de investigações de campo, muitas vezes que o menino chegava sem testes pela condição do empresário gerava antipatia aos demais do grupo. Agora, se fosse por questões futebolísticas logo era bem aceito porque era visto como uma nova força a se somar para produzir resultados positivos em campo.

Durante o torneio, ficou revezando com o outro goleiro. Às vezes, iniciava a partida jogando, as outras vezes no banco. Contudo, quando começava no banco, procurava mostrar para a comissão técnica o seu visível descontentamento. Fazendo o aquecimento sem a mesma vontade e quando solicitado para entrar indo em direção ao técnico vagarosamente. Algo que nunca foi do seu feitio. Durante toda a competição, agiu dessa forma, até que na semifinal não fora utilizado. Na final, entrou faltando poucos minutos. A sua equipe sagrou-se campeã. Inacreditavelmente, na entrega da premiação, Fernando comemorou a conquista com seus colegas como se tudo tivesse ocorrido como o de costume. Imaginei que iria receber a sua medalha sem muito entusiasmo.

No início do mês de fevereiro, veio o anúncio de sua dispensa. O seu nome não estava na lista do grupo de *WhatsApp* dos que seriam aproveitados para o resto da temporada de 2018. Sentindo a falta de seu nome da lista, Fernando ligou-me estarecido com a situação. Assim sendo, fiz contato com o treinador, que me informou não poder tratar sobre o assunto, pedindo para conversar com a direção. Então, mandei uma mensagem para o coordenador técnico da Sub-14. Esse, por sua vez, indicou que daquele momento, Fernando não estaria mais sobre a sua alçada. Portanto, todos os comunicados seriam através da coordenação da categoria Sub-15. Dessa forma, me forneceu o contato telefônico do coordenador Alves. Ao falar com o devido representante do clube, a explicação mais uma vez passava por questão anatômica. "Não vemos projeção do atleta no clube, relacionado à estatura. Isso foi determinante na decisão. É um bom jogador tecnicamente", foi o esclarecimento. O estranho era que em outubro de 2017 Fernando havia assinado contrato de formação com o clube. O pedido para o vínculo partiu do mesmo coordenador.

De volta a Porto Alegre, Fernando ficou esperando algumas semanas em casa até o empresário conseguir um teste no Figueirense/SC. No domingo, dia 25 de março, desembarcamos em Florianópolis. Hospedamos-nos em um hotel ao lado do estádio Orlando Scarpelli. Na segunda-feira, retornei para Porto Alegre e Fernando começou o seu primeiro dia de avaliação. Na quinta-feira, o empresário me ligou para informar que o desempenho de Fernando estava sendo elogiado pela comissão técnica e direção. "Falei com o diretor e me disse que o pessoal gostou muito dele. Pelo o que me falou está aprovado". Na sexta-feira da outra semana, Fernando me liga em toma de tristeza, avisando que estava retornando para Porto Alegre por que não passou no teste.

Interlocutor Fernando

Tinha eu e mais quatro fazendo testes. Daí no final do treino, o técnico nos chamou para dizer o resultado da avaliação. Tava todo mundo dizendo que eu tinha passado. Eu fui o último a ser chamado. Os outros todos tinham sido reprovados. Daí o treinador disse que eu não passei por causa da altura. Como eu tinha mais ou menos a altura do titular e o potencial parecido. Não tinha porque eles ficarem comigo porque tinha que alojar. Daí disse que o titular só tava no clube porque é dali mesmo. Daí disse se eu fosse mais alto iam ficar comigo.

Diário de campo, 6 de abril de 2018.

Fernando, por alguns dias em casa, sem se descuidar da parte física e técnica, permaneceu esperando que o empresário arrumasse nova avaliação. Sem surgir oportunidade, pelas mãos do empresário, aceitou a proposta do São José de Porto Alegre, que veio por intermédio do preparador de goleiros do clube. O treinador conhecia Fernando dos tempos do Internacional. Como a equipe estaria prestes a disputar a Taça da Amizade Sub-15, na cidade de Roca Sales/RS, o preparador pediu que imediatamente se apresentasse ao clube, porque a coordenação técnica também tinha vontade de contar com ele já para a competição que aconteceria em uma semana.

Sem nenhum jogo pelo clube antes do início competição de nível nacional, apenas treinando, Fernando estreou na 14ª Taça da Amizade como titular. O evento contava com clubes importantes do cenário nacional, como Grêmio, Internacional, Juventude, Paraná Clube, Chapecoense, Avaí, entre outros. Fernando havia jogado bem o primeiro jogo, sem tomar gols. No entanto, na segunda partida, no estádio concórdia, o seu clube havia empatado em um gol. O gol sofrido pela equipa foi creditado a ele, em razão de não ter tomado a melhor decisão para a jogada: ao receber uma bola vinda do seu zagueiro, tentou driblar o atacante e perdeu. O atacante paranista entrou com bola e tudo na goleira. Naquele dia, alguns empresários e membros da comissão técnica da CBF estavam observando. Era um deles: o empresário Douglas, acompanhado de outro membro de sua empresa. No gol sofrido, Douglas perguntou ao seu colega, que estava há muito mais tempo neste campo de trabalho, quais seriam as suas considerações sobre o lance. "Excesso de confiança, mas prefiro um goleiro arrojado, que esteja aprendendo agora a ser assim, do que um medroso. Tem grande potencial. Esse vai jogar, tem espaço para ele", analisou o agente.

Fernando atravessava um bom momento na Copa Roca Sales Sub-15, no interior gaúcho, conforme ia sendo informado, por mensagens de *WhatsApp*, pelos familiares que se faziam presentes ao evento. Como não pude estar presente na competição desde o início, o que me restava era saber pelos pais e assistir, quando transmitido, os jogos pelo *YouTube*. Pelo que eu ficava sabendo, seu desempenho estaria atraindo diversos olhares, desde empresários até de membros de outras comissões técnicas. Quando cheguei à cidade para assistir a final contra a Chapecoense - o São José havia nos pênaltis eliminado o Grêmio no dia anterior - fui procurado pelo empresário Douglas. O homem dizia-se estar encantado com a performance do Fernando. "Cara, ele está muito bem. Mostrou muita

personalidade. Até no gol que ele tomou ele foi bem. O Rodolpho da Chape⁷² estava do meu lado e ficou impressionado. Se você quiser e nos permitir, podemos colocá-lo num clube melhor. Para nós pouco importa a altura, em algum clube ele vai chegar ao profissional".

Diário de campo, 13 de maio de 2018.

Por meio do discurso de meu interlocutor, entendi que vontade do empresário era compatibilizar o referido capital esportivo que Fernando possuía com um clube mais de acordo. Embora, o São José fosse um clube com um bom estádio, que disputasse à época a quarta divisão do Campeonato Brasileiro e a divisão principal do Campeonato Gaúcho, era considerado um time pequeno para o futebol nacional e médio para o contexto regional. Fernando já havia rodado por dois clubes grandes e um médio no cenário brasileiro.

Empresário Douglas

Temos clubes maiores para ele. Principalmente em São Paulo. O São José é pequeno demais para o futebol dele. Tu vê só, ele já jogou em dois grandes do futebol brasileiro e mais num médio. Tem todas as condições para jogar pelo menos num médio lá de São Paulo. Para o futebol gaúcho, o São José até serve, porque é um clube médio para aqui. Mas já pensamos em projeção para Europa.

Diário de campo, 13 de maio de 2018.

Douglas a todo instante exaltava o suposto potencial futebolístico. Segundo o meu interlocutor, a questão da estatura - por não ser algo homogêneo no mundo do futebol - não seria empecilho para tornar-se um profissional. "Conversei com o Rodolpho da Chape e ele se interessou. O pessoal da CBF também elogiou muito durante o jantar que tivemos ontem". Os goleiros das categorias de base da Chapecoense não se notabilizavam por serem extremamente altos. Pelo o que pude observar, mediam entre 1,80m e 1,85m. Nem o pernambucano Rodolpho, que fora goleiro profissional no Náutico/PE, no Fortaleza/CE, no América/RN, no Ypiranga/RS na Chapecoense/SC e no Brusque/SC, era alto. Na sua ficha técnica, constava 1,80m. Mas, segundo o meu interlocutor, não chegava a isso. "O Rodolpho tem a nossa altura" foi o que me disse Douglas, querendo afirmar que o diretor de base do clube do oeste catarinense, possivelmente, não veria a questão de estatura como elemento primordial para a inserção naquele espaço esportivo. Mesmo com todos os subsídios para convencer-me de que começar uma parceria com a empresa traria benefícios para Fernando, decidi permanecer com o meu amigo-empresário.

Antes de prosseguir, faz-se necessário traçar algumas considerações sobre o fazer dos empresários. Os empresários são considerados como grandes peritos dos mercados

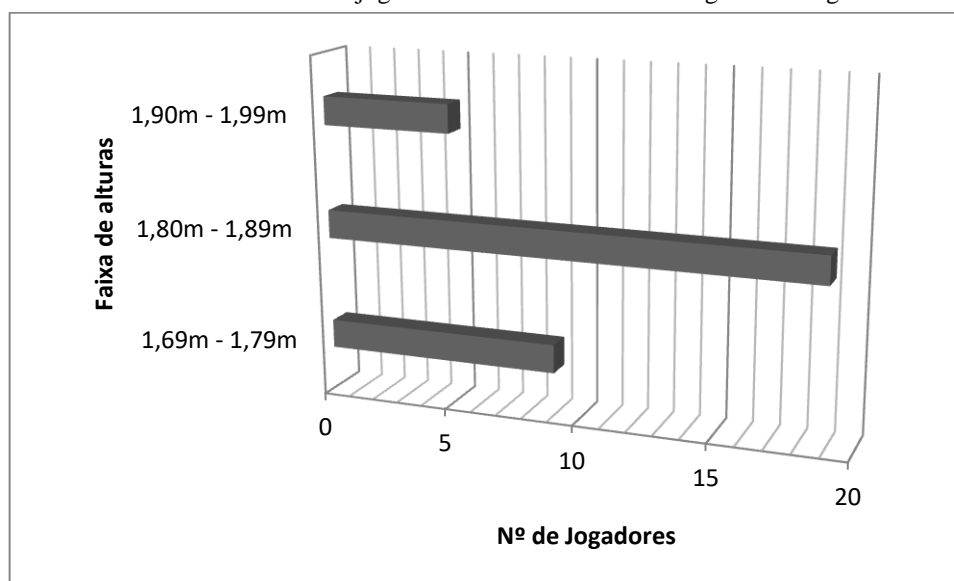
⁷² Abreviação da palavra Chapecoense. Coordenador Técnico das Categorias da Associação Chapecoense de Futebol.

futebolísticos (DAMO, 2005) - acho que esse é ponto chave quando pensamos em sua importância para o futebol. Quando não conhecem determinado espaço se articulam para encontrar algum contato que domine a região. Esses agentes sociais sabem identificar as necessidades e as carências dos clubes. Conhecem os gostos e sabem quais são os aspectos que mais apetece os dirigentes. Nesse sentido, o empresário tem o seu trabalho facilitado quando apresenta um produto com os padrões de exigência para determinado mercado (MACHADO, 2013). Como forma de aclarar o que estou tentando discorrer, exemplificarei: se o empresário apresentar numa folha de papel os nomes de dois goleiros desconhecidos a um diretor de futebol de um clube do sul do Brasil, os quais os dois têm idade de juvenil, sendo que um medisse 1,89m e o outro 1,79m, a tendência seria que o primeiro fosse contratado. Por outro lado, os empresários de futebol são cientes que determinadas características, em certos mercados futebolísticos, são mais valorizadas do que outras, às vezes não importando aspectos antropométricos. Os mercados atuam de maneiras diferentes (MACHADO, 2013). Cada cenário futebolístico tem suas peculiaridades.

No dia 28 de novembro de 2018, reuni-me com o empresário Edmilson para debater sobre o futuro de Fernando. Meu interlocutor achava que para o outro ano, seria importante estar em clube maior. Para ele, o São José era pequeno para o seu capital futebolístico. Edmilson sempre destacou que seu sonho era que fizesse carreira na Europa. Nesse mercado, estaria abrindo portas. "Agora, estou com os italianos [dirigentes] tudo atrás de mim. Ontem, assisti o jogo com eles. Foram ver o Ubaldo. Querem levar meu goleiro para Itália. Assim, que der, levo o Fernando para lá". Segundo Edmilson, o capital-futebol de Fernando estaria mais de acordo com alguns cenários europeus. Pois, nesses espaços, existira outro tipo de cultura futebolística, até certo ponto avessa aos entendimentos do futebol do Brasil. "Dependendo da região [europeia], preferem goleiros que, mesmo não sendo tão altos, tenham a facilidade de jogarem com os pés". Para o meu interlocutor, o atributo estatura não tomaria lugar mais central das discussões do que outras características. "Em Portugal, na Espanha, na Suíça, em outros países europeus não têm isso de altura. O negócio é jogar bem. Se souber jogar com os pés melhor ainda". Meu interlocutor insistia que qualquer argumento no sentido de preferências e gostos pautados em medidas não passava de preciosismo por parte de quem não entendia de futebol.

Entendendo que alguns cenários europeus poderiam estar mais de acordo com o capital esportivo de Fernando, pensei em realizar uma pesquisa em sites esportivos, para compreender o quando Edmilson procurava fazer entender. Portanto, a primeira coisa foi

buscar informações, no site especializado em futebol "oGol" (<http://www.ogol.com.br/>), no tocante das estaturas dos goleiros brasileiros na categoria Sub-17 nos clubes de série A. A escolha desse recorte foi pelo fato de que eu começaria pelo espaço considerado de elite e à medida que as informações fossem sendo saturadas, eu seguiria para as classes de menor prestígio, como a série B, para C e assim por diante. Na primeira incursão digital, vi minhas intenções frustradas. Mesmo sendo uma plataforma bastante utilizada para coleta de dados, não encontrei subsídios suficientes que pudessem por ora contribuir com o meu objetivo. Contudo, não desisti. Apesar de não conter informações para o cenário brasileiro, na categoria, possuía informações sobre o futebol de Portugal. À vista disso, achei relevante produzir, em cima dos dados do futebol português, uma relação de quantidade *versus* faixa etária, a partir do escalão juvenil (Sub-17), como meio de auxílio à minha compreensão.

Gráfico 2 - Altura de jogadores Sub-17 da Primeira Liga de Portugal

Fonte: o autor, a partir de dados coletados no site "oGol"

O gráfico acima foi montado a cerca de faixas de alturas de 33 (trinta e três) aspirantes de 16 equipas da primeira divisão do campeonato português da categoria Sub-17. A primeira faixa comporta goleiros com alturas entre 1,69cm a 1,79cm, a segunda banda entre 1,80cm e 1,89cm e a última de 1,90cm a 1,99cm. Na primeira faixa, foram encontrados nove juvenis. Na segunda, a com maior concentração, dezenove. Enquanto na terceira contou com apenas cinco atletas. A média de altura ficou em 1,83 metro, tendo como o de menor estatura, medindo 1,69 metro do Clube Desportivo Tondela⁷³, enquanto o mais alto media 1,93 metro do Futebol Clube do Porto⁷⁴. Nesse sentido, se for considerado o valor simbólico das instituições, a partir de conquistas de títulos, números de torcedores, participações em torneios internacionais, vezes que figurou entre os primeiros nas competições regionais, tamanho das estruturas físicas dos clubes, entre outros, teríamos o CD Tondela como um clube bem menor que o FC Porto. O CD Tondela, além do goleiro de 1,69 metro, tinha em seu plantel mais dois goleiros, um 1,71 metro e outro com 1,78 metro. Por sua vez, o FC Porto no seu grupo possuía mais três goleiros juvenis, com 1,92 metros, 1,80 metro e 1,80 metro. Talvez, as estaturas pudessem estar relacionadas às grandezas dos clubes. Se fosse levar em consideração que todos tivessem um desempenho semelhantes a diferença poderia estar na

⁷³ O Clube Desportivo de Tondela é um clube português de futebol profissional, com sede na cidade de Tondela, distrito de Viseu. O clube foi promovido à Primeira Liga na época de 2015/2016 depois de três épocas consecutivas na II Liga.

⁷⁴ Futebol Clube do Porto, mais conhecido como FC Porto ou simplesmente Porto, é um clube multidesportivo português sediado na cidade do Porto. É mais conhecido pela sua equipa de futebol profissional, que joga atualmente na Primeira Liga, a competição mais importante do futebol português.

questão da altura. Isso não seria uma certeza, haja vista, o FC Porto possuir dois guarda-metas⁷⁵ com estatura próxima a um dos arqueiros. O exercício que tentei acima fora para tentar entender como o atributo estatura não pode ser pensado a partir de um campo homogêneo. Pois se faz preciso compreender em que campo os agentes estariam circunscritos, evidenciando as disposições engendradas em cenários distintos, em que o peso simbólico estaria muito mais relacionado às circunstâncias do que a termos precisos e objetivos. Na relação FC Porto e CD Tondela, provavelmente o primeiro possuía mais recursos econômicos para investir ou até mesmo poder de atração em razão do seu simbolismo naquele panorama. Dessa forma, captar goleiros mais altos, que de algum modo determinam mais valor simbólico, para o seu grupo seja mais fácil.

No dia 31 de outubro de 2019, ocorreu um episódio que me causou algum estranhamento. Edmilson precisava saber a altura do Fernando para enviar para um diretor de um clube do Nordeste. Então, perguntou-me: "qual é a altura do Fernando". Falei que era 1,82m. Edmilson enviou um áudio comunicando que a altura seria 1,80m. Prontamente, indiquei o seu equívoco. Respondeu-me: "Dois centímetros não são nada. O que importa é ser bom de bola", dando assim por encerrado o assunto. A justificativa de Edmilson talvez sirva para o mercado nordestino, onde não se ouve comentários sobre a exigência de altura. O empresário tinha até pouco tempo um goleiro - formado nas categorias de base do Alavense que não permaneceu no clube gaúcho por conta da estatura 1,83 metro - no Globo/RN. Naquele momento, achei que os dois centímetros fariam falta para um possível teste ou até mesmo contratação. O que para mim teria grande diferença, para o meu interlocutor, talhado no campo futebolístico, não teria a mesma importância. Assim, retornei a um dos meus questionamentos iniciais desta seção: os centímetros seriam importantes na constituição de valor simbólico de um goleiro juvenil? A resposta seria estruturada nas dependências dos cenários distintos. Das relações de campo. Como me disse Bernardo, quando me indicou que o capital esportivo de Fernando estaria mais de acordo com os clubes nordestinos, que a estatura não tinha tanto peso no constructo simbólico. Portanto, para Edmilson os centímetros seriam filigranas dentro daquele espaço mencionado.

Antes da reunião com o Edmilson, no dia 4 de agosto de 2019, eu e meu filho Fernando fomos até o escritório do Tobias Barreto, com quem Edmilson tinha trabalhado e aprendido o *métier* por quinze anos. Como à época, Edmilson estava na Europa tratando de

⁷⁵ Expressão usada em Portugal como goleiro.

alguns assuntos relacionados ao goleiro Ubaldo e precisávamos de certa celeridade para realocar Fernando em alguma categoria de base, haja vista. Então, entrei em contato com Edmilson para saber se por ele haveria alguma objeção em eu conversar com o seu ex-patrão sobre o assunto. Edmilson respondeu: "Claro que não. Vai em frente, irmão. Faz o que for melhor para o guri. O Tobias é só levantar o telefone que emprega quem ele quiser". Alguns dias atrás, Tobias Barreto havia nos procurado com a promessa de contrato e salário para um clube a região metropolitana de São Paulo. O empresário havia sabido por meio de seus olheiros que Fernando teria potencial para integrar o seu grupo de agenciados. Sendo assim, descobriu o telefone de Fernando e fez o contato. Assim, no dia e no horário combinados, chegamos ao local, uma casa antiga em um bairro nobre de Porto Alegre. "Quem diria que, uma década depois, eu estaria no escritório desse mesmo pessoal negociando a carreira de meu filho?"

Na entrada do escritório, reconheci algumas pessoas as quais cumprimentei com um aperto de mão. Fomos conduzidos até uma sala para sermos atendidos. No local, havia muita circulação. Não conseguia reconhecer quais seriam as suas proposições naquele meio. Ficamos a espera de Tobias Barreto por cerca de quinze minutos, até chegar um dos agentes, o Portella, para nos informar que seria ele quem trataria da questão de Fernando, pelo fato de que Barreto estaria em reunião com alguns investidores. "O Barreto mandou suas desculpas por não poder recebê-los agora. Pediu que eu desse uma atenção para vocês". Ciente de que Fernando estava ali pela posição de goleiro, a primeira coisa, acredito por causa de sua expertise não só na área comercial, mas por ter sido da posição quando ainda jovem, perguntou sobre a altura. Pediu que Fernando se levantasse e fez a seguinte indagação: "tu tens o quê? 1,82 ou 1,83cm?". Portella era especialista no *métier*. Havia sido goleiro dos juniores do Alavense e jogado profissionalmente até os 21 anos, quando encerrou precocemente a sua carreira, em Portugal. Pediu para olhar o tamanho da mão.

Interlocutor Portella

"É pequena. Não tem mão de goleiro". Mediante isso, solicitou que o rapaz que se encontrava na sala esparramado no sofá atrás de nós mostrasse a sua mão. "Isto é mão de goleiro. Olha só, ele tem 1,89m. Foi goleiro das seleções de base do Brasil. Está jogando em clube de série D. Se assim já está difícil. Eu sei que tu joga muito. Já ouvi falar que tu é o cara. Mas não tem como. Por mais que tu sabia jogar bem com os pés e tenha atitude, não vai dar. Com essas medidas, nenhum clube te emprega".

4 de agosto de 2019.

Ao falar sobre a palma da mão como um atributo que deveras fosse excludente, olhei aquilo com estranhamento. Embora, eu tivesse visto na pesquisa de Arlei Damo um recorte do

livro de Elio Carravetta, o qual atribuía a palma da mão do goleiro como uma das características específicas prioritárias da posição, não entendia como esse critério pudesse mostrar a eficácia de um atleta. Naquele momento, passei a compreender que as concepções de que o universo futebolístico estava mais relacionado a produções de significado a partir das demandas contextuais do que valores hegemônicos. Assim, como a estatura, a dimensão da mão não poderia ser compreendida simbolicamente sem levar em consideração de qual lugar estaríamos falando. A minha estranheza estava no sentido: o que faria Portella pensar daquele jeito? O que faria pensar que o diâmetro da mão determinaria de antemão quem poderia ou não ser um goleiro? O que teria a ver a palma da mão com o ser goleiro?

Para enfrentar essas inquietudes que surgiam do campo empírico, amparei-me na reflexão de Stigger (2000), que, ao estudar práticas desportivas realizadas nos espaços públicos da cidade do Porto, ofereceu a noção da heterogeneidade do futebol. Se em um primeiro momento passei a olhar desconfiado para a intervenção de meu interlocutor, em outro, comecei a perceber que aquela sua noção estava muito relacionada à sua gênese futebolística, como fora constituído, primeiro como goleiro, e depois como agente de empresário. O futebol, conforme a sua localização geográfica, possui singularidades que acabam afetando as suas produções. Para que se compreenda as concepções de futebol se faz preciso observar em qual lugar se encontram, quais são os elementos socioculturais que se atravessam e o engendram. Portella fora constituído goleiro em um espaço formativo de um grande clube de Porto Alegre. Provavelmente, durante a sua formação, tenha apreendido assim, que goleiro devesse ter a "mão grande" para estar em clube daquela camada. Caso ao contrário, não teria espaço naquele nível. Assim sendo, a partir dessa inculcação, que as suas decisões seriam articuladas. Para o meu interlocutor, dentro daquele microcosmo, o tamanho de mão para goleiros carregaria peso simbólico. Talvez, para outras regiões gaúchas, brasileiras, estrangeiras, não possua o mesmo valor, como do lugar que estou a falar.

Outro ponto que me prendera a atenção fora a expressão "joga muito". Utilizada pelo Portella como, em certa medida, em uma tentativa de alentar o aspirante em seu desolamento, se relacionaria com o atributo desempenho - capital importante para se sustentar no campo de desenvolvimento esportivo. A performance mais uma vez surgiria em contraposição ao corpo. No sentido de valor simbólico, o Portella assumira que teria importância para o campo, contudo, os atributos físicos, naquele espaço, teriam mais força no constructo do capital futebolístico. Sem as devidas relações de cenários, o funcionário de Tobias Barreto não teria como sustentar em seu discurso que mesmo reunidos, no capital futebolístico, a habilidade

com as mãos, a atitude e o saber jogar com os pés, sem a altura, envergadura, dimensão da palma da mão desejada, não seria possível frequentar os melhores espaços formativos. Para o espaço futebolístico em que o agente Portela fora constituído, faria muito sentido. No entanto, não poderia ser evidenciado além desses, sem as devidas perspectivas relacionais. Conforme meu interlocutor ia falando eu aprendia mais sobre o fazer dos empresários.

O meu conhecimento no campo foi produzida a partir das categorias de base, conversando com comissões técnicas, empresários, aspirantes e parentelas. Muitas vezes observei que as escolhas dos clubes seguiam de uma maneira a altura. Contudo, nem sempre eram aplicadas. No Juventude, quando Fernando fora dispensado, em seu lugar havia ficado o goleiro, com a mesma estatura, que passou o ano inteiro na sua reserva e que pouco fora aproveitado ao longo do ano. No Grêmio, no sub 20, havia goleiros com a mesma estatura de Fernando. Contudo, mesmo o coordenador das categorias de base informado que a dificuldade em mantê-lo seria a estatura, colocou-se à disposição para recomendá-lo a outros clubes. Assim, fica latente que a questão antropométrica não serviria para aquela instituição, mas deveria servir para outra. Mesmo que os discursos dos dirigentes desses clubes estivessem relacionando o aproveitamento à altura, o que pode ser evidenciado que nem sempre utilizavam a mesma régua. Por essas narrativas de clubes gaúchos com maiores simbolismos, se conceberia que a configuração antropométrica acabava sendo muito mais importante para as comissões técnicas do que possuir a performance para posição. Contudo, seria aplicado mais pelo discurso do que pela prática. Como modo de exemplificar o que estou a discorrer, trago a fala do olheiro do Vitória da Bahia, inscrita na tese de Arlei Damo (2005), "goleiro e zagueiro você fabrica, não requer talento". O talento neste caso estaria condicionado à performance, que pode ser traduzido em ter habilidade necessária de manipular não somente a bola, mas dominar o uso da tática. Creio que neste determinado contexto, o valor relacional pode ser esse, contudo deve ser observado que apesar de não existir certa preocupação do avaliador na captação de jovens e que estivesse à procura por meninos com padrões físicos pretendidos, nem sempre acontece dessa maneira.

No dia 31 de janeiro de 2020, recebi uma mensagem em meu celular, de um dos meus interlocutores, o empresário Douglas, que estaria disposto em levar o Fernando para um clube do interior paulista, pois havia sido contatado pelo preparador de goleiros da categoria juvenil - era gaúcho - que estava à procura no mercado um nascido em 2002. Douglas, após consultar-me sobre o interesse, ofereceu Fernando. Apresentou o seu currículo, além das suas qualidades técnicas, físicas e táticas, as antropométricas. Em um primeiro momento, a altura

não era empecilho. O problema estava no comportamental. Conforme Douglas, como o treinador era gaúcho, teria contatado algum preparador de goleiro que tenha trabalhado ou conhecesse a fama de Fernando, e foi convencido, após reunião com a comissão técnica, que não seria interessante contratá-lo. "Ele disse que como se trata de um clube-empresa, existe até uma cartilha de bom comportamento, que até mesmo os membros das comissões técnicas deveriam segui-la".

Desempenho e altura, dois elementos que participavam do arcabouço da produção de valor simbólico para a posição do goleiro naquele cenário, em que equipes de categorias de base representavam clubes de elite do futebol brasileiro. Quando o meu interlocutor trouxe o conjunto estatura e performance, apresentou-os em oposição. De um lado, estava o atributo desempenho contribuindo com o incremento em valor simbólico. Do outro lado, estava a altura que causava de certo modo um decréscimo. No futebol, como nos esportes de alto-rendimento, a performance seria condição preponderante para a manutenção do atleta (COUTO, 2012); bem como, componente na constituição do capital esportivo. No entanto, o critério da altura, mesmo que seja artefato no construto, jamais pode ser considerado sem as devidas relações contextuais. Porquanto, mesmo que produções científicas demonstrem que a altura seja fundamental para o goleiro (PRADO *et al.*, 2006; FONSECA *et al.*, 2008; DIGIOVANI, 2012), sem indicar em quais circunstâncias, como país, região, clube, período, evento, não pode ser o único fator de corte. Se por um lado Fernando tinha ao seu favor a sua qualidade de performance como atributo positivo nesse sistema de valoração, por outro a estatura era subsídio não tão forte. Fernando não poderia ser considerado baixo, media 1,80 metro, aos 15 anos, se o contexto em pauta não fosse o esporte futebol da matriz espetáculo. Esse campo tem suas exigências e dentro dos valores simbólicos a altura seria um dos seus critérios. Muitas produções científicas apontam que o goleiro dentro de determinados contextos, no caso em tela, são em níveis do futebol de elite no Brasil, identificam a necessidade de o arqueiro possuir, junto com os zagueiros, em média, estatura mais elevada do que as outras posições, "uma estatura elevada é considerada interessante para a função de goleiro, desde a sua captação" (DIGIOVANI, 2012). Dentre as características prioritárias para a seleção de goleiros, a altura é uma delas (DAMO, 2005).

O que eu pude perceber enquanto transitei pelos múltiplos espaços de formação é que a preferência dos clubes com maior capital simbólico são os jogadores mais altos, independente de condição técnica/tática e psicológica. À medida que o atleta não alcança a altura mínima esperada pelo clube a sua dispensa é inevitável, não importando a sua trajetória

de títulos e vitórias. No caso do futebol gaúcho, os clubes maiores escolhem sempre os mais altos. Aos atletas que são dispensados dessas equipes as suas alocações são imediatas em clubes de menor simbolismo.

A trajetória de Fernando foi retomada com o seu retorno, no mês de outubro, ao Esporte Clube São José. A categoria Sub-20 estava com apenas dois goleiros e, ainda, um com uma lesão difícil de ser tratada. O diretor de futebol pediu que se apresentasse na segunda-feira dia 14 de outubro com o teste de Covid em mão. Depois de alguns meses treinando, o clube, sem saber se iriam participar da Copa São Paulo de Futebol Junior, decidiu encerrar a categoria. Fernando, mais uma vez, ficou sem clube.

Quando Fernando soube da sua aprovação para o segundo ano do ensino médio, me procurou para me informar que estava com intenção de servir ao exército e deixar de lado o sonho de ser jogador de futebol profissional. "Quero terminar o ensino médio e seguir a carreira militar. Futebol é só ilusão mesmo. Baita merda".

Uma das frases motivacionais que sempre utilizei com ele fora: "não é o melhor o que chega ao profissional e sim o mais persistente". Naquele momento, não vi por que utilizá-la. Eu estava sendo convencido que tinha as suas razões. Com o tempo, fui percebendo que existem diversos fatores que definem quem vai se tornar um jogador de futebol. O que eu pude observar que ter talento sustenta bem poucos. São necessárias outras variáveis para que isso ocorra. As situações experienciadas em campo me fizeram acreditar que dependendo do circuito futebolístico as medidas antropométricas devem estar no rol do capital futebolístico e que elas aqui no sul têm um forte poder simbólico.

3.3.3 "Negro de luvas é lixeiro ou eletricista"

O perfil do goleiro encontrado durante as minhas observações de campo era alto, longilíneo e branco. Para que eu pudesse lançar tal entendimento, foram inúmeras partidas e muitos treinamentos das categorias de base assistidos, em que eu realizava o exercício de analisar os arqueiros (tanto os titulares quanto os reservas) a partir de três critérios: estatura, biótipo e cor de pele - o item cor de pele foi incorporado depois em razão do episódio que está em parágrafos mais adiante. Poucos foram os goleiros negros ou pardos encontrados nestes processos de formação futebolísticos.

Se o futebol brasileiro não tem por tradição formar goleiros negros, tampouco o Rio Grande do Sul. Quando incide em um clube gaúcho possuir um arqueiro negro em seu time profissional, possivelmente tenha vindo de fora - como no caso do ex-goleiro da seleção

Brasileira, Dida, que em fim de carreira defendeu o Alavense e o Pitangueiras - que não fora uma revelação da base. Em minha pesquisa de campo, olhando para as divisões de base, encontrei dois jovens no Pitangueiras, um no Alavense, um no Estoril e dois no Belenense que se aventuravam na missão de se tornarem arqueiros. Em um universo que se somados todos os quatro clubes multiplicado pelo número de categorias - desde o sub 9 ao sub 23 - ultrapassando mais de uma centena de aprendizes parece-me bem pouco. No Brasil, conforme Guilherme (2014), a presença de goleiros negros e pardos na elite do futebol profissional, em 2004, era 12,5%; em 2005, 18%; em 2006, 20,5%; em 2010, 25% e em 2012 era 31%. Mesmo existindo uma crescente, ainda aparenta ser pouco frente à quantidade de brancos. Um dos meus interlocutores, no caso o empresário Douglas, de algum modo assume que para ser um bom goleiro deva ter braços longos e boa estatura.

Empresário Douglas

A gente, na empresa, costuma olhar muito para o físico do jogador antes de procurá-lo para fechar a parceria. Se o guri não tem o perfil físico que a gente acha que serve para a nossa agência nem olhamos jogar. Eu estava na Copa Caio Júnior e tinha um cara que trabalha para um empresário. Captação e tal. Ele viu o Alexandre aquecendo antes do jogo e começou a rir [risos]. E falava assim: não, não, não. Me perguntou como ele estava lá. Achou a mecânica dele toda errada. Disse que era horrível. Não sabia como ele podia jogar num clube daquele tamanho. Na verdade, se tu olhar bem para ele, tu vê que ele tem as pernas estranhas. Os braços dele são curtos demais. Era gordo e tem a cabeça grande demais. A altura dele é só na base da cabeça. Mesmo sendo branco não serve como goleiro [risos].

Diário de campo, 5 de janeiro de 2019.

O empresário Edmilson, que é negro, agencia dois goleiros, sendo um branco e um negro. Os atletas regulam de idade, sendo o branco um pouco mais velho, e construíram suas bases em clubes gaúchos. O negro no Alavense; enquanto o branco no Pitangueiras. Coincidentemente, os dois ao final do processo de formação foram dispensados de seus clubes em razão da altura (um pouco mais de 1,80cm). Para Edmilson, o critério de altura seria o menos importante nesses casos. "Os dois possuem uma excelente formação nas categorias de base. Não vão ser dois ou três centímetros que eles vão deixar de jogar". Assim, a questão poderia residir na diferença de cor de pele. Enquanto o branco jogou algumas temporadas em um clube de série A do Brasileiro, após transitar por equipes pequenas de série D, chegando a jogar na Itália, para depois retornar ao Brasil em outro clube de elite; o negro, após ser descartado pelo Alavense, rodou por clubes de série D e sem série para estar atualmente em clube do interior gaúcho. Mediante isso, procurei provocar o empresário, o qual me respondeu assim: "Não sei se isso é fator. Prefiro não pensar assim. Mas está com bastante cara que seja algum tipo de discriminação ou preconceito pela cor. É de se pensar". Infelizmente, durante a

pesquisa pude presenciar um ato de racismo partindo das arquibancadas relacionadas à altura e a cor de um jovem aprendiz de goleiro, o qual eu procuro relatar com um pouco mais de detalhes.

O caso a ser relatado aconteceu no dia 4 de julho de 2018, enquanto assistia a partida entre Belenense e Pitangueiras pelo campeonato gaúcho juvenil (Sub-17). Era um jogo da 13ª rodada, em que o Pitangueiras liderava o certame, com o Belenense na vice-liderança. Naquele período, as categorias juvenis eram compostas basicamente por atletas nascidos nos anos de 2001 e 2002. Salvo raras exceções, utilizava-se os mais velhos como titulares. Antes de o jogo iniciar, como de praxe, realizei o exercício de análise dos goleiros (altura e biótipo). O Pitangueiras tinha em sua baliza um atleta alto, provavelmente, com mais de 1,90cm de altura, esguio e branco; enquanto, o Belenense contava com o goleiro Márcio, de um pouco mais de 1,70cm de estatura, esguio e negro. No banco do time mandante, um goleiro com bem mais de 1,80cm, branco e magro, o que evidenciava que no Belenense as questões porte físico e cor não produziam privilégios.

O estádio contava com um bom público. As torcidas estavam misturadas no setor das cadeiras. Normalmente, os visitantes ficavam nas arquibancadas atrás da goleira e os torcedores do Belenense nas cadeiras. Porém, quando as partidas eram contra Alavense ou Pitangueiras, abriam-se exceções: permitindo as torcidas mistas. Em campo, havia um jogo desequilibrado. Era resistência do lado azul e branco; enquanto do outro era ataque. A equipe roxa pressionava muito, enquanto o Belenense defendia-se, apostando nos contra-ataques. Pouco eram as hipóteses de existir uma chance de gol para os mandantes. Porém, o imponderável ocorrera. Em um descuido da defesa roxa, o atacante do Belenense escapou velozmente para jogar a pelota no fundo da rede. Com o resultado adverso, pressionado pela sua torcida, o Pitangueiras viu-se obrigado a aumentar o volume de jogo. Foram diversos chutes contra a meta do, obrigando o goleiro do Belenense a intervir em lances de extremas dificuldades. A insistência era tanta que enfim os roxos conseguiram furar o bloqueio caseiro, igualando o placar. O gol de empate fez o ímpeto alvirrubro aumentar. A meta do Belenense estava frequentemente sendo ameaçada. Eram diversos chutes potentes em que a defesa sempre bem postada conseguia espantar. Quando o bloqueio defensivo não funcionava, estava com maestria o goleiro negro a salvar o time. A resistência não durou muito. Em uma falha do goleiro, o qual não encaixou um chute de fora da área, acabou por oferecer a bola para o rebote. O atacante do Pitangueiras, ávido pelo gol, em uma batida com força, decretou a virada do placar da partida. O erro técnico do aprendiz de imediato repercutiu nas

arquibancadas. Alguns gritos de protestos eram direcionados ao menino. Sem transparecer estar incomodada, naquele momento, a equipe adversária com o resultado favorável havia diminuído o ímpeto oferecendo margem para que a equipe do Belenense permanecesse mais tempo com a bola, o *goalkeeper* passou a jogar mais com os pés. A cada bola recuada para o arqueiro, em que ficasse sob sua guarda, ou qualquer intervenção, alguns comentários preconceituosos em relação ao seu tamanho eram realizadas. "Tirem esse anão do gol!". "Coloquem um goleiro de verdade!". "Como querem ganhar com um pigmeu na goleira?".

Como não bastasse o desprezo em relação à estatura do guarda-metas, alguns torcedores, aproveitando-se do escárnio, para demonstrarem seus preconceitos. Dentre estes episódios lamentáveis, um ocorrera bem ao meu lado. Aconteceu acerca de no máximo um metro e meio. Dois homens, trajando vestimentas roxas, brancos, cabelos grisalhos, um com barba no mesmo tom, conversavam sobre o desenrolar do embate. Dentre as avaliações mais voltadas para os desempenhos individuais ocorrera sobre o goleiro do Belenense. "Negro de luvas é lixeiro ou eletricista". A revelação que ocorrera em tom quase inaudível - movimento que visava preservarem-se do estigma de racistas - somente captado por mim pela questão da curtíssima distância. Possivelmente, a consideração desastrosa tenha sido fruto da repercussão das manifestações preconceituosas alusivas à estatura do jovem e ao próprio racismo estrutural de nossa sociedade. Perplexo, estava diante de meu grande dilema de campo. Junto com o "estranhar" os acontecimentos, "relativizar" as culturas foi uma das primeiras premissas a mim ensinadas. Como eu deveria agir diante de tamanha imoralidade? Seria de bom tom seguir os pressupostos da etnografia do relativismo cultural tão caro às ciências sociais? Estaria incorrendo em um erro etnográfico, a partir das minhas moralidades, interferir na conversa? Para Zaluar (2009), creio que não, pois a antropóloga afirma que "quando se trata de moralidades que provocam vítimas em outros setores da mesma sociedade inclusiva, todo o cuidado é pouco no uso da relativização".

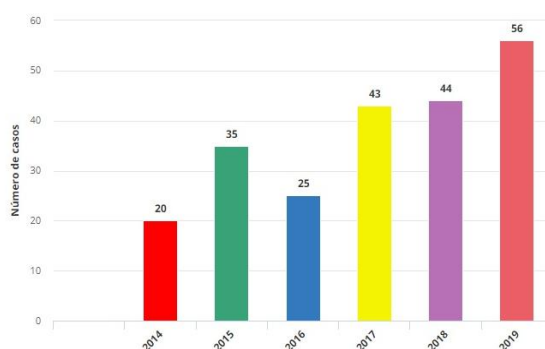
O cunho racista da expressão, aos quais negros não podem acessar certos espaços, inclusive, profissionais desportivos, denota como são estruturadas as estruturas do futebol contemporâneo. No futebol brasileiro, negros não ocupam cargos de distinção, como técnicos e presidentes de clubes de elite - como exceção, temos o treinador do Bahia Roger Machado e o presidente da Ponte Preta Sebastião Arcanjo, que servem para confirmar a regra. A referência à cor para classificar a inaptidão traz consigo todo o preconceito de décadas no futebol brasileiro. O episódio ocorrido na final da Copa do Mundo no Brasil, em 1950, em que a seleção brasileira perdeu a final para o Uruguai, por dois tentos a um, em que o goleiro

Barbosa fora apontado como vilão, em decorrência de não impedir o segundo gol uruguaio, em lance considerado defensável, não vitimou somente o arqueiro negro, mas sim gerações de negros que viram extirpadas as possibilidades de aventurarem-se na posição.

O racismo no futebol é reflexo do racismo presente na sociedade brasileira. O ato racista que aconteceu com Barbosa guiou o pensamento de muitos técnicos de futebol, principalmente de categorias de base e de iniciação esportiva, que devem ter matado o sonho de muitos meninos negros os desencorajando a serem goleiros [...] (VERÔNICO, 2004 *apud* RIBEIRO, 2018).

No futebol brasileiro existe racismo e não são somente fatos isolados que repercutem nos meios de comunicação. Como forma de combate ao racismo estrutural⁷⁶ do futebol brasileiro, o Observatório da Discriminação Racial do Futebol, desde 2014, anualmente, publica um relatório com casos denunciados de racismo no futebol brasileiro⁷⁷. Os relatórios servem para dar visibilidade e desfazer a ideia que não existe racismo no meio e que os existiram foram casos isolados. Conforme o último relatório, compreendido entre 01 de janeiro e 31 de dezembro de 2019, existiu uma elevação de 27 por cento, com o acréscimo de doze ocorrências (vide gráfico abaixo), se comparado com os números de 2018, que foram de 44 registros. Em 2014, foram 20 casos de racismos no futebol brasileiro, registrados pela entidade. No seguinte, em 2015, os casos aumentaram no percentual de 75, chegando a 35 episódios racistas. Em 2016, uma queda de dez casos, chegando a 25. Em 2017, os números quase dobraram, foram 18 eventos a mais de racismos, totalizando 43.

Gráfico 3 - Casos de racismos no futebol brasileiro



Fonte: Observatório da Discriminação Racial do Futebol

Em que pese o aumento da luta contra o racismo no futebol, em que a dupla Gre-Nal

⁷⁶ Preconceito racial construído a fim de perpetuar a estrutura de poder vigente entre raças.

⁷⁷ Relatórios Anuais da Discriminação. Publicado em: <https://observatorioracialfutebol.com.br>. Acesso em: 23 ago. 2020.

tem se mobilizado (SERRANO, 2019), os últimos números, do relatório do apresentam um cenário desalentador no sul do Brasil: quase um terço dos episódios em 2019 foram registrados no Rio Grande do Sul⁷⁸. Relativizar, em nome de uma boa ciência, o absurdo, em qualquer tipo de posição, como meio de justificar o direito à diferença, não serviria para aquela ocasião, pois estaria incorrendo em encobrir o desrespeito aos direitos humanos. O ato evidente de preconceito racial não poderia passar em vão, pelo menos ao meu lado. Criticar o menino pelo seu desempenho técnico e tático teria a minha passividade relativa. Mesmo achando que alguns torcedores se excedam em seus direitos individuais de realizarem críticas a performances dos garotos, sempre procurei manter-me na perspectiva etnográfica de não cometer faltas pelos meus ajuizamentos morais. Entretanto, aquele episódio não permitia "neutralidade"⁷⁹. Educadamente, voltei-me em direção aos sujeitos e perguntei se eles tinham noção do que eles acabaram de afirmar. Aparentemente, sem entenderem o motivo da minha abordagem, responderam que não. Ressaltei, inicialmente, as suas relações de pertencimentos a instituição Clube do Povo⁸⁰, que orgulhosamente identificava-se com a negritude, para depois entrar no mérito. Com calma, expliquei que a afirmação deles era preconceituosa e de cunho racista. Pois não haveria nenhuma comprovação científica no mundo em que dada premissa pudesse ser verdadeira. Inclusive, demonstrei a eles, por meio de exemplificações, que o próprio Pitangueiras teve resguardando as suas metas excelentes goleiros negros. A dupla, com vergonha da situação, pediu-me desculpas, admitindo o uso de uma fala impensada.

Aquele fato, fez me recordar do uso do termo ainda em minha infância, na década de oitenta. Naquele tempo, essa falácia era rotineira no meio de futebol e nunca me causara espanto. Aprendi, quando criança, que aquilo era uma verdade absoluta e que não deveria ser contradita. Ainda mais quando a primeira vez que ouvira tenha saído da boca der um menino negro que jogava nas categorias de base do Pitangueiras. No meu mundo, tudo que partisse daquele campo não poderia ser contestado. Quando eu ouvi pela primeira vez que negros não prestavam para goleiros, sem as devidas explicações, inculquei um capital cultural que

⁷⁸ O racismo que persiste no futebol brasileiro e mundial: no Brasil, quase um terço dos casos em 2019 foram registrados no Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/esportes/>. Acesso: 29 ago. 2019.

⁷⁹ Não existe neutralidade no caso. Pois o não reagir ao escárnio, seria uma ação de omissão, de consentimento a manutenção das estruturas.

⁸⁰ Sport Club Pitangueiras recebeu este apelido em meados do século 20, inclusive sendo cantado em seu hino oficial, por historicamente não ter preconceito em relação a raças, aceitando em seus quadros sem fazer distinções.

duraram décadas para começarem ser desfeito. Assim, como a mim estava estruturado nas estruturas do simbolismo do futebol, deveria estar nos sujeitos da arquibancada. Portanto, o racismo no futebol é estrutural.

O racismo está estruturado em diversos setores da sociedade (ALMEIDA, 2018). No futebol, fica latente, quando as manifestações emergem das arquibancadas. Cânticos e gestos racistas acontecem em jogos europeus, como também ocorrera em agosto de 2014 em Porto Alegre na partida entre Alavense e Santos quando a torcida tricolor manifestou o seu ódio contra o goleiro negro Aranha com os gritos de "macaco" (BANDEIRA, 2017). Somente em 2014, tivemos casos que repercutiram muito na imprensa envolvendo jogadores brasileiros. No Peru, o ex-jogador do Cruzeiro Paulo César Tinga foi vítima de racismo em campo, contra o Real Garcilaso. No Brasil, o árbitro Márcio Chagas sofreu racismo em Bento Gonçalves/RS, após apitar a partida entre Esportivo e Veranópolis pelo campeonato gaúcho; Arouca foi agredido verbalmente em razão da cor de sua pele pelos torcedores do Mogi Mirim/SP, quando ainda era atleta do Santos. Fora do país, mais casos envolvendo brasileiros, Daniel Alves, quando ainda jogava pelo Barcelona, em partida fora de casa contra o Villareal comeu uma banana que fora atirada em direção a ele, respondendo a provocação dos torcedores espanhóis; na Rússia, Hulk sofreu racismo durante partida entre seu time Zenit e o Spartak, em Moscou, torcedores imitavam sons de macaco. Mais recente, também na Rússia, Taison e Dentinho sofreram ofensas racistas no jogo entre Shakhtar Donetsk e Dínamo Kiev, em novembro de 2019, pelo Campeonato Ucrainiano.

No futebol, existem concepções de certas permissibilidades pelos torcedores. Para muitos desses a arquibancada serve para desopilar, manifestarem-se verbalmente na forma de xingamento dirigidos aos árbitros, aos jogadores adversários e até mesmo os do seu time. Seria, conforme alguns interlocutores da tese de Gustavo Bandeira (2017), uma questão de ordem sociocultural, em que para os torcedores seria natural proferir certos xingamentos desde os homofóbicos aos racistas. Seria algo tão natural para o meio que até mesmo o argumento para a existência desses comportamentos partiria da premissa que até os próprios jogadores se xingam, que os técnicos xingam. Dessa forma, as suas condutas estariam respaldadas em cima dos agentes do jogo e que, acima de tudo, o importante seria o torcer pelo seu time (BANDEIRA, 2017).

Como já demonstrado em parágrafo anterior, o preconceito ao goleiro do Belenense não residia somente pela questão da cor da sua pele, mas também por conta da estatura. Para os torcedores, um goleiro da categoria juvenil não poderia ter o seu tamanho, Bem antes do

episódio destacado nos primeiros parágrafos, Márcio já havia pensado em desistir da carreira por conta da altura. Algumas vezes, procurou o coordenador da categoria para informar sobre a sua decisão em abandonar o futebol de campo. Apesar das inúmeras tentativas, costumava a ser dissuadido da ideia e continuar treinando. Para o coordenador da base Raimundo, não havia sentido naquele contexto.

Márcio estava há anos no Belenense. O jovem era bem querido no clube e, segundo o coordenador Raimundo, tinha projeção para chegar a equipe profissional. Nesse sentido, algumas vezes ouvi pais e familiares indicarem que as conquistas e os resultados expressivos da categoria 2002 passava pelas suas mãos e pés. Um dos que não cansava de elogiar Márcio, era o Jacó, pai do Israel, menino da categoria 2003, que recém retornara do Rio de Janeiro, depois de passar quase três anos, no Fluminense. Jacó gostava de contar as proezas do goleiro nas competições. Dizia que ele era o melhor arqueiro que o Belenense já teve na base e que se não fosse a questão da altura teria ficado no Fluminense quando foi junto com Israel fazer teste.

Não era só da boca de Jacó que ouvira sobre as capacidades futebolísticas do menino. Muitos pais-torcedores, que circulavam há mais tempo no clube, reconheciam em Márcio às suas habilidades com a bola em contraposição ao tamanho. Como no caso do Roberto, pai do Só da categoria 2003, que evidenciava. "O Márcio é muito bom, Lá em Santiago ele fez milagres. O garoto joga muito. Pena que é baixo. Acho que nem aqui no Belenense se cria, mesmo que o goleiro do profissional não seja tão alto". Mário, pai do Anderson da 2003, também fazia coro ao pensamento de Roberto em relação ao goleiro. "O Márcio é diferenciado. Na Bolívia, fechou o gol. Metade do título é dele. Mas não sei se ainda vai crescer mais. Está com dezesseis anos. Ele na doze, era muito mais alto que os outros. É uma pena". Como se pode ver, o jovem era apontado por ser responsável por inúmeras conquistas da base do clube. A aclamação não estava somente no campo dos torcedores (pais de outros aspirantes). A própria comissão técnica reconhecia o seu valor simbólico perante as conquistas. O coordenador técnico Raimundo costumava evidenciar nas reuniões com os pais que a noção das categorias de base era espelhada com o time profissional. Usava muito o exemplo da posição de goleiro. O que o clube buscava na base eram garotos que tivessem as características dos jogadores do time principal. Nesse aspecto, Márcio se encaixava nos interesses do clube.

No dia 2 de outubro de 2018, houve uma reunião no interior dos vestiários da equipe profissional, com o coordenador das categorias Raimundo, junto com o técnico Severo e o

preparador físico Silas, para tratar sobre algumas ocorrências provocadas por parte dos familiares dos atletas da equipe Sub-15, na partida vencida, pelo placar de dois a zero, no dia 29 de setembro, contra o São Paulo de Rio Grande, pelo campeonato gaúcho, no estádio Francisco Novelleto. Durante o jogo, alguns pais xingavam os meninos do Belenense e reclamavam da ausência dos seus filhos em campo. "Eu pago uma fortuna para meu filho assistir todo o jogo do banco?", bradava o pai do atacante Ayres, indignado com a situação do filho no clube, que quase não tinha oportunidade de jogar e que era um dos contribuintes para a manutenção da categoria. As vozes das arquibancadas não soaram bem junto a direção do clube, que exigiu que o responsável técnico da categoria tomasse atitude. Na reunião, além de ser cobrada a postura dos familiares, existiram esclarecimentos sobre as decisões de campo e as escolhas do treinador.

Interlocutor Raimundo

Eu como coordenador da categoria dou todo o meu apoio ao Severo. Ele escolhe exatamente o que acha melhor para o grupo e em conformidade com a diretoria. Senhores, sei que você são excelentes colaboradores para a manutenção da categoria, mas não podem interferir nela por causa disso. Se quiserem parar de ajudar, tudo bem tranquilo. Seus filhos não serão dispensados por isso. Mas auxiliar não dá o direito de interferência. O que aconteceu durante o jogo foi inacreditável. Xingar o Severo. A família dele toda no estádio. Xingar os guris. Eu estou segurando a barra de vocês, porque a direção exigiu que eu mandasse os filhos de vocês embora [citou os nomes dos pais que foram identificados xingando, mas por uma questão de preservar as identidades, preferi omitir]. Não adianta o Severo colocar o fulaninho no lugar do cicraninho se a direção vê projeção em um e não no outro. Assim que funciona a base. É na projeção para o futuro.

Por exemplo, o goleiro do profissional tem pouco mais de um metro e oitenta. Para a direção um guri da base nessas condições ou que chegue assim, serve. Mas não adianta somente a altura, tem que ter as características dele. Isso que a gente tem buscado. Não adianta ter um jogador pelas beiradas lento. Não sei se vocês entenderam. Mas a base funciona espelhada com o profissional. a não ser que surja um diferenciado como o Plínio.

Diário de campo, 02 de outubro de 2018.

A reunião serviu para além de ajustes comportamentais durante a partida por parte das parentelas, em sentido do processo civilizador elisiano, como para conhecer os métodos de constituição dos jovens futebolistas a partir de um padrão estabelecido e contextualizado. Assim sendo, que busco evidenciar são as questões simbólicas. Para o clube a questão da altura pesaria simbolicamente muito menos do que as capacidades futebolísticas. A capacidade de desenvolver o jogo teria mais valor naquele momento do que o atributo estatura. Nesse sentido, para o clube o sujeito Márcio em seu projeto de desenvolvimento esportivo continuaria tendo espaço, naquele recorte temporal, se assim o quisesse.

Por fim, os dois torcedores roxos, no episódio descrito neste capítulo, evidenciam muito mais do que as manifestações de torcer embaladas pelo entusiasmo de adrenalinas que

os torcedores utilizam em suas defesas para comportamentos inadequados. No caso em tela, não havia o fator que, enquanto torcedores da equipe adversária, estivessem procurando desestabilizar emocionalmente o goleiro como meio de auxílio para a sua equipe. Era preconceito mesmo. O comentário sobre a cor do goleiro ocorrera em sede quase particular, se não fosse a minha presença e meu incômodo, passaria incólume.

Dentro do espectro das desestruturações, a utilização de manifestações que ousavam perturbar o goleiro estava mais em razão da altura do que pelo apontamento racista. Pois o primeiro era aos gritos e o segundo em tom de conversa. Mesmo que tenha ocorrido em modo quase privado, este tipo de comportamento evidencia cada vez mais o racismo estruturado no futebol.

3.4. ENTRE "GATOS" E "JOGADORES DE EMPRESÁRIOS"

Empresário Reynaldo

Então, eu também vejo muito em clube. Por exemplo, pega a caracterização do Independente ali. Para entrar um jogador bom, eles trazem... é exigência do empresário em botar dois, três meninos ruins... ou até mesmo os (pausa) que estão envolvidos no sistema ali ganhando dinheiro pra esse menino estar incluso. Então, isso também é um facilitador, cara. Ahn... tu tendo um empresário de renome, com dinheiro, com poder aquisitivo forte, onde ele consegue fazer essas jogadas da parte financeira e da parte do jogo mesmo, onde tem um jogador que tem um potencial bom, que está sendo pretendido por vários clubes, eles aproveitam esse momento e colocam três, quatro ruins junto, né cara. Entendeu? E ali acaba ganhando dinheiro também. E quem botou ganha também. Esse é o problema. A podridão no futebol é muito visível.

Diário de campo, 25 de janeiro de 2019.

Este subcapítulo nasce a partir de uma conversa com o empresário Reynaldo quando falávamos sobre a relação dos empresários na (re)colocação de jogadores nas categorias de base. Não que não houvesse avistado este fenômeno em campo por meio de outras posições. Porém, foi a partir da fala do empresário que percebi o quanto as incomodações das parentelas de jogadores fariam sentidos. Em meio à conversa, surgiu o tema sobre a facilitação da entrada de meninos, por intermédio de relações entre empresários e dirigentes, nas categorias de base de certos clubes. Observei que do campo germinavam duas categorias "gatos" e "jogadores de empresários", contudo, o meu interesse central era compreender a partir desses fenômenos a relevância dos empresários para os acessos às categorias de formação de base. Procurei não fazer juízos de valores morais, apenas trazer dados empíricos, com as devidas reflexões.

Destaquei o trecho acima como meio de iniciar a reflexão a partir da indignação do meu interlocutor. O fato, de acordo com ele, ocorrera no ano de 2018, entre um empresário

reconhecido no cenário futebolístico brasileiro e um diretor de base de um clube gaúcho. Por questão de ética, dados que pudessem identificar os protagonistas foram propositalmente suprimidos do excerto. Além disso, o destaque serve como conexão para com outras situações experimentadas durante as observações-participantes junto aos familiares dos aspirantes a boleiros. Continuarei o texto a partir das vivências junto aos familiares de atletas, para depois adentrar ao encontro etnográfico junto ao empresário Reynaldo.

Nas rotinas de campo, era comum, nas rodas de conversas, ouvir os pais falarem sobre incômodos causados pelos meninos que eles em suas hipóteses acreditavam serem "gatos" e "jogadores de empresários". Os pais eram muitos queixosos sobre esses tipos estarem dividindo o mesmo espaço dos seus filhos e por muitas vezes ocupando as suas vagas no time titular e até mesmo no banco de reservas. Durante o tempo que acompanhei os pais dos meninos do Belenense e do Pitangueiras, foram inúmeras as reclamações nesse sentido. Observava que a presença de meninos trazidos de fora do Rio Grande do Sul por empresários era sempre motivo de queixas e indignações por parte das parentelas. Além disso, outro fato que gerava repulsa eram os meninos que juravam se tratarem de jogadores de idade adulterada, na língua nativa, "gatos". Que, além de serem "gatos", eram trazidos e patrocinados por empresários.

Antes de continuar, se faz necessário fazer algumas considerações sobre os termos "gato" e "jogador de empresário". Primeiro, a palavra "gato" é um termo êmico. Assim, como encontrado pelo antropólogo Enrico Spaggiari (2009) em sua pesquisa, também percebi com a mesma conotação. O verbete "gato" referia-se à prática da adulteração da idade de jogadores jovens no futebol. Seria uma espécie de fraude documental, em que o objetivo seria criar benefício corporal. Ao adulterar a data de nascimento, o fraudador construiria uma vantagem em relação ao corpo por conta da diferenciação de idade, haja vista, as categorias de base ser escalonadas por faixas etárias. Assim, o jogador mais velho estaria apto legalmente - até que se descubra o crime - em atuar no mesmo espaço de constituição de jogadores mais novos, que, em tese, seriam menos desenvolvidos físico, tático, técnico e psicologicamente. Nesse sentido, Damo (2005) também assevera que a estratégia, a partir de falcatura, o jogador "gato" teria a conversão do que antes seria uma desvantagem (idade) em regalia. Pois, quando o "gato" tem a sua data de nascimento adulterada, tem-se a ideia de um automatismo, que as diversas valências motoras, como força, velocidade, resistência, seriam potencializadas em relação aos colegas de plantel que são mais jovens e teoricamente menos desenvolvidos. Desse modo, a prática do "gato", segundo Spaggiari (2009), cumpriria o interesse de inserir

jogadores mais velhos em competições e partidas destinadas a um intervalo etário inferior, o qual poderia adquirir reconhecimento e notabilidade, em um espaço em que, por vias normais, precariamente alcançaria.

Em relação ao "jogador de empresário", esta é uma locução que definiria que o atleta supostamente seria favorecido por empresário dentro de certos contextos futebolísticos. Só que isso não aconteceria a partir do apadrinhamento de qualquer empresário. A condição estaria muito dependente da situação envolvida e das inter-relações. As conjunturas seriam as mais importantes dentro dos objetos analíticos. Portanto, o termo "jogador de empresário", precisaria da devida contextualização, para entendê-lo. A existência de "jogador de empresário" só ocorreria com a anuência das instituições futebolísticas. Nesse sentido, se faz importante um raciocínio analítico. Se usarmos os exemplos, Vinícius Júnior e Rodrygo, do Real Madri, jovens jogadores brasileiros, os dois possuem empresários, mas não necessariamente precisariam desses agentes para se realocar dentro do cenário do futebol. No caso dos "jogadores de empresários", seriam atletas que desembarcariam em equipes mais pela influência de seus agentes junto a diretores de clubes do que pelas suas capacidades e habilidades técnicas, táticas e assim por diante. Ainda, a ação de influência dos empresários não teria a mesma força em diferentes cenários, estaria atrelada ao princípio de escusas relações entre empresários e dirigentes. Em suma, não seria qualquer relação. Destarte, poderia ser pensada através do demonstrado na tese de Spaggiari (2014), em que existia uma boa relação do empresário Lúcio com o diretor de base do Corinthians. A partir disso, a influência de colocar jogadores na base do Corinthians perpassava na estreita ligação entre o Lúcio e o diretor das categorias de base Batista. Outro exemplo pode ser encontrado na tese de Hergos de Couto (2012). Na pesquisa, o autor narra as saídas de atleta, da categoria sub 20 do Corinthians, por conta da chegada de "jogadores de empresários".

Continuando, o excerto logo abaixo de minha interlocução com o empresário Reynaldo apresenta algumas noções que são carregadas no parágrafo anterior. Mediante isso, procurei correlacionar as ideias extraídas de outras pesquisas com o arcabouço empírico.

Empresário Reynaldo

Não é qualquer empresário que vai lá bater na porta dos caras e dizer: ah, eu tenho esse jogador aqui, mas tu tem que colocar esses três juntos no pacote. Não é bem assim. Tem que construir bem a relação. E tem mais: no outro ano muda a presidência do clube e se trocaram a coordenação da base, vai ter que remar tudo de novo. Isso se não bailar os teus jogadores meia-boca que tu enxertou junto com o bom. Eu, por exemplo, não posso ir lá na sala do coordenador do Pitangueiras e dizer: olha, vamos fazer um acordo [esfrega os dedos indicando dinheiro], eu tenho esse jogador que eu sei que você têm muito interesse, eu coloco ele e com ele mais esses três aqui que eu preciso empregar. Não!

Se eu não tiver uma boa relação, de confiança com o cara, ele me manda longe. Isso se antes ele me atender.

Diário de campo, 25 de janeiro de 2019.

Durante algum tempo, assisti do lado de fora dos centros de treinamento manifestações de repulsa dos familiares para com as coordenações técnicas das equipes de base. Essas indignações quase sempre partiam do que eles consideravam como injustiças com seus filhos. A cada convocação para os jogos dos finais de semana, normalmente, em tom de desabafo, os pais que não tinham seu filho escolhido para a partida manifestavam-se contrariados. Observei muitas vezes esse tipo de cena. Como no dia 15 de setembro de 2018, em que o atacante Amarildo da categoria 2003 do Belenense, neto do seu Adenor, não fora selecionado para participar da partida pelo campeonato gaúcho contra o Borussia: "mais uma vez o Amarildo não está na lista. Mas o gato está e os guris dos empresários também. Essa direção está perdida. Está na mão dos empresários". A irritação do avô de Amarildo com a escolha da comissão técnica já era recorrente, conforme o próprio dizia: "desde que esse gato e o pessoal do empresário Maisena chegaram, o Amarildo não foi mais nem convocado para o banco. Uma hora cansa e vou tirar ele daqui". A manifestação do seu Adenor ia em encontro aos argumentos de outros pais que também condenavam a presença desses meninos, os quais diziam ser uns "de empresário" e outro "gato".

O avô de Amarildo, seu Adenor, vivia a rotina de carregar o neto todas as tardes da semana, desde o ano de 2014, quando o menino foi selecionado em uma peneira⁸¹, para os treinos. Amarildo quando chegou ao Belenense era tido como o mais novo craque da categoria 2003. Com o tempo, seu prestígio fora diminuindo até alcançar a indesejada não convocação para os jogos. Com a intenção de acalmar os ânimos de seu Adenor, Zé Galo, morador da cidade de Viamão e padrao de outro atacante, o Paulinho Garnizé, pronunciou-se desta forma: "Veio, fica tranquilo que uma hora isso vai acabar. Jogador ruim não se cria. O gato logo vai bailar e os guris do empresário não têm como ficar muito tempo. Não tem bola. O Amarildo joga muito mais do que eles. Fica tranquilo. Só mais um pouco de paciência". Zé Galo era uma espécie de porta voz dos pais. Era o mais assíduo frequentador e um dos mais antigos remanescentes daquela categoria. Dizia estar ali desde o ano de 2013, ano que o clube foi campeão em diversas competições, quando o seu enteado começou a jogar

⁸¹ É uma das formas mais tradicionais para observação e captação de atletas para clubes. De acordo com Montagner e Silva (2003), é um processo de seleção empírico, no qual um grande número de crianças e adolescentes é avaliado por clubes. São testes avaliativos que decidem se o atleta está apto ou não a fazer parte da equipe. (MARQUES; SAMULSKI, 2009).

na categoria Sub-10. Zé Galo aparentava ter um pouco mais do que 50 anos e, segundo ele, estaria aposentado pela previdência social em razão de um acidente de trabalho quando ainda era dono de uma fábrica de confecção de roupas, em Porto Alegre. Depois que passou a acompanhar os treinos do Paulinho, começou a trabalhar com a revenda de calçados, pois conseguiria administrar melhor seu tempo entre os treinamentos e o comércio. O homem possuía relação direta com a direção das categorias. Qualquer deliberação entre os pais era levada ao clube por ele. "Veio, eu já falei com o Rubão sobre isso. Ele disse que até o final do ano eles vão ser dispensados. Fica tranquilo. O homem disse que aquilo era um pedido da presidência".

Os familiares acreditavam que a presença desses jogadores além de ocupar posições que deveriam ser de seus filhos, atrasava no desenvolvimento dos capitais futebolísticos. Para eles, a falta de participação nos jogos tenderia a precarizar a constituição dos meninos enquanto atletas. Zé Galo era um dos que mais defendia essa noção, mas por outro lado buscava sempre contemporizar, junto aos pais, as escolhas do corpo técnico do clube, em razão de algumas vantagens que possuía com os mesmos.

Durante, todas as tardes, Zé Galo permanecia esperando o Paulinho. Enquanto isso procurava conversar com os que ali também estavam na mesma condição. Sabedor da minha formação em educação física, muitas vezes, procurou-me para sanar alguma dúvida ou pedir que aplicasse bandagens elásticas no joelho lesionado de seu enteado. Em uma das tardes, trouxe o seguinte assunto:

Interlocução com o Zé Galo

Zé Galo: outro dia estava falando com um treinador lá de Viamão que disputar as partidas seria importante para os guris melhorar o futebol deles, que não adiantava ficar só treinando. Tu que é pesquisador e professor de educação física é isso mesmo ou não é?

Walter: eu acredito que sim. O jogar essas partidas melhoram a formação. Porque esses jogos têm elementos externos e até mesmo internos que não são corriqueiros no dia a dia do treinamento.

Zé Galo: beleza, eu achava mesmo que ele tava certo. Teu filho é titular, sempre está na lista. Tu não tem o que reclamar. Eu até que não tenho. O Paulinho vai em todos os jogos, pega lista sempre. Só que na maioria é reserva. Para mim, está bom. Tenho uma boa entrada com o Rubão. Não posso reclamar de nada. A única coisa que faço é acalmar os ânimos dos pais. Sei que alguns falam que eu não reclamo porque tenho amizade com o pessoal do clube. Até não posso reclamar. Mas o Paulino está aqui por méritos dele. Só que na real eu não posso meter o pé na porta deles e dizer o Paulinho daqui em frente vai ser o titular e você vão mandar embora o gato e os perebas do empresário. Não dá, tem que ter jogo de cintura, né?

Diário de campo, 04 de outubro de 2018.

Zé Galo sabia articular bem os grupos do entorno do estádio. As suas falas quase sempre eram com essa direção. Procurava sempre costurar meios de manter os pais e mães

próximos e era através dessas narrativas que buscava aproximação com todos. Eu comecei a frequentar os espaços do clube Belenense no ano de 2018. Mais precisamente no início de maio. Porém, antes mesmo, eu já circulava pelos espaços do Estoril, do Pitangueiras e do Alavense. No clube Pitangueiras, comecei em 2015 e permaneci até um pouco depois de meados do ano de 2016. No Alavense, iniciei em 2014 e parei ao final de 2016. No Estoril, o início foi em 2017 sendo encerrado no início do ano de 2018. No Pitangueiras, quando cheguei, rapidamente, aproximei-me de um grupo de familiares e amigos de atletas da categoria 2003. Havia vários grupos. Eles eram subdivididos mais ou menos entre as parentelas de meninos nascidos do ano de 2001 a 2005. Conforme o ano de nascimento do atleta envolvido, eram as configurações dos grupos. As turmas não eram fechadas, havia porosidades que permitiam pais de outros anos de categorias adentrarem. Mas além da questão principal dessas formações serem a data de nascimento dos meninos estava nos horários de treinos. Algumas vezes, um menino mais novo era chamado para treinar na categoria de cima e com isso o familiar acabava se aproximando de outro grupo que não fosse o seu originário.

Já no início fui absorvido pelo grupo da categoria 2003. Era um grupo grande, mas não muito coeso. Às vezes, um pai/mãe ou outro/a se desgarrava da turma muito por questão de momento do filho no time. Se o filho não estava sendo aproveitado ou o filho de um dos presentes estivesse mais evidência, acabava acontecendo um processo de distanciamento. Passei muitas tardes assistindo aos treinamentos ao lado do pessoal. Costumávamos fazer todo o tipo de análises.

Assim como, no grupo de pais do Belenense, as categorias "gatos" e "jogadores de empresários" naquele espaço também se faziam presentes. O clube Pitangueiras possuía do lado de fora do centro de treinamentos um campo de grama sintética que possibilitava assistir aos treinamentos. No estacionamento, em dia de sol, os pais colocavam suas cadeiras e guarda-sóis para passarem a tarde a espera do final do treino. Nos dias de chuva, era dentro dos automóveis que se assistia aos treinos. Indiferente, do clima, procurávamos nos posicionar próximos.

O grupo da categoria 2003 tinha uma média de quinze a vinte familiares em dia de jogos. Durante os treinos na semana, o número era bem menor. Os mais frequentes eram o José Márcio, Uruguaiana, Domingos, Ivoti e o Raul Elias. Havia também o grupo das mulheres que gostavam mais de ficar esperando dentro do ginásio do que no pátio do estacionamento.

José Márcio era proprietário de uma revenda de automóveis na zona central de Porto Alegre. Costumava levar o seu filho Marcinho no início do treino e ao fim buscá-lo. Algumas vezes, conseguia se desvencilhar do trabalho para passar a tarde assistindo aos treinamentos. Nos jogos da categoria 2003, era presença certa. Uruguaiana trabalhava como vigia em uma fábrica de celulose na cidade de Guaíba. Veio morar na Capital quando o Pitangueiras trouxe o seu filho para as categorias de base depois de descoberto em uma competição na cidade de Três Coroas. Uruguaiana foi um apelido dado pelos pais do grupo quando se mudou da cidade fronteiriça para a Capital. Domingos também havia vindo do interior gaúcho com a sua família quando o seu filho fora recrutado para jogar na base do Pitangueiras. Bruno, seu filho, havia se destacado no campeonato gaúcho de futsal e olheiros do clube o indicaram para um teste. Quando foi aprovado, Domingos e sua esposa alugaram um apartamento nas proximidades. O rapaz trabalhava com representação de roupas e continuou realizando o mesmo serviço, só que agora na região Metropolitana. Ivoti trabalhava na construção civil. Seu apelido veio pela mesma causa do Uruguaiana. Apesar de não ter se mudado para Porto Alegre, ficou com o apelido de sua terra natal. Assim como o seu filho também ganhou o codinome de Pedrinho Ivoti. Ivoti costumava alternar as idas ao CT com sua esposa. Só parou de frequentar em dias de semana quando conseguiu vaga para Pedrinho na van do Zangado que saía de Novo Hamburgo. Sobre Raul Elias descrevo mais adiante. Permaneci acompanhando esse grupo até setembro de 2016, quando meu filho Fernando decidiu trocar de clube, indo para o rival. Assim, minhas incursões diminuiriam consideravelmente.

Depois de mais de dois anos, no dia 28 de novembro de 2018, antes da partida entre Pitangueiras e Nazaré, no campo das Pitangas, reencontrei esses pais que foram meus companheiros por quase dois anos. Naquele dia, cheguei uma hora antes do jogo iniciar. O motivo era etnográfico. Queria experimentar a atmosfera que antecede a uma partida importante nas categorias de base, além de observar as movimentações dos empresários naquela cosmologia. Sabia que em jogos de tamanha envergadura, os empresários faziam-se presentes. Chegando ao bar para pegar uma água antes de adentrar ao estádio, encontrei sentados em volta de uma mesa esses meus velhos parceiros. Ali, estavam José Márcio, Domingos, Uruguaiana e Ivoti. Os quatro se preparavam para assistir os filhos jogarem a semifinal do campeonato gaúcho. Apesar do filho de José Márcio não ter sido convocado por estar lesionado, o pai se fez presente, segundo o próprio, para prestigiar os amigos e os colegas de equipe de seu filho. Reparei a falta do Raul Elias. Quando perguntei sobre ele, meio constrangido, José Marcio informou-me que o filho dele, Cássio Henrique havia sido

dispensado, no mês de setembro.

Depois de apanhar a minha garrafa de água, o dia estava muito quente, apesar de ter chovido a manhã inteira, aceitei o convite para sentar junto a eles enquanto o portão do estádio mantinha-se fechado. Sentado junto aos meus camaradas, passamos a conversar sobre as distintas situações dos "jogadores de empresários" e dos "gatos".

Interlocução com os familiares do Pitangueiras

Uruguaiana: e aí. Walter! Quanto tempo, meu amigo. Tudo bem? Como está o filhão? Ouvi falar que está bem de titular no Belenense. O guri tem futuro. Não sei como ele não quis ficar aqui. Seria titular indiscutível. O Jairinho e Criciúma [goleiros] estão numa tiriça que estamos precisando urgentemente de goleiro. Quem sabe não volta.

Walter: estou bem, meu amigo. O Fernando está bem também. Voltar para cá quem sabe algum dia. No momento, não se pensa sobre isso.

José Márcio: bah, não faça isso. Aqui continua a mesma coisa. Cada vez mais chegando jogador de empresário e tem uns gatos de assustar. Hoje, os guris só foram convocados porque tem uns machucados e ainda assim para o banco. Nenhum dos nossos vai sair jogando. Agora, me diz uma coisa, como é que tá lá no Belenense? Conforme for o retorno do Marcinho... Estou pensando em tirar o Marcinho conforme for o retorno dele da lesão. Se continuar essa coisa de privilegiar jogador de empresário, ele vai sair. Não me interessa contrato de formação. Vou dar um jeito para ele sair.

Domingos: pior, a coisa continua a mesma. Lembra do Bigode e do Canelone? Já foram no ano passado. O Bigode acho que era gato de uns dois anos e o Canelone acho que era 2002. Mas era de empresário, né, fazer o quê? E as pesquisas dos empresários como é que tá? Tá firme?

Walter: continuo firme... vocês já me ajudaram muito [risos]. Inclusive vou lembrar desse dia de hoje para a pesquisa [risos].

Domingos: [risos] beleza, por mim tudo certo.

José Márcio: por mim também.

Ivoti: para mim está tranquilo, desde que não saia nada no jornal [risos].

Uruguaiana: [risos] comigo também. Pode até botar no jornal, que eu vou lá e confirmo. Os empresários que trazem esses guris são tudo sem-vergonhas!

Walter: pelo visto as coisas não mudaram nada por aqui, continua a mesma coisa?

Uruguaiana: não, não mudou nada. Todo ano chega mais gatos e jogador de empresário. Eu sempre falo para o pessoal que o Nestor veio por méritos dele. Depois que ele passou que o seu Vantuir passou a empresariar. Agora é brabo mesmo. O Nestor veio como centroavante para cá, agora o treinador só coloca ele para jogar de zagueiro. Aí não tem como. Já fui lá [coordenação técnica] reclamar que ele é atacante. Mas eles teimam em usar ele na defesa. Daí tem uns vinte atacantes trazidos pelos empresários, sem falar naqueles dois meninos com barba mais serrada do que a tua [risos].

José Márcio: é verdade. Toda semana tem gente chegando. Tu não sabe mais nem de onde vem vindo. Tu só fica sabendo que é quase sempre do mesmo empresário. Agora, chegou aquele guri vindo do Alavense, que chegou sem teste e ainda saiu matéria de jornal. O guri é jogador do Lucas Fachel, o mesmo empresário do Darci e do Francisco, do Alavense. Aquele menino joga parece que está com nojo. É tapa virando a cara. É só balaca. Mas é jogador do Fachel. Mais um atacante para empilhar aqui. Depois os dirigentes querem vir cobrar moral de cuecas.

Ivoti: ainda bem que o Pedrinho não é atacante, senão eu iria ficar com mais raiva daqui. Imagina, ele ainda não maturou, como é que ele ia concorrer com um monte de gatos que o clube pega. Se dão um encontrão no Pedrinho ele salta longe. Já falei com a coordenação sobre isso, se eles vão querer o Pedrinho para o ano que vem, senão já ia tirar agora, mas me garantiram que ele iria ficar.

Domingos: outro dia me chamaram na coordenação para saber o que estava acontecendo com o Maurinho⁸² que estava fazendo corpo mole. Eu já avisei a eles que ele é atacante e não lateral. Ele não quer jogar nessa posição. Daí tu vai reclamar de uma montoeira de atacantes que eles trazem, daí tu fica por errado. Eu não sou de me queixar, mas tem umas coisas erradas aí. Daí eles deslocam o guri para trás só para encaixar o balaqueiro que veio do Alavense. Eu nem falo do Bruno que ainda não maturou. Não pega vaga nem no time reserva no coletivo. Mas do Maurinho eles não podem fazer... pessoal, estão abrindo os portões, vamos lá?

28 de novembro de 2018.

As razões, a priori, para as repulsas, deveriam ser as mesmas do grupo de familiares do Belenense, em que residiriam na questão do espaço ocupado. Como o futebol de campo são onze em campo e mais o banco de reserva, o que pode variar entre seis e nove suplentes, os jogadores supostamente irregulares, como os gatos, e os apadrinhados estariam tomando vagas por meios inadequados. Nesse sentido, isso determinaria um menor número de vagas e diminuindo as chances de uma convocação ou até mesmo na participação de coletivos. O problema não estaria centralizado somente nisso, porque os pais diziam aceitar a condição de seu filho ser um reserva ou até mesmo não ser listado para um jogo, se as escolhas fossem realizadas o que eles chamavam de justa e correta. No caso dos gatos e dos jogadores de empresário, tomavam para si que a condições estariam burlando um sistema simbólico de valores pautados na honestidade.

Durante o tempo que observei e participei no cenário do Pitangueiras, um dos mais atuantes e entusiastas da causa contra os "gatos" e os "jogadores de empresários" era o Romeu Elias, ou somente Elias, como era em regra tratado. Elias era funcionário público aposentado do município de Alvorada, e nos tempos que frequentei aquele espaço era o mais assíduo dos frequentadores. Não me lembro de uma tarde sequer que ele não se fizesse presente nas dependências do Pitangueiras. Creio que, se não fosse por motivos escolares, seu filho Cássio Henrique não faltaria aos treinos. Elias era o responsável por levar e trazer Cássio aos treinamentos. Já tinha a experiência de ter realizado a função com o mais velho, que agora estava jogando no exterior. Elias, dentre as suas características, orgulhava-se em dizer que era um *expert* sobre formação de boleiros em razão do tempo em que estava dedicado a acompanhar os filhos. "Eu conheço isso aqui muito bem. São anos costeando os alambrados desses campos. Primeiro com o mais velho, foram seis anos e estou aqui com o Cássio desde quando formaram a categoria sub 9". Gostava de exaltar o seu conhecimento sobre o futebol

⁸² Maurinho era um menino que morava em uma cidade próxima a de origem do Domingos. Ele havia passado no teste no mesmo período que o Bruno. Desde então, Maurinho passou a morar no apartamento de Domingos, sendo um segundo pai para o garoto. A direção do clube resolvia todas as questões do menino com Domingos que tinha procuração da família para assim o fazer.

pitangueiro e como se considerava um fanático torcedor, "eu conheço isso aqui melhor do que esse pessoal. Esses dirigentes chegaram muito depois de mim. Eu já fui conselheiro do clube e conheço bem a base. Eu sou torcedor acima de tudo". Acreditava que pelo fato de ter retirado o mais velho do clube por causa da pouca valorização, o mais novo estaria sofrendo as consequências com retaliações. Além disso, para Elias, as raras convocações de Cássio não estariam baseadas somente por isso. Mas mais pelas questões irregulares que diretores do clube realizavam mancomunados com empresários. Elias não escondia que a condição de seu filho ser reserva e por muitas vezes nem figurar no banco decorria mais pela presença dos "jogadores de empresários" e de um "gato" em especial, o qual o apelidou internamente de "Canelone", uma alusão a caneleiro⁸³, do que a sua qualidade técnica e até então pouca imposição física.

Interlocutor Romeu Elias

Não sei mais o que fazer com o Cássio. Toda sexta-feira é a mesma coisa. Tenho que sair correndo do treino com ele para a casa porque o guri entra em desespero, começa a chorar sem parar. O guri não aguenta mais não ser convocado. Se fosse por falta de futebol, até a gente entenderia. Mas não é. Vai dizer que ele não joga mais que o "Canelone"? Sem falar que ele é gato. Mas daí não é só o "Canelone" que atrapalha. Tem os jogadores dos empresários. Esses não podem sair do time, mesmo sendo fraquinhos. O Japonês e o Ronaldão não amarram a chuteira do Cássio, mas são jogadores do Ricardo Maciel [empresário]. Daí tem o filho do Ezequiel que é empresariado pelo Jesus Giorgio. Digo para o Cássio ter paciência que a hora dele vai chegar. Com gato eu nem me preocupo muito. Gato não se cria por muito tempo. Daqui a pouco as coisas se emparelham e vai ficar quem joga mais. Só que com jogadores de empresários a coisa complica. A gente nunca sabe o que acontecesse nos bastidores da bola. O Cássio ainda não maturou, ainda vai crescer. Mas nenhum menino bate melhor do que ele na bola, além disso ele tem uma técnica refinada para centroavante que poucos têm.

Diário de campo, 25 de março de 2018.

Dentre os pais do grupo da 2003, eu costumava passar as tardes mais próximo de Elias. Não saberia explicar o melhor motivo para isso. Talvez pudesse ser pela afinidade de ideias ou pelo seu jeito fanfarrão que me encantava. Elias era um sujeito, além de eloquente, muito participativo. Estava sempre centralizando os diálogos nas rodas de conversa. Além disso, gostava de participar dos outros grupos e conversar com as comissões técnicas e dirigentes. Essas ações de meu interlocutor eram ordinárias de acontecer entre segunda à quinta-feira. Apenas, nas sextas-feiras, dia das convocações para os jogos, que Elias mantinha-se mais afastado do pessoal da 2003 e procurava ficar em conversas mais reservadas com o José Márcio. Nas sextas-feiras, quando se aproximava do final dos treinos, Elias, sem se despedir do pessoal, ia para o interior do seu carro esperar a chegada do Cássio Henrique.

⁸³ Jogador que não possui habilidade suficiente em conduzir a bola.

Cássio quase sempre era o primeiro a sair do vestiário. Como, normalmente, não era convocado para os jogos, saía correndo sem cumprimentar ninguém - era praxe dos meninos se despedirem diariamente de todos os pais. Ia correndo direto para o estacionamento onde estava o seu pai a lhe esperar. Nas segundas-feiras seguintes, a conversa com Elias girava em torno do choro do menino e da insatisfação com a comissão técnica em razão da utilização dos gatos e dos jogadores de empresários.

Voltando ao tempo, na tarde fria e chuvosa, do dia 26 de junho de 2016, enquanto assistíamos de dentro dos carros o treino no campo sintético que estava encharcado pela chuva que insistia em não parar, Elias chamou-me para olhar o treinamento em seu veículo. Como naquele dia encontrava-me bem entediado, prontamente, aceitei o convite.

Naquela época estava desenvolvendo minha primeira pesquisa sobre empresários de futebol. Logo pensei que seria uma boa oportunidade de, além de o tempo passar mais rápido, de compreender um pouco mais sobre aquele mundo, sobre as relações de empresários com familiares de jogadores, pelo olhar de um pai. Entrando no veículo, logo, pude observar que meu interlocutor estava bastante incomodado. Havia alguma coisa no ar que não conseguia captar. Sentia que havia algo que gostaria de desabafar com alguém. Talvez, tenha sido o escolhido não somente pela proximidade física naquele momento. Não sei. Mas parecia querer falar. Elias sabia que estava estudando educação física e pesquisando sobre futebol. Muitas vezes pedia-me conselhos sobre treinamentos e sobre testes físicos, a contrapartida era narrar-me histórias que contribuiriam com o meu arcabouço empírico para os meus estudos. Não conseguia imaginar o que poderia ser o que estava lhe angustiando, então, preferi descobrir logo do que se tratava, perguntando. O homem suspirou fundo e assim que soltou o ar de seus pulmões disse que queria apenas conversar. Após as primeiras frases e notando que o desabafo - seguindo os preceitos de Hélio Silva (2009), em que nas entrevistas informais, as conversas suscitadas pela participação, os bate-papos alimentados apenas pelas amizades ali contraídas - poderia produzir algo relevante para a minha pesquisa, perguntei se poderia gravar e utilizar como possível material para os meus estudos. Com a devida permissão, liguei o gravador do meu celular.

Elias, pai de aspirante

O que estes caras [empresários] querem na volta de crianças de dez, doze anos? Não consigo entender. Que palhaçada! Isso aqui nem é base. É escolinha. A base só começa no Sub-14. Agora, vivem aqui em roda tentando aliciar nossas crianças. Isso quando não trazem uns "gatos" do Norte, do Nordeste, os seus, que tomam a vaga dos nossos que tem a idade certa. Estou há anos costeando os alambrados da base do Pitangueiras. O que me indigna é o clube fazer parte disso. É uma imoralidade sem precedentes.

Diário de campo, 26 de junho de 2016.

A indignação aparentemente demonstrada pelo Elias relacionava-se ao contexto em que seu filho estava vivenciando na categoria. A presença de supostos gatos para Elias denotavam prejuízos direto para o seu filho, uma vez que - além da já sofrida pressão velada, como o próprio acreditava, por parte dos dirigentes da base em razão da saída litigiosa do irmão mais velho - teria que disputar posição com meninos em tese com mais imposição corporal. Por conseguinte, de acordo com Elias, como se não bastasse o desprezo pelo futebol do filho, por parte dos coordenadores, ainda havia a injusta concorrência com jogadores de idade adulterada, de acordo com os pensamentos de meu interlocutor, trazidos por empresários inescrupulosos, e que contavam com a permissividade diretiva do clube, por meio de certa devassidão.

A irritação de Elias estaria condicionada a presença de dois meninos, supostamente gatos, vindos do Nordeste pelas mãos de um empresário. Os jovens eram oriundos de uma cidade do sertão nordestino. Para Elias, eles eram muito mais altos e fortes do que a maioria dos garotos da categoria. Além disso, já apresentariam características físicas de adolescentes, como pelos na face, que procuravam disfarçar raspando, e voz grossa, enquanto os meninos de onze e doze anos mal ensaiavam os seus primeiros pelos pelo corpo. A tristeza de Elias residia exatamente na coordenação técnica admitir tipos assim, pois, segundo ele, não se criariam e ainda por cima atrapalhariam o processo de desenvolvimento dos que estariam legalmente registrados. Portanto, com mais margem de crescimento. Em sua tese, Damo (2005) aborda esses tipos. O pesquisador ressalta que os gatos fazem diferença ao longo da formação, mas depois de formados os limites do "gato" reaparecem e o que havia sido uma "promessa" não perdura.

O possuir "gatos" no elenco no entendimento de Elias serviria como meio de alcançar sucesso frente ao Belenense. Pois o Pitangueiras não ganhava um clássico com a categoria há anos, sem falar em título de expressão. Pela lógica de meu interlocutor, isso seria um meio de melhorar a reputação do clube, bem como dos seus diretores. Contudo, a termos de formação, além de não haver um futuro promissor, seria prejudicada com esses tipos. Haveria o fator que atrapalharia o desenvolvimento dos que possuem o ano de nascimento correto, à medida que esses eram preteridos nas convocações para os jogos e acabavam tendo este aporte na aprendizagem sonogado.

Elias me ajudou muito a compreender essas categorias "gatos" e "jogadores de empresários". Quando comecei a seguir a trajetórias nas categorias de base, fui aprendendo

que cada categoria estaria configurada a um nível de qualidade desportiva. Cada campo poderia ser entendido como um espaço simbólico distinto, em que a luta residiria entre os atores contidos em seu interior conforme suas disposições, atrás dos mesmos objetivos: alcançar o campo seguinte. A medida que vão se aproximando do time profissional, maiores são as cobranças e as exigências (DAMO, 2005). As vagas vão diminuindo e as dificuldades de ingresso aumentando (DAMO, 2005). Nesse sentido, quando o capital futebolístico não está de acordo com o nível de exigências com o universo pretendido, uma das saídas é a constituição do gato.

Durante o meu percurso de campo, em nenhum momento foi apresentado a mim algum episódio de gato descoberto. Apenas existiram as desconfianças por parte das parentelas, mas que nunca houve qualquer tipo de comprovação. Não estou a dizer que o jogador "gato" não exista mais, como já existiu em muitos casos do futebol brasileiro, como Sandro Hiroshi, Emerson Sheiki, Vanderley Luxemburgo, Rodrigo Gral, entre outros⁸⁴. O meu estranhamento fora no sentido de compreender um cenário em que familiares a partir de disposições de campo assumem através de narrativas de certas condutas como meio de sustentar os seus filhos dentro dos processos constitutivos de jogadores de futebol. Se por um lado, o discurso que os "gatos", através da concorrência desleal, atrapalhavam o desenvolvimento das carreiras de seus filhos, por outro lado, criava mais dúvidas. Em relação aos "jogadores de empresários", compreendi que faz parte do uso das disposições de campo, em que cada um adentra e luta conforme as possibilidades.

No entanto, havia algo a mais nesse jogo e que aos poucos começava a emergir. Em um primeiro momento, olhava somente de perto e de dentro, estava conhecendo o fenômeno. Faltava me afastar para compreender. A questão estava muito centrada nos "gatos" e nos "jogadores de empresários" como objeto central. Todavia, o meu interesse era entender as relações a partir da existência dos empresários. Quando me pus mais afastado, um estranhamento emergiu: será que os empresários promovem benefícios para os jogadores? Não digo em relação aos filhos dos meus interlocutores, mas aos jogadores em geral para acessar aos centros de formação, assim como Arlei Damo (2005) demonstra em sua tese a dificuldade de adentrar a esses espaços.

O pesquisador Pedro Nogueira ao ser indagado sobre a importância de um atleta ter

⁸⁴ No Brasil, 'gatos' dariam um time de futebol inclusive com técnico. Publicado em: http://www.espn.com.br/noticia/664760_no-brasil-gatos-dariam-um-time-de-futebol-inclusive-com-tecnico. Acesso em: 02 set. 2020.

um empresário, respondeu que seria uma grande mais-valia, um aumento do valor em razão de melhoria que lhe foi introduzida. Nesse sentido, quando um "jogador de empresário" acessa esses campos o que acontece que esse está servindo-se de disposições possíveis para adentrar nessas arenas de disputas. Portanto, conforme Nogueira (2014), que visa demonstrar como os empresários seriam imprescindíveis para os jogadores se manterem nos espaços, diz que "todo o apoio técnico dado traduzir-se-á numa mais-valia para o jogador sempre que lhe proporcione, de forma direta ou indireta, melhores condições desportivas e financeiras ou, pelo menos, assegure que estas condições não lhe sejam desfavoráveis". Se por um lado, existe o benefício, na luta por uma vaga; do outro, concomitantemente, haverá o malefício.

Quando o empresário Reynaldo acusa o *modus operandi* de um empresário, em termo inquisitório, que se aproveitando do bom momento de relacionamentos com os agentes dos clubes, para inserir mais jogadores, estaria demonstrando como pano de fundo o quanto se faz importante o atleta ter um empresário de futebol, sem perder de vista as devidas contextualizações. Possivelmente, os dois ou três atletas, sem levar em consideração qualidades técnicas, táticas, físicas, entre outras, estariam de fora do circuito formador de futebol. Dessa forma, o empresário seria uma mais-valia para esses. Portanto, para os jogadores enxertados, a ação empresarial seria um benefício. Para o clube, talvez, não no mesmo sentido de mais-valia, haja vista, esses jogadores enxertados em primeiro plano entraram como contrapeso. Mas no futebol sempre há a figura dos imponderáveis. A história do futebol demonstra que nem sempre essas ocorrências são prejudiciais aos clubes. Por exemplo, quando o Grêmio foi bicampeão da Copa Libertadores da América, o atacante Paulo Nunes, um dos protagonistas da conquista, veio a contragosto do técnico Felipão⁸⁵. Paulo Nunes havia desembarcado, vindo do Flamengo, junto com Magno Mocelin, ou "Romagno", em que este seria a principal contratação para o ataque gremista⁸⁶ e Paulo Nunes um contrapeso.

Tanto os "gatos" quanto os "jogadores de empresários" são ameaças aos atletas que estão estabelecidos. A chegada de novos jogadores aos clubes sempre representa de algum jeito aos que ali já se encontram com menor peso simbólico junto às instituições. Como os grupos das categorias trabalham com um número mais ou menos fixo de jogadores, qualquer

⁸⁵ Alcinha do técnico de futebol Luiz Felipe Scolari.

⁸⁶ Felipão torceu nariz para Paulo Nunes antes de montar time campeão de 95. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/rs/gremio-20-anos-do-bi-da-america/noticia/2015/08/felipao-torceu-nariz-para-paulo-nunes-antes-de-montar-time-campeao-de-95.html> . Acesso em: 01 set. 2020.

atleta que não se encontre no rol dos prestigiados da direção, pode ter que ceder a sua vaga para um recém-chegado, não importando muito em qual circunstância.

Acompanhando jogos, treinos, conversando com pais, treinadores e empresários pude perceber, de maneira recorrente, que a idade é quase sempre diretamente relacionada à qualidade de jogo desempenhada dentro de campo. Muitas vezes para equilibrar em qualidade se faz necessário burlar as regras para vencer o vestibular da bola. No caso dos "gatos", a fraude é um meio encontrado para adentrar, permanecer ou ser reintegrado ao processo formativo. Por derradeiro, compreendi que ser "jogador de empresário" não compreende qualquer ilegalidade e sim vantagem para acessos aos centros de treinamentos e que ser agenciado por um empresário com boas relações com as instituições acaba sendo uma mais-valia.

3.5. ECONOMIA E INTIMIDADE

Durante o curso desta dissertação, aos poucos, fui levado a pensar o campo como sujeito às experiências de movimento na pluralidade de seus atores, o que provocava em entender que, de certa forma, a sua concepção decorria, do lugar, de como, de quando e quem eram os indivíduos, as alianças ou os grupos que se relacionavam. Nesse sentido, comecei a prestar a atenção como as relações eram produzidas e quais os dispositivos eram utilizados para que arranjos fossem criados. Passei a perceber que as relações estariam estruturadas a partir de valores simbólicos que eram produzidos culturalmente.

Uma das coisas que mais me causava estranheza era que alguns treinadores em suas falas acabavam de alguma maneira tornando os jogadores em objetos de seu uso. Cada vez que ouvia um técnico chamar um jovem de "peça" ou "engrenagem", ficava muito incomodado. "Hoje, eu tive que mexer em algumas peças para colocar o time mais para frente porque precisamos vencer em casa, para ir jogar em Caxias [do Sul] pelo empate". Essa frase foi usada pelo treinador da categoria Sub-15 do Belenense, ao ser questionado pelo Zé Galo sobre a retirada do Paulino Garnizé⁸⁷ da equipe titular que iria fazer a primeira partida da semifinal, contra o Estoril, pelo campeonato gaúcho, em 28 de novembro de 2018, na cidade de Alvorada/RS. Nesse trecho, o termo "peças" para mim acabava transformando pessoas em objetos/instrumentos, o que poderia denotar certo afastamento emocional. Necessito deixar claro que isso me causava estranheza muito mais em razão de ser pai de um menino inscrito

⁸⁷ Caracterizo esses atores no subcapítulo "Entre 'gatos' e 'jogadores de empresários', ter empresário traz benefícios?"

no processo formativo. Talvez, se essa condição não existisse de coisificar humanos, não sentiria tanto.

No entanto, não era só ali, dentro de campo ou na beirada dele que essas tipos de falas aconteciam. Muitas vezes a expressão repercutia também pelas arquibancadas. As próprias parentelas dos atletas tratavam assim. "Treinador, tem que mudar, tem que trocar algumas peças se quiser ganhar", berrava uma mãe para o técnico do Belenense, quando a partida já estava três a zero para o adversário e seu filho, restando poucos minutos para o término da partida, era o único do banco de reservas que não havia entrado. Não foram, portanto, poucas as vezes que ouvi familiares tratarem os meninos como "peças" ou "engrenagens". Espontaneamente, os termos eram utilizados nos mais distintos discursos sempre com a finalidade de referenciar alguém do campo de jogo. Abaixo, trago trecho extraído do diálogo travado entre os familiares dos meninos do Belenense, Adenor e Zé Galo, na segunda-feira seguinte, após a derrota frente ao Estoril, do diário de campo no qual registrei essas concepções de coisificação.

Interlocução entre os familiares Adenor e Zé Galo

Adenor: o que tu achou das mexidas do Vantuir? Mexeu mal numas "peças" hein...

Zé Galo: Veio, eu já te falei que o cara sempre mexe errado. Tinha um monte de guri à disposição no banco e foi entrar com o Moleza. O Vantuir mexeu mal nas "peças" do último jogo. Tinha que ter tirado o Cabeça do comando do ataque e ter colocado qualquer outro no lugar dele que dava mais jogo, não precisava nem ser o Garnizé. O Cabeça não dá mais como atacante, ele atrapalha o jogo. Se tirar ele e mais o Cabrito do meio, o time se ajusta. Daí é só colocar o Bartolomeu no meio que as "engrenagens" se encaixam perfeitamente. Ali tem que ter tática, igual no xadrez, o cara mexe numa tu tem que saber bem qual que tu vai mexer.

Diário de campo, 30 de novembro de 2018.

Observando que os jogadores eram tratados, sem perceberem, como objetos, tanto pelos familiares como pelo treinador do Belenense, pensei que os empresários também poderiam agir assim. Afinal, as relações desses seriam estruturadas por pactos econômicos, o que, em tese, as tornariam mais frágeis se relacionadas a dos familiares que são baseadas em afetividades. Foi assim, justamente devido a essas inquietações que iniciei a olhar para os espaços de outro jeito.

No dia 13 de novembro de 2018, ocorreu na sede do clube Belenense uma reunião entre familiares dos atletas das categorias de base e coordenação técnica para tratar a questão da participação das equipes na Copa Cidade Verde, na cidade de Três Coroas. Com a reunião iniciada, Zé Galo trouxe a primeira deliberação: "a ideia é levar somente os atletas que os pais ou os responsáveis tenham condições econômicas de pagar o valor de 500 reais. Essa quantia

servirá para manter os meninos instalados, alimentados, além de pagar as taxas que os organizadores cobram". Como a proposta já havia passado por votação interna junto aos pais que se faziam presentes, ao clube restou apenas o acolhimento da proposta, afinal, o Belenense não teria que arcar com nenhuma despesa. Com a participação decidida, um dos pais, Josnel Alencar - proprietário de uma oficina de chapeação⁸⁸ na cidade de Canoas - levantou a questão de quem seriam os possíveis adversários da categoria 2003, a que o seu filho Mário Sérgio jogava como zagueiro: "quem vai participar da competição, alguém sabe? Isso é importante porque valoriza o torneio e os nossos atletas". Josnel continuou: "acho que antes de confirmar a presença no torneio precisamos saber quem são os inscritos. O Galo perguntou ao organizador e ele não respondeu. Isso é fundamental, temos que ter adversários, grandes e que chamem interesse de empresários". Zé Galo, aproveitando-se da colocação de Alencar, reforçou a fala de seu amigo: "temos que olhar isso muito bem, temos que valorizar o nosso produto. Se jogarmos contra times grandes teremos os nossos filhos mais valorizados e quem sabe atrair empresário".

A partir desse dia, esse diálogo suscitou outro olhar. Quando peguei os diários que falavam sobre os jogadores serem tratados como objetos/produtos pelos pais e não pela maioria dos meus interlocutores empresários, fiquei espantado. A primeira coisa foi me questionar: será que eu estaria realizando as investigações de campo de acordo? Como seria possível a inversão dos resultados esperados? Eu tinha *a priori* que o discurso seria adotado mais pelos empresários do que pelos familiares. Será que eu não estava me equivocando em minhas análises? Como esses familiares poderiam colocar os seus filhos em vitrines tais quais mercadorias esperando que "compradores" se interessassem?

Sem as respostas para isso, passei a observar com mais atenção para os fatos. Se por um lado, em tese, existiam os familiares com relações fundamentadas, nas relações íntimas e de afeto, por outro, tinham os empresários com relações conformadas a partir de arenas com propósitos financeiros. Assim, percebi a existência de uma dualidade, em que os relacionamentos entre familiares e jogadores constituir-se-iam na esfera emocional; enquanto, com os empresários repousaria na esfera racional. Com o avanço do conhecer, fui percebendo que, se antes pensava que se tratasse de uma heresia as parentelas exporem seus filhos como produtos em prateleiras como alguém que espera comprador, aos poucos fui ponderando conforme me movimentava pelo campo. Conforme andava, olhava para o meu interior e

⁸⁸ Lanternagem.

percebia que estava sempre interpretando a partir de minha régua, carregado dos meus juízos de valores, em uma visão etnocêntrica.

Quando os familiares argumentaram que o importante seria ter bons times como adversários, como meios de valorização dos seus filhos não estariam deixando de ter afeto pelos seus, mas sim por serem pais preocupados com eles, buscavam alternativas que pudessem contribuir com o incremento em seus capitais futebolísticos⁸⁹.

Por uma decisão metodológica, compreendendo que o objeto de minha pesquisa são os empresários de futebol, passei a olhar, conseqüentemente, mais para as constituições de relacionamento entre empresários e jogadores. Os parágrafos iniciais foram importantes para ajudar nas reflexões de campo. A partir deles fui percebendo não haver nada de errado com os pais que expõem os seus filhos jogadores, tais quais produtos, quando fui refletindo pautado na teoria das "boas combinações" de Viviana Zelizer (2009) no sentido econômico. Conforme a teoria zelizeriana, intimidade e atividade econômica podem coexistir em um relacionamento, desde que as pessoas concordem com isso.

Ao olhar com mais atenção para esses fatos, passei a notar que os meus interlocutores empresários buscavam afastar deles o conceito de exploradores de jogadores⁹⁰. Essa imagem, segundo eles, era produzida, principalmente, pelos meios de comunicação. Conforme o empresário Edmilson, era a imprensa que os difamava: "os jornalistas adoram nos chamar de parasitas de jogadores, são eles que constroem essa figura negativa nossa, Não são todos assim, não". Da mesma forma, o empresário Reynaldo, fazia coro com seu colega "a imprensa só nos queima, mas não mostra todo o trabalho que agente faz. Só mostra na hora de receber. Não mostra o quanto a gente paga". Os discursos dos empresários intentavam desfazer a má reputação que diziam que a imprensa criava. Para eles, o lado mostrado era um só, o de se beneficiar financeiramente em cima do suor dos atletas.

No dia 17 de janeiro de 2019, eu havia combinado com o empresário Junqueira de encontrá-lo em uma academia de musculação, no bairro Arvoredo, em Porto Alegre, a qual

⁸⁹ Capital futebolístico pode ser entendido como a soma de todos os conhecimentos referentes ao futebol (RIAL, 2006) bem como a estratégia de conversão do dom futebolístico em profissão (DAMO, 2005). Dessa forma, o capital futebolístico compreende os conhecimentos corporais, isto é, o uso de técnicas e habilidades aprendidas para desempenho da performance futebolística; sociais, visto que ter uma rede de relacionamentos é importante para a ascensão no meio futebolístico; ou econômicos, que implica em saber administrar seus contratos e seus lucros monetários (RIAL, 2006).

⁹⁰ O meu esforço em trazer mais dados e interpretações acabou sendo na relação empresários/jogadores, haja vista, os empresários serem objetos principais deste estudo.

costumava levar os seus jogadores. A ideia, a priori, não era realizar qualquer tipo de entrevista e sim criar vínculos para que eu pudesse logo adiante segui-lo em seus afazeres profissionais. Neste dia, meu interlocutor havia levado treze meninos para realizar o treinamento funcional. Dentre os inúmeros assuntos, surgiu sobre o tratamento do empresário para com os jogadores. Meu interlocutor mostrava-se muito incomodado com a forma que os veículos de comunicação esculpiam os empresários. Para ele, os veículos de comunicações extrapolavam os seus limites ao estereotipar, através de generalizações demasiadas.

Interlocutor Junqueira

A imprensa adora sujar a reputação dos empresários. Dizem que somos sanguessugas, parasitas, que a gente extorque dinheiro dos jogadores e dos clubes. Que tratamos como produtos. Mas quem trata o jogador como peça são eles. Tu não vê na televisão os jornalistas comentando sobre mudanças de peças? O time tal está precisando de uma ou duas peças para encaixar no time? Até pode ter [empresário], mas não são todos. A maioria que eu conheço faz um trabalho sério. Eles [imprensa] não falam do quanto a gente se sacrifica para eles [jogadores] ficarem em condições de jogo, para arrumar um clube, trazer aqui para treinar. Tá vendo essa rapaziada toda? São como meus filhos. Não trato nenhum diferente. Levo aos treinos, pago academia, dou dinheiro das passagens, pago lanches... Coloco dinheiro do meu bolso há anos e até hoje não ganhei um centavo com isso. Faço porque eu gosto. Eu vou na casa deles, ele almoça lá em casa. Eu os tenho como uma família.

Diário de campo, 17 de janeiro de 2019.

A partir dessa conversa comecei a perceber que as disposições não estariam somente em um sentido de relações entre sujeitos e objetos e sim entre as esferas do público e do privado. Quando os meus interlocutores acusavam os meios de comunicações de tornarem públicos somente alguns elementos - o lucrar com os negócios - encobrimo outras questões - como o fomento aos treinos, o dinheiro das passagens, os lanches - passei a perceber que as relações entre empresários e jogadores poderiam transitar entre esferas que eu julgava serem apartadas. O que Junqueira mostrava como pano de fundo era que as relações não estavam somente nos negócios. Para ele, quando citava os jogadores como se fossem filhos, mostrava não existir limitações entre o profissionalismo e a intimidade,

Em 2018, quando entrevistei alguns empresários para minha pesquisa de conclusão de curso com o escopo de compreender as relações com menores aspirantes ao profissionalismo, encontrei algumas evidências que procuravam minimizar os efeitos da coisificação humana. No estudo, o empresário Sílvio, ao ser interpelado sobre o interesse na constituição de relações entre intermediário e jogador, respondeu: "[Os empresários] nada mais pensam do que no retorno financeiro. Única e exclusivamente, é o retorno financeiro. [...] o pensamento do empresário é único e exclusivo em um retorno financeiro". O discurso do empresário Sílvio tencionava a evidenciar um interesse único e excludente de outras disposições. Pela

narrativa, o desejo era de auferir lucros e nada mais, sem existir a hipótese da possibilidade de outros arranjos. O empresário Edmilson também seguia por noção semelhante à de Sílvio. Para o empresário, economia e intimidade não poderiam se misturar, pois acabaria por contaminar uma a outra. "Não dou chuteira, não dou luva, não dou dinheiro. Sou muito profissional. Não misturo as coisas. Quer trabalhar comigo é assim. Eu lá, eles cá. Se começar a participar muito da intimidade deles, eles abusam. Pai vai me ligar pedindo coisas, dinheiro". Essa narrativa exemplifica o que a socióloga argentina Viviana Zelizer (2009) chama de "teoria das esferas separadas" ou "teoria dos mundos hostis", em que economia e privacidade não se misturam. Na teoria de esferas separadas identificam-se dois domínios distintos da vida social que operam de acordo com princípios diferentes: racionalidade, eficiência e planejamento, de um lado; solidariedade, sentimento e impulso, de outro. Para Zelizer (2010), a atividade econômica pertence à primeira esfera, as relações íntimas à segunda. As crenças de tipo mundos hostis dizem que quando tais esferas separadas entram em contato, elas contaminam uma à outra, em que a mistura, termina corrompendo ambas; a invasão do mundo sentimental pela racionalidade instrumental o diminui, enquanto que a intromissão do sentimento em transações racionais produz ineficiência, favoritismo e cliques (ZELIZER, 2009). A socióloga argentina critica a possibilidade de esferas separadas (privado e público) como propõe a teoria. Para ela, a teoria dos circuitos econômicos seria uma alternativa diante da tese de mundos hostis. Segundo a pesquisadora, "os que adotam a ideia de "Mundos Hostis" estão errados porque o mundo todo não é nada mais do que uma única, grande, economia: há mercados por toda parte. Isso inclui as famílias e as relações íntimas".

Os outros empresários, Reynaldo e Douglas, mostraram-se contrário às disposições de Sílvio e Edmilson. Para esses, o carinho, a afetividade, a aproximação, a participação do seio familiar produz melhores resultados em termos de constituição do atleta. "Acho que estar juntinho, prestigiando os jogos, trocando uma ideia, saber ouvir o que eles têm a dizer, ajuda muito na formação deles como atletas e cidadãos", contou-me o empresário Reynaldo em entrevista. Conforme o pesquisador português Pedro Nogueira (2014), para os empresários manterem uma relação de longa duração e de confiança devem ir muito além dos números, da assinatura de contratos, sendo indispensável que não seja somente no âmbito profissional. Para Nogueira, os empresários devem participar das esferas da intimidade do atleta, para se alcançar boas parcerias as relações devem ser fortes e profundas. Retomo mais uma vez a minha pesquisa anterior em que os empresários, Antônio e Márcio, de certa maneira, assumem a preocupação em tratar os seus clientes [jogadores] como seres-humanos e não

como objetos. Em um dos excertos de minha entrevista com o empresário Antônio, o agente revela a sua insatisfação com o olhar de outros empresários em relação aos jogadores: "muitos pensam como um produto o atleta. E pra nós não é um produto. Pra nós, é mais um filho que a gente vai te cuidar com os olhos de pai". O empresário Márcio também segue nessa linha de raciocínio quando afirma que busca ter proximidade com os meninos, além de ter carinho por eles, destacando que trabalha não somente a parte financeira, mas a questão da intimidade, da afetividade (BOEHL, 2018). O empresário Reynaldo, durante esta investigação, mostrou-se incomodado a ser interpelado sobre a relação mercador e produto, em que ele seria o primeiro e o segundo seus clientes. Para o empresário, as relações deveriam superar a dicotomia do público versus privado, como forma de agregar mais valor e como meio de melhorar a constituição desportiva dos jogadores.

Empresário Reynaldo

Existem muitos empresários que tratam o jogador como um objeto que enquanto tem serventia estão ali com eles. Enquanto estão lucrando estão ali do lado ou quando o guri na base é todo badalado fazem questão de mostrar que são seus empresários. Basta o menino cair um pouco o nível, não estar passando por uma fase boa, eles desaparecem. Não querem saber do ser humano, querem saber da mercadoria. Se o produto começa a desinteressar nos mercados, eles abandonam. Fica claro e evidente que eles estão ali só para sugar. É como o bagaço da laranja, quando não tem mais o que sugar jogam fora. Eu não. Sou totalmente contra isso. O que me interessa são as relações humanas, Se o menino está numa fase ruim eu vou junto saber o que está acontecendo. Às vezes é uma coisa simples de resolver e que ele ou a família não tem entendimento ou capacidade para solucionar. Outras vezes é até mesmo por vergonha de pedir uma ajuda para pagar uma luz, uma água. Se eu fizesse como outros fazem e teria um jogador desvalorizado e teria que abandonar. Mas não. Eu faço ao contrário. Estou sempre junto dos garotos. Vou em suas casas visitá-los. Ver como estão, Se estão com problema em casa, com a namorada. Eu gosto desses moleques. Não estou atrás somente de dinheiro. a gente cria afinidade com eles. Se eu quero que ele fique valorizado eu vou investir na melhor formação para ele. Como é que o menino vai treinar bem se em casa não tem luz? Se a família está passando fome? Cara, eu sou muito da proximidade, das relações humanas. Eu vou na casa deles almoçar na mesa deles. Eu levo os garotos para passear no shopping, comprar umas roupas, comer lanches. Eu acredito que assim funciona as relações e dessa forma eu agrego mais valor ao atleta. Se for comparar, é um investimento pequeno em termos de lucratividade futura.

Diário de campo, 28 de outubro de 2019.

A relação acima apresentada pelo empresário Reynaldo, tal quais os excertos das narrativas de Márcio e Antônio, apresenta de certo modo a superação das esferas separadas, demonstrando que se há contaminação de uma na outra, elas se mostram positivas em suas intenções⁹¹. Quando os empresários buscam participar da intimidade dos futebolistas, objetivam a melhoria na produção do atleta. Procuram agregar valor no produto. São essas

⁹¹ Configuração de um produto mais potente em termos mercadológicos

relações que Viviana Zelizer (2009) chama de "boas combinações". Boas combinações estariam no campo das transações econômicas sendo arenas de trabalho e que constituem um espaço vital para o exercício dos laços sociais, que por sua vez se desenvolvem tanto no âmbito das relações interpessoais como na intimidade, perpassadas por laços de afeto e confiança. Para a pesquisadora, as boas combinações seriam arranjos estabelecidos para negociar esta intimidade e lidar com as questões monetárias em uma relação comercial e afetuosa. Seriam arranjos estabelecidos para negociar esta intimidade e lidar com as questões monetárias em uma relação comercial e afetuosa (ZELIZER, 2009).

Nas categorias de base, observei que os pais muitas vezes estavam em busca de relações com empresários pautadas nas boas combinações como meio de produzir um jogador mais atrativo ao mercado. Dificilmente, um empresário que não adotasse a postura que Reynaldo apresentou fosse cobijado.

Interlocutor Denílson, pai do Gersinho

Walter, tu conhece algum empresário que dê ajuda de custo e material esportivo? Porque estou precisando para o Gersinho. Falei com o Amyr Rajah e ele disse que não dá nada de dinheiro. Dá só chuteira, umas três por ano e nada mais. Na verdade, estou mais pelo pagamento do aluguel e algum dinheiro para o Gersinho se manter. Tenho que voltar para a minha terra e tirar o Gersinho da pensão. Ali não dá mais. Tem uns quantos querendo empresariar o Gersinho, mas nenhum quer arcar com o aluguel e a ajuda. Assim não dá. Os caras ganham um monte de dinheiro vendendo os guris quando as coisas estão mais fáceis e aqui quando é difícil mesmo não ajudam. Falei com o Rajah e ele disse que não tem como. Só vai dar chuteira mesmo.

Diário de campo, 25 de janeiro de 2019.

O diálogo acima aconteceu quando fui procurado pelo Denílson, pai do Gersinho, da categoria 2003 do Internacional, para saber se eu poderia ajudá-lo na construção de uma relação com algum empresário que auxiliasse financeiramente. Embora o empresário supracitado na conversa goze de prestígio no cenário futebolístico, é reconhecido como um agente que desenvolve os seus afazeres profissionais estruturados no que Zelizer chama de mundos separados. O empresário em tela não costuma ser visto circulando junto a menores ou parentelas e nem mesmo ser visto em redes sociais com este tipo de configuração. O que Denílson estaria de fato procurando em uma parceria era o que Zelizer batizou de boas combinações.

No dia 22 de agosto de 2019, recebi a ligação do Robércio, pai do Luciano, jogador do juvenil do Alavense. O jovem recentemente havia completado dezesseis anos, vindo assinar o seu primeiro contrato profissional. Robércio havia entrado em contato comigo como meio de desabafo. Ele sabia que eu tinha proximidade com o empresário em questão e talvez eu

pudesse levar o recado, já que ele não se sentia encorajado para o feito.

Interlocutor Robécio, pai do Luciano

Cara, o Luciano assinou o contrato segunda-feira com o Alavense e o Cláudio nem para olhar o contrato, nem para incluir alguma cláusula. Fiquei meio chateado com essa situação. O Luciano todo faceiro que ia assinar contrato e que iria tirar foto com o Cláudio na hora da assinatura e o cara nem apareceu. O pior é que depois ele fica postando no *Instagram* fotos com outros meninos assinando contrato. Postou com o Jairinho do Pitangueiras, com o Menezes do Alavense e até com Nelsinho do Maricá. Aquele dia, na sexta-feira, que te liguei perguntando sobre os percentuais dos direitos federativos [econômicos] era porque eles não me atendiam. Depois, não vão querer ficar brabo se assinar com outro empresário.

Diário de campo, 22 de agosto de 2019.

A ideia que Robécio me passou na conversa era de que estaria buscando publicizar a intimidade. O rito de assinar um contrato, até bem pouco tempo, era algo que se encontrava na esfera das intimidades. Creio que, com o advento das novas tecnologias, cada vez mais o recurso imagético se tornou ordinário da esfera pública e operador de atribuição de valor simbólico. A preocupação do pai estava não somente no ponto do empresário não ter comparecido para junto assinar, mas na questão da imagem do seu filho ser exposta sem um empresário. Esse tipo, invariavelmente, denotava uma classificação mais baixa de reputação entre os boleiros. Robécio entendia que aquele tipo de imagem de alguma maneira agregaria valor simbólico. A fotografia ritualística seria um meio de atribuir valor ao jogador, mais ainda se associada a um empresário bastante cobiçado, de grande poder simbólico.

Os empresários e os jogadores de futebol, como forma de alcançar seus objetivos, normalmente, financeiros, realizam boas combinações. Sendo que essas relações, à medida do tempo, vão se moldando, de acordo com, a lógica social. Conforme Zelizer (2009), essas relações são dependentes dos estoques de significados, de marcadores sociais e das práticas existentes em cada contexto e que são acessadas pelos envolvidos na relação. Quando o empresário frequenta a privacidade do jogador, da família, esses últimos se capitalizam simbolicamente. Não que o processo de atribuição simbólica não ocorra também para com o empresário. Contudo, no espaço de formação pareceu-me mais nessa direção. Especificamente, o que se pode ver não é uma dicotomia clara entre as esferas econômica e não econômica, mas múltiplas combinações de diferentes tipos de relações (ZELIZER, 2009). A presença do empresário na residência, nos jogos do atleta, se deixando fotografar-se ao lado dos jogadores demonstra que economia e privacidade são combinações que aumentam a reputação do jogador. Essas boas combinações terminam de certo modo humanizando mais o jogador nas relações com os empresários e ao mesmo tempo, auxiliando no

desenvolvimento/produção e agregando mais peso ao produto.

4. UM ENSAIO ETNOGRÁFICO DO FUTEBOL NA PANDEMIA

Acho que o ponto principal da Antropologia é que, diferentemente de outras disciplinas, não esperamos consistência na metodologia. A razão é que, para nós, o método também é algo que você aprende no curso da etnografia. Na verdade, tudo se baseia na sensibilidade, na compreensão de como uma população em particular funciona (MILLER, 2020).

O título deste capítulo representa o que passou a me preocupar quando começou a pandemia. Dois eram os motivos em relação ao esporte. O primeiro como ficaria a minha pesquisa estando impedido de ir a campo. Embora já tivesse algum material empírico interessante, sempre achava que faltava alguma coisa. Quando a pandemia começou, fazia pouco mais de uma semana que havia combinado de passar uma semana em Florianópolis com um dos meus interlocutores. Para mim, seria mais aquele campo e estaria definitivamente encerrado. O segundo motivo era de cunho pessoal. Meu filho Fernando estava se preparando para jogar num clube do Nordeste. Ele seria testado no final de março. Então, a partir dessas inquietações, comecei a perguntar aos empresários: "com a pandemia, como fica o futebol e, nesse universo, como fica o trabalho do empresário?"

Em março, quando a pandemia de coronavírus se intensificou no Brasil, nada era certo. Preparava-me para encerrar as coletas de campo, quando veio a notícia que o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, ia decretar situação de calamidade pública em razão do avanço da doença⁹². Com a medida, a intenção era diminuir a mobilidade dos gaúchos pelas ruas do estado. Apenas serviços essenciais estariam autorizados a continuarem funcionando. O decreto infligiria, a suspensão do funcionamento de escolas públicas⁹³, além da restrição à circulação e uso do transporte coletivo, no fechamento na maioria dos comércios, na limitação na quantidade de itens essenciais a serem comprados pela população e no novo regime de funcionamento das empresas⁹⁴. Somente serviços considerados

⁹² Governo do Estado irá decretar situação de calamidade pública por conta do Coronavírus. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/pol%C3%ADtica/governo-do-estado-ir%C3%A1-decretar-situa%C3%A7%C3%A3o-de-calamidade-p%C3%BAblica-por-conta-do-coronav%C3%ADrus-1.406373> . Acesso em: 3 abr. 2020.

⁹³ Governo do RS suspende aulas da rede pública a partir de quinta para conter novo coronavírus. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/ensino/governo-do-rs-suspende-aulas-da-rede-p%C3%BAblica-a-partir-de-quinta-para-conter-novo-coronav%C3%ADrus-1.405666> . Acesso em: 3 abr. 2020.

⁹⁴ Calamidade no RS fecha comércio e restringe mobilidade para frear coronavírus. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/especiais/coronavirus/2020/03/730203-rio-grande-do-sul-decreta-estado-de-calamidade-publica-contra-o-coronavirus.html . Acesso em: 3 abr. 2020.

imprescindíveis nessa situação - restaurantes, farmácias, clínicas, mercados e agências bancárias - continuariam funcionando, o futebol não se encontrava no espectro dos essenciais.

Com o futebol interrompido ou, quiçá, prestes a desaparecer - o campeonato roraimense fora o último regional a ter as suas atividades suspensas⁹⁵ - sem saber quais seriam os próximos desdobramentos do esporte, restou-me seguir as diretrizes do confinamento e a esperar pacientemente que tudo logo se resolvesse. Resignado com a condição, ensaiei algumas tentativas de reorganizar o trabalho. Possuía muitos textos soltos. Precisava ordená-los. Sem ter sucesso esperado no intento, achei melhor rever os meus cadernos de campo. Depois de algumas leituras, fui sendo tomado por um desânimo. Não conseguia pensar em outra coisa a não ser sobre o que estava acontecendo 'no mundo lá fora'. A pandemia que para uns não passava de uma "gripezinha" estava ceifando vidas. E eu temia que a humanidade fosse devastada.

Desisti naquele momento de pensar sobre a pesquisa. Estava muito preocupado com os tempos de exceção. Na televisão, nos sites de notícias, nas emissoras de rádios, nas redes sociais, nos grupos de *WhatsApp* era só o que se comentava. As notícias da crise sanitária me afetavam de tal maneira que não conseguia traçar uma linha sequer. Assim, decidi passar horas e mais horas assistindo filmes na televisão. Aquilo serviria como meio de me desligar temporariamente, enquanto eu cumpria com o meu dever cívico de ficar em casa. No entanto, eu tinha um prazo para apresentação da minha produção ao GESEF. Não tinha noção do que poderia fazer. Olhava para as minhas anotações, para os meus diários, para os meus textos e não me sentia estimulado para construir. O prazo se aproximando e nada do branco imaculado da página ir embora. Então, como meio de aliviar a tensão que a pandemia vinha ocasionando e com o meu prazo cada vez mais apertado, decidi narrar a minha experiência durante o período pandêmico. Comecei a escrever sobre as minhas saídas ao mercado, o que eu via, o que eu sentia. Sobre as relações da minha família. Apresentei ao GESEF e alguns membros gostaram, outros não. Contudo, esse exercício serviu para que eu me desbloqueasse no sentido da escrita. A partir disso, consegui me libertar das angústias que os tempos provocavam, a escrever os capítulos anteriores.

Como o meu assunto era o futebol e os empresários, em vez de eu focar mais em mim, comecei a observar mais os seus movimentos, por meio de sites de notícias e de redes sociais.

⁹⁵ Fim do futebol no Brasil: Roraimense, último estadual ainda em atividade, é suspenso. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/6783650/fim-do-futebol-no-brasil-roraimense-ultimo-estadual-ainda-em-atividade-e-suspenso . Acesso em: 3 abr. 2020.

Eu queria muito entender esse "novo normal" que se avizinhava ao futebol. Assim foi surgindo este capítulo, que, devagar e Tateando, fui construindo uma experiência etnográfica à distância, que a partir do ciberespaço, comecei a assistir, através de mídias novas e tradicionais, um "novo futebol" surgindo.

O que sentia no momento era que etnografar o futebol em meio a uma nova ordem mundial era, além de proeminente, preciso. O esporte ainda não havia passado nos últimos tempos por algo parecido. Compreender o seu funcionamento em meio às novas classes de relações sociais se tornava relevante. Desse modo, direcionei os meus esforços no sentido de entender esse novo fazer dos empresários [se é que seria novo] em tempos de crise sanitária, afastamento social e sem certezas futuras. A partir disso, sem saber como proceder metodologicamente, passei a me desafiar. Fui criando meu próprio jeito. Aprendendo a lidar com o virtual, com a pandemia, com o novo futebol e com as velhas políticas brasileiras. A partir de certas decisões metodológicas, constitui este capítulo, composto por dois subcapítulos, em que o primeiro é constituído de três seções.

4.1. AS FASES DO NOVO FUTEBOL

O primeiro caso de Covid-19 no Brasil acontece em São Paulo⁹⁶. Meses depois de ter surgido no território chinês de Wuhan, quando uma quantidade elevada de pessoas passou a apresentar um quadro de infecção respiratória grave em espaço curto de tempo (SEGATA, 2020). Os números de casos confirmados, somados aos de mortes por Covid-19 na China e, posteriormente, na Itália, despertaram a atenção mundial em relação à pandemia (CAVALCANTE, 2020). No país asiático a solução inicial fora a realização do isolamento social da cidade, ou seja, a quarentena. Muitos outros governos acompanharam os chineses e adotaram a restrição de circulação de pessoas, fechando fronteiras nacionais e impedindo a entrada de estrangeiros (GRANADA, 2020). Países, como a Itália e a Espanha, controversamente, não seguiram às orientações vindas dos asiáticos. Foram tomar as devidas

⁹⁶Coronavírus: primeiro caso é confirmado no Brasil. O que fazer agora? Disponível em: <https://saude.abril.com.br/medicina/coronavirus-primeiro-caso-brasil/>. Acesso em: 6 abr. 2020.

medidas de isolamento intempestivamente. Por motivos econômicos, a Inglaterra e os Estados Unidos resistiram inicialmente a adotar as medidas (SEGATA, 2020). No Brasil, de acordo com Caponi (2020), o primeiro episódio aconteceu no dia 26 de fevereiro de 2020. Porém, as primeiras ações de contenção só foram ocorrer depois das festividades de carnaval. Em um primeiro momento, pareceu que o *lockdown* horizontal⁹⁷ seria adotado. Os governos locais adotaram a medida. No entanto, setores ligados à economia lançaram manifestações contrárias ao fechamento dos comércios e das indústrias. Assim sendo, passou a ser viabilizado o discurso em que o *lockdown* vertical⁹⁸ traria mais benefícios tanto para as questões sanitárias como as econômicas. A partir disso, fora principiada uma extensa batalha de retóricas, em todas as esferas, para o convencimento populacional, em que o governo federal preferiu atender aos interesses financeiros.

Indiferente às decisões políticas, achei conveniente recolher-me em casa com a minha família para o bem da coletividade. Em relação à minha pesquisa, essa iniciativa, em primeiro instante, soou como uma ilusória retirada prematura de campo. Ledo engano. Foi apenas uma readequação metodológica. Obviamente, que os ensejos seriam legítimos se ao contrário fizesse. Com todos os motivos do mundo, poderia simplesmente ter optado em encerrar as incursões de campo, pois possuía uma quantidade relevante de material etnográfico. No entanto, preferi aproveitar para etnografar o fenômeno inusitado.

A pandemia de coronavírus afetou todos os setores da sociedade e, com o esporte não havia como ser diferente, paralisou eventos esportivos, centros de treinamentos, impactou toda a cadeia esportiva nacional. Com a paralisação do futebol pelo mundo em razão desse evento, o meu objeto de pesquisa a priori fora intimamente comprometido. No momento do início do isolamento/distanciamento social - existe aqui mais que uma discussão de retórica pela a escolha do termo - imposto pelos governos, em março de 2020, ainda planejava realizar as últimas saídas exploratórias, observações participantes e entrevistas. Tinha definido o fim de abril ou no máximo início de maio para deixar o campo. Destarte, ainda havia algumas questões a serem sanadas junto aos meus interlocutores. Sem a possibilidade da participação *in loco*, decidi que deveria contornar a situação, sem me por em risco e nem os outros, e continuar desmembrando algumas conjunturas do futebol que ainda estariam imbricadas. Para isso, não existia outra perspectiva a não ser por meio virtual. Todavia, não seria efetivada uma

⁹⁷ Refere-se ao bloqueio total de uma região, imposta pelo Estado ou pela Justiça. É a medida mais rígida adotada durante situações de extrema necessidade de controle de mobilidade social.

⁹⁸ Apenas pessoas do grupo de risco deveriam ficar isoladas.

etnografia virtual, aos padrões sugeridos por Hine (2000), em que se investigam as atividades sociais e as significações para os participantes em comunidades, grupos estáveis e outros tipos de sociabilidades na Internet. A ideia era estar conectado aos espaços de comunicação, observando os principais eventos esportivos, e sempre que possível, com moderação para não esgotá-los, contatar os meus interlocutores⁹⁹.

A escolha desse meio oportunizaria, além de encurtar distâncias entre tempo e espaço, devido à própria dinâmica da internet, continuar pesquisando com segurança, tanto a minha quanto a dos meus interlocutores. Assim como as etnografias, não existia um modelo acabado a seguir, apenas a ideia que poderia imergir no mundo digital, seguir algumas guias e ir construindo os meus próprios meios. A disposição em seguir a pesquisa desse jeito pareceu-me em um primeiro momento interessante pelo privilégio, salve melhor juízo, existir certo ineditismo acerca do fenômeno estudado. Eu estaria desbravando o campo em vibrações e ritmos destoantes. Até então o futebol não havia sido investigado nessas circunstâncias. O ponto de certa originalidade seduzia-me, o fato parecia-me importante para a ciência, contudo, algo ainda me inquietava: como produzir efetivamente uma descrição densa aos moldes dos conceitos de Geertz (1978) em um campo de dificuldades de contatos com os informantes e de segredos e sigilos em excesso? Sem saber se poderia ou não lograr êxito, decidi ir adiante.

Com a decisão tomada, dessa forma, passei a acompanhar os movimentos das intermediações e dos retornos das competições pelas plataformas digitais e pelas notícias dos canais de televisão e das rádios. Além disso, com certa frequência realizava contatos telemáticos com alguns dos meus interlocutores. Esses contatos tinham como escopo em desenvolver assuntos que não figuravam nos noticiários, ou seja, para saber internamente¹⁰⁰ como os "negócios da bola" se desenrolavam. Adotei esta postura, mediada por aparatos tecnológicos, como meio de ampliar as possibilidades de encontros etnográficos e não para validar discursos, dados ou para contrastes entre situações virtuais. Decidi continuar construindo situações etnográficas pelo meio digital porque naquela altura da pesquisa, o mundo estava experimentando sensações desconhecidas e vivendo tempos de limitações, e eu precisava ainda adensar mais as descrições do futebol, nos termos de Geertz (1978), relacionadas à pandemia, e o inusitado estava se fazendo presente.

Ainda, cabe destacar, que os meus contatos não foram exclusivamente os empresários

⁹⁹ Os nativos permaneceram sendo os mesmos interlocutores dos tempos antes da pandemia, sem acréscimos de novos.

¹⁰⁰ Utilizo este termo para definir as informações que não são noticiadas pelos veículos de comunicações.

de futebol, porém os familiares. Portanto, para este capítulo, propus realizar uma etnografia por meio de redes virtuais. Para tal, procurei apresentar como o fenômeno da pandemia de coronavírus afetou o objeto de meu estudo.

O empenho deste capítulo, portanto, foi inscrever através de dados e fragmentos obtidos por materiais jornalísticos na intenção de conectá-los à narrativa não somente pelo ponto de vista do "ser empresário", contudo a uma perspectiva sobre as consequências às quais a pandemia impactou diretamente as práticas do futebol. Antes de tudo, preciso deixar claro que pactuo com as manifestações que se mostraram contrárias ao retorno do futebol em meio à crise sanitária no Brasil. Digo isso, por acreditar nas palavras da antropóloga Mariza Peirano (2008) que assevera: "a personalidade do investigador e sua experiência pessoal não podem ser eliminadas do trabalho etnográfico. Na verdade, elas estão engastadas, plantadas nos fatos etnográficos que são selecionados e interpretados". Para mim, no período mais crítico da pandemia no sul do país, o futebol não deveria de jeito nenhum ter regressado. Milhares de vidas foram ceifadas por conta da ausência de consciência de milhões de brasileiros que, orquestrados pela insanidade governamental e pelos ideais capitalistas, não fizeram o mínimo que se esperava de cidadãos republicanos que era "ficar em casa". Em vista disso, concordo plenamente com o discurso que "o futebol não poderia voltar porque não era serviço essencial".

No título deste capítulo, trago a interrogação "e o futebol?" Sobre esta questão, primeiro devo deixar claro que a escolha não foi aleatória e nem mesmo por força de estética literária. A pergunta foi orgânica a um cenário que tendia ao caos e que se projetava, com o longo confinamento, um futebol precarizado e sem condições de retorno tão logo. O imaginário coletivo, no início da pandemia, era que o futebol, bem como todas as economias do mundo dificilmente escaparia da falência. De fato, o futebol que voltou, não foi mais o mesmo quando parou. Os estádios vazios de torcedores, jogos em sequências com intervalos diminutos. Em alguns casos, clubes pequenos, competições menores, categorias de base terminaram por sair de circulação. No entanto, voltou em seu novo normal.

4.1.1 Primeiro estágio, a parada

Em razão da pandemia de coronavírus as principais ligas do calendário do futebol mundial ficaram suspensas. Sendo que algumas competições foram canceladas, como nos

casos da França, da Holanda e da Argentina¹⁰¹. Contudo, alguns países mais audaciosos ou porque não dizer inconsequentes não aderiram à pausa, seguindo com seus campeonatos. Com a estabilização e a melhora nos índices de contaminação da Covid-19, aos poucos, o futebol na Europa foi retornando. O precursor país foi a Alemanha¹⁰², que adotou rígidos protocolos de segurança para o interior dos estádios e seus entorno. Sem falar no regime de quarentena dos atletas, comissões técnicas, dirigentes, arbitragens, trabalhadores dos estádios e imprensa. Depois, foi a vez de Portugal¹⁰³ voltar a jogar com os portões fechados e sem público. No Brasil, o campeonato carioca¹⁰⁴ inaugurou a volta, no dia 18 de junho, com a partida entre Flamengo e Bangu, sendo seguido pelos catarinenses¹⁰⁵, no dia 8 de julho, com o duelo entre Criciúma e Marcílio Dias.

Diferentemente, da Europa, que continuou realizando transferências - a janela de transferências na Inglaterra iniciou em 27 de julho¹⁰⁶ - mesmo que em menor volume, no Brasil, com as competições suspensas, as negociações de atletas permaneceram por alguns meses em aguardo. Durante o período de interrupção, os serviços dos empresários focaram mais na discussão dos reajustes dos salários e nos acordos de rescisão dos jogadores, como o interlocutor Cláudio afirmou-me. Com exceção do Atlético de Minas Gerais - contou com aporte financeiro do banco BMG, totalizando cerca de dez contratações¹⁰⁷ - poucos clubes realizaram compras ou vendas de atletas nos primeiros meses de suspensão do futebol.

Minha última observação direta (*in loco*) foi no dia 12 de março de 2020, no estádio Morada dos Quero-Queros. Wuhan na China estava com a sua população em quarentena por

¹⁰¹ Quando volta o futebol? Coronavírus ainda mexe com calendário da bola. Disponível em: <https://esportes.r7.com/lance/quando-volta-o-futebol-coronavirus-ainda-mexe-com-calendario-da-bola-29042020#!/foto/1>. Acesso em: 15 jun. 2020.

¹⁰² Alemanha retoma campeonato de futebol, mas sem torcida no estádio para evitar Covid-19. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2020/05/16/alemanha-retoma-campeonato-de-futebol-mas-sem-torcida-no-estadio-para-evitar-covid-19.htm>. Acesso em: 15 jun. 2020.

¹⁰³ Portugal anuncia o retorno da disputa do campeonato de futebol para 4 de junho. Disponível em: <https://cidadeverde.com/coronavirus/107291/portugal-anuncia-o-retorno-da-disputa-do-campeonato-de-futebol-para-4-de-junho>. Acesso em: 4 jun. 2020.

¹⁰⁴ Flamengo vence Bangu em primeiro jogo após pausa pelo coronavírus. Disponível em: <https://paranaportal.uol.com.br/esportes/flamengo-bangu-coronavirus/>. Acesso em: 18 jun. 2020.

¹⁰⁵ Futebol: Campeonato Catarinense retorna oficialmente em 8 de julho. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/esportes/noticia/2020-06/futebol-campeonato-catarinense-retorna-oficialmente-em-8-de-julho>. Acesso em: 8 jul. 2020.

¹⁰⁶ Quando abre a janela de transferências para as principais ligas da Europa? Disponível em: <https://www.goal.com/br/not%C3%ADcias/quando-abre-a-janela-de-transferencias-para-as-principais/1kvtuogd8kztr18japxybxb8t>. Acesso em: 8 ago. 2020.

¹⁰⁷ Atletas nos quais o Atlético-MG (com parceiros) investiu em 2020 têm média de 21,5 anos. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/times/atletico-mg/noticia/atletas-nos-quais-o-atletico-mg-com-parceiros-investiu-em-2020-tem-media-de-215-anos.ghtml>. Acesso em: 8 jul. 2020.

conta do coronavírus¹⁰⁸ - uma simples gripe que teoricamente mataria menos do que qualquer outra gripe, como por exemplo, SARS e MERS (síndrome respiratória aguda grave e síndrome respiratória do oriente médio, traduções respectivas para o português), segundo as primeiras fontes de estudos. A Covid-19 iniciou na província chinesa Wuhan em 1º de dezembro de 2019. Desde então, foram milhares de mortes na China, na Itália, na França, na Inglaterra, na Alemanha, na Espanha, no Equador, nos Estados Unidos e no Brasil¹⁰⁹. Em Porto Alegre, no dia 24 de março, foi confirmada a primeira morte pela doença respiratória. Fora uma senhora de nove e um anos que estava internada no hospital Moinhos de Vento¹¹⁰. A percepção que eu tinha era que grande maioria da população não estava atendendo aos pedidos das autoridades para que se mantivessem em distanciamento social em suas residências. Nas raras vezes, que tive que deixar meu isolamento para adquirir mantimentos, observei a quantidade de pessoas circulando. Havia aglomerações nas portas dos bancos. Porto-alegrenses, que não eram considerados como prestadores de serviços essenciais, trabalhando. Lojas de colchões, borracharias e oficinas abertas. Dentre todas as minhas insatisfações, a que mais me causara espanto fora a quantidade de idosos, sem máscaras, caminhando no calçadão de Ipanema.

Onde eu moro, tem uma praça bem em frente. Da minha janela, via pais e filhos a brincar, como se o período fosse de férias e não de quarentena. Confesso que temia pelo quadro que se avizinhava. O frio ainda não havia chegado e as notícias diziam que o clima do inverno seria potente para a evolução do vírus. Os números de casos de contaminação e de mortes estavam aumentando. Em 4 de abril, no Rio Grande do Sul eram 418 casos¹¹¹ provavelmente seria um dos estados com maior efeito do desastre, muito por conta pelo clima e pela grande população idosa. Minha mãe de oitenta anos seguiu todas as recomendações dos filhos. Não saía de casa desde a sexta-feira dia 13.

¹⁰⁸ China coloca 18 milhões de pessoas sob quarentena para frear coronavírus. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/china-coloca-18-milhoes-de-pessoas-sob-quarentena-para-frear-coronavirus-24206134> . Acesso em: 8 abr. 2020.

¹⁰⁹ Mundo tem 19 mil mortos por coronavírus, diz OMS. Itália em 1º. Espanha passa China. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/mundo/2020/03/mundo-tem-19-mil-mortos-coronavirus-oms/> . Acesso em: 8 abr. 2020.

¹¹⁰ Porto Alegre confirma primeira morte por coronavírus no RS. Disponível em: <https://www.correiopovo.com.br/not%C3%ADcias/geral/porto-alegre-confirma-primeira-morte-por-coronav%C3%ADrus-no-rs-1.407859> . Acesso em: 25 mar. 2020.

¹¹¹ Rio Grande do Sul tem 418 casos confirmados do novo coronavírus. Disponível em: <https://www.correiopovo.com.br/not%C3%ADcias/geral/rio-grande-do-sul-tem-418-casos-confirmados-do-novo-coronav%C3%ADrus-1.410515>, . Acesso em: 5 abr. 2020.

No futebol brasileiro¹¹², fora decidido pelo cancelamento ou adiamento das partidas em 15 de março pela CBF. Na China¹¹³, a confederação local anunciou no dia 30 de janeiro a suspensão temporária de todas as competições, sem previsão de data para o retorno. Na Itália¹¹⁴, somente no dia 24 de fevereiro resolveram parar os jogos do norte do país. No Rio Grande do Sul, o Gre-Nal na Arena pela Copa Libertadores da América no dia 12 de março ocorreu com um público com mais de 50 mil espectadores¹¹⁵. No domingo, Internacional¹¹⁶ e Grêmio¹¹⁷ jogaram pelo Campeonato Gaúcho, em Porto Alegre, como medida sanitária, em estádios com os portões fechados. Na Arena, os jogadores gremistas entraram usando máscaras como forma de protesto contra a Federação Gaúcha de Futebol (FGF) pela até então não paralisação do certame¹¹⁸. Na coletiva pós-jogo, o treinador do Grêmio, Renato Portaluppi, reclamou do posicionamento das entidades que estariam colocando em risco a integridade física dos profissionais do esporte¹¹⁹. No dia 15 de março, não se sabe se o motivo tenha sido a pressão exercida pelos jogadores, a FGF suspendeu por quinze dias todos os campeonatos sob sua organização¹²⁰. Em relação à Copa Libertadores e à Copa Sul-Americana, a Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) decidiu, no dia 19,

¹¹² CBF suspende competições de âmbito nacional por tempo indeterminado. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/cbf-suspende-competicoes-de-ambito-nacional-por-tempo-indeterminado> . Acesso em: 5 abr. 2020.

¹¹³ Coronavírus faz China cancelar jogos de futebol no país. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2020/01/coronavirus-faz-china-cancelar-jogos-de-futebol-no-pais.shtml> . Acesso em: 5 abr. 2020.

¹¹⁴ Itália suspende campeonato de futebol e todos os esportes do país até abril. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/ultimas-noticias/2020/03/09/italia-suspensao-esportes-coronavirus.htm> . Acesso em: 5 abr. 2020.

¹¹⁵ Primeiro GreNal na Libertadores fica no empate e termina em briga. Disponível em: <https://www.portalr10.com/noticia/44853/primeiro-grenal-na-libertadores-fica-no-empate-e-termina-em-briga> , . Acesso em: 25 mar. 2020.

¹¹⁶ Com portões fechados, Inter goleia o São José pelo Campeonato Gaúcho. Disponível em: <https://www.gazetaesportiva.com/campeonatos/gaucha/com-portoes-fechados-inter-goleia-o-sao-jose-pelo-campeonato-gaucha/> . Acesso em: 25 mar. 2020.

¹¹⁷ Campeonato Gaúcho: Com portões fechados, Grêmio joga diante do São Luiz. Disponível em: <https://www.tribunamt.com.br/2020/03/14/campeonato-gaucha-com-portoes-fechados-gremio-joga-diante-do-sao-luiz/> . Acesso em: 25 mar. 2020.

¹¹⁸ Coronavírus: Grêmio entra em campo de máscaras em protesto e pede suspensão dos jogos. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/rs/futebol/times/gremio/noticia/coronavirus-gremio-entra-em-campo-de-mascaras-em-protesto-pela-suspensao-dos-jogos.ghtml> . Acesso em: 25 mar. 2020.

¹¹⁹ Renato pede suspensão do futebol, ameaça greve e explica bronca nos jogadores: "Vergonha". Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/rs/futebol/times/gremio/noticia/renato-pede-suspensao-do-futebol-por-causa-do-coronavirus-e-explica-bronca-nos-jogadores-vergonha.ghtml> . Acesso em: 25 mar. 2020.

¹²⁰ Campeonato Gaúcho é suspenso por 15 dias. Disponível em: https://correio.rac.com.br/_conteudo/2020/03/esportes/911595-campeonato-gaucha-e-suspenso-por-15-dias.html . Acesso em: 25 mar. 2020.

suspender as suas competições até o dia 5 de maio¹²¹. No dia 15 de março, a CBF determinou a interrupção imediata e por tempo indeterminado de todas as competições nacionais de sua chancela¹²².

Como pode se ver a preocupação do treinador e dos atletas não pareciam ser desmedidas. Pois, quase uma semana depois, o mandatário do Internacional Marcelo Medeiros¹²³, que apresentava sintomas da moléstia, testou positivo para corona vírus *disease* 2019 (COVID-19). Além disso, os integrantes da administração do Grêmio, Cláudio Oderich, Marco Bobsin e Eduardo Fernandes também foram contaminados pelo vírus¹²⁴. O Campeonato Gaúcho fora suspenso em 16 de março. Ficaram três rodadas pendentes do segundo turno, além dos confrontos de semifinal e final.

O futebol proporcionou-me construir algumas relações de amizades. Dentre essas, a de um ex-colega de serviço e que hoje mora na Itália com a família. Mas a nossa amizade não surgiu pela profissão. Foi pelo futebol mesmo. Entre os anos de 2014 e 2016, convivemos as agruras e os sabores da formação de base de nossos filhos no colorado. Em 2017, Renan e seu filho mudaram-se para a Itália. Foram tentar a sorte na base do Pagliucca. Depois de anos na ilha da Sicília, já com o resto da família, esposa e filhas, foram residir ao norte do país na comuna de Chiavari¹²⁵, para que seu filho compusesse a categoria de base do Tarantella.

Desde a chegada à Itália, Renan Maldini sistematicamente me convidada para levar o Fernando para jogar lá. Já havia realizado inúmeras propostas, desde acolhimento às oportunidades de testes. Dizia que iria falar com o treinador para arranjar uma avaliação para o Fernando. Que deveríamos passar um mês no país como forma de conhecer a cultura futebolística e arriscar a entrada no *calcio*¹²⁶. Renan, um sujeito eloquente, muito comunicativo, de amizade fácil e de pouco estresse. É daqueles sujeitos que mal conhece a

¹²¹ Conmebol estende suspensão da Libertadores até 5 de maio devido ao coronavírus. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2020/03/18/interna_internacional,1130270/conmebol-estende-suspensao-da-libertadores-ate-5-de-maio-devido-ao-cor.shtml . Acesso em: 25 mar. 2020.

¹²² Atletas protestam, e CBF suspende seus torneios por causa coronavírus. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2020/03/cbf-suspende-torneios-nacionais-por-causa-do-coronavirus.shtml> . Acesso em: 25 mar. 2020.

¹²³ Presidente do Inter está com coronavírus. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/especiais/coronavirus/2020/03/730461-presidente-do-inter-esta-com-coronavirus.html . Acesso em: 25 mar. 2020.

¹²⁴ Grêmio confirma terceiro caso de dirigente diagnosticado com coronavírus. Disponível em: https://www.foxsports.com.br/br/article/gremio-confirma-terceiro-caso-de-dirigente-diagnosticado-com-coronavirus_gv8kin . Acesso em: 25 mar. 2020.

¹²⁵ Chiavari é uma comuna italiana da região da Ligúria, província de Génova, com cerca de 27.257 habitantes. Faz fronteira com Carasco, Cogorno, Lavagna, Leivi, Zoagli.

¹²⁶ Futebol italiano.

peessoa, mas não deixa de iniciar um diálogo. Nos nossos tempos de Internacional, era comum vê-lo transitando por todos os lugares ou chamando as pessoas para conversa do nada. Poderia ser considerado um inquieto. Para mim, do jeito que eu o conhecia, ficaria muito difícil imaginá-lo trancado, com sua família, sem poder socializar, sem poder ir aos treinos de seu filho e aos jogos do Tomattoni, clube situado na Ilha da Sicília, em que o seu primogênito joga profissionalmente. Renan, então, passou a narrar da janela do seu apartamento no centro da cidade, a situação da sua nova pátria em relação à pandemia do coronavírus . Em seus relatos diários, transmitidos, via conta pessoal no *Facebook*, apresentou o cenário caótico instalado muito por conta da descrença e da irresponsabilidade da população italiana. Com a devida permissão do autor¹²⁷, transcrevi na íntegra o diário do dia 20 de março de 2020:

Interlocutor Renan

Dia 20/03/2020, um dia para esquecer!

#fique em casa

O difícil pra mim neste momento em que faço quarentena e estar aqui no olho do furacão e por várias vezes ao dia escutar as sirenes da ambulância passando em desabalada corrida! #fique em casa

Sei exatamente o que elas estão representando, o socorro médico rápido, na tentativa desenfreada de salvar mais uma vítima! #fique em casa

O recorde para ser esquecido 627 mortes, 47.021 infectados, e o pior no total são 4032 pessoas mortas! #fique em casa

Tudo isto aqui no quintal da casa que estou morando, tudo isto paralelo a uma quarentena rigorosa, tudo isto com as devidas precauções recebidas pelas equipes de saúde e autoridades constituídas! #fique em casa

Vou lançar agora um símbolo que pode vir a salvar muitas pessoas, pq aqui falasse que sem estas medidas e quarentena já seriam mais de 30 mil vítimas fatais! #fique em casa

Me ajudem #fique em casa.

Sim, não saia de sua casa, só em casos de extrema necessidade e com máscara e luvas!

Vocês agora estão entrando na segunda fase, já passei por isso, começaram a acreditar, então #fique em casa!

Sigam todas as determinações vindas das Autoridades constituídas, elas, estão empenhadas em evitar o pior, sinto orgulho disto, pq aqui só aconteceu após o pior já ter iniciado. #fique em casa

Foram medidas drásticas que foram tomadas e mesmo assim estes números brotaram #fique em casa!

O médicos já consideram que embora da família das gripes, este vírus apresenta as dificuldades das pneumonias, isto, justifica tantos óbitos! #fique em casa

Quando escrevo para vocês meu relato diário do local dos fatos eu o faço com a intenção humana e solidária de alguma forma salvar vida #fique em casa

Me ajudem, todos vocês poderiam em suas redes sociais, ao escreverem ou falarem passar esta mensagem #fique em casa

¹²⁷ Fiz contato, via *WhatsApp*, com meu interlocutor sobre a utilização deste textos e dos que viessem ser publicados posteriormente. Fui devidamente autorizados a utilizar todos em minha dissertação.

Na dúvida ligue para sua prefeitura nos números de telefones que eles estão fornecendo e pergunte tudo o que for necessário, ainda há tempo de frear este vírus, vocês foram ótimos em começar cedo!

Vou encerrar hoje com meu slogan / símbolo para todos vocês e espero que repassem a todos que vocês amam!

#fique em casa

Muita fé e oração nesta hora!!!

Diário de campo, 20 de março de 2020.

Naquele momento, o medo de ser infectado ou ser um vetor para outras infecções, mesmo que os números ainda fossem inexpressivos em relação aos italianos, me pôs em isolamento social. Os dias distanciados em casa foram difíceis. Não sabia mais distinguir o que era domingo, dia de semana, sábado ou feriado. Todos os dias pareciam iguais. Parei por algum tempo de assistir televisão como meio de preservar a sanidade mental.

Dia 13 de abril, sem muito que festejar, sem poder jogar, meu filho fez 17 anos. Na mesma semana o ministro da saúde Luiz Henrique Mandetta fora dissolvido do seu cargo pelo presidente da república¹²⁸. Fruto da crise sanitária ocasionada não somente pela expansão da Covid-19, sobretudo pelo desmantelo de políticas arbitrárias e genocidas da presidência do Brasil (KOURY, 2020). Dia 23 de abril continuava em quarentena. As últimas 24 horas foram de tristeza, mais de 400 brasileiros morreram por Covid-19¹²⁹. Dia 24 de abril, o ministro da justiça Sérgio Moro, em rede nacional, anuncia a sua demissão em razão de divergências com Jair Messias Bolsonaro¹³⁰. No dia 1º de maio, "dia do trabalhador", não havia nada a ser comemorado. No capa do jornal porto-alegrense Correio do Povo, estava estampado a seguinte manchete: "Brasil acumula 6.329 mortes e 91.589 casos de Covid-19"¹³¹. Nas últimas 24 horas, o Ministério da Saúde havia contabilizado mais 428 óbitos¹³².

¹²⁸ Mandetta é demitido do Ministério da Saúde pelo presidente Bolsonaro. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/04/16/mandetta-demissao-ministerio-da-saude-bolsonaro.htm>. Acesso em: 17 abr. 2020.

¹²⁹ Coronavírus: Brasil bate recorde com 407 mortos confirmadas em 24 horas. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/04/23/coronavirus-brasil-mortes-casos-confirmados-23-abril.htm>. Acesso em: 24 abr. 2020.

¹³⁰ Moro deixa governo e acusa Bolsonaro de tentar interferir na PF: 'Tenho que preservar minha biografia'. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52415933>. Acesso em: 24 abr. 2020.

¹³¹ Brasil acumula 6.329 mortes e 91.589 casos de Covid-19. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/geral/brasil-acumula-6-329-mortes-e-91-589-casos-de-covid-19-1.417440>. Acesso em: 2 mai. 2020.

¹³² Covid-19: Brasil tem 428 mortes em 24h, chega a 6.329 e supera 90 mil casos. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/01/casos-coronavirus-brasil-quantidade-mortos-01-maio-2020.htm>. Acesso em: 2 mai. 2020.

No futebol, em 5 de maio, Grêmio e Internacional¹³³ voltaram, com protocolos de prevenção e de olho numa possível retomada do Campeonato Gaúcho, voltaram a treinar. Duas semanas depois, os presidentes do Flamengo, Rodolfo Landim, e do Vasco, Alexandre Campello, foram a Brasília discutir volta do futebol carioca com presidente do Brasil¹³⁴.

No dia 7 de maio, no Rio de Janeiro, o centroavante gremista Diego Souza¹³⁵ foi diagnosticado com o Covid-19, ficando em quarentena até 18 de maio quando se apresentou ao seu clube em Porto Alegre. Em 15 de maio, antes de completar um mês no cargo, o ministro da saúde Nelson Teich, pediu demissão, por discordância com o presidente Bolsonaro, quanto ao uso do medicamento cloroquina¹³⁶ no tratamento da Covid-19. No lugar do médico oncologista Teich, assumiu interinamente o general de divisão Eduardo Pazuello¹³⁷.

No dia 13 de maio, procurei pelo empresário Reynaldo para saber como estavam e se estavam sendo realizadas negociações. Com os principais campeonatos do mundo suspensos, entre eles os brasileiros, seria importante para a pesquisa saber como este fenômeno estaria afetando o meu objeto de estudo.

Empresário Reynaldo

Primeiro, congelou tudo. Ninguém sabia de nada e nem tinha ideia se algum dia ia ter futebol de novo. Nem se sabia se sairíamos dessa vivos. Agora, voltando aos poucos ao futebol. Parece que os clubes estão se mexendo internamente. Estava tudo muito complicado. Parou de vez, ninguém fazendo nada, tudo congelado mesmo. Ninguém contratando. Até porque o futuro está incerto.

De certo modo [a paralisação], atinge a empresa, porque o que faz a empresa viver são os negócios. São as comissões nas transferências ou nas renovações. Salário de jogador é pouco. Complicado mexer em dinheiro dos outros. Aqui, a gente não faz.

Diário de campo 13 de maio de 2020.

¹³³ Os motivos de Inter e Grêmio treinarem. Mesmo sem futebol. Disponível em: <https://esportes.r7.com/prisma/cosme-rimoli/os-motivos-de-inter-e-gremio-treinarem-mesmo-sem-futebol-06052020>. Acesso em: 8 mai. 2020.

¹³⁴ Presidentes de Flamengo e Vasco, Landim e Campello se encontram com Bolsonaro. Disponível em: <https://esporte.ig.com.br/futebol/2020-05-19/presidentes-de-flamengo-e-vasco-landim-e-campello-se-encontram-com-bolsonaro.html>. Acesso em: 23 mai. 2020.

¹³⁵ Após testar positivo para Covid-19, Diego Souza é esperado no Grêmio nesta semana. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/rs/futebol/times/gremio/noticia/apos-testar-positivo-para-covid-19-diego-souza-e-esperado-no-gremio-nesta-semana.ghtml>. Acesso em: 23 mai. 2020.

¹³⁶ Medicamento usado no tratamento e profilaxia de malária e aventado por alguns governos mundiais como possibilidade, quando combinado com outros remédios, na recuperação de doentes de Covid-19.

¹³⁷ General Eduardo Pazuello assume Ministério da Saúde interinamente após saída de Nelson Teich. Disponível em: <https://blogs.ne10.uol.com.br/jamildo/2020/05/16/general-eduardo-pazuello-assume-ministerio-da-saude-interinamente-apos-saida-de-nelson-teich/>. Acesso em: 23 mai. 2020.

Na Europa, a Bundesliga¹³⁸ foi a primeira a voltar. Recomeçou, no dia 16 de maio, com seis jogos, depois de 66 dias de paralisação. Sem público e com medidas de segurança rígidas, Borussia Dortmund x Schalke 04; RB Leipzig x Freiburg; Hoffenheim x Hertha Berlin; Fortuna Düsseldorf x Paderborn; Augsburg x Wolfsburg e Eintracht Frankfurt x Borussia Mönchengladbach entraram em campo pela 26ª rodada. A volta do futebol na Alemanha, em um país largamente atingido pelo vírus, mas que por outro lado soube lidar com destreza no combate, serviu como parâmetro para que os outros países pudessem ensaiar os seus retornos.

Com o esporte preparando-se a retornar em outros países na Europa, fiquei curioso - característica importante em etnógrafos (SILVA, 2009) - em saber como estava sendo planejado (se é que estava) na Itália, país que havia se tornado epicentro da pandemia em março. Para Tal, fiz contato com meu interlocutor Renan Maldini, que continuava isolado em seu apartamento na região mais afetada da Itália.

Interlocutor Renan

Aqui, sim a volta deve ser julho, eles vão decidir a nova estação no dia 4 agora. Mas, vão acabar os campeonatos deste ano, Copa Itália etc. A partir do dia 17 de junho, vai ser jogo em cima de jogo. Já a Champions não sabem ainda.

Mas, tu sabe que aqui os times tem donos, e muitos vão quebrar, falência a vista em todas as divisões e até na base, o dinheiro acabou. Vai ser um ano atípico, ainda não se sabe qual as consequências. Aqui é assim, além disto, muitos patrocinadores irão se retirar o que piora muito a situação, daí ou os donos bancam tudo ou fecham as portas. Bem triste a situação. Lógico, isto não atinge quase nada na série A, mas as outras divisões sim. O problema será a base, neste caso, do primavera (sub 20) pra baixo, porque o campeonato nacional fica ameaçado, vai ser bem difícil.

Não vão chegar a fechar, mas disputarão apenas regionais e sem muitos custos. Torneios em outros países também não, Copa da Itália de juniores não deve ter também. Contenção de despesas. O problema são os clubes que irão fechar, não se sabe quantos, mas, ao que se notícia aqui muitos. Muitos jogadores ficarão sem clubes.

Os grandes ficam porque seus contratos de patrocínios são de muitos anos, mas, médios e pequenos com contratos de um ano sofrerão muiiiiito. E aquela história, os grandes cada vez maiores, os outros, será muita luta. Outra coisa, os chineses que patrocinam alguns clubes aqui, parece que na Itália só ficará com o Milan, os outros vão abandonar. Pelo que eu sei, para os próximos mínimo cinco anos o que seria uma quebradeira geral. Tipo, os clubes não tem sócios, o que eles fazem é vender ingressos para o ano inteiro, mas, isto a torcida compra quando tem bons jogadores, sem patrocínio, igual sem bons jogadores e sem venda antecipada de ingressos. Nisto os clubes no Brasil estão na frente porque tem quadro social, aqui, é ano a ano. Empresas grandes, vão priorizar outras coisas ao invés de patrocinar, primeiro vão tentar não falirem.

Aqui, foram 80 dias sem nada de produção, tudo fechado devido a quarentena, quebrou também muitas empresas, o desemprego subiu nas nuvens, pequenas empresas nem reabriram e assim por diante. Mas o preço vai ser em vidas. Aqui se pagou duas vezes o preço, muitas mortes e economia

¹³⁸ Sete ótimas razões para acompanhar o retorno da Bundesliga. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/julio-gomes/2020/05/15/cinco-otimas-raoes-para-acompanhar-o-retorno-da-bundesliga.htm> . Acesso em: 23 mai. 2020.

quebrada. Tens que ver, moro no centro da cidade de Lavagna, os pequenos comércios, cafés, bancas, lavanderias, sorveterias, não reabriram, quebraram, as lojas simplesmente fecharam, um caos. Ambulantes, serviços informais nada resistiram. O desemprego na Itália era 5 por cento, neste momento é 14 por cento. Terrível.

Aqui, muitos vivem com aluguéis de apartamentos para o turismo no verão, que normalmente começam a serem efetuados em março, sabe o que aconteceu, nada alugado, o pavor é enorme as cidades de Lavagna, Chiavari, Génova por um pouquinho para quebrar totalmente. A oferta de apartamento aqui em Lavagna é de dois mil imóveis para a temporada de férias e turismo, eles não alugaram 100 apartamentos, sei bem disto porque uma amiga brasileira que trabalhava numa imobiliária foi demitida porque as próprias imobiliárias que têm seu ponto alto nos alugueis estão fechando por não conseguirem manter seus custos. Se o vírus x economia foi terrível, aqui na Europa onde existe ajuda mútua no bloco do euro, fico imaginando aí no Brasil.

Diário de campo, 30 de maio de 2020.

A preocupação com o crescente número de infectados e de óbitos no Brasil aumentava. Não que fosse alguma surpresa, pois os prognósticos, pautados nas escolhas e nos exemplos governamentais vindo de Brasília não poderiam sugerir qualquer coisa diferente. Com as grades televisivas diminuídas, os programas ao vivo deram espaço para as reprises, os noticiários esportivos, em grande parte, cada vez mais se tornavam desinteressantes. Resolvi procurar, no dia 1º de junho, o empresário Douglas para saber como estava a situação nos bastidores do futebol. Fiz uma chamada telefônica, sem deixar de antes perguntar, via mensagem por *WhatsApp*, se poderia ligar. Perguntei se havia uma perspectiva para o retorno do futebol no país e se nesse ínterim, em que tudo estava visivelmente estático, se as intermediações estavam ocorrendo.

Empresário Douglas

Parece que estão soltando aos poucos. Está tudo parado. Voltam somente em setembro. Vai mudar até a janela de transferências¹³⁹. Ontem, um italiano me procurou. Estou em conversa com ele. Quer atletas para levar pra lá. Olha os clubes que ele leva: Internazionale, Fiorentina, Napoli e Udinese. Na França, Mônaco e PSG. Eu encaminhei o Benjamin que já tem passaporte para ele. Ele procura jogador até 21 anos.

Eu não sei... mas pode ser que eu tenha que ir para Portugal por três meses com um atleta nosso. Estamos negociando. Se fechar pode ser que eu tenha que acompanhar ele.

Diário de campo, 01 de junho de 2020.

As informações repassadas não versavam somente apenas sobre o retorno dos jogos, o que inevitavelmente imporia a retomada das transferências, mas especialmente às novas perspectivas que a sua empresa estava assumindo. Conforme Douglas, a corporação estaria se

¹³⁹ A FIFA regula em geral a existência de duas janelas, uma no intervalo entre as duas temporadas, máximo de doze semanas, e uma mais curta, máximo um mês, no meio de uma temporada. Os períodos específicos dependem do ciclo da temporada da liga e são determinados pelas autoridades nacionais de futebol. No Brasil, a janela curta ocorre no meio do ano, enquanto a longa no verão.

associando a um grande empreendimento europeu, dono de alguns clubes na Espanha e na Inglaterra e com pretensões de adquirir um clube brasileiro - revelou o nome do candidato, mas pediu sigilo. Com a ação, Douglas acreditava que em curto espaço de tempo transformaria-se na quarta ou quinta maior empresa de agenciamentos de jogadores do Brasil. "Agora, teremos bala na agulha e grandes possibilidades de transferências para fora. Isso irá impulsionar a empresa para grandes mercados e também para os secundários", finalizou o assunto, muito empolgado.

Dois dias depois, o Campeonato Português [Liga Nos ou 1ª Liga], paralisado desde o dia 12 de março, sem a presença de público nas arquibancadas, retornou com a 25ª rodada, com as partidas entre Portimonense x Gil Vicente e FC Famalicão x FC Porto¹⁴⁰. Nesse mesmo dia, o meu interlocutor Douglas me envia mensagem, via *WhatsApp*, para saber sobre um atleta. "Fala, Walter. tudo bem? Me diz uma coisa: você conhece o Yago, 2001, do Belenense?" Respondi que conhecia. Douglas continuou: "O que me diz? Pergunto por que não me lembro dele e me foi oferecido". Disse que achava um bom jogador, que era considerado a grande revelação dos últimos tempos do clube. Douglas: "Não me lembro dele. Parece que o Prattes quer ele também". Com a intenção de ajudar, sugeri que olhasse alguns jogos do Belenense na Copa São Paulo de Futebol Júnior do ano de 2019, principalmente, a partida contra a Chapecoense, em que ele fez o gol da virada, na vitória por dois a um, na primeira fase.

No dia 6 de junho, mais uma inconsequente decisão tomada pelos governantes federais. Na contramão do mundo, após período em manutenção, o Portal do Ministério da Saúde passou a sonegar dados estatísticos sobre número de infectados e de mortos por conta do novo coronavírus no Brasil¹⁴¹. Com a mudança, governo não informava mais o quadro total da pandemia em nenhuma plataforma. Como maneira de contornar a situação antidemocrática, a imprensa brasileira conformou um consórcio para divulgar os dados coletados junto aos órgãos estaduais¹⁴².

Em 11 de junho, o futebol retornava na Espanha. A partida que marcou a reabertura da

¹⁴⁰ I Liga de futebol regressou 87 dias depois de ser 'parada' pela covid-19. Disponível em: <https://www.noticiasaoiminuto.com/desporto/1501598/i-liga-de-futebol-regressou-87-dias-depois-de-ser-parada-pela-covid-19> . Acesso em: 6 jun. 2020.

¹⁴¹ Ministério da Saúde tira portal com dados sobre Covid do ar. Disponível em: <https://istoe.com.br/ministerio-da-saude-tira-portal-com-dados-sobre-covid-do-ar/> . Acesso em: 7 jun. 2020.

¹⁴² Veículos de comunicação formam parceria para dar transparência a dados de Covid-19. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/08/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.ghtml> . Acesso em: 8 jun. 2020.

La Liga Santander¹⁴³ foi o clássico entre Sevilla e Bétis (dois a zero no dérbi para os mandantes), jogo válido pela 28ª rodada. Na Itália, contrariando a previsão de meu interlocutor Renan Maldini, a Tim Cup¹⁴⁴ foi reiniciada semanas antes. No dia 12 de junho, Juventus e Milan e, no dia 13 de junho, Napoli x Internazionale protagonizaram as semifinais da competição. Cinco dias depois - conforme previsto por Renan que seriam jogos em cima de jogos - no estádio Olímpico de Roma, pela final, o time napolitano derrotou, em disputa por pênaltis (quatro a dois), depois de empate no tempo normal por zero a zero, o time de Turim¹⁴⁵. No Inglaterra, no dia 17 de junho, duas partidas atrasadas válidas pela 28ª rodada marcaram o retorno do futebol. O primeiro jogo ocorreu entre Aston Villa e Sheffield United e o segundo entre Manchester City e Arsenal, pela Premier League¹⁴⁶. Aos poucos o futebol, mesmo sem público, foi sendo retomado na Europa e na Ásia. Contudo, em países de regimes de governos totalitários, Nicarágua, Belarus e Turcomenistão¹⁴⁷ nem chegou a ser interrompido.

No Brasil, enquanto se cogitava o retorno do campeonato carioca, os quatro grandes do Rio de Janeiro não chegavam a um consenso. De um lado, estavam Flamengo e Vasco que se mostravam favoráveis à volta, do outro, os clubes Fluminense e Botafogo entendiam que as circunstâncias tornavam inviável qualquer pensamento partidário ao retorno¹⁴⁸. Contudo, em 16 de junho, em meio ao avanço do novo vírus corona, naquele momento com mais de 45 mil óbitos no Brasil, a Federação de Futebol do Rio de Janeiro marcou para quinta-feira, 18 de junho, a partida entre Flamengo e Bangu, no estádio Maracanã¹⁴⁹. Nesse mesmo dia, ficou marcado o retorno aos treinos esportivos no estado de São Paulo¹⁵⁰. Após a liberação do

¹⁴³ A Primeira Divisão da Liga de Futebol Profissional é patrocinada pelo Banco Santander.

¹⁴⁴ Copa da Itália.

¹⁴⁵ Futebol Italiano. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-italiano/>. Acesso em 20 jun. 2020.

¹⁴⁶ Futebol Inglês. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-ingles/>. Acesso em 20 jun. 2020.

¹⁴⁷ Regimes autoritários prevalecem em países que mantêm futebol durante pandemia da Covid-19. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/regimes-autoritarios-prevalecem-em-paises-que-mantem-futebol-durante-pandemia-da-covid-19.ghtml>. Acesso em 20 jun. 2020.

¹⁴⁸ Fluminense e Botafogo não irão a reunião com Crivella por volta dos treinos. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/fluminense-botafogo-nao-irao-reuniao-com-crivella-por-volta-dos-treinos-24443551>. Acesso em: 17 jun. 2020.

¹⁴⁹ Apelido dado ao estádio Jornalista Mário Filho, é um estádio de futebol localizado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro.

¹⁵⁰ Doria autoriza retomada dos treinos de clubes de São Paulo a partir de julho. Disponível em: <https://abcreporter.com.br/2020/06/18/doria-autoriza-retomada-dos-treinos-de-clubes-de-sao-paulo-a-partir-de-julho/>. Acesso em 20 jun. 2020.

governador João Doria, um dos governantes defensores ferrenhos das medidas de isolamento como combate ao vírus corona, os times paulistas estavam liberados para retornarem as atividades em seus centros de treinamentos, desde que seguissem os protocolos de segurança. Até então, os jogadores se mantinham ativos, realizando exercícios coordenados virtualmente pelos preparadores físicos dos clubes.

No dia seguinte, fiz contato com os empresários Cláudio e Edmilson para saber se, com a retomada dos treinamentos analógicos e com o futebol carioca regressando aos gramados, havia alguma movimentação relacionada à compra/venda de direitos federativos, ou seja, se o mercado do futebol estava sendo reiniciado. O empresário Cláudio respondeu que o futebol estava relativamente parado em termos de transferências. Entretanto, havia uma demanda que até então seria incomum para ele, o auxílio na reformulação dos contratos e nos acordos de rescisão. Já o meu interlocutor Edmilson mostrou-se desesperançoso em virtude do cenário apresentado.

Empresário Edmilson

Está uma m****. Está tudo parado. Ninguém sabe o que vai acontecer. Mas esse ano eu acho que não vai ter, entendeu? Se está ruim para o profissional, se está difícil, imagina para a base, entendeu? Esse ano, eu acredito, na minha opinião, série A, B, C... Não deve subir ninguém, não deve cair ninguém. O cara deve jogar regionalizado que nem a série D e o ano que vem, sim, voltar tudo ao normal. Esse ano, acho que está como perdido. Mas só fora do país que está se movimentado bem, mas aqui no Brasil está uma m****.

Diário de campo, 17 de junho de 2020.

As categorias de base no Rio Grande do Sul foram as que mais sofreram com a crise sanitária. Em março, o Esporte Clube Novo Hamburgo já havia dissolvido as suas equipes de base. Em junho, chegou a vez do Belenense. Com as competições e treinamentos parados, os familiares não viam mais justificativa em aportar mensalmente uma quantia considerável para pagamento de salários da comissão técnica e para as despesas de jogos que não aconteciam¹⁵¹. Após reunião, entre pais e coordenação de base, ficara decidido que da categoria juvenil para baixo todas as atividades seriam descontinuadas. Dessa forma, quase todos os atletas foram dispensados. Com exceção de cinco, que continuariam treinando na equipe sub 20. Um deles o Manoel, da categoria 2003, filho do meu interlocutor Felício. Com isso, conforme Felício, os pais que bancavam as despesas da categoria juvenil decidiram reativar o futebol de base do clube Tamoio, em Viamão, levando a maioria dos dispensados para lá.

¹⁵¹ No início da temporada, ficou ajustado com os familiares dos atletas e com a coordenação técnica que o clube precisaria mensalmente de 15 mil reais para a manutenção. Assim, alguns pais se prontificaram em ratear todos os meses o valor.

Em meio à crise entre Flamengo e Rede Globo de Televisão sobre os direitos de arena¹⁵² do clube no campeonato carioca, no dia 18 de junho, o presidente da república Jair Bolsonaro, em edição extra do Diário Oficial da União, editou Medida Provisória 984/20 reconfigurando a relação dos direitos de transmissão do esporte brasileiro. O artigo 42 da MP definiu que a exibição da partida passava a ser de responsabilidade do mandante do evento, não mais dos clubes envolvidos, isto é, o mandante não precisava do consentimento do adversário para vender os direitos da transmissão para alguma empresa ou até mesmo realizá-la¹⁵³. Para a maioria dos signatários dos clubes brasileiros, a medida presidencial foi uma arbitrariedade que tinha somente o objetivo do favorecimento econômico ao Flamengo. Os presidentes de Inter e Grêmio manifestaram contrariedade pela falta de debate com os clubes¹⁵⁴.

No dia 22 de junho, o treinador do Grêmio, Renato Portaluppi, foi flagrado pela terceira vez, sem máscara, na praia de Ipanema jogando futevôlei¹⁵⁵. O tricolor de 57 anos que ficou no Rio de Janeiro, enquanto os seus comandados realizavam trabalhos físicos no Centro de Treinamento Presidente Luiz Carvalho, em Porto Alegre, havia sido liberado dos compromissos laborais no clube por ser considerado pertencente ao grupo de risco¹⁵⁶. Além disso, no dia 30 de junho, por conta da proibição de treinos coletivos no Rio Grande do Sul, em especial em Porto Alegre, o Grêmio aventou em treinar no estado vizinho, Santa Catarina¹⁵⁷. A ideia era levar a logística, provavelmente, para Criciúma. O grupo de atletas iria ficar hospedado em um hotel, na cidade de Nova Veneza, próxima ao centro de treinamento do Criciúma. Os protocolos seriam os mesmos feitos em Porto Alegre, com testes e as medidas de saúde.

O grupo Globo, em 2 de julho, rescindiu contrato de transmissão do campeonato

¹⁵² Termo vulgar para referir-se aos direitos de transmissão.

¹⁵³ Até a criação da Medida Provisória 984/20, as transmissões de jogos pela televisão seguiam os termos da Lei 9.615/98 (Lei Pelé).

¹⁵⁴ Grêmio e Inter se alinham contra 'MP do Flamengo': "Imaturidade política". Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/06/20/gremio-e-inter-se-alinham-contra-mp-do-flamengo-imaturidade-politica.htm> . Acesso em: 23 jun. 2020.

¹⁵⁵ Após Renato Gaúcho ser visto na praia, Grêmio diz que 'determinou rigor a todos'. Disponível em: <https://www.pnbonline.com.br/esportes/apa-s-renato-gaa-cho-ser-visto-na-praia-gra-mio-diz-que-determinou-rigor-a-todos/67321> . Acesso em: 23 jun. 2020.

¹⁵⁶ O grupo de maior risco é composto por idosos de 60 anos ou mais, mulheres grávidas e puerperais e pessoas com doenças pré-existentes, como: asmáticos, diabéticos, hipertensos, doenças cardíacas e com histórico de AVC ou câncer.

¹⁵⁷ Com restrições em Porto Alegre, Grêmio decide levar treinos para Criciúma. Disponível em: <https://istoe.com.br/com-restricoes-em-porto-alegre-gremio-decide-levar-treinos-para-criciuma/> . Acesso em: 2 jul. 2020.

carioca, em razão de violação da exclusividade de transmissão prevista em contrato¹⁵⁸. Para o sistema de televisão, o contrato foi quebrado, quando a FlaTV¹⁵⁹ transmitiu ao vivo pela internet o jogo do Flamengo contra o Boavista. No dia seguinte, em Porto Alegre, a Arena Porto-Alegrense, agência que gere o estádio do Grêmio, demitiu servidores de áreas ligados a eventos e operação de jogos¹⁶⁰.

4.1.2. Segundo estágio, o regresso para finalizar

No domingo, 5 de julho, o Flamengo inaugurou um novo modelo de capitalização. Os interessados em assistirem via internet a semifinal da Taça Rio contra o Volta Redonda, que não fossem sócios, tiveram que desembolsar dez reais. O fato interessante a ser destacado que a iniciativa não saiu como planejado e o clube se viu obrigado a liberar a transmissão sem a cobrança. Aos internautas que haviam pagado, a instituição ficou de devolver o dinheiro¹⁶¹. No mercado da bola, aos poucos as negociações foram retomando o seu fluxo. No dia 6 de julho, o lateral-esquerdo Erik, fora dos planos do técnico argentino Eduardo Coudet, transferiu-se do Internacional para o Al Ain dos Emirados Árabes¹⁶².

Em relação às janelas de transferências europeias, a FIFA determinou a abertura para a Espanha, de 1º de junho a 1º de setembro, e, para Inglaterra, de 10 de junho a 1º de setembro¹⁶³. A medida antecipou trinta dias e vinte dias respectivamente. As demais ligas da Europa seguiram o mesmo período que La Liga. No Brasil, a janela ficou aberta entre o dia 20 de julho a 10 de agosto¹⁶⁴.

No dia 9 de julho, após reunião com o presidente da FGF Luciano Hocsman, o

¹⁵⁸ Globo rescinde contrato de transmissão do campeonato carioca. Disponível em: <https://tododia.com.br/globo-rescinde-contrato-de-transmissao-do-campeonato-carioca/>. Acesso em: 4 jul. 2020.

¹⁵⁹ Canal de streaming no YouTube do Clube Regatas Flamengo.

¹⁶⁰ Arena do Grêmio demite funcionários e revisa 'quase todos' contratos. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/07/03/arena-do-gremio-demite-funcionarios-e-revisa-quase-todos-contratos.htm>. Acesso em: 4 jul. 2020.

¹⁶¹ Flamengo diz que quase 100 mil pessoas pagaram para ver jogo e oferece opção de devolução do dinheiro. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/flamengo-diz-que-quase-100-mil-pessoas-pagaram-para-ver-jogo-e-oferece-opcao-de-devolucao-do-dinheiro.ghtml>. Acesso em: 6 jul. 2020.

¹⁶² Clube árabe anuncia contratação de lateral Erik, do Inter. Disponível em: <https://www.gazetaesportiva.com/times/internacional/clube-arabe-anuncia-contratacao-de-lateral-erik-do-inter/>. Acesso em: 8 jul. 2020.

¹⁶³ Fifa autoriza abertura da próxima janela de transferências durante a temporada 2019/20. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/fifa-autoriza-que-federacoes-abram-proxima-janelas-de-transferencias-durante-a-temporada-201920.ghtml>. Acesso em: 8 jul. 2020.

¹⁶⁴ Fifa faz ajuste e muda datas da janela de transferências sugeridas pela CBF. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/colunas/marcel-rizzo/2020/07/17/fifa-faz-ajustes-e-modifica-datas-da-janela-de-transferencias-no-brasil.htm>. Acesso em: 18 jul. 2020.

governador do Rio Grande do Sul Eduardo Leite anunciou a liberação dos treinos coletivos e a volta do Campeonato Gaúcho provisoriamente para o dia 23 de julho¹⁶⁵. Com a medida, o Grêmio desistiu de mudar-se provisoriamente para o estado de Santa Catarina, permanecendo em Porto Alegre¹⁶⁶. O retorno da competição foi autorizado justamente no dia em que o Estado contava com recorde de mortes pela Covid-19. Além do mais, o Rio Grande do Sul estava registrando diariamente mais de mil novos casos da doença e, com a nova classificação, 80% da população gaúcha situava-se em áreas de alto risco de contágio¹⁶⁷.

No dia 11 de julho, o governador de Santa Catarina, Carlos Moisés, ordenou a suspensão da partida de volta entre Avaí e Chapecoense, em Florianópolis, válida pelas quartas de final do Campeonato Estadual, que deveria ser realizada no domingo, dia 12 de julho¹⁶⁸. A decisão foi tomada após a comunicação de quatorze pessoas infectada no clube do oeste catarinense. Na sexta-feira, 10 de julho, ficou-se sabendo que os goleiros Tiepo e Arthur, o lateral-direito Cata, os laterais-esquerdo Busanello e Roberto, os zagueiros Tiago e Kadu, os volantes Moisés Ribeiro e Alan Santos, o meia Kendy, o treinador Umberto Louzer e seu auxiliar Felipe Endres, além do treinador de goleiros César Augusto Capelari e do analista Felipe Sampaio, testaram positivo para Covid-19, depois do jogo contra o Avaí, na quarta-feira, 8 de julho¹⁶⁹. O surreal foi que os testes haviam sido realizados na terça-feira, dia 7 de julho, sem mesmo saber os resultados, a equipe quebrou o protocolo de segurança sanitária e foi a campo. Por essa razão, seis dias após ter voltado, o campeonato catarinense foi mais uma vez suspenso pelo governo estadual.

Como o meu interlocutor Edmilson era morador de Santa Catarina, no dia 12 de junho, entrei em contato, por meio do aplicativo *WhatsApp*, para saber mais sobre a situação dos negócios do futebol na região.

¹⁶⁵ Governo do Rio Grande do Sul da "OK" para o retorno do Gauchão 2020. Disponível em: <https://www.minhatorcida.com.br/campeonato-gaucha-2020/8680-governo-do-rio-grande-do-sul-da-ok-para-o-retorno-do-gaucha-2020>. Acesso em: 18 jul. 2020.

¹⁶⁶ Após liberação em Porto Alegre, Grêmio desiste de levar treinos para Santa Catarina. Disponível em: <https://jovempan.com.br/esportes/futebol/gremio-desiste-treinos-santa-catarina.html>. Acesso em: 18 jul. 2020.

¹⁶⁷ Com 45 confirmações, RS bate recorde de registros de mortes por coronavírus em 24 horas. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/coronavirus-servico/noticia/2020/07/com-45-confirmacoes-rs-bate-recorde-de-registros-de-mortes-por-coronavirus-em-24-horas-ckcf8w7tc0021013gk08gvozt.html>. Acesso em: 18 jul. 2020.

¹⁶⁸ Após 14 casos de covid-19, governo de SC adia jogo entre Avaí e Chapecoense. Disponível em: <https://www.opopular.com.br/noticias/esporte/ap%C3%B3s-14-casos-de-covid-19-governo-de-sc-adia-jogo-entre-ava%C3%AD-e-chapecoense-1.2083814>. Acesso em: 18 jul. 2020.

¹⁶⁹ Catarinense: Treinador e dez jogadores são os infectados na Chapecoense. Disponível em: <https://m.futebolinterior.com.br/noticias/umberto-louzer-e-dez-jogadores-sao-os-infectados-na-chapecoense>. Acesso em: 20 jul. 2020.

Walter: Bom dia, meu nobre!

Edmilson: Beleza. Fala, mano. Estou na estrada, pode falar. Estou aqui voltando para casa. Qual é a boa?

Walter: Beleza, tudo certo. Me diz uma coisa: como estão os negócios aí na região?

Edmilson: tá meio devagar, mas para mim está um pouquinho bom. É que os cara estão atrás de mim por causa do Ubaldo, né. O Giants Mineiro quer o Ubaldo... e o Carlão está ficando livre no mercado. O menino está jogando para c***** né, no Grajaú Carioca, ali né. E aí eu acho que vai começar a ficar bom para mim ali. Essas são as duas situações. Aí vamos ver. Ele joga para... joga para c***** joga muito, joga demais, velho, demais o menino.

Diário de campo, 12 de julho de 2020.

Desde a última conversa que havia tido com o Edmilson, no mês passado, o panorama que ele havia esboçado para 2020 estava se reconfigurando. Naquele período, o empresário não via com bons olhos o futuro em relação ao futebol no geral. Bastou um mês, mesmo com a crise sanitária instalada no Brasil, para que os negócios para ele melhorassem.

Com as informações dos meus interlocutores, cada vez mais passei acreditar na bolha do futebol. As transações dos jogadores dos meus interlocutores estavam acontecendo. No mesmo dia em que o Flamengo sagrou-se campeão carioca pela 36ª vez, entrei em contato com os meus interlocutores. Reynaldo pronunciou que estava na Europa "fazendo negócios", mas referiu que não poderia falar mais nada, além disso. Por outro lado, o empresário Douglas mostrou-se acessível à pauta. Douglas começou manifestando o seu contentamento com a mudança do jovem Gilberto para o time sub 20 do Rangers paulista. O aspirante que estava sem contrato, com o Sapoti gaúcho, desde o dia 25 de março de 2020, por questões salariais e porcentagem de direitos econômicos, finalmente pode se transferir.

Walter: Como estão as intermediações?

Douglas: Olha, apesar da pandemia estão acontecendo algumas coisas.

Walter: Eu vi que você levou o Gilberto para o Rangers, como foi a situação?

Douglas: A gente já estava negociando antes da pandemia. Na verdade já estava tudo certo. Atrasou um pouco, mas agora deu tudo certo.

Walter: Ele ficou sem contrato em março?

Douglas: O Sapoti não quis cobrir a proposta do Rangers. Sim, estava acabando... o Sapoti passou pra gente até onde poderia chegar em termos salariais. Nós pedimos 10% dos direitos econômicos para a família. O diretor do Sapoti falou que daria. Mas não colocaram no papel. Brigamos até onde deu para colocarem isso. Mas o Sapoti não resolveu. Aí, jogamos o nome dele no mercado.

Walter: Mas saiu de graça?

Douglas: Aí o Rangers e mais dois clubes queriam ele. Sim e não [risos]... Sim, agora, mas ficou uma porcentagem para o Sapoti.

Walter: Por formação tem direito a um bom percentual.

Douglas: Exato. No futuro o Sapoti irá receber alguma coisa.

Walter: Uns 2,5% do mecanismo solidário?

Douglas: Isso é direto de formação.

Walter: Isso.

Douglas: Nós deixamos uma porcentagem dos direitos econômicos para o Sapoti.

Walter: E o mercado como está?

Douglas: Tu fala em relação à transferência? Apesar de estarem parados os clubes, eles estão se mexendo muito. Por exemplo o Sporting Paranaense está pegando todo mundo... [risos].

Walter: Sério? Mas para a base?

Douglas: para o profissional e para o sub 23.

Diário de campo, 15 de julho de 2020.

No dia 15 de julho, o Internacional contratava o jovem centroavante, de dezenove anos, Yuri Alberto, vindo do Santos¹⁷⁰. Na quinta-feira, 16 de julho, dezesseis dos vinte clubes da elite do futebol brasileiro divulgaram um manifesto apoiando a Medida Provisória 984/20¹⁷¹. Não assinaram o documento Botafogo, Fluminense, Grêmio e São Paulo. A ação seria uma estratégia de *lobby* junto a Câmara dos Deputados como meio de obter a aprovação da MP. No dia seguinte, o badalado treinador português Jorge Jesus deixou o Flamengo para retornar ao Benfica de Portugal¹⁷².

Com cinco desfalques, um do Grêmio e quatro do Internacional, por estarem infectados com a Covid-19, o Gre-Nal de número 425 aconteceu em Caxias do Sul na noite do dia 22 de julho¹⁷³. Com a liberação das partidas profissionais de futebol pelo governador Eduardo Leite, o jogo deveria ter sido realizado em Porto Alegre. No entanto, foi transferido, por causa do veto do prefeito municipal Néelson Marchezan Júnior¹⁷⁴, que alegava situação iminente de mudança de bandeira vermelha para preta¹⁷⁵ na cidade (ver mapa 1 da figura abaixo). Ato contínuo, o presidente da Federação Gaúcha, após consultar o paço municipal

¹⁷⁰ Yuri Alberto acertar com o Internacional após "não" ao Santos. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/07/16/yuri-alberto-acerta-com-o-internacional-apos-nao-ao-santos.htm>. Acesso em 23 jul. 2020.

¹⁷¹ MP 984: 16 clubes da Série A divulgam manifesto de apoio. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/mp-984-16-clubes-da-serie-divulgam-manifesto-de-apoio-24535707>. Acesso em 23 jul. 2020.

¹⁷² Técnico Jorge Jesus deixa o Flamengo e acertar com o Benfica. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/jogada/tecnico-jorge-jesus-deixa-o-flamengo-e-acerta-com-o-benfica-1.2967378>. Acesso em 23 jul. 2020.

¹⁷³ Grêmio vence o Grenal 425 em Caxias do Sul. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/esportes/2020/07/749012-gremio-vence-o-grenal-425-em-caxias-do-sul.html. Acesso em 23 jul. 2020.

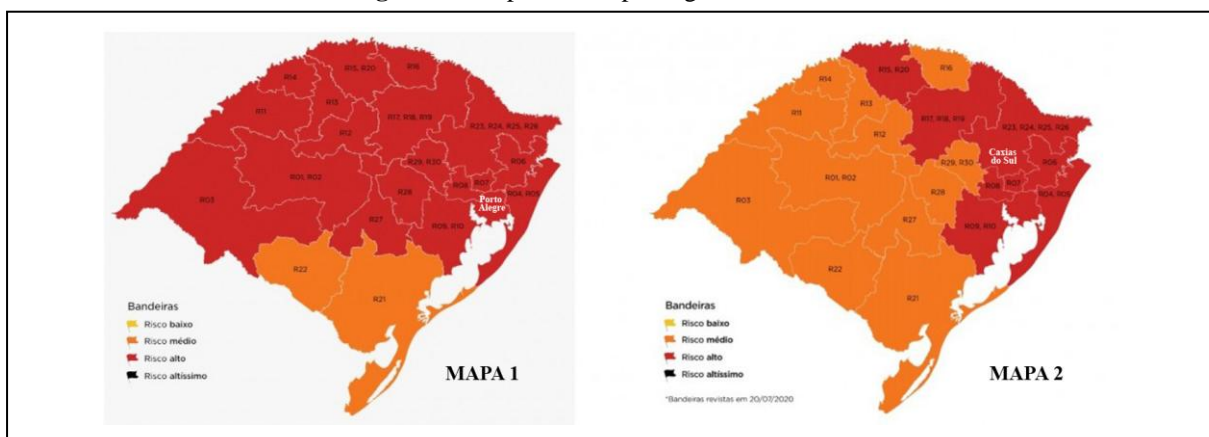
¹⁷⁴ Após veto de Marchezan, Gre-Nal 425 será disputado em Caxias do Sul. Disponível em: <https://odiario.net/esporte/apos-veto-de-marchezan-gre-nal-425-sera-disputado-em-caxias-do-sul/>. Acesso em 23 jul. 2020.

¹⁷⁵ Ação instituída pelo governo estadual que dividia o Rio Grande do Sul por regiões para melhores ações de combate ao coronavírus, de acordo com as peculiaridades locais. Conforme o grau de risco de contágio, cada região recebia uma bandeira nas cores amarela, laranja, vermelha ou preta. Nesse gradiente de cores, o menor risco recebia bandeira amarela, enquanto o maior risco, preta.

caxiense, que se encontrava em zona vermelha, contrariando os interesses do Colorado, que queria jogar em Novo Hamburgo (município da região metropolitana), marcou o jogo para a cidade da Serra no estádio Centenário. Na sexta-feira da semana anterior à partida, mesmo com o aumento de mortes pela doença, o mapa da pandemia no Rio Grande do Sul fora estranhamente modificado. Com o número de casos de contaminação e de óbitos crescendo, muitas regiões tiveram suas bandeiras modificadas da vermelha para a laranja (ver mapa 2 da figura abaixo). Essa manobra sugeriria que de fato o regresso ao futebol era presumível por conta da possibilidade de flexibilizações municipais. Entretanto, as bandeiras das regiões de Caxias e de Porto Alegre não se alteraram, permanecendo na vermelha (risco alto).

Mesmo sem público nas arquibancadas, controversamente, a quarta rodada de um campeonato gaúcho ocorreu com cinco jogos. O clássico Brasil e Pelotas fora adiado por quinze dias em razão da proibição da partida pela prefeita municipal da cidade¹⁷⁶. O empate em dois gols para cada lado entre Ypiranga de Erechim e Esportivo de Bento Gonçalves, à tarde, na arena Alviazul, em Lajeado, marcou a reestrea da competição regional¹⁷⁷. O Grenal, com telões nas arquibancadas simulando torcedores do Internacional, terminou com vitória para o Grêmio¹⁷⁸. Na equipe de arbitragem, meu colega de GESEF, Anderson Farias, atuou como o quarto árbitro.

Figura 6 - Mapas do RS por região de Covid-19



Fonte: adaptado pelo autor do site do Estado do Rio Grande do Sul

¹⁷⁶ Prefeitura de Pelotas determina, e FGF suspende Bra-Pel na reabertura do Gauchão. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/rs/futebol/campeonato-gaucha/noticia/prefeitura-de-pelotas-determina-adiamento-do-bra-pel-na-reabertura-do-gauchao.ghtml> . Acesso em 23 jul. 2020.

¹⁷⁷ Com gol no final, Esportivo empata com Ypiranga no recomeço do Gauchão. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/gauchao/noticia/2020/07/com-gol-no-final-esportivo-empata-com-ypiranga-no-recomeco-do-gauchao-ckcxv3nex0050013ggrf1djt1.html> . Acesso em: 23 jul. 2020.

¹⁷⁸ Grêmio vence o Grenal da retomada do Gauchão. Disponível em: <http://rdgalera.com/2020/07/23/gremio-vence-o-grenal-da-retomada-do-gauchao/> . Acesso em: 23 jul. 2020.

Na noite de sexta-feira, 24 de julho, como meio de brechar a progressão de doentes pelo coronavírus - com mais de 65 mil casos confirmados de contaminação e 844 mortes -, o governador Carlos Moisés decretou a interrupção do futebol catarinense até o dia 7 de agosto¹⁷⁹. A decisão surpreendeu os clubes que esperavam retomar as atividades na semana seguinte.

Mesmo que muitos cidadãos minimizassem a letalidade do vírus corona, ela vinha ocorrendo indistintamente. Diariamente, no Brasil, aconteciam mais de mil mortes. Na terça-feira, 28 de julho, quando alcançávamos a estúpida marca de quase de 89 mil óbitos¹⁸⁰, perdíamos o apresentador de televisão do SporTV, Rodrigo Rodrigues¹⁸¹. Aos 45 anos de idade, vítima de trombose venosa cerebral, o jornalista que estava internado desde o dia 25 de julho, na unidade de terapia intensiva do Hospital da Unimed, no Rio de Janeiro, veio a falecer em decorrência da Covid-19. Na economia, o Brasil perdia 1,19 milhão de vagas no primeiro semestre e, de acordo com Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED)¹⁸², no mês de junho quase 11 mil postos de trabalhos foram fechados¹⁸³.

Em Santa Catarina, possivelmente, por pressão dos clubes e da própria federação catarinense, o governador do Estado antecipou o regresso das competições de futebol profissional a partir daquela data¹⁸⁴. Com isso, Figueirense e Juventus, no dia 29 de julho, em Florianópolis, marcaram a reabertura dos jogos de volta das quartas de final do certame¹⁸⁵.

¹⁷⁹ Governo de SC prorroga decreto, e catarinense fica proibido até 7 de agosto. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/sc/futebol/campeonato-catarinense/noticia/governo-de-sc-prorroga-decreto-e-retomada-do-catarinense-fica-proibida-ate-7-de-agosto.ghtml>. Acesso em: 28 jul. 2020.

¹⁸⁰ Brasil atinge 2.483.191 casos de covid-19; mortes vão a 88.539. Disponível em: <https://noticias.r7.com/saude/brasil-atinge-2483191-casos-de-covid-19-mortes-vaio-a-88539-28072020>. Acesso em: 30 jul. 2020.

¹⁸¹ Luto na televisão brasileira: morre Rodrigo Rodrigues, aos 45 anos. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/rj/futebol/noticia/luto-na-televisao-brasileira-morre-rodriogo-rodrigues.ghtml>. Acesso em: 30 jul. 2020.

¹⁸² Cadastro Geral de Empregados e Desempregados – CAGED. Disponível em: <https://granulito.mte.gov.br/portalcaged>. Acesso em: 30 jul. 2020

¹⁸³ País fecha 11 mil vagas formais em junho e surpreende o mercado, aponta Caged. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/2020/07/28/pais-fecha-11-mil-vagas-formais-em-junho-e-surpreende-o-mercado-aponta-caged>. Acesso em: 30 jul. 2020.

¹⁸⁴ FCF afirma receber autorização do Governo para volta do estadual. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/sc/futebol/campeonato-catarinense/noticia/governo-volta-atras-e-libera-volta-do-campeonato-catarinense.ghtml>. Acesso em: 30 jul. 2020.

¹⁸⁵ Juventus goleia o Figueirense e garante vaga nas semifinais do Catarinense. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/sc/futebol/campeonato-catarinense/jogo/29-07-2020/figueirense-juventus-sc.ghtml>. Acesso em: 30 jul. 2020.

Ainda perplexo, pois a suspensão iria até o dia 7 de agosto, entendi que seria interessante compreender esse fenômeno pela voz de um dos meus interlocutores. Nada melhor um que estivesse na cidade. Ato contínuo, realizei uma ligação telefônica para Edmilson com o escopo em saber em qual estava a situação da região. Meu interlocutor respondeu, mostrando-se satisfeito com a medida, que estaria tudo aparentemente normal, que não via motivo de ficar suspenso, apenas acreditava que os clubes deveriam ser mais diligentes no cumprimento dos protocolos de segurança sanitários. No tocante das negociações, informou-me que na região ainda não vislumbrava boas perspectivas e que, com o retorno das divisões de base - Sub-17 e sub 20, o mercado provavelmente aqueceria.

Em Porto Alegre, no dia 30 de julho, o futebol perdia mais um integrante para a Covid-19. O vice-presidente do Grêmio, Marco Bobsin¹⁸⁶, faleceu vítima de complicações decorrentes do coronavírus. Após mais de dois dias internado na unidade de tratamento intensivo do Hospital Moinhos de Vento (HMV), recebeu alta, mas não resistiu a uma infecção generalizada. No dia seguinte, em transmissão ao vivo, o prefeito de Porto Alegre, Nelson Marchezan Júnior, anunciou a liberação da Arena e do Beira-Rio para a realização das semifinais do campeonato gaúcho.

No dia 4 de agosto, a International Board (IFAB), órgão que regulamenta as regras do futebol mundial, comunicou novo regramento: o jogador que tossir deliberadamente no árbitro ou num adversário poderá ser expulso de campo¹⁸⁷. No Rio Grande do Sul, às vésperas do Gre-Nal da final da Taça Francisco Novelleto, o governador Eduardo Leite publicou decreto flexibilizando as restrições nas regiões com bandeira vermelha, em especial, a abertura do comércio não essencial¹⁸⁸. No Brasil, mais de 97 mil mortes causadas pelo coronavírus¹⁸⁹.

O futebol vivia genuinamente em uma bolha. Especialmente, no Brasil. Os efeitos da

¹⁸⁶ Morre Marco Bobsin, vice-presidente do Grêmio, em decorrência de sequelas da COVID-19. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_id/7228769/morre-marco-bobsin-vice-presidente-gremio-decorrencia-sequelas-covid-19. Acesso em: 30 jul. 2020.

¹⁸⁷ Em nova regra, jogador que tossir de propósito em rival ou juiz pode ser expulso. Disponível em: [https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,em-nova-regra-jogador-que-tossir-de-proposito-em-rival-ou-juiz-pode-ser-expulso,70003386815#:~:text=A%20International%20Board%20\(IFAB%2C%20na,outro%20atleta%20ou%20do%20%C3%A1rbitro.](https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,em-nova-regra-jogador-que-tossir-de-proposito-em-rival-ou-juiz-pode-ser-expulso,70003386815#:~:text=A%20International%20Board%20(IFAB%2C%20na,outro%20atleta%20ou%20do%20%C3%A1rbitro.). Acesso em: 7 ago. 2020.

¹⁸⁸ Governo do RS publica decreto que altera protocolos às regiões de bandeira vermelha. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%3%ADcias/pol%3%ADtica/governo-do-rs-publica-decreto-que-altera-protocolos-%3%A0s-regi%C3%B5es-de-bandeira-vermelha-1.460525>. Acesso em: 7 ago. 2020.

¹⁸⁹ Covid: Brasil chega a 97.418 mortes com 1.322 novos registros em 24 h. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/08/05/coronavirus-covid-19-casos-mortos-5-agosto.htm>. Acesso em: 7 ago. 2020.

pandemia não retumbavam com a mesma voracidade nesse esporte como nos outros e na população em geral. Próximo as 100 mil mortes pelo vírus, as atenções estavam presas à ida do ponteiro gremista Everton "Cebolinha" para o Benfica de Portugal¹⁹⁰. O interesse pairava no negócio de quase 25 milhões de euros. Um valor bem abaixo que a direção do Grêmio esperava amealhar antes da circulação do vírus. Até então, o novo normal era esse. Uma quarentena "meia-boca", o futebol acontecendo sem público nas arquibancadas, mas com muita visibilidade pelas mídias tradicionais e novas mídias. Outro ponto a destacar nessa esfera era que naquele momento a entrada em Portugal estava restrita a brasileiros. Por causa da inépcia em combater o vírus, a maioria dos países vedaram a entrada de brasileiros em seus solos. Em Portugal, visto de trabalho para estrangeiros somente quando o a vaga não fosse ocupada por português, cidadãos da União Europeia ou estrangeiros moradores do país que estivesse em situação de regularização¹⁹¹. Para o futebol as regras são diferentes.

Como o jogador Everton até bem pouco tempo era representado por um dos meus interlocutores, lhe procurei para saber alguma informação sobre o andamento da negociação. A resposta que obtive era que não poderia me informar de nada, pois estava alheio às negociações. No dia 5 de agosto, ao final do segundo turno do campeonato gaúcho, após o Grêmio vencer o Internacional por dois a zero e sagrar-se campeão, o atleta, em entrevista ao repórter Fernando Becker, com os olhos marejados disse que as tratativas estavam bem avançadas e que faltava pouco para serem celebradas a sua transferência e o contrato com o Benfica. No outro dia, a FGF tentou sem sucesso, junto aos clubes finalistas do Gauchão, Caxias do primeiro turno - queria apenas um jogo e no final de semana seguinte - e Grêmio do segundo - não aceitou a mudança, fazer a disputa da final em jogo único. Com a falta de acordo, os jogos foram confirmados para os dias 26 e 30 de agosto¹⁹², já com o Campeonato Brasileiro da série A em andamento.

Na noite do dia 26 de agosto, no estádio Centenário, em Caxias do Sul, Grêmio e Caxias se enfrentaram no primeiro jogo das finais do campeonato gaúcho. Vitória do time de

¹⁹⁰ Venda de Everton Cebolinha ao Benfica está encaminhada e atacante pode desfaltar o Grêmio no GreNal. Disponível em: <https://www.cliccamaqua.com.br/noticia/56973/venda-de-everton-cebolinha-ao-benfica-esta-encaminhada-e-atacante-pode-desfaltar-o-gremio-no-grenal.html> . Acesso em: 7 ago. 2020.

¹⁹¹ Quem pode entrar em Portugal agora? Conheça as atuais regras e saiba se você pode viajar ao país. Disponível em: <https://www.melhoresdestinos.com.br/portugal-covid-viagem.html> . Acesso em: 11 ago. 2020.

¹⁹² FGF confirma final do Gauchão em dois jogos com partidas nos dias 26 e 30 de agosto. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/esportes/gr%C3%AAmio/fgf-confirma-final-do-gauch%C3%A3o-em-dois-jogos-com-partidas-nos-dias-26-e-30-de-agosto-1.461464#:~:text=Por%20n%C3%A3o%20ter%20um%20comum,Centen%C3%A1rio%2C%20C3%A0s%2021h30min%20e%20volta> . Acesso em: 11 ago. 2020.

Porto Alegre pelo placar de dois a zero¹⁹³. A segunda partida aconteceu na Arena, em Porto Alegre, na tarde chuvosa do domingo 30 de agosto¹⁹⁴. Mesmo com a vitória da equipe caxiense por dois a um, o Grêmio sagrou-se tricampeão gaúcho. No dia anterior, o Internacional havia vencido o Botafogo por dois a zero e conquistado a liderança do campeonato brasileiro¹⁹⁵.

4.1.3 Terceiro estágio, o reinício do novo futebol

Havia uma preocupação para com o encerramento dos certames regionais. O discurso empenhado pelos defensores do reinício do futebol era que se as competições estaduais não fossem devidamente terminadas - com o cumprimento total da tabela - os clubes menores iriam falir¹⁹⁶. Sem jogos, não havia bilheteria [com o retorno, esse tipo de receita permaneceria inviável, haja vista, a proibição de públicos nos estádios], patrocínio ou cotas de publicidade. Não haveria receita para manter vivas as engrenagens já fragilizadas dos clubes¹⁹⁷.

Início esta seção com o acima exposto para demonstrar o porquê de chamar este momento de terceiro estágio. Se o comprovante para o regresso do futebol era para que não se agravassem mais ainda a crise nas pequenas entidades por conta de dívidas e da cessão de recursos financeiros, o início das competições nacionais também estaria fundamentado por esta ordem. O discurso dos signatários dos clubes era que se as competições nacionais não começassem até agosto ou setembro, os clubes inexoravelmente teriam que encerrar as suas atividades. A segunda fase seria o momento de encerrar as atividades que se iniciaram antes da pandemia e a terceira as que iniciaram com a pandemia em pleno curso.

¹⁹³ Grêmio abre vantagem sobre Caxias e fica próximo do tri do Gauchão. Disponível em: <https://www.portalr3.com.br/2020/08/gremio-abre-vantagem-sobre-caxias-e-fica-proximo-do-tri-do-gauchao/> . Acesso em: 28 ago. 2020.

¹⁹⁴ Grêmio perde para o Caxias em casa, mas se consagra tricampeão do Campeonato Gaúcho. Disponível em: <https://www.gazetaesportiva.com/campeonatos/gaicho/gremio-perde-para-o-caxias-em-casa-mas-se-consagra-tricampeao-do-campeonato-gaicho/> . Acesso em: 31 ago. 2020.

¹⁹⁵ Galhardo brilha, e Inter vence Botafogo para manter liderança do Brasileiro. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/08/29/botafogo-x-internacional.htm> . Acesso em: 31 ago. 2020.

¹⁹⁶ Retomada às pressas do futebol no Rio ignora jogadores infectados e projeta abertura a torcedores. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2020-06-29/volta-as-pressas-de-futebol-no-rio-ignora-jogadores-infectados-e-projeta-volta-de-parte-do-publico-em-10-dias.html> . Acesso em: 31 ago. 2020.

¹⁹⁷ Demissões, sufoco e incerteza: há 100 dias sem futebol, interior gaúcho vê futuro em xeque. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/rs/futebol/campeonato-gaicho/noticia/demissoes-sufoco-e-incerteza-ha-100-dias-sem-futebol-interior-gaicho-ve-futuro-em-xeque.ghtml> . Acesso em: 31 ago. 2020.

Antes de continuar as narrativas ocorridas neste estágio, creio ser necessário demonstrar que os discursos adotados para o início das competições eram controversos. Se em um primeiro momento, o retorno deveu-se à preservação dos clubes menores, o início de novos eventos, em um prazo entre agosto e setembro, era pela sobrevivência dos clubes grandes. Alguns presidentes como os da dupla Gre-Nal, Marcelo Medeiros¹⁹⁸ e Romildo Bolzan¹⁹⁹, a todos o instante reafirmavam via imprensa essa condição. Em que pese as dificuldades econômicas sofridas pelos clubes, não era exclusividade do futebol. Vivíamos tempos de exceção. Nesse sentido, sabíamos que nos balanços financeiros dos clubes as folhas salariais eram as que ocupavam os maiores encargos. Por exemplo, o Grêmio tinha na época uma folha salarial mensal na casa dos doze milhões²⁰⁰. Algo que, com meses parados, resultaria impreterivelmente em receitas reduzidas, inviabilizando a prática desportiva. Não obstante, outras maneiras de contornar a crise poderiam acontecer. Como a redução das altas remunerações dos futebolistas. Contudo, alguns grupos de jogadores não aceitaram cortar os seus privilégios em prol do bem-estar comum. No caso do Grêmio, não houve desconto nos contracheques dos atletas. O que aconteceu foi diferir em 55% as remunerações - o clube gaúcho protelou a dívida com os atletas para o ano seguinte²⁰¹.

Se o "gasto" com folhas salariais fosse o motivo para a "quebra" dos grandes clubes brasileiros, por que não o governo federal não criou uma lei para redução dos vencimentos destes cidadãos muito bem pagos? Lembremos que esta disposição era viável. Tanto era que o presidente Bolsonaro editou a Medida Provisória 936²⁰², que suspendia ou reduzia salários dos trabalhadores comuns. Por que não fora editado algo nesses moldes para jogadores com remunerações altíssimas? Quando o clube do litoral paulista Santos, sem embasamento legal, reduziu as remunerações de forma unilateral, os atletas Everson e Sasha entraram na justiça

¹⁹⁸ Em entrevista à Rádio Gaúcha, em 23 de junho de 2020, "se futebol não voltar em até 60 dias, Inter enfrentará situação dramática", afirmou o presidente colorado.

¹⁹⁹ Em entrevista à Rádio Gaúcha, em 8 de maio de 2020, "o Grêmio não sobreviveria se voltasse só no final do ano", disse Romildo Bolzan.

²⁰⁰ Grêmio fecha acordo com elenco e parcela parte de salários até 2022. Disponível em: <https://dlnews.com.br/noticias?id=33733/gremio-fecha-acordo-com-elenco-e-parcela-parte-de-salarios-ate-2022>. Acesso em: 31 ago. 2020.

²⁰¹ Grêmio confirma acordo de parcelamento de 55% dos salários do elenco. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/06/24/gremio-confirma-acordo-de-parcelamento-de-55-dos-salarios-do-elenco.htm>. Acesso em: 8 ago. 2020.

²⁰² O dispositivo permitia, durante o estado calamidade pública, a suspensão do contrato de trabalho por até 60 dias e a redução de salários e da jornada de trabalho pelo período de até 90 dias. No caso de redução, o governo pagava um benefício emergencial ao trabalhador, para repor parte da redução salarial e, ao mesmo tempo, reduzir as despesas das empresas em um período em que elas estão com atividades suspensas ou reduzidas.

comum para se desvincularem da entidade²⁰³. Posto isso, enquanto cidadão, entendi que não era o melhor período para se iniciar novas competições. No entanto, como pesquisador, não me escusei do propósito em continuar a minha investigação atinente ao novo normal do futebol brasileiro e quiçá mundial.

No dia 9 de agosto, Goiás e São Paulo²⁰⁴ deveriam estreiar no Campeonato Brasileiro jogando entre si. Não aconteceu por conta do vírus. Dez dos 23 jogadores concentrados foram testados como positivos para Covid-19. O ocorrido beira ao surreal se levarmos em consideração os discursos adotados pelos defensores da volta das competições, em que pronunciavam os clubes possuírem protocolos de segurança e dispositivos preventivos melhores do que os exigidos pelas autoridades sanitárias.

No mesmo dia, o Grêmio estreava no Brasileirão contra o Fluminense sem a sua principal estrela: Everton Cebolinha. O jogador oriundo das categorias de base tricolor teve seus direitos econômicos transferidos ao Benfica de Portugal pelo valor de 20 milhões de euros, divididos em quatro parcelas, mais um percentual de participação em futura venda²⁰⁵. Sem interesse em permanecer no Brasil - o Grêmio já havia recusado inúmeras propostas de clubes da Europa, pela compra dos direitos do atleta - o atacante forçou a sua saída. Conforme o empresário Edmilson, meu interlocutor, foi o empresário Marcio Cruz, que diziam ter ótimo relacionamento com o presidente Bolzan, quem deu o ultimato na direção gremista para que o negócio fosse realizado. Apresentando baixo rendimento e sem marcar gols a nove partidas, Edmilson mudou de comportamento, após saber que finalmente se transferiria para o futebol europeu, e teve grande atuação no Gre-Nal, sua última partida disputada pelo Grêmio.

O que observava nos noticiários esportivos na televisão, nos jornais, nas rádios e na internet, era que os meses de julho e agosto estavam marcados pelas relações comerciais entre clubes. Poderia se dizer que os negócios durante a pandemia não paravam. Com a saída de Everton "Cebolinha" e a liberação do centroavante André, o Grêmio via-se em déficit no ataque para uma competição longa como o Campeonato Brasileiro, somados a ele a Copa do

²⁰³ Vergonha. Everson e Sasha deixam Santos. Falta de pagamento. Disponível em: <https://esportes.r7.com/prisma/cosme-rimoli/vergonha-everson-e-sasha-deixam-santos-falta-de-pagamento-20072020>. Acesso em: 8 ago. 2020.

²⁰⁴ Goiás tem 10 casos de Covid-19 no elenco horas antes da partida contra o São Paulo. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/go/futebol/times/goias/noticia/goias-tem-10-casos-de-covid-19-no-elenco-horas-antes-da-partida-contr-o-sao-paulo.ghtml>. Acesso em: 8 ago. 2020.

²⁰⁵ Grêmio fecha venda de Everton Cebolinha para o Benfica, de Portugal. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/08/07/gremio-fecha-venda-de-everton-cebolinha-para-o-benfica-de-portugal.htm>. Acesso em: 8 ago. 2020.

Brasil e a Copa Libertadores da América.

A última informação que circulava era que o Tricolor Gaúcho estava em busca de um camisa nove. Com a saída do Cebolinha, a liberação do centroavante André, o Grêmio via-se com poucas possibilidades para seu ataque. Como o Grêmio estava envolvido em três competições (Copa do Brasil, Libertadores e Brasileirão) para esse período, sendo que o Campeonato Brasileiro era muito longo, a estratégia era possuir muitas alternativas no plantel para os constantes revezamentos de equipes. O motivo agora não era somente pelo desgaste físico e por questões de cartões, como sempre foi, existia o perigo do contágio que poderia descaracterizar um time inteiro, como aconteceu com o Goiás. Dessa forma, as notícias davam conta que os dirigentes estariam atrás de um jogador que fora "cria da base"²⁰⁶, o centroavante Everaldo. Especulava-se muito, mas também não eram negadas pelo empresário do atacante, Flávio Vianna, que se pronunciou ao site *gremistas.net*²⁰⁷: "somente especulação no momento. Hoje é muito difícil do Everaldo retornar ao Brasil. Assinou por três anos, é vice-artilheiro da J-League²⁰⁸ e a multa [rescisória²⁰⁹] é alta".

Com as janelas de transferências internacionais encerradas, no dia 10 de agosto, a solução do Grêmio foi contratar o jogador Robinho, do Cruzeiro de Belo Horizonte. Róbson Michael Signorini, que pensou em parar de jogar, quando, aos 17 anos, foi dispensado na categoria juvenil do Internacional, pelo técnico Guto Ferreira, em razão de sua altura, 1,70m, chegou para aumentar o grupo²¹⁰.

Acordei, no dia 12 de agosto, e antes mesmo de sair da cama fui conferir as minhas redes sociais. Sem a pretensão de colher informações para a pesquisa me defronto com a inteligência artificial do *Facebook*. Em primeiro lugar na fila, havia uma postagem sobre a pandemia de meu amigo Renan. Estranhei o retorno de suas publicações sobre estes fatos. Fazia algum tempo que não anunciava nada a respeito em razão dos escassos acertos em suas presciências, fundamentadas na experiência italiana, para o cenário brasileiro. No início da

²⁰⁶ Expressão nativa que significa jogador formado na própria categoria de base.

²⁰⁷ Empresário fala sobre Everaldo no Grêmio: "Muito difícil". Disponível em: <https://www.gremistas.net/empresario-fala-sobre-everaldo-no-gremio-muito-dificil/>. Acesso em: 09 ago. 2020.

²⁰⁸ A Liga Japonesa de Futebol Profissional ou Meiji Yasuda é o maior campeonato profissional de futebol do Japão e, junto com o campeonato sul-coreano, a liga de futebol mais rica da Ásia.

²⁰⁹ Multa rescisória é como se chama vulgarmente a "cláusula indenizatória desportiva". Que, por sua vez, é o valor, estipulado em contrato, devido ao clube detentor dos direitos econômicos, quando há transferência do atleta para outra entidade, nacional ou estrangeira.

²¹⁰ Robinho sobre dispensa na base do Inter: "Ainda bem, vontade era o Grêmio". Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2020/08/14/robinho-sobre-dispensa-na-base-do-inter-ainda-bem-vontade-era-o-gremio.htm/>. Acesso em: 15 ago. 2020.

crise sanitária, eram *posts* quase diários. À medida que as suas previsões otimistas sobre o panorama brasileiro em relação ao coronavírus não iam acontecendo, os seus textos iam esvanecendo. Na publicação, continha o cenário italiano em relação à crise e prognósticos para o Brasil.

Interlocutor Renan

A Itália pós Pandemia!

Por algum tempo fui divulgando a série pandemia que assolou o povo Italiano, tentando prever a sua progressão em outros países, alertando sobre o que aqui acontecia, verdadeira catástrofe!

Bom, hoje 12/08/2020, o surto aqui foi contido, a mais de quarenta dias findou inicialmente a quarentena e posteriormente tudo aos poucos foi sendo liberado em termos sociais e laborativos.

Como vivem os italianos hoje? Ao que percebo a população vai paulatinamente retomando suas atividades, percebo as praças com seus bancos repleto de idosos, fato corriqueiro no antes e pós Pandemia, comércio absolutamente liberado, não existe mais obrigatoriedade do uso de luvas e uma liberdade individual ao uso das máscaras!

O que ainda percebo, as pessoas aderiram ao distanciamento social, sim, toda e qualquer loja comercial em sua entrada tem a disposição o álcool gel, sim!

O povo ainda apresenta temor, sim, o povo alegre e falante com suas mãos servindo de dar sentido ao que falam bem mais tímido, sim!

Gente as coisas não são mais como antes, não, ainda existe medo, sim!

Mas como se tudo está liberado, até o futebol e esportes com público a partir de 01 de setembro, o que acontece?

A meu juízo, por residir no norte na cidade de Lavagna/Chiavari, onde a população gira em torno de 45 mil pessoas, acredito que todos conhecem alguém que foi vítima fatal e muitos são ex-vítimas, tiveram a doença e se recuperaram, isto marcou bastante a população!

As notícias aqui são muito bem elaboradas no sentido de dar uma paz as pessoas, porém, ainda existe rumores de uma volta do vírus no inverno, aqui a partir de novembro/dezembro, isto preocupa, por outro lado, os hospitais e corpo de profissionais de saúde demonstram estarem desta vez bem mais preparados caso isto aconteça, porém, fala-se muito no advento da vacina Preventiva e do uso correto das medicações já existentes e outras que estão surgindo no sentido de tratar a população!

O que posso dizer de alentador ao povo brasileiro neste momento?

1- O Covid é sazonal, desaparece por conta própria, sim!

2- O termômetro de medição Se baseia em dois fatos, a queda dos números diários de infectados x o aumento diários dos recuperados, trata-se de uma balança fiel para aferir o final da ação viral!

3- O povo por conta própria manteve seus idosos por um tempo maior em suas residências e também as pessoas com outras enfermidades!

A Itália, está praticamente recuperada, seus óbitos diários pelo Covid são em média 5, sendo que muitos dias são zero!

Então meus amigos, sim, a Pandemia vai terminar aí também, será muito em breve, a curva tão falada aí no Brasil foi diferente daqui, aqui subiu ao extremo e passou a baixar até o patamar atual. No Brasil, a curva foi longa em sua extensão nada de extremos então a queda da mesma forma está sendo mais gradual!

Quem ainda pode aí, sugiro:

Fique em casa!

Deixe seus idosos em casa!

Deixe seu familiar com doença pré-existente em casa!

Um bom dia a todos no Brasil!

Uno Buon giorno a Tutti in Itália!

Quando meu amigo italiano fez suas primeiras análises, a sua noção era que o panorama no Brasil em relação aos casos de infecção transcorreria de forma idêntica, havendo a curva de infecção com o pico e sem platô. Ledo engano. Aqui, o comportamento da população em sua maioria, incentivada pelo governo federal, não respeitou os protocolos e medidas sanitárias para contenção da onda viral. A Itália, por exemplo, epicentro da pandemia logo após a difusão a partir da China, não adotou o *lockdown*²¹¹ "total". A verdade que estávamos aprendendo com a pandemia, não tínhamos certezas de quase nada. Estávamos tateando e utilizando o método de acerto e erro. E isso acontecia com quase todos que ousavam tecer qualquer tipo de prognóstico em rede. Não preciso enumerar e muito menos citar os que quiseram profetizar e acabaram sendo "cancelados". Foi desde uma "gripezinha" a "cinco mil ou sete mil mortes", quando, em 11 de agosto, superamos as marcas de 103 mil mortes e de três milhões de infectados.

No dia 12 de agosto, só no estado do Rio de Janeiro, os óbitos ultrapassavam o patamar dos 14 mil²¹². Mas o futebol seguia indiferente. Na noite da terça-feira, 11 de agosto, o Atlético Goianiense²¹³ conseguiu um recurso, junto à CBF, para escalar contra o Flamengo quatro jogadores que haviam testado positivo para Covid-19. A alegação do clube para tal providência seria que os jogadores estariam em reta final de contaminação - cumpriram a quarentena -, o que os tornariam impotentes para a transmissão da doença. No Portal do Globo Esporte, o jornalista Marco Aurélio Souza²¹⁴ publicou que a CBF estaria articulando o regresso do público aos estádios até o final do mês de outubro. Na matéria, o repórter lembrou que o Flamengo seria um dos clubes a favor da medida, enquanto o Corinthians seria contra. Enquanto isso, na Europa, o governo alemão, em meio ao possível ressurgimento do vírus no país, se opôs à ideia da Bundesliga²¹⁵ de retorno mesmo que parcial dos torcedores no início

²¹¹ Confinamento ou fechamento total. O *lockdown* consiste em fechar uma região, interditando vias, proibindo deslocamentos e viagens não essenciais.

²¹² RJ tem 14.295 mortes por Covid-19 e 185.610 casos. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/08/12/rj-tem-14295-mortes-por-covid-19-e-185610-casos.ghtml/>. Acesso em: 15 ago. 2020.

²¹³ CBF autoriza Atlético-GO a escalar jogadores que tiveram coronavírus. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/cbf-autoriza-atletico-go-a-escalar-jogadores-que-tiveram-coronavirus/>. Acesso em: 15 ago. 2020.

²¹⁴ CBF pretende liberar público nos estádios até outubro. Disponível em: <https://onefootball.com/pt-br/noticias/cbf-pretende-liberar-publico-nos-estadios-ate-outubro-30695038>. Acesso em: 15 ago. 2020.

²¹⁵ Estados alemães contrariam lobby do futebol e vetam público nos estádios. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/estados-alem%C3%A3es-contrariam-lobby-do-futebol-e-vetam-p%C3%ABblico-nos-est%C3%A1dios/a-54537228>. Acesso em: 15 ago. 2020.

da próxima temporada às arquibancadas.

No mesmo dia em que ocorreu a eliminação do Barcelona frente o Bayern pela Champions League, pelo placar de oito a dois, no estádio da Luz, em Lisboa em Portugal, no Brasil, Paraná e Juventude protagonizavam mais uma partida afetada pelo vírus. A equipe da serra gaúcha entrou em campo no Estádio Durival Britto, em Curitiba, com quatro desfalques em razão de infecção por Covid-19²¹⁶. Além do treinador Pintado, o goleiro Marcelo Carné, o volante Gustavo Bochecha e o meia Gabriel Terra ficaram de fora da partida.

No domingo, 16 de agosto, o futebol brasileiro cada vez mais se mostrava deficiente em manter o coronavírus afastado dos estádios. Diferentemente, o que ocorrera na Alemanha no retorno das competições, quando o treinador do FC Augsburg, Heiko Herrlich²¹⁷, por sua própria decisão, deixou o hotel em que sua equipe estava em isolamento para a partida diante do Wolfsburg, para ir comprar creme dental e creme para a pele, sendo excluído do banco de reservas, o técnico do Fluminense Odair Hellmann testou positivo para Covid-19²¹⁸. O treinador foi barrado algumas horas antes do jogo contra o Internacional no Rio de Janeiro, mesmo sendo de conhecimento pela CBF que no dia 13 de agosto havia sido reagente o teste.

Na terça feira, 19 de agosto de 2020, recebi uma mensagem em meu telefone, era meu amigo ítalo-brasileiro Renan Maldini. Meu interlocutor queria contar as boas novas: seus filhos começariam a temporada jogando na mesma equipe, o Cassini. O mais velho já estava desde a temporada passada. Agora, o caçula, com idade ainda de juvenil, passou a integrar o elenco do time profissional, após sair das categorias de base de Tarantella.

Interlocutor Renan

Assim, na Itália em geral, tudo normalizou o covid 19 foi embora praticamente todo, alguns casos isolados, mas, muito poucos, o povo está calmo e tudo funcionando normalmente. Eles falam por aqui, a partir de novembro/dezembro quando entrar o inverno, mas, também estão noticiando a utilização possível de uma vacina que estaria em fase final. Espero que venha então a vacina e não a segunda etapa do Covid 19 que já se mostrou ser sazonal. Pois a vacina será a redenção. Estamos na torcida, com a vacina, volta tudo a estaca zero, seria ótimo. Porém, lógico, eles já estão totalmente preparados se não vier a vacina este ano e não vão ser pagos de surpresa, isto, já demonstraram, com muitos leitos extras, alguns medicamentos que se mostraram um pouco eficazes, será outra realidade. Aliás, a Europa inteira já está se preparando. Há poucos dias o Ministro da Saúde falou a este respeito, talvez,

²¹⁶ Juventude confirma quatro casos positivos de coronavírus. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/esportes/juventude-confirma-quatro-casos-positivos-de-coronav%C3%ADrus-1.465260> . Acesso em: 18 ago. 2020.

²¹⁷ Técnico alemão fura quarentena e ficará de fora do retorno da Bundesliga por punição. Disponível em: <https://sportbuzz.uol.com.br/noticias/futebol/tecnico-alemao-fura-quarentena-e-ficara-de-fora-do-retorno-da-bundesliga-por-punicao.phtml> . Acesso em: 18 ago. 2020.

²¹⁸ Com suspeita de Covid-19, Odair é afastado do jogo do Fluminense. Disponível em: <https://www.lance.com.br/fluminense/com-suspeita-covid-odair-afastado-jogo.html> . Acesso em: 18 ago. 2020.

não se exija sequer quarentena, apenas o cuidado redobrado das pessoas. Outra coisa, o público nos estádios, vai estar liberado a partir de setembro, mas, com limitações, sendo público reduzido!

Diário de campo, 19 de agosto de 2020.

Pela segunda divisão do Campeonato Brasileiro, a partida entre Brasil de Pelotas e Sampaio Corrêa teve que ser adiada em razão dos recentes casos positivos de Covid-19 no plantel maranhense²¹⁹. A partida que estava confirmada para às 11 horas do domingo, dia 23 de agosto, no estádio Bento Freitas, teve que ser cancelada pelos quatorze desfalques pelo vírus e mais três por lesão.

No dia seguinte, recebi por meio do perfil de meu interlocutor Renan Maldini, em solo italiano, mais um boletim sobre o coronavírus na Itália.

Interlocutor Renan

Então hoje 24/08/2020 a Itália começou a testar vacina contra Covid-19!

A notícia é que em um hospital de Roma, uma vacina produzida na própria Itália passa a ser testada em pessoas!

São 90 pessoas escolhidas a maioria médicos voluntários.

A vacina já passou positivamente nas duas primeiras etapas, agora estará passando pela etapa final.

Nós dias 7 e 9 de setembro vai ocorrer a segunda dose aos voluntários.

Os voluntários foram divididos em faixas etárias, assim o resultado será mais amplo e preciso.

No outono daqui, a partir de outubro, uma nova investida com mais participantes voluntários.

A Itália nestes últimos dias teve um aumento significativo de novos infectados, não um aumento de óbitos que hoje tem média diária entre zero e dez pessoas.

As autoridades italianas estão já preparando-se para um segundo avanço do vírus, agora com estrutura e preparo bem mais qualificados.

Porém, a esperança da vacina chegou em seus momentos finais e tudo indica que poderá ser produzida e liberada entre dezembro de 2020 e fevereiro de 2021 para a população em geral!

Enfim, uma boa notícia para a população Italiana em geral, levando-se em conta que a partir de novembro o frio se intensifica neste país e na Europa em geral!

No mais, aqui na Itália tudo está normal, comércio, indústria, economia.

Setembro a partir do dia 20 uma provável volta as escolas dos alunos.

Publicado pelo interlocutor em seu perfil no Facebook, 24 de agosto de 2020.

No dia anterior, com a final da UEFA²²⁰ Champions League ou, em português, Liga dos Campeões da UEFA, em que o time alemão do Bayer derrotou o Paris Saint Germain pelo placar de um a zero, a temporada europeia encerrou.

²¹⁹ CBF adia jogo da Série B entre Brasil-RS e Sampaio por casos positivos no time do Maranhão. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/rs/futebol/brasileirao-serie-b/noticia/cbf-adia-jogo-da-serie-b-entre-brasil-de-pelotas-e-sampaio-por-casos-positivos-no-time-do-maranhao.ghtml>. Acesso em: 18 ago. 2020.

²²⁰ Union European Football Associations, traduzido para o português, em União das Associações Europeias de Futebol.

Já fazia um bom tempo que não entrava em contato com os interlocutores empresários para saber como estava o cenário das intermediações. Então, no dia 28 de agosto, resolvi enviar mensagens de texto, via *WhatsApp*, para os quatro interlocutores [Reynaldo, Edmilson, Cláudio e Douglas]. A minha intenção era de abandonar o campo virtual depois dessa incursão. Os quatros empresários retornaram em pouco tempo. Reynaldo, Edmilson e Cláudio responderam que estava devagar e com o tempo os negócios tenderiam a ser fortalecidos. Porém, para o momento, realizavam apenas negociações mais pontuais. Douglas, o último a responder, trouxe informações diferentes. Inclusive, distintas em relação aos contextos anteriores que, durante a pandemia, não tinha me passado. Após o aceno que estaria disponível a conversar sobre o tema, iniciamos a conversa com os trechos destacados abaixo.

Walter: Vi que andaram negociando alguns atletas da sua empresa. Estão agressivos no mercado?

Douglas: Sim. Tem que ser [risos]. Se não for agressivo, fica só com os "meia boca". Não que esses não irão gerar negócios. Mas nível menor. Mas uma coisa aprendi com tempo, os grandes acabam engolindo os menores. Exemplo: o grande deixa ele chegar aos 16/17 e vai lá e toma do menor que investiu tempo, dinheiro, etc... É a lei da selva. Na verdade nessa idade não é nada em termos de business. Mas é um eterno arriscar. É tipo comprar as ações em valores baixos e ir investindo na empresa. Só que tem o risco de tomarem na mão grande. O que a gente tem feito é propor parceria.

Walter: Mas as ligações são frágeis?

Douglas: Não tira ninguém do negócio. Mas tem uns [empresários] aí que não querem saber. Até são. Mas agora o modelo de parcerias está dando mais estabilidade. Estão se respeitando mais e existindo menos traiagem. Diminuíram os assédios. Tinha muito empresário ladrão de jogador.

Walter: E os negócios como foram na pandemia?

Douglas: Sim. A gente agora nesses meses de pandemia, fechamos com uns oito a nove atletas. Todos! Com parceira. Parceiros. Sem precisar pegar de ninguém.

Walter: Todos menores?

Douglas: Sim. Alguns com peixe grande também. Hoje, o futebol mudou muito.

Walter: Como funciona esse sistema?

Douglas: Nós, por exemplo, não temos abertura na Arábia. Mas estamos fechado com um parceiro que lá é o chão dele. Toda semana tem demanda pra gente. Se eles precisam nós temos o atleta porque a nossa empresa tem uma carteira muito grande. Daí, dividimos os lucros.

Walter: Abrindo novos mercados?

Douglas: Sim. Na Itália, com Di Caprio. Um dos maiores lá e assim vai.

Walter: Seria um novo modo de empresariar a partir da pandemia ou isso já vinha se fortalecendo há algum tempo?

Douglas: O Fernandez mudou muito pra gente isso. Já vinha, mas acelerou isso. Não digo que a pandemia tenha nos obrigado, mas que acelerou isso eu tenho certeza. Porque na verdade a bola nos bastidores não parou durante a pandemia. Continuamos nos movimentando. Os clubes nos procurando. Nós buscando colocações para os nossos atletas. No campo, dá para dizer que a pandemia parou, mas nos bastidores não. Eu acho que é uma tendência mesmo, não foi por causa da pandemia que o sistema de parcerias tenha aumentado. Mais cedo ou mais tarde ia acontecer mais parcerias. O que tenho visto muito também é o seguinte: muito ex atleta que jogou fora e tem abertura nos clubes estão tudo virando empresários. Já tinha isso, mas agora muito mais.

Walter: Mas o que você acha ser o mais importante para se manter forte no mercado?

Douglas: Relacionamento com clubes, outros empresários. Muito importante.

Walter: Empresários onde não se tem entrada de mercados, correto? Ou qualquer tipo?

Douglas: Qualquer tipo. Isso ajuda muito. Cara, hoje, a coisa mais fácil que existe é descobrir as pessoas. Se realmente são ou não quem dizem. Mas tem muita gente desesperada por aí.

Diário de campo, 28 de agosto de 2020.

O início da pandemia apontava para um cenário em que a economia do futebol seria duramente afetada. Os programas esportivos que eu assistia e ouvia, como os do SporTV, da ESPN, da FOX Sports e mais a Rádio Grenal, seus debatedores insistiam em dizer que o esporte viveria uma crise sem precedentes e que muitos clubes teriam que fechar as portas. O próprio Marcos Motta, um dos principais personagens na transferência do Neymar do Barcelona para o Paris Saint Germain, afirmava que a pandemia seria responsável pela retirada de dois bilhões de euros do mercado de transferências²²¹. O fato é que, no Rio Grande do Sul, por exemplo, o campeonato gaúcho da primeira divisão foi concluído no final do mês de agosto. Em relação às outras séries, a Divisão de Acesso foi cancelada, no dia 21 de agosto, após reunião, entre os dezesseis clubes participantes e a Federação Gaúcha de Futebol. O motivo alegado fora a impossibilidade sanitária, organizacional e financeira. Doze dirigentes afirmaram não possuir condições de cumprir os protocolos exigidos pelos órgãos governamentais²²².

Cruzando os dados que coletei da imprensa com a narrativa do empresário Douglas, ficou a dúvida sobre qual futebol de bastidores não parou? Será que o mercado que ele está falando não seria de estratos mais altos, em que os jogadores que circulam, ou que rodam - termo cunhado por Carmen Rial (2008) para designar transferências de jogadores entre clubes - são os que têm o privilégio dos salários mais altos e das transferências mais vultosas em termos econômicos? De que lugar o meu interlocutor está falando? Quando afirma que na realidade nunca parou, em meio à crise sanitária, está lembrando que as categorias de base também pertencem a esse futebol espetacularizado? Realmente, gostaria de ter essas respostas. No dia 19 de setembro, logo após acordar, fui navegar pelas redes sociais. quando me deparo com a publicação do Renan. O texto era um alerta para a possível onda da corona vírus na Itália.

²²¹ Marcos Motta: 'Crise vai retirar 2 bilhões de euros do mercado de transferências'. Disponível em: <https://istoe.com.br/marcos-motta-idade-vai-retirar-2-bilhoes-de-euros-do-mercado-de-transferencias/> . Acesso em: 31 ago. 2020.

²²² Divisão de Acesso Gaúcha 2020 é finalizada por inviabilidade. Disponível em: <https://www.ocuriosodofutebol.com.br/2020/08/divisao-de-acesso-gaucha-2020-e.html> . Acesso em: 31 ago. 2020.

Interlocutor Renan

Terrivelmente Preocupante!

Direto aqui de Lavagna/Itália!

A Itália no início do mês de junho acreditava ter superado a Pandemia do Covid 19, os números assim diziam, já se contabilizava menos de 10 mil infectados e o número de óbitos variava entre zero e cinco!

Tudo naquela época voltou ao normal, já havia acabado a quarentena, as atividades de indústria, comércio, lazer retornaram paulatinamente! Isto é fato

Bom, a trégua se prolongou por dois meses e meio, também é fato, a população já não usa álcool gel, livre para frequentar os supermercados e comércio em geral, e uma redução drástica nas pessoas usando máscaras! Isto é fato

As aulas presenciais retornaram agora em setembro, tudo continua livre, alguma exceção em poucas Comunes!

Porém, algo não está bem não! Hoje 19/09/2020, o número oficial de pessoas infectadas subiu de menos de 9000 para mais de 43000, o Covid está nitidamente retornando, e paira no ar um temor europeu!

Por lógico, na base de acertos e erros, o número de óbitos, continua muito baixo, uma média de 10 ao dia, mas, como salientei acima, já se sabe como enfrentar o vírus com os recursos disponíveis de medicamentos e tratamentos adequados!

Bom, se eu tivesse a condição de mandar um recado aos governantes aí no Brasil, eu diria, após superar esta primeira fase da pandemia, mantenham as normas de segurança contra o vírus, distanciamento social, álcool gel, máscaras, nada de aglomeração de pessoas e se existe a possibilidade, não retornem o ano letivo escolar!

Podemos aprender com os outros, sim, podemos, as atividades podem sim serem normais, mas, para evitar o retorno do vírus não se pode baixar a guarda e medidas protetivas!

Bom, apenas um alerta, quero deixar claro a vergonha de ter assistido imagens do feriadão, no Brasil, ponto a favor do vírus, o brasileiro parece-me que não aprende, vai pagar um preço um pouco mais alto pela prolongação viral, mesmo que este vírus seja sazonal, ele surpreende por não se extinguir completamente!

Abram bem os olhos!

Use máscara

Distanciamento social

Apenas um "alerta"

Diário de Campo, 19 de setembro de 2020.

Depois de ler o texto, achei interessante ligar para meu interlocutor. A postagem me incomodou. Não estava tão fácil suportar como no início da pandemia. Eu imaginei mais um ano presos em casa. Por isso preferi ligar para o meu interlocutor para saber mais sobre o assunto, além de querer notícias como poderia impactar o futebol italiano. Renan não tratou de me acalmar. Deu-me informações bem preocupantes. Primeiro, disse-me que o aumento de casos não havia por ora acarretado mudanças no futebol local. Segundo, que as autoridades locais, estariam muito preocupadas com ascensão da curva dos números de infecções e que uma possível quarentena era estudada.

O futebol, dentre os esportes de alto-rendimento, pareceu-me o que menos fora afetado. No início da pandemia, havia um alarde sobre a quebra de clubes. No entanto, o que aconteceu de forma direta foi o choque nos clubes menores. Sendo que alguns tiveram que fechar os seus departamentos profissionais e outros as divisões de bases. Os grandes clubes, não só no Brasil, como no mundo afora, tiveram algum impacto. No entanto, foram renegociados contratos e seguiram em frente. Acredito que a grande mudança tenha sido em termos do torcer, o qual os estádios ainda não funcionam com públicos.

No início, pensei que o reinício das competições teria sido de forma precipitada, em que o risco de contágios seria enorme. As contaminações realmente aconteceram, no entanto, não como esperava. Acreditava que o número de infecções em jogadores seria muito maior e inclusive acreditava que óbitos ocorreriam.

Dentre todas as repercussões da pandemia para com o futebol, a que mais me intrigou foi o acréscimo das diferenças econômicas entre os clubes. O coronavírus conseguiu tornar o futebol mais desigual. O tornou mais elitizado. Se observarmos rapidamente, veremos que apenas os times de série A e alguns da B no Brasil conseguiram manter os seus elencos e suas categorias de base em ativas. A maioria dos outros teve que fechar as portas ou encerrar algumas atividades.

4.2. NO MUNDO VIRTUAL, UM CASO ESTRANHO

O uso da internet no Brasil e no Mundo cresceu durante a pandemia. Neste período de quarentena, a internet e as redes sociais trouxeram muitos benefícios para uma grande parcela da população. O distanciamento social possibilitou a potencialização de demandas que estavam em curso nos últimos tempos, desde o *home office*, a aulas-remotas, ao desfrute de culturas, à manutenção ou criação de novas relações afetivas ou de trabalho.

A intensidade no uso das mídias sociais digitais também parece ter crescido em relação ao futebol. Os clubes, os jogadores, as instituições de futebol e os empresários também direcionaram mais a divulgação dos seus trabalhos para esses meios virtuais. Principalmente nas mídias *Instagram* e *Twitter*, os jogadores passaram a postar os seus treinamentos *at home*, os clubes a publicizar as suas ações de gestão e os empresários as suas contratações e os feitos dos seus clientes. Posto isso, devo dizer que essas noções são frutos de minhas impressões, portanto não realizei nenhum tipo de pesquisa que pudesse medir quanto isso tem de verdade. Essa concepção principia a partir do uso de minha rede e de minhas escolhas, em que sigo clubes, jogadores e empresários. Contudo, para mim, não seria

esse o cerne da questão que busco evidenciar no campo dos empresários (mesmo que virtual), mas sim que, mesmo com a crise instalada mundialmente, em que as redes vêm crescendo, os aproveitadores também aumentam.

No *Facebook*, costumo observar - sem participar - alguns grupos destinados a empresários de futebol, a captadores, a avaliadores, a dirigentes, a jogadores e demais familiares. Esses espaços serviam, em sua maioria, para divulgação de seleções e avaliações de jogadores, de testes em times desconhecidos do grande público, de peneiras, de vídeos de jogadores (quase sempre sem clubes), de pedidos de trabalho por treinadores desempregados, de agenciamentos de atletas e de outras coisas menos relevantes. Muitas vezes, as postagens acendiam discussões a partir de protestos de jovens que pretendiam se tornar jogadores de futebol e que legitimamente achavam absurdas as cobranças. Quase sempre essas reclamações recebiam apoio de outros internautas. Porém, muitas vezes, eram rechaçadas, pelos tidos agenciadores. Esses, por sua vez, alegavam a inviabilidade dos clubes custearem os sonhos dos garotos, haja vista, também possuírem despesas de ordem estruturais e, acima de tudo, em tempos de crise, os recursos eram mais escassos do que outrora.

No meio dessa desordem cibernética, onde se misturavam publicações de peneiras, com vídeos de melhores momentos, pedidos de aspirantes por auxílio econômico para chegarem às categorias de base de um clube ou até mesmo profissional, de empresários de futebol recrutando atletas, ou seja, pedidos de tudo que é ordem, teve uma que se sobressaiu às outras. Além de muitos comentários nas publicações reclamando das fraudes e enganações, além da exploração da boa fé por meninos que diziam sonhar com a profissionalização, mas sem ter oportunidades de acessos. No grupo intitulado "Peneiras e avaliações de futebol.", com mais de 78 mil membros, uma publicação, com quatro fotos de aspirantes assinando contrato, apresentava a seguinte legenda: "Seleção de atletas nascidos em 1998 a 2003 apenas com Vídeos ou Links do *YouTube*, iremos recrutar para agenciamento e Gestão de Carreira Grupo Ts Investimentos²²³, deixem somente *WhatsApp* os atletas que se encaixam nas descrições acima". O episódio apensar me prendeu a atenção, em meio àquela bagunça digital, por conta de uma das fotografias. Como meu filho havia jogado nas divisões de base do Juventude, era normal que eu tivesse alguma familiaridade com ela. Sempre que surgia alguma informação a respeito deste clube, evidentemente, que o meu olhar voltar-se-ia mais. Foi exatamente o que acontecera. Ao ver, o banner de fundo do Juventude, a minha percepção

²²³ Pesquisei junto ao site da CBF no campo de busca de intermediários cadastrados o nome da empresa e o resultado foi que não há empresa cadastrada com este nome.

já despertara. Quando fui prestar a atenção em quem seria, identifiquei um menino que eu sabia quem era. Por coincidência, alguns dias antes, eu tinha visto uma postagem em que ele assinara contrato de representação com o empresário Tobias Barreto. Mediante os meus olhos, estava figurada, salve melhor juízo, um acontecimento que poderia ser identificado como uma falácia cibernética.

Figura 7 - Publicação no grupo Peneiras e avaliações de futebol no *Facebook*²²⁴



Fonte: o autor

A ocorrência me despertou um forte desejo em fazer pesquisa. Sabia que precisava criar algum tipo de vínculo etnográfico para então construir um diálogo nativo, como bem recomenda Uriarte (2014). Sendo assim, interpelei na própria postagem sobre como funcionava a sua agência e quem seriam seus clientes para eu ter uma imagem do tamanho do seu trabalho. Não logrei êxito com o intento. Então, fiz contato pelo *Messenger*²²⁵, onde me apresentei como pesquisador e manifestei o interesse em saber um pouco mais sobre o seu trabalho. Como o resultado fora infrutífero, desconfiado da fraude ou da má fé do sujeito virtual, perguntei na publicação sobre o que faria o atleta do Juventude em sua postagem se ele não seria seu cliente. A réplica do perfil, antes de me bloquear, foi com a subsequente padrão de resposta, a mesma utilizada a todos que ousassem questionar a idoneidade do perfil:

²²⁴ A figura não contém a imagem do goleiro. Esqueci de "printar". Mas nas publicações do *Facebook*, há um dispositivo quando acionado que mostra a existência de edição. Este é o segundo momento da postagem, quando ele troca a fotografia do arqueiro por uma de um jogador de linha - parte debaixo à direita do quadro.

²²⁵ Aplicativo de envio e recebimentos de mensagens orgânico do *Facebook*.

Não serão tolerados comentários maliciosos e desrespeitosos de perfis quer sejam eles fakes ou não saibam todos vocês que INTERNET DEIXA RASTROS e se não entenderam Sou Advogado e temos um corpo Jurídico inteiro para acionar quem quer que seja portanto respeitem o nosso TRABALHO!

Dentre os 214 comentários que o *post* obtivera, ocorrera por cinco vezes o mesmo tipo de retorno. Como a minha manifestação foi deveras contundente, o perfil achou de bom tom apagá-la, antes de me bloquear. Além disso, a imagem do goleiro do sub 20 do Juventude fora retirada e, no seu lugar, colocada a fotografia de outro garoto do mesmo clube, que mais tarde consegui identificá-lo como jogador da mesma categoria, natural de Natal, Rio Grande do Norte.

A minha interferência de certo modo na postagem não fora algo despropositado. Foi deliberada na intenção de suscitar o diálogo. Contudo, não ocorrera como o esperado. Desde que comecei esta pesquisa, sou membro do grupo em questão no *Facebook*. Durante este tempo, verifiquei que muitas postagens eram contestadas, por membros da comunidade, sobre suas veracidades. Com a quarentena, tive a impressão que o número de publicações divulgando testes e peneiras, além desses tipos de agenciamento, aumentou. Mesmo assim, sempre achei melhor ficar só observando, pelo fato de nunca ter me apresentado ao administrador do grupo e aos demais participantes como pesquisador - pois, a princípio não era meu espaço de pesquisa. Assim sendo, nunca me intrometi e nem comentei em nenhuma sequer, por acreditar que qualquer tipo de acusação deveria ser feita, depois de esgotados todos os recursos, com calma e muita minúcia. No caso em tela, resolvi questionar por ter certeza que o jovem não era agenciado do proponente e exatamente conhecer pessoalmente o empresário que verdadeiramente lhe representava.

Os empresários que são os meus interlocutores não costumavam utilizar a plataforma digital *Facebook* - apesar de quase todos terem perfis, o Edmilson não possuía - para a publicizações dos seus trabalhos e nem de suas vidas pessoais. De acordo com eles, a mídia digital preferida seria o *Instagram* e não o *Facebook*. Pois nesse o assédio e pedidos eram demasiadamente corriqueiros. O que pude observar sobre os empresários do *Facebook* que esses seriam, em sua imensa maioria, os que estavam tentando adentrar ao campo do empresariado ou se já estivessem conseguido, seriam os conhecidos como "peixes pequenos". Além, é claro, aqueles que, em tempos de crise, estariam pleiteando lucro fácil.

O uso de imagens de jogadores assinando contrato tem muita representatividade simbólica. O empresário ao associar a sua atividade àquelas imagens era um meio de se legitimar no campo. O ritual da assinatura do jogador num espaço clubístico, não qualquer

clube, mas que possua representatividade no cenário do futebol, era um meio de agregar capital simbólico. Talvez, seja por isso que utilizou imagens de atletas que não eram de sua empresa para que suas nesse campo fossem validadas.

Por derradeiro, cabe salientar que ao expor esse episódio não vislumbrei manifestar uma espécie de denunciismo policial, relacionando empresários ou sedizentes empresários a farsantes. O que intentei foi demonstrar que, dentro do campo dos negócios de futebol, principalmente àqueles mais vulneráveis, existem pessoas que se aproveitam de fragilidades alheias para seduzirem com falsas promessas, repercutindo pontualmente em frustrações de sonhos. Como diz Couto (2012), em sua tese, "o processo de seleção dos atletas no futebol tem sofrido interferências e manipulações espúrias ao esporte, provocando o desencanto de boa parte da juventude para com a carreira futebolística".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciei a investigar o mundo futebolístico a partir das relações dos empresários para com os mais variados atores sociais, tinha muitas certezas e poucas dúvidas. Eu acreditava que conhecia quase tudo, que só precisava seguir [observar e participar] as guias dos meus interlocutores em múltiplos espaços que seriam suficientes para ser confeccionada uma boa pesquisa etnográfica acerca deste mundo. Essa noção de multissituações tomou forma somente depois do início das incursões de campo, quando observei que não conseguiria realizar uma etnografia a partir de somente um local, no caso, o escritório de um dos meus interlocutores. Por diversas questões, como o leitor pode acompanhar na introdução e depois no corpo do texto, eu vinha acompanhado em temporalidades, em ritmos e em territórios distintos esses tipos de atores sociais há um bom tempo. Eu tinha uma aproximação com o objeto de estudo, desde quando auxiliava os meus amigos a se tornarem profissionais da bola e anos depois com o começo de meu filho Fernando nas categorias de base.

Muitos foram os problemas que tive que enfrentar para construir este trabalho. Desde as impossibilidades de entrada em certos espaços como o acesso a alguns interlocutores. As agruras do campo foram se apresentando e assim novas configurações metodológicas foram sendo constituídas. Como já dito, desde a decisão da transformação - de certo modo forçosa e mais proveitosa - de uma etnografia mais situada em Porto Alegre para uma pesquisa com a vivência em outras localidades do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Foi assim, através desses litígios, que fui desenvolvendo uma pesquisa marcada pela circulação plural de atores e de territórios, a qual foi se evidenciando a diversidade de práticas de fazer dos empresários de futebol, bem como dos demais agentes sociais envolvidos em um campo de formação de atletas.

Quando eu iniciei este trabalho, não tinha bem ao certo o meu problema de pesquisa. Eu queria aproveitar a minha aproximação com os agentes e compreender o que era "ser um empresário de futebol". Confesso que essa foi uma das minhas maiores inquietações durante quase todo o meu tempo em campo. Preocupava-me ficar longo período observando o objeto, quando a mim era permitido o acesso, e não conseguir estranhar quase nada. Tudo parecia tão comum. Foi a partir disso, dessa falta de saber fazer o que as etnografias se propõem, que comecei a mover mais em campo. Busquei aproximar-me mais quando não estava conseguindo enxergar. Procurei afastar-me para compreender melhor o que havia acabado de ver. Tentei observar por diversos ângulos até entender que eu não queria saber o que era "ser" um empresário e sim o que eles faziam. Como eram essas pessoas em ação a partir de suas

histórias cotidianas, Assim, foi amadurecendo a ideia central de querer compreender como os empresários são trabalhando, como se relacionam nesse universo.

Com um problema de pesquisa mais bem elaborado, passei a deslocar-me em campo com mais clareza. As dificuldades que haviam de estranhar certas situações passaram a ser em menor escala. Comecei a ter mais desconfianças e menos convicções. Além disso, comecei a compreender mais como funcionavam as suas relações com os outros agentes de campo e a compreender as suas decisões a partir de noções de campo. Talvez, essa última seja a que mais me afetara. Pois, até então, sempre colocava o meu conhecimento canônico acadêmico, por uma perspectiva etnocêntrica, acima dos saberes êmico. Deixava de aprender com as sabedorias nativas.

Quando fui aprendendo com os meus colegas de GESEF e com o meu orientador que estava pouco perguntado para mim os porquês dos acontecimentos, fui conseguindo compreender melhor o que estava acontecendo. Aos poucos, fui podendo observar como de alguma maneira os empresários atuavam, como acontecia, se constituía a produção do trabalho do empresário, a partir da pluralidade provocada pela construção cultural. Desse mesmo modo, fui conseguindo conhecer e entender como as relações entre empresários e jogadores/parentelas desenvolviam-se a partir das diversas constituições que implicam do campo.

Como uma pesquisa relacional em multi-espços e situações diversas, sempre requer uma conexão com uma multiplicidade de atores, fui me interconectando com diversos. No início, havia quatro empresários como meus interlocutores. Cheguei ao final, com dezenas. Penso que reside justamente aí a possibilidade de compreender o fenômeno a partir da circulação, de seguir os fluxos das pessoas, dos acontecimentos, das histórias cotidianas implicadas nas relações de trabalho do empresário, isto é, dessa diversidade de espaços e de gentes. Pois, uma das questões centrais da etnografia é justamente prestar atenção nesses fluxos. Ao passo que, decisivos na produção cultural, foi assim que busquei, como ensina Silva (2009), situar-me e mover-me.

Se a minha intenção inicial em realizar uma etnografia a partir de um escritório e quiçá um empresário tivesse se concretizado, tenho dúvidas se o resultado me satisfaria enquanto pesquisador. Acredito que essa pluralidade de locais e de interlocutores tenha sido a mais-valia em meus esforços.

Importante destacar que muitas vezes para compreender o fenômeno foi necessário realizar movimentações de aproximação com outros tipos de sujeitos que não eram

empresários. Compreender as relações de trabalho dos empresários implicava enxergar por outros ângulos as suas ações. Assim, muitas vezes me aproximei mais dos familiares de alguns atletas para conhecer como se dava o processo inter-relacional. Além disso, fui ao encontro de outros atores de campo para também aprender como funcionava aquele universo de relações e de importantes significados simbólicos. As situações etnográficas iam me ensinando que para compreender as ações dos empresários carecia entender como as simbologias provocavam em suas atuações. E assim fui buscando saber como os distintos poderes implicavam nas realizações laborais dos empresários.

Com a pandemia, a minha saída do campo físico foi inevitável. Eu já vinha ensaiando o abandono. - Dizem que os pesquisadores precisam renunciar ao campo para conseguir terminar de escrever. O coronavírus antecipou a minha saída. Confesso que estava com dificuldade de colocar isso em prática. Estava muito absorvido pelo universo. Fiquei dois meses sem tocar na pesquisa. Travado total. Só pensava no perigo que a infecção causava para a humanidade. Não conseguia retomar o trabalho. Foi então que decidi que iria escrever como aquilo tudo estava impactando em minha vida e como isso poderia ajudar em minha pesquisa. Assim, comecei a ensaiar os primeiros textos sobre a pandemia e o futebol, tendo como pano de fundo o trabalho dos empresários de futebol no contexto pandêmico. Ao final, construí um ensaio etnográfico em três subcapítulos (um subcapítulo buscando trazer algo para além do que vinha sendo produzido), que articulo o momento vivido pelo futebol com os afazeres dos empresários. Esse texto serviu para que eu conseguisse escrever naquele tempo caótico e que, de algum meio, me permitisse seguir na pesquisa de dentro de casa, através do uso digital das informações.

Posto isso, o que realmente me proponho a fazer neste espaço derradeiro é traçar algumas considerações lançadas a partir das estranhezas deste pesquisador, que ora era concebido como pai, ora como profissional de educação física. Durante os capítulos anteriores, procurei situar o leito nos contextos vividos quer seja os mais recentes quanto nos mais remotos. Acredito que essa circularidade - muitas vezes não consegui manter um pensamento linear, até por acreditar que as histórias são de alguma forma espiraladas - possam facilitar a compreensão das situações etnográficas pelas sacadas e interpretações analíticas.

Durante o percurso etnográfico, através dos primeiros passos textuais, alguns leitores observavam como uma etnografia muito pessoalizada, em que me tornava demasiadamente central. Não sabia até quanto isso estava correto ou o que eu estava me propondo fosse uma

fragilidade. Realmente, não tinha certeza. Contudo, com o apoio de meu orientador, preferi seguir em frente. Mais adiante, fui perceber que esses entendimentos estavam articulados com a introdução, momento em que narro a minha relação com o objeto de pesquisa. Quem sabe, o formato textual tenha sugerido que eu estivesse confeccionando uma autoetnografia. Talvez, fosse isso. No entanto, nunca tive esse interesse. Pois, na introdução, é o momento que tenho a intenção de colocar o leitor contigo no universo do futebol, numa trajetória que procuro apresentar o menino que se encanta, os lugares e os interesses de treinador/formador, até chegar às relações com os empresários. A partir desse último, já como pai de menino aprendiz de futebolista.

Na introdução, procurei apresentar, além desse meu envolvimento com o tema, como fui aprendendo o ofício da etnografia. Nela descrevi uma etnografia esculpida ao meu jeito, a partir dos enfrentamentos, dos entraves e dos desafios, que aos poucos foram se conformando com os resultados. Não tomei nada como ruim, apenas como estágios de menores ou de maiores dificuldades. De situações que exigiam cada vez mais a força de não sucumbir às contrariedades. Poderia ter intitulado o texto como de "decisões, definições, considerações metodológicas". No entanto, preferi chamá-lo de "Por entre janelas e andares", por considerar que fora exatamente isso que eu fizera metodologicamente falando. O meu constructo metodológico foi o de esperar as janelas (oportunidades) abrirem-se ou tentar acessar os andares de cima para seguir os passos dos meus interlocutores, ou esperar que descessem até o meu andar. Os textos "Entrando em campo", "Aspectos éticos na pesquisa" e "Considerações sobre o formato da dissertação" são mais produções de cunho teórico que ajudaram a mim e poderão ajudar ao leitor a se situar em relação ao como se pode fazer etnografia. Neles apresento como me estruturei para fazer a investigação.

O subcapítulo "O batismo etnográfico" teve um poder de afetação em mim enquanto pesquisador diferente de todos. Como eu já vinha há anos participando do universo do futebol e algumas vezes próximo de empresários, julgava que conhecia o métier. Contudo, a viagem à Copa Santiago foi mágica e confesso que aprendi muito sobre o que é ser um empresário de futebol em ação. Neste capítulo, intento apresentar como as distintas situações etnográficas foram me direcionando e o quanto fizeram efeitos em mim.

A partir do segundo capítulo, reuni três esforços distintos de fabricação etnográfica. Cada capítulo teve um modo peculiar de produção, com suas marcas teórico-metodológicas distintas. Talvez, para muitos pesquisadores isso signifique uma fragilidade. Entretanto, assumo que foi a maneira que consegui fazer o meu melhor. Foi através desses esforços que

fui aprendendo a pesquisar [ainda tenho muito que aprender] o fenômeno estudado e da própria prática de produção de conhecimentos pela/na etnografia.

Quando comecei a redigir o capítulo dois, não possuía a dimensão de qual seria o resultaria. Queria apenas relatar as minhas situações de campo. O meu desejo era criar um espaço mais dedicado aos tempos de narrativas, das vivências nas diversas circunstâncias etnográficas. À medida que o texto avançava, percebia que era um local que assumia certa continuidade com o capítulo anterior [Introdução], no qual discutia sobre os meus feitos em razão das decisões metodológicas tomadas. Aqui, comecei me ver como um ser aprendendo a fazer etnografia. O capítulo, portanto, não assume aquela ideia de definir o que é uma etnografia. Pelo contrário. A intenção acabou sendo apresentar uma etnografia em construção, a partir do aprendizado e das produções de um pesquisador. Talvez, seja um capítulo com menor consistência teórica. Ele está muito mais estruturado em sua empiria. Creio que seja essa construção que o torne diferente e não o deixe tão mais frágil.

Vasculhar os pormenores do campo foi um grande desafio. Transformar as distintas vivências em multissituações pareceu-me um tanto interessante. Sempre acreditei que o leitor de boas etnografias, se interessasse por boas histórias de vida. E foi exatamente isso que pretendi. Não que as minhas histórias fossem tão boas, mas foram simplesmente as que surgiram. Pelo o número de experiências etnográficas, um número bem superior ao apresentado poderia estar aqui. No entanto, as limitações que uma dissertação impõe impediram por ora a publicação. Gostaria muito de narrar outros encontros etnográficos. No entanto, me satisfaço com esses. Não estou procurando justificativas para minhas insuficiências de análises, entretanto, como sugere Cláudia Fonseca reconhecer que todo o campo é constituído de contingências.

Portanto, através de experiências de situações plurais, pude conhecer como seria o fazer laboral dos empresários, os quais assumiam distintas configurações. Assim, a cada encontro com um empresário, um dos seus agentes, familiares, operadores do futebol, ia aprendendo mais um pouco sobre o que era essa operacionalização de suas labutas. O que busquei aqui apresentar a diversidade de situações que configurariam os empresários de futebol em ação. Para isso, procurei trazer as narrativas mais inusitadas, detalhar ou apontar, a partir de diferentes perspectivas.

Em cada subcapítulo ou seção, intenciono narrar situações etnográficas que ajudem a pensar o que é esse empresário de futebol em ação. Como suas ações vão lhe constituindo como um ator social desse esporte. No primeiro capítulo, já assumo que a minha ida à Copa

Santiago teve grande impacto em minha constituição como pesquisador. Para mim, o subcapítulo "A viagem à Copa Santiago" tem grande importância neste empreendimento de esforços. Nele consigo ir entendendo como um empresário novo vai sendo forjado em um espaço de grandes disputas. "As imersões no escritório do Cláudio" ensinaram-me como os empresários pensam e agem em relação ao sistema de captação de atletas. Lá, pude aprender sobre as ponderações para as suas escolhas. A experiência junto ao "Romeu Junqueira, o empresário exótico" permitiu-me refletir sobre outros universos de empresários. Aqueles que a maioria das pessoas desacredita, dispensa e diminui simbolicamente. O grande aprendizado fora que existe espaço para muitos e que conforme as demandas vão sendo ajustados. "No posto da zona" é um espaço que ajuda a entender os sabores e os dissabores. Em um curto etnográfico, é possível perceber os contrastes que a carreira possui. O subcapítulo "A reunião no Outback" é um texto que apresenta um meio comum de negócios dos empresários. Muitas vezes, são nas comensalidades que se fecham, se negociam, se amarram e se montam estratégias de negócios. O referido espaço apresenta de alguma maneira como os empresários agem e pensam em relação aos seus trabalhos. Em "A compra da procuração" há uma preocupação em através de uma narrativa demonstrar uma das facetas do universo dos empresários. Por fim, o "No aniversário da Letícia" é um texto menos ligado ao empresário em ação de negócios e mais voltado aos seus lazeres. Apesar de apresentar muita informação sobre os seus afazeres, concentra-se mais em momentos anedóticos e naquela situação vivida.

Foram essas situações etnográficas, que aos poucos, foram me permitindo entender que para o fazer laboral desses sujeitos, são necessários os inúmeros deslocamentos, entrar em sintonia com os seus ritmos, viver as temporalidades, para minimamente compreender as distintas configurações. As páginas anteriores, certamente, denunciam como foi acontecendo o meu aprendizado. A mudança do modo de escrever - início a dissertação de um jeito e acabo de outro - é uma prova disso. As demandas, o exercício analítico, as interpretações e as respostas foram sendo construídas a partir de meus estranhamentos em diferentes situações etnográficas e, em algumas fases da pesquisa, em circulação com meus interlocutores. Entre um tempo e outro, entre um local e outro, deparava-me com significados diferentes não apenas daqueles que já carregava comigo. Passei a aprender a estranhar mais. Talvez, nem as leituras e as discussões de grupo tivessem tamanha força de fazer eu olhar sob outros ângulos como as inúmeras experiências etnográficas. Foram elas que me ajudaram a ressignificar muitas coisas e abandonar um sem-números de crenças-limitantes.

Comecei esta investigação pensando em manter-me estudando sobre intermediários (empresários) de futebol. Mais especificadamente sobre os seus negócios e os seus trabalhos. Quando terminei a primeira pesquisa sobre empresários de futebol, observei que havia construído um trabalho com diversas lacunas e era, justamente, essas que ainda chamavam-me a atenção. Gostei de desenvolver a pesquisa e, por isso, acreditava que deveria continuar explorando. Assim, decidi continuar, só que na pós-graduação.

Diferentemente, da primeira pesquisa, em que usei apenas entrevistas e análise de conteúdo, adotei o uso da etnografia. Até o início dos meus estudos, nunca havia realizado etnografias. O meu contato com esse tipo de estudos eram através das leituras de pesquisas centradas no esporte ou no lazer. Não sabia muito bem como proceder. Apenas ouvia que para se fazer boas etnografias deveria ler boas etnografias. Que não existiria jeito melhor de aprender. Assim fui aprendendo o ofício aos trancos. Ouvia os conselhos dos colegas mais experientes. Era ensinado pelo meu orientador. Além disso, fui cursar uma disciplina na área da Antropologia - Oficina de Etnografia, com as excelentes professoras Cornélia e Ana Rocha.

Esse meu texto inicial talvez seja um meio de justificar as minhas fragilidades enquanto pesquisador. Além de apresentar as limitações que o uso da etnografia impôs durante a minha jornada como pesquisador. Quem sabe, isso sirva como meio de apresentar a minha incipiência quanto ao uso da etnografia e esclarecer como foi acontecendo a minha formação enquanto pesquisador. Um sujeito que adentra de um jeito e acaba saindo de outro.

No capítulo 3, procurei apresentar ao leitor as mais distintas formas de os empresários e os jogadores (parentelas) se relacionarem. Nele, fui construindo textos a partir de algumas teorias que dessem conta de compreender as diversas perspectivas relacionais-simbólicas do campo. Vislumbrei durante as minhas incursões as configurações as quais me subsidiavam como meio de realizar análises como ocorrem as incorporações das lógicas e dos modos de 'jogar o jogo'. Procurei, ainda, explorar mais sobre as rotinas dos empresários nos mais diversos tipos de ambiências de trabalhos.

Cada subcapítulo traz dados empíricos relevantes para se compreender o processo relacional entre os sujeitos envolvidos. "O *feeling* e as informações para as decisões" é um espaço para compreender como os empresários decidem em qual atleta investir. Em "Cálculo do valor do jogador de futebol", a ideia central era entender como os atores do futebol chegavam as noções de valor dos atletas. No subcapítulo, "O 'saber jogar o jogo'", como as lógicas de campo são incorporadas pelos jogadores. "Os convencimentos pelos *scouts* e as

estatísticas 'mentirosas'" é um espaço para se pensar como os empresários utilizam a matemática para o seu trabalho e como os futebolistas se apropriam das ferramentas desse sistema simbólico. "Uma etnografia dos goleiros" é um subcapítulo dividido em três seções. A primeira seção "Conversando com empresários, familiares e treinadores" não seria propriamente uma etnografia somente de goleiros, ela vai além. No entanto, pelo fato de ser bem central a trajetória do goleiro Alexandre acreditei ser interessante justapô-la com as outras etnografias da posição. A seção "Pai do Fernando, um goleiro em busca de espaço" é uma etnografia simbiótica, em que a figura do pesquisador funde-se com a do pai. Resguardando as proporções entre empreendimentos, se Wacquant (2002), no seu estudo sobre o boxe, garantira que concebeu o aprendizado via corporal a ordem social do *gym*, posso afirmar que fui compreendendo o que os empresários, os familiares fazem para colocar/relocar/manterem em circulação os seus clientes, os seus filhos, no interior dos processos de constituição de jogadores de futebol. Ou seja, quase aos moldes de Löic Wacquant, fui narrando a nossa trajetória, minha e do meu filho, na busca por espaço no difícil campo de formação. "Negro de luvas é lixeiro ou eletricitista" é um texto que trago a história de um menino negro e tachado como baixo para a posição, em que sofre preconceitos por essas características. "Entre 'gatos' e 'jogadores de empresários'" é uma etnografia que trata a história do campo vivido de forma espiralada. Nela resgato algumas memórias anterior ao início dessa pesquisa para articular com o momento vivido. Por fim, "Economia e intimidade" é uma seção que apoio-me em teorias de Zelizer para compreender como funciona a construção dos distintos capitais futebolísticos dos aspirantes a jogador.

Ao final do capítulo, o sentimento é um misto de dureza e de conforto. Digo isso, em razão de precisar admitir, enquanto pesquisador na área das ciências sociais, que se valeu da etnografia, ter começado as incursões de campo com o olhar demasiadamente etnocêntrico, sem fazer o uso da devida alteridade. Por isso, duro. Por outro lado, confortável, em razão de me perceber em evolução. Em sentir que realmente as etnografias afetam o pesquisador. Sinto que experimentei o ser afetado e porque não dizer a evolução que as etnografias são capazes de realizar. No início do processo, quando observava determinado objeto, interpretava muito por conta das minhas moralidades. Não observava com o olhar do pesquisador social. Não realizava suficientemente as manobras de idas e vindas para compreender com alteridade os diferentes momentos culturais. Creio que ao final houve evolução. Tímida, mas existente. Quem sabe, o capítulo seguinte apresente um pesquisador mais altero ou mais próximo da minha veia.

Em um mundo globalizado, dominado por interconexões digitais, encontrar estranhezas pareceu-me o maior dos empreendimentos até aqui. Encontrar diferenças culturais tornou-se um esforço hercúleo. Os acontecimentos pareciam-me um tanto quanto naturais. Tudo que eu observava para mim aparentava ser comum. Não estava conseguindo realmente estranhar aqueles fenômenos. E eu sabia que para continuar deveria estranhar e questionar. Não sei o quanto o meu comprometimento tornou possível; contudo, tenho que admitir que busquei fazer o meu melhor, constituindo algo que julgava inédito e, para mim, muito necessário, haja vista, estarmos atravessando um dos maiores desafios dos últimos tempos e que o futebol nunca vivera. Como meio de compreender o futebol a partir do contexto pandêmico, fui tentando articular as (tristes) informações da pandemia, com as decisões dos circuitos econômicos de futebol e com as ações dos empresários-interlocutores. Para tanto, busquei compreender como era desenvolvido o trabalhar-empresariar dos empresários nos distintos estágios futebolísticos.

Tenho consciência que não consegui relativizar todos os acontecimentos. Julguei muitos episódios a partir de meus valores pessoais. Não sei se isso é bom ou ruim. Sempre disseram-me que não seria legal, que as etnografias são marcadas por relativizações. Todavia, os textos de Zaluar (2009) e Cardoso de Oliveira (1996) diziam-me que nem sempre. Não sei o quanto fragiliza uma pesquisa etnográfica. Mas quando se trata de vidas para mim pouco importa. Qualquer vida está acima de qualquer coisa. Não importando as circunstâncias.

Dentro das experiências vividas, as paradas e as retomadas do futebol foram o que mais me causaram estranhezas. Eu conseguia compreender as paradas, contudo as retomadas, em um sentido humanitários, a mim não faziam muito sentido. À medida que as competições iam sendo interrompidas - nem todas foram - ia percebendo como algo natural. Ao contrário, quando os retornos aconteciam, pensava que era sempre desnecessário. Não observava os acontecimentos por uma ótica econômica e sim pela minha régua. Acho que a grande sacada estaria em compreender o fenômeno a partir da perspectiva dos agentes operadores de futebol. Assim, tentando questionar os porquês e compreender os acontecimentos, distanciado do meu etnocentrismo, realizei muitos intentos para olhar por outros ângulos. Para que conseguisse fazer uma boa etnografia, acreditava que deveria saber como os meus interlocutores estavam agindo durante os tempos sombrios da pandemia.

Passei a fazer contato telemático com os empresários e outros interlocutores familiares, com o escopo de construir dados empíricos. Toda vez que eu contactava um empresário eu recebia como resposta de que os negócios do futebol estava em *stand-by*, ou

seja, em modo de espera. Essa condição me intrigava. Pois, eu observava pela televisão e pelas redes sociais algumas movimentações. Isso só foi parar no dia em que o empresário Douglas assumiu que *business* do futebol, mesmo com a pandemia assolando o mundo, nunca parou. A resposta causou muita estranheza, pois sempre adotaram o discurso de tudo trancado. Se isso tivesse acontecido daquela época em frente eu entenderia como um retorno, Mas como me disse que os negócios nunca haviam parado e anteriormente o posicionamento era outro eu achei estranho.

Talvez, a negação do funcionamento do futebol esteja arrolada a questão da informação. Pois os empresários durante a minha trajetória de pesquisa mostraram-se sujeitos dependentes de informação e muito cautelosos com as suas indevidas circulações. Como pesquisador não estou julgando os meus interlocutores, mas sim propondo um entendimento a partir dessas ações na repercussão de como são os seus afazeres laborais, como são os empresários em ação no trabalho.

A questão das parcerias foi um achado interessante neste capítulo. Aprender que novos modos de trabalho, a partir de relações entre empresários, foi um grande avanço para mim em termos de conhecimento. Com isso, passei a perceber mais um novo jeito de empreender dentro dos circuitos do futebol.

Por derradeiro, cabe ressaltar que este foi um capítulo deveras incipiente, que provavelmente demandaria de mais esforços e de mais tempo de investigação para alcançar mais conhecimentos. Entendo que deixou um sem-números de lacunas abertas, que não consegui sanar minhas dúvidas. Acredito que consegui foi em produzir mais. No entanto, acredito que esse esforço servirá para que outros pesquisadores possam debruçarem-se a fim de querer compreender o fenômeno e outros mais que estão por vir.

Nesta dissertação busquei dar conta de outras realidades, de sujeitos plurais, exibindo múltiplas de suas facetas, estimando sempre pela vida dos agentes sociais envolvidos. Nesse sentido, apresentei inúmeros meios de relações a partir de circuitos econômicos do sul do Brasil, estabelecendo nexos entre as ações, as individualidades mercadológicas, em razão dos distintos contextos. Reconheço que produzi uma pesquisa que, além de ser multissituacional, foi de multi-etnografias. Cada uma ao seu jeito e de estilos distintos. Foi no título "Empresários de futebol em ação: etnografias multissituacionais" que procurei sintetizar o conteúdo da pesquisa, além da constituição metodológica.

Ao fim e ao cabo, partindo da premissa da existência de diferentes mercados do futebol, pode-se pensar nas infinitas possibilidades de investigar esses espaços, esses atores sociais e os mais diversos circuitos econômicos globais. Na minha opinião, não seria apenas interessante, mas também importante mergulhar no mundo dos diferentes circuitos econômicos do futebol. Devido às circunstâncias vividas com a pandemia, além do curto espaço de tempo, não foi possível avançar com questões tão complexas. Assim, não tenho outra alternativa além de sugerir que continuem pesquisando os sistemas de relações simbólicas neste universo futebolístico.

REFERÊNCIAS

- ABELHA, João Batista Lopes. **Treinamento de Goleiro: Técnico e Físico**. São Paulo: Ícone, 1999.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BAULER, Silvia Regina Godinho. **O futebol faz rolar mais do que uma bola: um estudo sobre o significado do futebol numa periferia urbana**. 2005. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- BITENCOURT, Fernando Gonçalves. **No reino do quero-quero: corpo e máquina, técnica e Ciência em um centro de treinamento de futebol uma etnografia ciborgue do mundo vivido**. 2009, 332 f.. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- BOEHL, Walter Reyes. **Intermediários de futebol: as relações com os jogadores de base (menores de 16 anos)**. 2018, 88 f.. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.
- BRASIL, Código Penal Brasileiro de 1940. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-2848-7-dezembro-1940-412868-norma-pe.html> . Acesso em: 16 mai. 2020.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, v. 39, n. 1, p. 13–37, 1996.
- CAVALCANTE, Maria Madalena de Aguiar. Boletim 9. A Globalização Perversa da Covid-19: o exemplo de Rondônia. **ANPOCS**. São Paulo, 31 de março de 2020. Disponível em: <http://anpocs.org/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2329-boletim-n-9-a-globalizacao-perversa-da-Covid-19-o-exemplo-de-rondonia-2> . Acesso em: 14 de julho de 2020.
- CAPONI, Sandra. Boletim 8. Não existe salvação individual na pandemia de Covid-19. **ANPOCS**. São Paulo, 30 de março de 2020. Disponível em: <http://anpocs.org/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2317-boletim-n-3-as-ciencias-sociais-e-a-saude-coletiva-frente-a-atual-epidemia-de-ignorancia-irresponsabilidade-e-ma-fe-6> . Acesso em: 14 de julho de 2020.
- COUTO, Hergos Ritor Froes de. **Esporte do oprimido: utopia e desencanto na formação do atleta de futebol**. Brasília: Líber Livro, 2014.
- DAMO, Arlei Sander. Da circulação de times à circulação de atletas: a reconfiguração do mercado futebolístico na segunda metade do século XX. In: **Encontro anual da ANPOCS**, 34., 2010, Caxambu. *Anais...* Caxambu: 2010.
- DAMO, Arlei Sander. **Do dom a profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. 2005. 434 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS, Porto Alegre, 2005.

ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho. O antropólogo na figura do narrador. **Revista Habitus**, v. 1, n. 2, p. 395-420, 2004.

FONSECA, Claudia. **Família, Fococa e Honra**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002.

FONSECA, Claudia. Quando cada caso não é um caso. **Revista Brasileira de educação**, v. 10, n. 1, p. 58-78, 1999.

FONSECA, Paulo Henrique Santos da *et al.*; LEAL, Danielle Biazzi; FUKU, Kenji; MARINS, João Carlos Bouzas. Antropometria de atletas profissionais de futebol: calculando o percentual de gordura. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 7, n. 12, p. 9-14, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GRANADA, Daniel. Boletim 15. A gestão da pandemia do Coronavírus (Covid 19) no Brasil e a necropolítica: Um ensaio sobre uma tragédia anunciada. **ANPOCS**. São Paulo, 07 de abril de 2020. Disponível em: <http://anpocs.org/index.php/publicacoes-sp-2056165036/boletim-cientistas-sociais/2317-boletim-n-3-as-ciencias-sociais-e-a-saude-coletiva-frente-a-atual-epidemia-de-ignorancia-irresponsabilidade-e-ma-fe-6> Acessado em: 14 de julho de 2020.

HINE, Chistine. **Virtual ethnography**. London: Sage, 2000.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. "O Covid-19 e as emoções: pensando na e sobre a pandemia". **RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, vol. 19, no 55, Suplemento Especial – Pensando a Pandemia à luz da Antropologia e da Sociologia das Emoções, pp. 13-26, 2020. Disponível (on-line) em: https://grem-grei.org/wp-content/uploads/2020/05/1_Koury_RBSEv19n55abril2020_SuplEspecial_maio2020.pdf

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, vol.15, n.32, p.129-156, 2009.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MAJEWSKI, Sebastian. Identification of factors determining market value of the most valuable football players. **Journal of Management and Business Administration. Central Europe**, v. 24, n. 3, p. 91-104, 2016.

MARCUS, George E. **Etnografia en/del sistema mundo**. El surgimento de La etnografia multilocal. Cidade do México: Alteridades, v. 11, p. 11-127, 2001.

MILLER, Daniel. **Como conduzir uma etnografia durante o isolamento social**. 2020. (20m13s). Disponível em: https://www.YouTube.com/watch?time_continue=500&v=NSiTrYB-0so&feature=emb_logo . Acesso em: 11 set. 2020.

MILLER, Daniel; COSTA, Elisabeta; HAYNES, Nell; McDONALD, Tom; NICOLESCU, Razvan; SINANAN, Jolynna; SPYER, Juliano; VENKATRAMAN, Shiriram. **How the world changed social media**. Londres: UCL Press, 2016.

NADER, Laura. **Up the Anthropologist - Perspectives Gained from Studying Up**, In.: **Reinventing Anthropology**, New York, Vintage Books, 1972.

NOGUEIRA, Pedro Abreu de Albuquerque. **Análise ao valor acrescentado de um agente na carreira de um jogador e esclarecimento da actividade de agente de jogadores:** o caso português. 2014. 666 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Motricidade Humana, UL, Lisboa, 2014.

PAOLI, Próspero Brum. **Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos.** 2007. 187 f. Tese (Doutorado) - Escola de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes antropológicos**, n. 42, p. 377-391, 2014.

PEIRANO, Mariza. Etnografia, ou a teoria vivida. **PontoUrbe**, ano 2, versão 2.0, fevereiro de 2008. Disponível em: <https://n-a-u.org/pontourbe02/Peirano.html> . Acesso em: 11 mar. 2019.

PEIRANO, Mariza. Prefácio – Rituais como estratégia analítica e abordagem etnográfica. *In.*: PEIRANO, Mariza Gomes e Souza: (Org.). **O Dito e o Feito:** Ensaios de Antropologia dos Rituais. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001. Pp. 7-14.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Made in China:** produção e circulação de mercadorias no circuito China-Paraguai-Brasil. 2009. 332 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

PISANI, Mariane da Silva. **Poderosas do Foz:** trajetórias, migrações e profissionalização de mulheres que praticam futebol. 2012. 166 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, UFSC, Florianópolis, 2012.

PRADO, Wagner Luiz do et al. Perfil antropométrico e ingestão de macronutrientes em atletas profissionais brasileiros de futebol, de acordo com suas posições. **Rev Bras Med Esporte**, Niterói, v. 12, n. 2, p. 61-65, Abr. 2006.

RIBEIRO, Djamila. **Quem Tem Medo do Feminismo Negro?.** São Paulo: Cia das Letras, 2018.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornélia. Etnografia da e na cidade, saberes e práticas. *In.*: ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornélia. **Antropologia da e na cidade:** interpretações saber as formas de vida urbana. Porto Alegre: Marcavizual, p. 53-80, 2013.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornélia. Etnografia: saberes e práticas. **Illuminuras:** série de publicações eletrônicas do Banco de Imagens e Efeitos Visuais, LAS, PPGAS, IFCH e ILEA, UFRGS. Porto Alegre, RS. N. 21 (2008), 23 p., 2008.

SEGATA, Jean. Boletim 2. Covid-19: escalas da pandemia e escalas da antropologia. **ANPOCS.** São Paulo, 23 de março de 2020. Disponível em: <http://anpocs.com/index.php/ciencias-sociais/destaques/2307-boletim-n-1-cientistas-sociais-o-o-coronavirus-2> Acessado em: 14 de julho de 2020.

SERRANO, Gianluca de Melos. **Não é só futebol:** uma análise de como o racismo é abordado em campanhas institucionais pela dupla Gre-Nal. 2019. 98 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Curso de

Comunicação Social: Habilitação em Relações Públicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

SILVA, Hélio R. S. A situação etnográfica: andar e ver. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 171-188, jul./dez., 2009.

SPAGGIARI, Enrico. **Família joga bola**. Constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana. 2014. 470 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, USP, São Paulo, 2014.

SPAGGIARI, Enrico. **Tem que ter categoria**: construção do saber futebolístico. 2009. 265 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, USP, São Paulo, 2009.

STIGGER, Marcos Paulo. **Desporto, lazer e estilos de vida**: uma análise cultural a partir de práticas desportivas realizadas nos espaços públicos da cidade do Porto. 2000. 321 f. Tese (Doutorado). Ciências do Desporto, Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto, 2000.

THOMASSIM, Luís Eduardo Cunha. **O "público-alvo" nos bastidores da política**: um estudo sobre o cotidiano de crianças e adolescentes que participam de projetos sociais esportivos. 2010. 289 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, UFRGS, Porto Alegre, 2010.

VELHO, Gilberto. Estranhando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, p. 36-46, 1978.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

ZALUAR, Alba. Pesquisando no perigo: etnografias voluntárias e não acidentais. **Mana**, v. 15, n. 2, p. 557-584, 2009.

ZELIZER, Viviana. A negociação da intimidade. **Petrópolis**, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

ZELIZER, Viviana. A economia do Care. *Civitas Revista de Ciências Sociais*, v. 10, n. 3, p. 376- 391, 2010.

ZELIZER, Viviana. Dualidades Perigosas. **Mana**, Rio de Janeiro, v.15, n. 1, abr. 2009.

ZELIZER, Viviana A. Beyond the polemics on the Market: establishing a theoretical and empirical agenda. **Sociological Forum**, vol.3, n° 4, p.614-634, 1988.